PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

GABRIEL ALVES DO CARMO DIAS RAMOS

NEGACIONISMO HISTÓRICO EM PAUTA: UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO HISTÓRICO-DIGITAL A PARTIR DA DITADURA CIVIL-MILITAR

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA

GABRIEL ALVES DO CARMO DIAS RAMOS

NEGACIONISMO HISTÓRICO EM PAUTA : UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO HISTÓRICO-DIGITAL A PARTIR DA DITADURA CIVIL-MILITAR

Dissertação apresentada ao Departamento de História como requisito à obtenção de Título de Mestre em Ensino de História - Profhistória da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Orientadora: Profª. Drª. Vanessa Spinosa.

NATAL-RN

2024

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Ramos, Gabriel Alves do Carmo Dias.
Negacionismo histórico em pauta : uma proposta de letramento histórico-digital a partir da ditadura civil-militar / Gabriel Alves do Carmo Dias Ramos. - Natal, 2024.
183 f.: il.

Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Mestrado Profissional de Ensino de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2024.
Orientação: Profa. Dra. Vanessa Spinosa.

1. Ensino de história. 2. Negacionismo histórico. 3. Letramento histórico-digital. I. Spinosa, Vanessa. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA CDU 94:37

Elaborado por Raphael Lorenzo Lopes Ramos Fagundes - CRB-15 912

GABRIEL ALVES DO CARMO DIAS RAMOS

NEGACIONISMO HISTÓRICO EM PAUTA : UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO HISTÓRICO-DIGITAL A PARTIR DA DITADURA CIVIL-MILITAR

Dissertação apresentada ao Departamento de História como requisito à obtenção de Título de Mestre em Ensino de História - Profhistória da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

COMISSÃO EXAMINADORA:

_____

Prof. Drª Vanessa Spinosa
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
Orientadora

_____

Prof. Drª Sônia Meneses
Universidade Regional do Cariri - URCA

_____

Prof. Dr. Haroldo Loguercio Carvalho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

À minha mãe; à minha vovó (in memorian); à meu vovô (in memorian) e à minha esposa. Pessoas que neste plano (ou não) fizeram a diferença para a construção deste trabalho. Foi por vocês.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho de pesquisa só teve condição de ser realizado em virtude da grande rede de apoio que tive ao longo dos meus anos de vida. Em termos familiares, destaco a presença da minha mãe Valéria Alves, professora de história, pessoa que possui influência ímpar na escolha da minha profissão, além de ser uma enorme incentivadora das minhas muitas aventuras, perto ou longe de casa, ao longo desses 30 anos. Aponto também para a importância da minha esposa Carla Duarte, seu amor e sua proteção fundamental ao longo desses complicados dois últimos anos, simbolizam o que ela é em minha vida: uma fortaleza. Ainda no círculo familiar, não posso esquecer dos meus avós, Marli Alves e Jeronymo Motta. Guardo em minhas memórias as suas broncas, brincadeiras, conselhos e atitudes de carinho e em meu coração o profundo orgulho de ter sido neto de vocês. Em especial, rememorar a alegria do "Seu Jejê" em saber da minha aprovação no mestrado, por telefone, em um processo familiar difícil que vivíamos, tem sido uma força dentro de mim desde então. O convívio com meu avô, despertou a vontade de mergulhar na pesquisa histórica, um grande motivo para estar aqui escrevendo essas laudas. Deixo aqui também meu profundo agradecimento às minhas tias Marjori e Geane; aos meus tios Clair e Márcio; aos meus primos Gustavo, Júlia e Murilo (também afilhado) e ao meu sogro Carlos e a minha sogra Izolina por todo o carinho.

Transformar todo esse potencial inato de investigação em uma dissertação, é um trabalho árduo. Por isso, gostaria de enaltecer o trabalho da professora Vanessa Spinosa ao longo desses dois anos. Muita gente classificou esta pesquisa como "impossível", entretanto o trabalho de orientação feito por esta professora através de muita escuta, troca de ideias e amparo à pesquisa foi fundamental. Nunca esquecerei deste processo. Este sentimento de gratidão também está reservado a todos os professores do Profhistória, em especial aos professores Haroldo Carvalho e Sônia Meneses, pertencentes tanto à banca de qualificação, quanto à banca examinadora deste trabalho. Suas pacientes análises foram fundamentais para que eu tentasse buscar, mesmo passível a erros, o melhor para esta pesquisa. Este programa de mestrado também trouxe à tona dois grandes amigos(as) que devo agradecer por suas respectivas importâncias em todo esse processo, aos mestrandos Álvaro e Elis, meu abraço fraternal.

Além disso, fica também o agradecimento aos discentes do Falcão Cursos pela paciência em ouvir este professor e o reconhecimento à direção da empresa que entendeu a proposta deste mestrado cabeça aberta. Na instituição tive a liberdade de fazer inúmeras atividades, onde talvez em outras empresas certamente não teria autonomia. A interação com jovens que poderão se

tornar futuros militares, discutindo questões voltadas para a importância do legalismo das Forças Armadas por exemplo, são fundamentais quando nos deparamos com um período tão turbulento democraticamente como o atual que vivemos

Por fim, gostaria de agradecer também ao Fluminense Football Club, por fazer das cansativas semanas de todos os tricolores do Brasil, nos últimos dois anos, uma rotina de alegria, conquistas e esperança. Coisa que só o futebol pode proporcionar.

“Existem fatos, existem opiniões e existem mentiras”

(Deborah Lipstadt)

RESUMO

Esta dissertação tem como proposta principal a análise em torno de histórias sensíveis, com foco na abordagem da Ditadura Civil-Militar de 1964, enfatizando o uso das mídias digitais no ensino deste tema histórico para desenvolvimento do letramento histórico-digital de discentes de uma turma com alunos(as) do ensino médio que se prepara para concursos públicos militares em Parnamirim-RN, cidade localizada na região da grande Natal-RN. Este propósito surgiu a partir da percepção que este município ao longo dos últimos anos dialogou fortemente com grupos ultraconservadores, esta correlação expandiu nas ruas parnamirinenses alguns efeitos radicais e suas salas de aula também foram atingidas por esse fenômeno. As falas pró-golpe militar de alguns aprendentes em sala e a detecção do uso rotineiro de algumas mídias digitais negacionistas por parte desses(as) alunos(as) ao longo do tempo, evidenciaram um complicado sintoma, onde uma aprendizagem histórica significativa poderia intervir para possíveis mudanças. Logo, o caminho que objetivamos construir junto aos aprendentes passou pela ressignificação histórica do que foi a Ditadura, através de um ponto de vista histórico das mídias digitais bem distinto da noção que esses jovens possuíam sobre essas ferramentas digitais anteriormente. Dessa forma, organizamos uma sequência didática que possibilitasse um contraponto às frequentes narrativas negacionistas sobre o golpe de 1964 na internet através do uso de tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC´s), enfatizando a investigação histórica através da alavancagem de habilidades leitoras, ouvintes e escritoras desses jovens. Além desta ferramenta metodológica, foi idealizada uma cartilha e um jornal digitais como material pedagógico contra discursos falsificadores sobre o tema, servindo de suporte a docentes que, por ventura, queiram replicar ou adaptar estas atividades em suas aulas sobre Ditadura Civil-Militar.

Palavras-Chave: Ensino de História; Ditadura Civil-Militar; Negacionismo; Letramento Histórico-Digital

ABSTRACT

This main aim of this dissertation is analyzing sensitive stories, focusing on the approach of the Brazilian Civil-Military Dictatorship of 1964, emphasizing the use of digital media in teaching this historical theme to develop the historical-digital literacy of students in a class with high school students preparing for public-military selections in Parnamirim-RN, in the greater Natal-RN region. This purpose arose from the perception that this municipality, over the last few years, has been having a strong dialogue with ultra-conservative groups and this correlation expanded some radical effects on the streets of Parnamirin and its classrooms were also affected. The pro-military coup speeches of some students in the classroom and the detection of their routine use of some negationist digital media over time, highlighted a complicated symptom in which significant historical learning could intervene positively. Therefore, the strategy involved the historical reframing of what the Dictatorship of 1964 was, through a historical point of view of digital media that was very different from the previous notion students had. In this way, we have organized a didactic sequence that would provide a counterpoint to the frequent negationist narratives about the coup which circulate online by means of digital information and communication technologies (DICT), emphasizing historical investigation through improving reading, listening, and writing skills of this younger population. In addition to this, a digital booklet and newspaper were created as pedagogical material against falsifying speeches on the topic, serving as support for teachers who, perhaps, want to replicate or adapt these activities in their classes on the Brazilian Civil-Military Dictatorship.

Keywords: History Teaching; Civil-Military Dictatorship; Negationism; Historical-Digital Literacy

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1- A expansão geográfica de Parnamirim-RN 34

FIGURA 2- Proximidade entre o Falcão Cursos e unidades militares 35

FIGURA 3- A fé e Parnamirim-RN: Os evangélicos (verde folha) e os católicos (azul) 37

FIGURA 4- Luciano Hang discursando no limite entre Natal-RN e Parnamirim-RN 40

FIGURA 5- Brasil Paralelo e a "última cruzada" contra o Ensino de História 43

FIGURA 6- Membros do último governo assistindo ao documentário da produtora 47

FIGURA 7- A relação entre o "olavismo" e as produções da Brasil Paralelo 60

FIGURA 8- Memes sobre a Ditadura viram brincadeiras na mão de negacionistas 63

FIGURA 9- Transmissão de um documentário da Brasil Paralelo na Jovem Pan News 76

FIGURA 10- Na página oficial do Radar-RN no *Facebook* a comemoração da Ditadura 83

FIGURA 11- Memes e negacionismo histórico no *Facebook* do Força Democrática RN 83

FIGURA 12- Uso inadequado das fontes no *Facebook* do Força Democrática RN 84

FIGURA 13- Uso de trocadilhos por grupos radicalizados em Parnamirim. 85

FIGURA 14- Uso de palanque político no *Instagram* por intermédio de mídias oficiais de Parnamirim-RN em período eleitoral 86

FIGURA 15- Uso de ferramentas digitais na instituição nas aula de história 97

FIGURA 16- Alunos em trio analisando a Capa de "O Negacionista" 113

FIGURA 17- Exemplo de manchete do período 114

FIGURA 18- Interação com os alunos durante a construção do grupo de *Whatsapp* 115

FIGURA 19 - Material de apoio para aula diagnóstico 119

FIGURA 20 - Grupo 1 e 2: As diferentes percepções dos discentes com relação ao "O Negacionista" 122

FIGURA 21 - Grupo 3 e 4: As diferentes percepções dos discentes com relação ao "O Negacionista" 123

FIGURA 22 - Amostragem da Capa do Slide Colaborativo 126

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Amostragem percentual da abordagem com os alunos 104

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CGI	Comitê Gestor de Internet do Brasil
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PUC	Pontifícia Universidade Católica
PROFHISTÓRIA	Mestrado Profissional em Ensino de História
TDICS	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UERN	Universidade Estadual do Rio Grande do Norte
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
URCA	Universidade Regional do Cariri
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 15
1. UMA REFLEXÃO SOBRE SENSIBILIDADES, PARNAMIRIM-RN E O ENSINO DE HISTÓRIA EM TEMPOS DE RADICALISMO 24
1.1 AS ORIGENS DA CIDADE PARNAMIRINENSE 28
1.2 A ATUAL PARNAMIRIM-RN QUE ENVOLVE A SALA DE AULA EM QUESTÃO 32
2. "PARE DE ACREDITAR NAS MENTIRAS DO SEU PROFESSOR DE HISTÓRIA": DISCUSSÕES SOBRE O CRESCENTE NEGACIONISMO HISTÓRICO EM TORNO DA DITADURA CIVIL-MILITAR NO CIBERESPAÇO. 43
2.1 POR QUE NEGACIONISMO HISTÓRICO E NÃO REVISIONISMO HISTÓRICO? 49
2.2 DO "CASO FAURISSON" ATÉ A BRASIL PARALELO: PERMANÊNCIAS E RUPTURAS 55
2.3 SOBRE A EXPANSÃO DO NEGACIONISMO HISTÓRICO-DIGITAL NA ATUALIDADE: ALGUNS OUTROS PONTOS 62
2.4 O "CHÃO DA ESCOLA" IMERSO NA CULTURA DO NEGACIONISMO HISTÓRICO DIGITAL 72
3. O LETRAMENTO HISTÓRICO-DIGITAL E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO EMANCIPADOR: UM OLHAR NECESSÁRIO EM TEMPOS OBSCUROS 89
3.1. AFINAL, O QUE É O LETRAMENTO HISTÓRICO-DIGITAL? 92
3.2 O LETRAMENTO HISTÓRICO-DIGITAL E SEU DIÁLOGO COM ALGUNS TRABALHOS ACADÊMICOS 99
3.3. SOBRE O LETRAMENTO HISTÓRICO-DIGITAL NO PROFHISTÓRIA 102
3.4 LIDANDO COM O NEGACIONISMO HISTÓRICO-DIGITAL EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA 109
3.5 RESULTADOS E PERCEPÇÕES 118
CONSIDERAÇÕES FINAIS 129
REFERÊNCIAS 132
APÊNDICES A - CÓPIA DE ABORDAGEM HISTÓRICO-DIGITAL 148
APÊNDICES B - PRINT DE ABORDAGEM HISTÓRICO-DIGITAL 150
APÊNDICE C - SEQUÊNCIA DIDÁTICA 151
APÊNDICE D - CAPA DO JORNAL "O NEGACIONISTA" 157

INTRODUÇÃO

"Professor, será mesmo que a Ditadura não veio em boa hora, não?". Foi a partir de perguntas ou mesmo afirmações nesse sentido dentro de sala de aula, que a construção deste trabalho foi incitada ainda em 2022. É claro, que toda dúvida de um(a) jovem discente deve ser assimilada por seu professor e debatida, porém o que mais me chamou atenção ao longo do tempo trabalhando em Parnamirim-RN vai além dessas simples falas de alguns alunos. Comecei a perceber que geralmente junto a essas frases proferidas nas aulas, de maneira muitas vezes subliminar, o seu conteúdo era preenchido por narrativas não muito utilizadas em livros que se baseiam em uma historiografia construída ao longo de muitos anos. Não é muito difícil de se imaginar que a internet começou a pautar essas falas. Era óbvio. Até porque, ver um discente com algum aparelho móvel digital na mão é a coisa mais normal do mundo, sua fonte ininterrupta de informação.

Ter a atenção de um(a) jovem durante os encontros em sala de aula é até possível, porém presumir, ainda mais nos atuais tempos, que somente os encontros de história na escola, vão guiar aquilo que o aluno vai deter sobre os assuntos históricos, aí é uma tarefa difícil. E as mídias digitais trataram de retirar aos poucos esse monopólio do "chão da escola" com seus inúmeros autores, narrativas e modos de exibição em um novelo informativo jamais visto na humanidade. E quando puxamos alguns desses fios enovelados, observamos que ao mesmo tempo que o fácil acesso a obras consolidadas e a criações inovadoras foi facilitado, abriu-se acesso a absurdas versões alternativas da realidade na ainda pouco regulável *world wide web.*

Provamos um pouco desta realidade, por exemplo, durante a pandemia de Covid-19, onde posicionamentos despropositados em torno do acontecimento global mais trágico dos últimos anos, ajudaram a ceifar inúmeras vidas. Só no Brasil, mais de 700 mil mortos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2024). Números que também foram impulsionados certamente por negacionismos nas mídias, sinalizadas por exemplo nas campanhas contrárias à "Ditadura Sanitária". Entretanto, a relação semântica entre as palavras negacionismo e ditadura não se restringiu nos últimos tempos apenas à pandemia. A ciência histórica não ficou de fora desta contenda.

O negacionismo histórico é sem sombra de dúvidas a face mais obscura e extrema da falsificação em termos históricos. E em tempos de negação, a Ditadura Civil-Militar de 1964 foi um tema corriqueiro para grupos negacionistas nas mídias, propagando agendas sociopolíticas autoritárias chanceladas pelo véu do revisionismo histórico (ato imprescindível

para a construção do conhecimento histórico)[1]. Identificar e analisar alguns prováveis autores desse fenômeno que foi intensificado desde 2013, julgamos ser primordial neste trabalho. Além do mais, saber quais são os possíveis motivos das falas de alguns aluno(a)s do Falcão Cursos flertarem abertamente com um conteúdo que normaliza este fato histórico exige ainda mais frondosa atenção, mesmo tanto tempo após o estabelecimento do golpe civil-militar que 60 anos atrás instituiu essa Ditadura.

Porém, antes de adentrarmos ao que de fato leva esses aprendentes a terem esse tipo de relato, julgamos necessário um espaço primeiramente para apresentar o professor Gabriel e observar os passos que o levaram ao longo do tempo a lecionar no Falcão Cursos em Parnamirim-RN, instituição educacional investigada ao longo desta dissertação. Entender este docente no tempo através do exame de sua trajetória pessoal e profissional, poderá ser um exercícios que apresentará *spoilers* ou pílulas interessantes de temas que vamos investigar a partir do objeto de pesquisa escolhido, desencadeando neste momento algumas análises iniciais necessárias que serão aprofundadas nos próximos três capítulos, além de indicar possíveis influências para o desenvolvimento desta obra pelo Programa de Pós-Graduação de Ensino em História, o Profhistória.

O primeiro contato que tive com a História foi com minha mãe, professora da disciplina no ensino básico pelo município do Rio de Janeiro. Ao longo de 18 anos morando na capital carioca, estabelecendo contato com a disciplina em casa, tive uma experiência interessante para além do ambiente escolar. Pude perceber desde cedo os dilemas que envolvem a educação, sendo muitas vezes uma escuta atenta sobre as dificuldades enfrentadas por ela ao longo dos seus quase 37 anos de magistério, que ainda perduram enquanto escrevo estas páginas. Além da presença onipresente da disciplina em meu lar com a companhia carinhosa de minha mãe, tive também grande influência do meu avô - de maneira muito mais empírica e instintiva, mas não menos visceral - nas questões históricas.

Entre conversas e recordações prediletas ao longo de 28 anos, o tema Segunda Guerra Mundial e os debates sobre militarismo sempre tiveram lugar especial em nossas discussões, muito em virtude de seu pai (o meu bisavô) ter sido praça ex-combatente neste grande conflito pela Marinha do Brasil entre 1944 e 1945. As conversas e seu vasto arquivo sobre questões militares familiares ou gerais, certamente iniciaram meu contato com as primeiras fontes históricas que vi na vida e com o exercício da história oral desde muito cedo, além de

[1] No capítulo 2 desta obra traremos uma breve discussão sobre as diferenças entre negacionismo e revisionismo histórico. Além de identificar como grupos negacionistas ao longo do tempo usaram o revisionismo histórico como forma de acessar as discussões acadêmicas e o grande público.

introjetarem de maneira empírica o fascínio pela pesquisa histórica. Rememorar, por exemplo, o que os horrores da guerra podem provocar no aspecto psicológico do ser humano eram sempre um foco de argumentação entre nós. Para se ter noção, já idoso e com *Alzheimer*, meu bisavô não dormia muitas noites pensando que a casa em que morávamos em Campo Grande, bairro do subúrbio carioca, estava sendo bombardeada por tropas alemãs, ou melhor, por submarinos germânicos. Certamente minha entrada no Profhistória em 2022, um pouco antes do meu avô falecer, foi uma alegria para nós dois e serviu de estímulo para que eu articulasse anseios e seguisse esse objeto de pesquisa que debate humildemente questões também relativas à caserna que estão intrínsecas como vimos à minha família.

Além das situações familiares já citadas, poderia apontar um outro momento importante na adolescência que fez com que admirasse o trabalho feito pelas Universidades em nosso país e passasse a olhar com outra visão a academia. Durante o ensino médio, fui aluno do Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em Seropédica-RJ, tendo um maior contato com o mundo universitário mesmo que de maneira ainda preambular, mas que reforçou ainda mais as minhas convicções em termos de pesquisa científica, ao ter contato com professores(as) que trabalhavam tanto no CTUR, quanto na UFRRJ, e que decididamente influenciavam seus discentes a seguir o caminho do pensamento crítico e científico. Além disso, tive o primeiro contato com as expressões de luta estudantil, marca do Colégio e da Universidade por anos.

Foi com esse pensamento que nos últimos dez anos escalei em minha vida profissional, já no âmbito da docência em História. Fora do Rio de Janeiro, por motivos pessoais, finalizei minha licenciatura em 2017 na cidade de Boa Vista-RR pela Universidade do Norte do Paraná, a UNOPAR, no modo de ensino semipresencial, mais pela falta de opções que o curso de História possuía na cidade. Apesar de saber que muitas dessas empresas primam mais pela lógica neoliberal de ensino, exigindo a presença do licenciando diminutas vezes na instituição durante a semana, pude perceber neste recorte um efeito colateral. Muitos trabalhadores que não possuíam tanto tempo para manter seus estudos, nesta medida acabam por conseguir o seu diploma e ampliar aspirações pessoais, conciliando suas atividades laborais com a faculdade. De alguma maneira, conhecendo diversos colegas nestas posições, pude extirpar alguns preconceitos referentes a essa modalidade de ensino que pode abrir portas para quem busca ter maiores oportunidades, sopesando - é claro - as inúmeras polêmicas em torno desta categoria de ensino. Além disso, pude ter a minha primeira experiência em sala de aula, como estagiário do Colégio Instituto Sion-RR.

Este período de 5 anos que vivi na capital roraimense, remete ao início do crescimento da extrema-direita no Brasil, a partir das jornadas de junho de 2013 e escalada do ultraconservadorismo até a sua chegada ao poder no país. Entretanto, para além do extremismo tupiniquim, destaco que foi durante este processo na capital "macuxi" que pude presenciar também uma das maiores calamidades humanitárias existentes na atual conjuntura mundial, o êxodo de milhares de venezuelanos para o território brasileiro. E foi em torno destas ações que tive contato pela primeira vez, ainda que intuitivamente, (antes mesmo do processo pandêmico) com o termo negacionismo. As inúmeras declarações e ações do governo venezuelano de Nicolás Maduro no período, em torno das mazelas que aconteciam dentro do seu território e que afligiam sua população, flertavam claramente com a negação desse processo que já podemos considerar como histórico. Indicando inclusive uma futura discussão que será levantada neste trabalho, a que se refere sobre a possibilidade deste fenômeno da negação histórica não escolher um lado, ou seja, não estar supostamente só atrelada ao espectro da extrema-direita pelo mundo. Apesar deste fenômeno, como veremos, estar majoritariamente associado mais a esses regimes.

Também por razões pessoais, porém, foi em Parnamirim-RN, a partir de 2018, que tive as primeiras oportunidades profissionais de lecionar. Iniciando no difícil mercado de trabalho no âmbito do ensino privado, comecei a minha trajetória lecionando em aulas particulares, para depois adentrar ao mundo dos "cursinhos". Antes da atual empresa que leciono, tive a oportunidade de ministrar aulas em instituições comunitárias, voltadas a preparação ao Exame Nacional do Ensino Médio, o ENEM. Nestas oportunidades em um misto de prepotência e ingenuidade, achava que por ter feito minha graduação em regime à distância on-line, teria a real noção de como utilizar de maneira qualitativa o potencial das mídias digitais em minhas aulas, como se uma questão fosse consequência da outra.

Além disso, não tinha a real dimensão do crescimento do fenômeno dos "usos políticos do passado" - Termo muito utilizado pelo pesquisador Fernando Nicolazzi (2021) - ao qual as mídias estavam sendo submetidas. Foi no Falcão Cursos, empresa do âmbito do ensino básico da cidade, que obtive a real noção da potencialidade e alcance que os discursos negacionistas propostos por grupos da extrema-direita atualmente no país possuem em sala de aula. E foi também a partir da minha estadia na peculiar Parnamirim-RN que pude perceber um alinhamento entre os objetivos reacionários de grupos da extrema-direita e os discursos de parte da população civil da cidade. E claro, a sala de aula foi impactada por esta realidade.

Minha especialização em Ciência Política pela Estácio, realizada durante os anos de 2018 e 2019, colaborou inicialmente para pensar também de maneira política este trabalho,

formulando hipóteses e investigando a atual conjuntura sociopolítica da cidade. Contudo, foi somente ao adentrar ao Programa de Mestrado em Ensino de História em 2022, o Profhistória, que pude sentir uma completude em torno dos meus objetivos. Pude através de inúmeros instrumentos transformar essas ideias iniciais em uma pesquisa mais sistematizada que visa contribuir com debates acadêmicos no âmbito da história. Sem sombra de dúvidas, o amparo da turma de mestrandos e o diálogo com professores agregaram nesta difícil missão e abriram horizontes que se mostravam anteriormente nebulosos em torno desta difícil temática no ambiente digital e profissional. A nobre missão de poder compartilhar com outros profissionais as angústias e problemáticas, fizeram com que buscasse respostas a inúmeros pontos que surgiam a cada debate sobre sociedade, política e educação. E assim, uma contribuição ao estudo sobre negacionismo histórico-digital e o papel narrativo que a Ditadura Civil-Militar 1964 desempenha neste âmbito foi ficando cada vez mais evidente.

Consequentemente, passei a olhar meu trabalho no Falcão Cursos de maneira diferente, instituição que leciono desde o início de 2022. Na empresa, ministrei aulas para turmas de alunos de ensino médio, em regime presencial, no curso de extensão da instituição para discentes que procuram se preparar para concursos militares. Estes jovens concorrem palmo a palmo com outros estudantes do país a uma vaga em colégios de admissão às três forças (Marinha, Exército e Aeronáutica). No Falcão, tive contato com turmas que se preparavam para a prova do Serviço Militar Voluntário da Marinha para praças, além do grupamento que fará prova para Escola de Sargento das Armas, esta turma com 18 alunos que será foco de análise do trabalho. Os "cursinhos" para esse tipo de concurso possuem como carro-chefe a *práxis* dos exercícios mnemônicos, dos "bizus" e do conhecimento mastigado ao discente, deixando em segundo plano, muitas vezes o conhecimento baseado em conceitos emancipadores e em criticidade, conforme Freire (1994) explicitou em seu estudo sobre ensino bancário. Logo, percebo gradualmente que os aprendentes buscam também nas mídias digitais o preenchimento dessas lacunas cognitivas deixadas pelo caminho em sala por conta da velocidade como se dá as aulas na instituição.

Fruto do negacionismo epidêmico propagado por alas extremistas nas mídias, a problemática que veremos nesta sala de aula examinada em Parnamirim-RN pode ser considerada também uma importante amostragem dos estragos que o caminho hermético entre o processo de construção de desinformação e o seu o consumo na internet podem ter. Assim, como consequência, a normalização de falas apologéticas em torno de temas históricos sensíveis como a Ditadura Civil-Militar de 1964 por alunos(as) ganham proporções antes inimagináveis, chegando às escolas amparadas geralmente por alegações digitais, onde os

interesses escusos de páginas ou perfis buscam enfatizar o uso político do passado, equiparando opiniões ou teorias conspiratórias à fatos históricos conhecidos e amplamente consumidos pela historiografia. A penetração desses discursos em sala de aula era questão de tempo, e durante o período de exame da turma que leciono no Falcão esses movimentos foram amplamente perceptíveis nas falas dos jovens.

Seja pela capacidade financeira, ou margem de alcance motivada pelo processo algorítmico, diversas páginas ou canais dentro de plataformas, como *Youtube*, *Facebook*, *Twitter* e *Instagram,* também se apropriaram desses conteúdos históricos, em virtude das inúmeras feridas abertas em torno do ensino de história nos últimos anos. Políticas públicas sucateadas adotadas no país como a Lei 13.415/2017, o novo ensino médio (BRASIL, 2017), elaboradas por um governo com viés neoliberal, diminuíram o patamar de importância do ensino de história na escolas, aumentando assim o espaço e o sucesso do caráter digital de produções históricas, impulsionados também pelo entretenimento gerado por seu fácil acesso.

Dentro deste recorte, temos como exemplo a produtora Brasil Paralelo com produções extremamente dispendiosas. A empresa audiovisual tenta debater assuntos históricos no *Youtube* nos últimos 8 anos, causando polêmica. Apesar dessa pretensão "histórica", a produtora falha em sua tentativa de revisitar temas, preterindo diversas fontes no âmbito da investigação histórica em suas produções em prol muitas vezes da opinião de pessoas públicas com claro viés político, por exemplo. O uso de eufemismos ou hipérboles, como veremos nos próximos capítulos, também é uma característica usual do conteúdo da empresa. A negação de elementos em torno da Ditadura Civil-Militar de 1964 é ponto fundamental para a sobrevivência desse tipo grupo no Brasil, e o comportamento das produções audiovisuais da Brasil Paralelo, em especial com documentários como "1964: Brasil entre armas e livros" parece flertar com esse tipo de característica, apesar de representantes da empresa tentarem refutar em artigos e podcasts esta visão. Veremos a partir de exemplos e pesquisas de opinião com os alunos(as), que esta produtora e seu documentário sobre este fato histórico será a principal fonte para a construção de falas em sala que normalizam os vinte anos de exceção.. Ancoradas no irrestrito "direito de expressão" em uma *web* ainda pouco regulável, essas produções incitam as mais delirantes narrativas em seus conteúdos. E este ponto de discussão que pretendemos trazer aqui nesta obra, vem a esteira, inclusive, dos importantes debates nacionais em torno do projeto de lei 2630/2020 (BRASIL, 2020), que buscam responsabilizar quem fomenta o extremismo e as *fake news* nas redes digitais no país.

As narrativas pró-ditadura observadas por mim em diversos diálogos com alguns alunos(as) no Falcão Cursos são pequenas expressões desse movimento mais amplo que

alcançou jovens ainda em formação. E neste caso, ainda possuímos mais um agravante: esta questão também é amparada por peculiaridades da geografia do Rio Grande do Norte. Existe a clara percepção do crescimento do espectro ultraconservador nos costumes sociais e na política em Parnamirim-RN nos últimos anos. Para se ter uma breve noção, nas eleições nacionais de 2018 e 2022 e municipais de 2020 tivemos exemplos claros desse crescimento.

Nas eleições para prefeito em 2020, dos 5 candidatos à prefeitura, 4 possuíam caráter conservador, alguns com viés militar, outros com inclinação evangélica ou os dois perfis ao mesmo tempo, incluindo o vencedor da disputa. (CARVALHO, 2020). A esmagadora votação em torno da candidatura presidencial de Jair Messias Bolsonaro em 2018 e 2022, trouxe ainda mais combustível a esse incêndio. A cultura histórica marcada pelo belicismo na região desde a Segunda Guerra Mundial, com alto crescimento da ala evangélica e católica (grupos com muitos fiéis que deram palanque político ao bolsonarismo), além da forte influência da classe média urbana na região, transformaram a cidade em uma verdadeira "ilha conservadora" com pequenos traços, mas não raros, de extremismo político.

E, no que atende à prática docente no Falcão Cursos, a forte presença deste movimento em Parnamirim-RN (lembremos das manifestações nos dias 01 e 02 de novembro de 2022, que bloquearam BR-101, em oposição ao resultado das últimas eleições presidenciais), atreladas a características peculiares que citamos em termos de metodologia de ensino da empresa que leciono e do aumento da corrente negacionista da internet, marcam um panorama apropriado para a inserção de relatos históricos errôneos no subconsciente de alguns aprendentes da instituição, ao observarmos que uma parcela da cidade considerável está amplamente aberta ao diálogo em torno de concepções políticas e de costumes de quem cria, financia e chancela principalmente o negacionismo na internet. Ao longo do texto perceberemos claramente estas questões.

Porém, apesar do quadro delicado, este mestrando ainda crê na possibilidade de outras projeções em torno das mídias digitais, principal via de comunicação atual da ultradireita, que por ora estão sob ataque de grupos e impactam o dia a dia desses aprendentes na cidade. E esta dissertação é fruto desta esperança. O caminho perpetrado pelas metodologias ativas de ensino, capitaneada principalmente pelo método do letramento histórico-digital em suas inúmeras perspectivas, mostram ao aluno(a) que as plataformas digitais antes utilizadas apenas para um consumo desenfreado e descendente, ou seja, imposto de cima para baixo por algoritmos (fato este explorado por empresas que abordam o negacionismo histórico, por exemplo) podem ter inúmeras outras possibilidades conceituais. A escolha desta metodologia encampada por inúmeros intelectuais da área como os professores Vanessa Spinosa (2023) e Danilo Silva

(2021), objetiva alterar esta perspectiva difícil sobre as mídias digitais, fato perceptível junto aos aprendentes do Falcão Cursos. Apesar do difícil recorte sociopolítico na cidade parnamirinense refletir em sala no comportamento de alguns alunos, a escolha pelo processo de desenvolvimento de habilidades digitais e históricas de forma simultânea surge como uma alternativa aos discursos falaciosos popularizados principalmente no âmbito das histórias sensíveis na internet. O trabalho em torno de capacidades escritoras e leitoras significativas em torno de plataformas plausíveis no âmbito do ensino de história previstos no letramento histórico-digital, certamente abrem precedentes para se discutir junto com os alunos(as) aquilo que está se produzindo na *world wide web*, tornando palpável toda a análise pretendida aqui nesta dissertação.

E falando desta obra, compilamos estas discussões iniciais em análises mais aprofundadas, sistematizando o trabalho em três eixos de debate, ou três capítulos: No primeiro, introduziremos o conceito de histórias sensíveis, chave mestra para entendermos o papel histórico que a Ditadura Civil-Militar de 1964 possui em nossa sociedade. Nesta fase, dialogaremos com os trabalhos da pesquisadora Carmem Zeli de Vargas Gil (2018) e (2020), por exemplo. Na sequência, apresentaremos brevemente Parnamirim-RN, local onde se encontra o Falcão Cursos, mostrando tanto o cenário atual, quanto histórico, do caráter conservador da região através do uso de mapas, análise de alguns pontos censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE (2023) e exame de algumas outras obras acadêmicas.

No segundo capítulo, vamos nos debruçar um pouco mais sobre o conceito de negacionismo, desamarrando-o da concepção de revisionismo histórico, enfatizando como a história da Ditadura Civil-Militar de 1964 tornou-se um "viral" desuso do passado. Analisaremos de forma breve a contribuição da produtora Brasil Paralelo e de alguns de seus aliados para este contexto e como suas narrativas embasaram as falas dos alunos nos últimos dois anos em aulas de história no Falcão. Para esta missão, a companhia das pesquisadoras Sônia Meneses (2019), Denise Rollemberg (2021), Janaina Martins Cordeiro (2021) e dos professores Jorge Chaloub (2022) e Henry Rousso (2008), serão fundamentais.

Por fim, no terceiro capítulo, apresentaremos uma sequência didática que ao final da dissertação pretende abarcar um conjunto de ações que mexam com os sentidos dos alunos. Isso após a análise de algumas importantes obras que também trabalham com este mesmo objeto de pesquisa. A mediação de fontes digitais históricas dentro das mídias digitais é facilitada pelo uso de textos, podcasts e vídeos, além de outros instrumentos, otimizando a construção do conhecimento histórico através de métodos multiplataforma. Mexer com o lado sensorial dos

alunos criando uma espécie de “trilha” com a introdução de discussões teóricas diluídas em tarefas onde o aluno(a) será o protagonista desta relação, além da criação de materiais digitais que possam auxiliá-los em exames e vestibulares são as bases dessas atividades. Apoiado em leituras de Lilian Bacich (2019), José Moran (2021), Isabel Barca (2004), Spinosa (2023) e Silva (2021) por exemplo, apresentaremos nesta ideia inicial de atividade junto aos alunos algumas discussões que em um contexto negacionista nas redes digitais e de radicalismos fisi-digitais (MORAN, 2021) ganharam força nos últimos anos. Derrubando cristalizações históricas sobre a Ditadura Civil-Militar presentes nos discursos dos discentes.

Assim, desejamos instigar nos aprendentes através destas metodologias ativas, desde antes dos seus ingressos nas Escolas Militares, uma visão racional e pedagógica sobre a caserna, enfatizando o legalismo inerente a essas instituições, através da reflexão e debate sobre o golpe de 1964. Ultrapassando assim obstáculos problemáticos que as narrativas de cunho negacionistas sobre este tema na internet provocam com certo sucesso. A otimização do uso de fontes históricas digitais como um fator de propulsão para a investigação histórica, levando a uma aprendizagem significativa sobre este tema é fundamental. O que você verá, leitor, a seguir, é a condensação de considerações a partir de reflexões sobre essas problematizações partindo do pressuposto que é possível contribuir com combate ao negacionismo histórico-digital, mediante aos inúmeros caminhos diferentes que as próprias mídias digitais podem proporcionar ao ensino crítico, atrelando empatia e veracidade histórica ao processo de ensino que temas como a Ditadura Civil-Militar exigem.

1. UMA REFLEXÃO SOBRE SENSIBILIDADES, PARNAMIRIM-RN E O ENSINO DE HISTÓRIA EM TEMPOS DE RADICALISMO

Os usos do passado estão em constante debate no ciberespaço nos últimos anos. Ao constatarmos este fato, observamos as dificuldades impostas à ciência histórica por grupos da "nova direita" ou da extrema-direita quando tratamos sobre a apropriação dos discursos históricos nas redes. Nesta verdadeira guerra de informações, a utilização em profusão de *Fake News*, e a popularização de discursos negacionistas no tocante ao conhecimento histórico mostrou o caráter vil que perfis ou canais nas mídias digitais podem possuir ao dissimular elementos já dissecados ora por veículos de informação, ora por uma historiografia consolidada e pautada em elementos passíveis de prova como as fontes.

O pretenso debate disposto por esses grupos em torno das histórias sensíveis, aquelas que carregam percepções históricas e políticas polêmicas, epistemologicamente complexas e que importam para o tempo atual e para um futuro em comum, implicando no embate de valores e interesses de pessoas ou grupos (GIL; EUGÊNIO, 2018) tornou-se ponto metodológico comum daqueles que pretendem falsificar temas históricos nas redes com a finalidade de dignificar valores de espectros sociopolíticos mais radicalizados. O negacionismo que orbita em pontos vulneráveis, abriu caminhos para que a população tivesse o infeliz contato com pobres análises históricas de produções audiovisuais - principalmente na plataforma mais popular de vídeos das redes, o *Youtube* - que se apoiam em pontos controversos, em silenciamentos ou relativizações, opondo-se portanto a proposições de sensibilizações em torno "dos fatos vivos de um passado que não quer passar" (GIL; MESQUITA, 2020, p. 13).

No caso da Ditadura Civil-Militar que durou duas décadas no país, a narrativa negacionista ganhou ainda mais musculatura nas mídias ao constatarmos o grande investimento financeiro e propagandício que páginas, canais ou empresas especialistas nessas práticas arquitetaram em plataformas populares na *world wide web*, impulsionando a sua presença e seus discursos, firmando terreno. Casos como o da produtora Brasil Paralelo ajudam a referenciar tal prática. O documentário da empresa sobre o período ditatorial no *Youtube* com elementos significativos de apagamento e relativizações históricas, "1964 - Brasil entre armas e livros", possui atualmente 10 milhões de *views* nesta plataforma de vídeos, alavancando ainda mais popularidade ao canal da empresa que já possui mais de 3 milhões de inscritos. A fragilidade como abordam as discussões sobre historicidade apresentando raríssimas fontes históricas em suas obras, acompanham a construção de narrativas recheadas de argumentos ideologicamente viciados e conspiratórios em seus vídeos, impulsionados pelo grande investimento da produtora atualmente em propaganda na internet. Esta perspectiva está inserida

também em um recorte onde observamos a ebulição de campanhas contra o intelectualismo por esses projetos, tendo como foco a perseguição ideológica principalmente de professores e pesquisadores, aqueles que não querem contar a "verdade oculta" que a produtora almeja e pretende difundir.

A expansão premeditada desses grupos na internet, além do ataque à quem compõe os quadros da construção do conhecimento histórico se refletiu em inúmeros problemas dentro de sala de aula, principalmente quando se propõe a discussão de temas sensíveis em aulas de história, como a Ditadura Civil-Militar, à sombra dessa nova realidade digital. Além do mais, no que se refere ao Falcão Cursos, quando observamos o perfil militarizado dos alunos(as) da instituição e do ambiente sociopolítico conservador da cidade de Parnamirim-RN, percebemos um sentimento de dificuldade ainda maior em torno do desafio que é propor um ensino crítico sobre este tema. As iniciais discussões sobre o assunto e as abordagens netnográficas realizadas com os aprendentes ao longo dos últimos meses com relação às suas predileções nas redes digitais quanto ao consumo de conteúdo sobre história substanciam ainda mais esta impressão dificultosa[2]. Tudo levava a crer das impossibilidades de avanços palpáveis em torno do ensino sobre esta temática histórica, tamanha a desconexão entre a realidade ali exposta e a matéria proposta. Porém, estático a este quadro não poderíamos ficar. Dessa maneira, como a escola poderia potencializar e cruzar de forma subjetiva, autônoma, reflexiva, e não somente lúdica, este ciberespaço, para mudarmos esse panorama?

Esta reflexão originalmente proposta por Spinosa (2023) serviu de elemento norteador para esta dissertação, sinalizando a importância, em primeiro lugar, da mudança de concepção que os alunos do Falcão deveriam ter sobre as mídias quanto ao consumo de conteúdos sobre a Ditadura Civil-Militar na *web*. É público e notório que essa mudança de comportamento dos aprendentes necessitaria de um trabalho profundo. Nesse ambiente de disputa onde as ressonâncias da extrema-direita se refletem em uma larga produção de material nas mídias, catapultados por algoritmos digitais que viralizam tais discursos em questão de segundos, cabe a escola e seus professores o exercício da reflexão, do método e também da curadoria sobretudo, em torno desses conteúdos digitais que beiram a infinitude. A aposta em torno do letramento histórico-digital no Falcão refletiu esta preocupação, pois ao mediar fontes nas mídias junto aos

[2] No capítulo 2 da obra, página 73, apresentamos uma abordagem importante feita com os alunos que demonstra o quanto suas predileções nas mídias digitais estavam alinhadas ao consumo de conteúdo de canais do Youtube que flertavam com o negacionismo histórico. A produtora Brasil Paralelo estava entre essas escolhas.

aprendentes, temos a chance de diminuir os espaços dos monopolizadores discursos falaciosos e alienantes que atores digitais desejam imputar sobre sensíveis histórias.

Porém, a dificuldade em discutir esses objetivos com os discentes do Falcão não apenas se limitou às suas predileções internéticas ou ao papel delirante desempenhado pela ultradireita nas mídias digitais, como já comentamos. Fora do fator digital, dois outros pontos intrínsecos ao cotidiano desses alunos criavam objeções às aspirações deste professor contra o fenômeno do negacionismo. O histórico conservador de Parnamirim-RN e as características metodológicas do Falcão. Expliquemos:

Observar por exemplo, o histórico militarista da cidade bem como da instituição que leciono em torno de uma comunidade com amplo diálogo com grupos olavo-bolsonaristas é fundamental. Por exemplo, no pleito presidencial de 2018, o "Trampolim da Vitória" foi um dos três municípios do estado a dar vitória nas urnas ao então candidato Jair Bolsonaro na corrida presidencial. Já nas eleições para presidente de 2022, Parnamirim foi a única cidade do Rio Grande do Norte onde a gestão Bolsonaro garantiu maioria de votos em primeiro e segundo turno, em um estado com 167 municípios. Dando mostras que apesar do resultado negativo de Jair em terras potiguares, a maior parte dos cidadãos de Parnamirim chancelaram o seu discurso, consolidando a cidade como uma "ilha" com tons conservadores no estado, ou seja, uma área de influência e resistência de grupos ligados ao ex-presidente. Quando saímos da ótica estadual e adentramos a perspectiva regional, a situação evolui. Em um perímetro do estado da Paraíba até o estado do Ceará, a cidade foi a única que seguiu caminho diferente, pois todos os outros municípios decretaram vitória ao candidato Luís Inácio Lula da Silva (PORTAL G1, 2022).

Bolsonaro ao longo de sua trajetória política, iniciada em 1993, até chegar ao poder executivo nacional levantou bandeiras "negacionistas e conspiracionistas em torno de questões ligadas especialmente à sexualidade, direito das mulheres, cotas raciais e à ditadura civil-militar", revelam os pesquisadores Renan Rivaben Pereira e Breno Sabino Leite de Souza (2020, p.195) . E usou a internet como palanque para esses discursos, sobretudo a partir dos anos 2010. Jair neste quadro teve também o auxílio de Olavo de Carvalho, influenciador deste mesmo espectro sociopolítico. Durante este período, ambos usaram o campo da memória como uma clara área de disputa, tensionando-a, trazendo um viés político para causas representativas para a dupla. O irrefutável posicionamento de defesa desses dois atores sobre o período ditatorial tornou-se evidente em virtude do alinhamento ideológico que o golpe de 1964 tem com Bolsonaro e Olavo. No centro das falas de ambos temos, por exemplo, aquilo que Enzo Traverso (2012) explica como redistribuição dos ônus das responsabilidades dos crimes e injustiças de um passado sensível como forma de suavizar ou apagar erros injustificáveis, em

termos práticos temos aqui o uso da negação. A prática do vitimismo histórico ajuda a tensionar tal causa. Inclusive, ex-presidente

> disse que seu livro de cabeceira era o do General Carlos Brilhante Ustra [...] em *A Verdade Sufocada*, publicada em 2006, Ustra afirmou que os verdadeiros heróis da história do Brasil estavam sendo transformados, nos livros didáticos, em vilões, e que as políticas de reparação e memória não passavam de revanchismo dos perdedores da luta armada (PEREIRA; SOUZA, 2020, p.196)

A conivência por parte de uma parcela de cidadãos parnamirinenses mostra a consequência da fluidez que esses discursos tiveram nos últimos anos no município, refletindo em diversas esferas sociais na cidade. O historiador Ariel Cherxes Batista da Universidade Federal do Espírito Santo contribui com a discussão sobre este panorama ao analisar que

> os seguidores do bolsonarismo apegam-se a ideia de passado glorioso, cristalizado pela Ditadura. Quando o presidente notícia a eles a derrubada de um mito histórico, como modo de ação para buscar o sucesso no empreendimento de sua política [...] apaga o passado e cria uma disputa de narrativas sobre o período, fundamentada em embates nos quais as ações e manifestações desenvolvidas pelos participantes desse conflito memorial estão dotadas de um significado próprio. (BATISTA, p.153, 2021)

Envolto por essa peculiar característica da cidade, temos o Falcão Cursos. Uma instituição que possui como um dos seus objetivos a aprovação de alunos(as) para futuros concursos militares. Coincidentemente, as mesmas seleções que levaram o ex-presidente à carreira na caserna, antes de adentrar ao cenário político. Evidentemente, toda carga conservadora da região e da futura profissão a que esses meninos e meninas são/serão submetidos levam alguns desses discentes a terem inconscientemente pré-julgamentos históricos ao chegar em sala de aula. Paralelamente, este fato é facilmente catapultado também pela grande corrente negacionista nas mídias digitais. Um sólido sistema hermético que se retroalimenta.

Desta maneira, vale a pena refletirmos um pouco mais sobre Parnamirim-RN e o Falcão. Entendê-los de maneira mais extensa, expõe as naturais influências que o entorno tem sobre a sala de aula. O compromisso social e político que essa pesquisa possui e a urgência que as problemáticas apresentam-se, levam esta dissertação a dedicar maior espaço sobre essa relação cidade e aprendentes. Este debate inclusive vem à esteira de uma das mais importantes pressuposições evocadas pelo Profhistória que é: “o professor-pesquisador estará atento para a realidade de sua comunidade escolar e produzirá sua pesquisa a partir do cotidiano em sala de aula” (PROFHISTÓRIA, 2024). Para identificarmos as primeiras de algumas causas da presença de narrativas negacionistas nos discursos de alguns alunos do Falcão Cursos, apontar

luz sobre o “Trampolim da Vitória”, alcunha dada a cidade parnamirinense, também é fundamental.

1.1 AS ORIGENS DA CIDADE PARNAMIRINENSE

Ao nos debruçarmos sobre a história oficial, identificamos como data de fundação do município de Parnamirim-RN o 17 de dezembro de 1958, marca definitiva da sua emancipação com relação ao município vizinho e capital do estado, a cidade de Natal-RN. Contudo, ao se caminhar pela cidade, observa-se que cada passo traz consigo um sentimento de monumentalidade sobre outro período. A data citada acima, marca uma questão mais protocolar do que identitária. Observar a história da cidade é mergulhar em fatos importantes da construção dos primórdios da aviação civil no país, acompanhar o surgimento de um braço importante das Forças Armadas, a Força Aérea Brasileira, e principalmente conhecer o papel estratégico que a então *Parnamirim Field* ou vila de Parnamirim possuiu nas relações dos países aliados com o Brasil no âmbito da Segunda Guerra Mundial.

A partir de 1927, a necessidade das potências vitoriosas da Primeira Guerra Mundial (Inglaterra, França e EUA, por exemplo) em alongar os seus tentáculos aéreos pelo mundo junto ao capital privado de empresas como a francesa *Compagnie Generále Aéropostale* (CGA), fez com que o Distrito de Natal tivesse sua inicial experiência com os ainda rudimentares aparelhos aéreos no início do século XX com o Campo de Parnamirim, por ser uma área estratégica na costa brasileira, otimizando assim as novas travessias do Oceano Atlântico através da busca por novos mercados emergentes. O escritor e jornalista Carlos Peixoto observa que:

> A principal vantagem de um país naquela época começava com um sistema de transporte e comunicação potente que permitisse a troca de mercadorias, correspondências com os mais longínquos recantos do mundo com o menor espaço de tempo possível através dessas novas tecnologias. (PEIXOTO, 2003, p.7).

E foi a partir deste quadro que o distrito antes descrito pelo escritor Câmara Cascudo como apenas um local de passagem dentro do município de Natal, por conta de um trecho da estrada de ferro Natal/Nova Cruz construída em 1881, tornou-se aos poucos, um enorme entreposto mundial através dos *ailerons*, *flaps* e *elevators* da aviação civil, como comenta a professora Gláucia Dias Costa de Araújo (2020).

Ainda na década de 1930, a então CGA, *Compagnie Generále Aéropostale*, foi absorvida pela também francesa e já famosa companhia aérea *Air France*. Durante este período

foi observado um vultuoso investimento da empresa no até então campo de pouso que em alguns anos se tornaria o "Aeroporto de Parnamirim", impactando assim a vida da então pequena comunidade local com a instalação de uma grande estrutura de manutenção e operação para a instituição estrangeira, construção de estradas do lado oeste da pista, (PARNAMIRIM, 2023) além da presença das primeiras relações sociais mais profundas de fato daqueles que chegavam da Europa com a população da região. Porém, o aspecto civil que então englobava a aviação e a população no distrito foi dando espaço a uma realidade mais militarizada com a chegada da década de 1940.

Uma parte da relação entre a Segunda Guerra Mundial e o Brasil teve em *Parnamirim Field* uma importante expressão. A região que outrora serviria de ponto estratégico para recém-criada aviação comercial e seus grandes aviões-cargueiros, agora passaria a abrigar aparelhos mais rápidos, bélicos e compactos com a instalação da base aérea norte-americana e brasileira na localidade, fruto dos Acordos de Washington em 1941 entre Brasil e EUA. Baseada na ideia de defesa mútua e ajuda estratégica entre os dois países, esses acordos serviriam, enfim, para definir o papel brasileiro no conflito ao lado dos Aliados, já que Getúlio Vargas e sua cúpula militar tiveram em alguns momentos flertes com o Eixo. A importante conexão Europa - Brasil instaurada no início do século XX, como vimos, mudava a sua rota e dava agora lugar ao itinerário Estados Unidos - Brasil - África do Norte, esta última região importante *front* de batalha do conflito mundial.

O então Distrito de Natal que já sofrera com os inúmeros dilemas, chegadas e partidas dos primeiros movimentos aéreos ao longo dos primeiros 40 anos do século XX, teve a partir da instalação da Base Aérea em 1941 uma mudança ainda maior. A chegada de um enorme contingente militar e civil à época encontrou uma região despreparada para absorver uma grande quantidade de novos moradores e instalações, como explica a historiadora Maria do Livramento Miranda Clementino (1995). A aproximação latente das forças civis e militares brasileiras com os americanos à época redesenhou questões sociais e econômicas na região de Parnamirim e no estado do Rio Grande do Norte, como veremos, e impactou principalmente a rotina e características da caserna militar brasileira.

As anteriores influências militares oriundas principalmente da França e da Alemanha (este último país contando com a grande simpatia da alta cúpula da Exército Brasileiro na década de 1930) no início do século passado, deram lugar a aspectos armamentistas e estratégicos atrelados aos americanos, dada a aproximação geopolítica à época entre esses países contra o nazifascismo. A instalação da Base Aérea em Parnamirim-RN, e as atividades em conjunto do 5º Exército desse país com a Força Expedicionária Brasileira na Itália, em

similiar período, mostraram-se exemplos de trocas entre os militares americanos e brasileiros, influenciando inclusive o pensamento sociológico e político de estado das Forças Armadas até hoje. Além de corroborar com a criação de um modelo de dominação cultural e estratégica dos EUA no continente americano durante o período.

A chegada de um grande contingente populacional das duas nacionalidades na região externa as duas casernas, entrelaçou os dois grupos que dentro do quartel insistiam em ficar peculiarmente separados por singelos arames. O Distrito de Natal, que viria a se chamar Parnamirim, sediou por exemplo, a primeira fábrica de Coca-Cola da américa latina, forte símbolo da *Way American of Life*, no mesmo período da construção das bases. Segundo as historiadoras Giovana Paiva de Oliveira e Angela Lúcia Pontual, a cidade teve

> sua vocação reforçada com a presença dos militares [...] A convivência com "os gringos" marcou os hábitos e os costumes da sociedade, introduzindo palavras do Inglês no vocabulário, nos gestos e nas bebidas: OK, o polegar da mão direita estendido para cima, milkshake, coca-cola, cuba libre, blackout, cigarrettes, my friend, all right, thank you e Hello. (OLIVEIRA, PONTUAL, 2005, p.8)

Ao passo que as interações sociais cresciam e novos costumes eram incorporados pela população local, como o uso da calça jeans, do chiclete, do ato de se barbear, uma grande fração das mais de 10 mil pessoas, aproximadamente, que chegaram ao novo destino tornaram o "Sul da Base" o perímetro que mais crescia na região, conforme explica o pesquisador Danilo Ferreira Chaves (2020). Angariando um contigente maior de populares próximos ao lado brasileiro da área militar. E será a partir desta comunidade que a cidade que conhecemos será levantada. A construção das instalações levou muitos trabalhadores(as) a se deslocarem de várias regiões para participarem do esforço de guerra, oriundas principalmente do Nordeste e do Norte do país. Essas pessoas traziam em suas bagagens ao chegarem em Parnamirim, o sonho de uma melhor qualidade de vida na nova cidade que pulsava.

> A instalação da BANT e de Parnamirim Field incentivou um fluxo migratório em direção aos arredores dessas bases. A construção delas e da estrada Parnamirim Road (a atual BR 101, que liga Natal a Parnamirim) foi fonte de emprego e renda para a população do estado potiguar e de estados vizinhos. No mesmo período, a seca que assolava o interior do estado era um fator que impulsionava o deslocamento de famílias (CHAVES, 2020, p.32)

A comercialização em média escala tornou-se base econômica do Distrito e a chegada de um grande contingente populacional incrementou de maneira heterodoxa a relação de oferta e procura na região, "a circulação de dinheiro, por sua vez, impulsionou o crescimento do

comércio local, a expansão dos estabelecimentos bancários e de crédito cooperativo, assim como o enriquecimento de muitos comerciantes" (OLIVEIRA; FERREIRA; SIMONINI, 2012, p.6). Rapidamente uma elite emergente apareceu no local. A região também contou com os primeiros impactos da pobreza, indicando o surgimento abrupto de ruídos nas relações sociais na região em um contexto de iniciação da cidade.

Em 1956, pouco antes da sua emancipação, Parnamirim abarcaria mais uma unidade militar com a construção do Centro de Lançamento da Barreira do Inferno, o CLBI. Dentro do quadro da Guerra Fria, e da disputa espacial entre os EUA e a URSS, teremos na cidade mais um efeito do seu histórico militar e do recém alinhamento político-ideológico com os norte-americanos.

> Segundo Rolim (2015, p.19), a base seria implementada em Fernando de Noronha, em Pernambuco, ou no estado do Ceará, mas, devido a falta de estrutura dessas localidades e a disposição do Rio Grande do Norte em atender essas peculiaridades iniciais, foi escolhida por intervenção política a região localizada a "15 Km de Natal, no caminho de Pirangi". Assim, foi construído o Centro de Lançamento da Barreira do Inferno, unidade da Força Aérea Brasileira que rastreia e lança projéteis (CHAVES, 2020, p.33-34)

Chaves (2020) também analisa que diferentemente da Base Aérea que atraiu a população ao seu entorno, o Centro de Lançamento em virtude das suas peculiaridades em termos de operação e uso do espaço não pode atrair tantas pessoas instaladas ao seu redor. Porém a sua construção manteve a região em uma importante prateleira, como um evidente pólo militar em ascensão na década de 1950 na América do Sul, em um cenário de protagonismo por parte dos militares no Brasil e da corrida espacial por parte do bloco capitalista no período.

Durante os anos subsequentes veremos a influência da caserna na cidade sendo fortalecida ao longo das administrações públicas da cidade, "as primeiras administrações políticas do executivo da cidade foram executadas por militares, através de nomeações e indicações da FAB" (CHAVES, 2020, p.36). Exemplo deste *modus operandi* foi a nomeação do primeiro prefeito da cidade, o Tenente R1 Deoclécio Marques de Lucena após a emancipação de Parnamirim-RN em 1958. Até o nome da região durante alguns anos tornou-se outro. Em 1973 uma manobra política de deputados do ARENA, partido pró-governo durante a Ditadura Militar, visou homenagear o Brigadeiro Eduardo Gomes, fazendo a cidade ganhar novo nome. Apesar de demonstrações de descontentamento da população, o nome do ex-militar e ex-candidato a presidência da República em 1950 e 1955 deu a antiga "Paranã-mirim" (o rio pequeno), nome influenciado pelo Tupi-Guarani da etnia Potiguar, uma verdadeira alegoria da ligação entre a localidade e os fardados.

> As pressões militares logo se fizeram sentir na Assembléia Legislativa que aprovou, sem discussão e sequer cogitar de fazer um plebiscito para saber a opinião da população, a Lei 4.278 de 06 de dezembro de 1973, alterando a toponímia do município para "Eduardo Gomes". No Palácio Potengi, o governador Cortez Pereira também não fez qualquer questionamento para sancionar a lei. A população é que nunca se conformou com a mudança e continuou a se referir à cidade pelo nome histórico. O município de "Eduardo Gomes" existia apenas nos documentos oficiais. (PEIXOTO, 2003, p.158)

A cidade só pôde voltar a ser chamada Parnamirim em 1987, após movimento na região através de um abaixo assinado com mais de 4 mil assinaturas solicitando a volta do nome original após esse apagamento. Em uma solução negociada entre diversos atores sociopolíticos, o desenlace encontrado foi compensar os militares ao homenagear o patrono da Aeronáutica, morto em 1981, denominando de "avenida Eduardo Gomes o trecho da BR 101 entre Natal e àquele município" (PEIXOTO, 2003, p. 161).

Após a volta dos militares aos quartéis, na metade final da década de 1980 em diante teremos majoritariamente a eleição de civis na cidade com a reabertura política. O protagonismo desses atores sociais será aglutinado na presença de grandes oligarquias, tendo como grande influência a família Alves, sendo seu principal representante o ex-jornalista e ex-ministro do governo federal Agnelo Alves. É interessante observar principalmente no que tange a escolha do poder executivo da região a esmagadora presença de políticos e partidos de centro-direita, direita clássica ou ultradireita nos pleitos, mantendo o flerte com o comportamento conservador, ainda iniciado nos tempos militares, como uma herança da cidade já em tempos democráticos. Dos 8 prefeitos observados de 1983 até 2020, 87,5% dos eleitos possuíam ou possuem algum vínculo com esses espectros políticos citados. O único partido político que se intrometeu nesta ordem do executivo foi o Partido Democrático Trabalhista, o PDT, na gestão do prefeito Maurício Marques dos Santos entre 2009 a 2016. Com a polarização política atual no país, observou-se algumas dessas correntes direitistas no município desaguando em falas e comportamentos mais autoritários, chanceladas por questões e visões de atores que veremos no tópico a seguir.

1.2 A ATUAL PARNAMIRIM-RN QUE ENVOLVE A SALA DE AULA EM QUESTÃO

Após observarmos os elementos que constroem a Parnamirim-RN no sentido histórico, refletir brevemente sobre os elementos sociais que compõem o município atualmente mostra-se uma alternativa interessante para entendermos como a comunidade virou um ninho da direita

conservadora e liberal, um grupo que em parte se caracterizou por alguns exageros na internet e embarcou em delírios negacionistas nas mídias digitais nos últimos anos. Observar algumas consequências dessa hegemonia na cidade e como isso impacta o meu "chão da escola" são missões a serem cumpridas a partir desse momento.

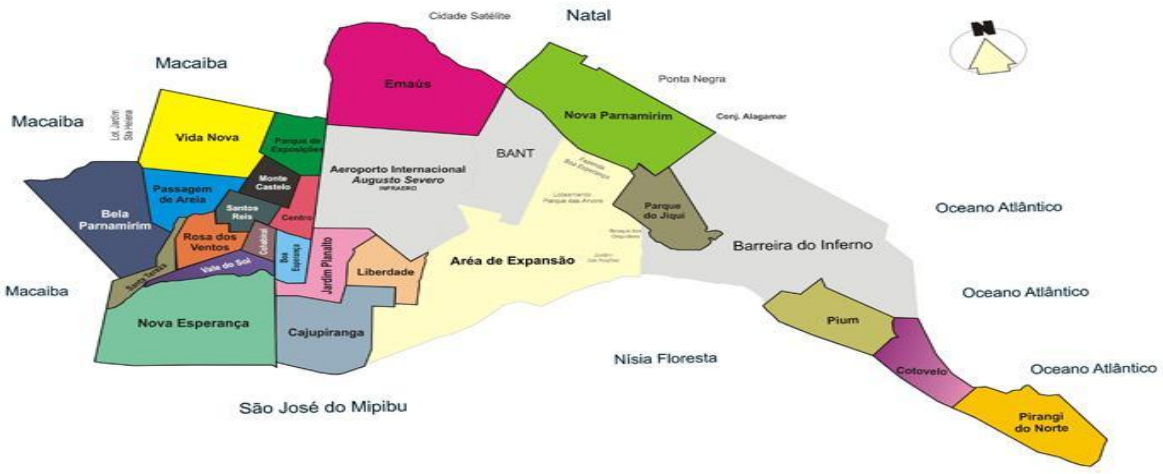
Atualmente a complexa Parnamirim possuidora da terceira maior população do estado do Rio Grande do Norte com 252.716 habitantes da cidade, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2023), vem atraindo estudos de pesquisadores por sua aproximação com a direita mais radical. O "Trampolim da Vitória", alcunha dada à cidade após a instalação da base aérea americana e consequentemente entrada do Brasil e vitória na Segunda Guerra Mundial, continua a transvestir o município de memórias de um tempo beligerante, observando-se o fenômeno que a historiadora Gláucia Dias Costa de Araújo (2020) chama de "arqueologia da sombra", ou seja, teremos a contínua presença militar ao analisarmos o mapa da cidade, impactando o comportamento social do município. Se em 1942, a cidade inaugurou sua primeira unidade aérea, 80 anos depois a região contempla 14 unidades operacionais da FAB (CHAVES, 2020), 1 quartel da Marinha do Brasil na BR-101 sentido cidade de Macaíba, 1 batalhão da Polícia Militar e 1 batalhão dos Bombeiros. O município é o perímetro do estado com maior quantidade de quartéis, com uma das maiores concentrações do Nordeste, com média de um quartel a cada 17 mil habitantes. A cada passo que se dá pela cidade, observam-se alegorias que continuam a fazer menções aos tempos da guerra. Do nome da empresa de ônibus circular comum, passando pelo maior museu da cidade, o "Trampolim da Vitória", no antigo aeroporto, além dos restaurantes na região da BR-101, a localidade continua imersa em uma cultura histórica-militar que não abre tantas brechas para que outras histórias ressurjam. Em Parnamirim "não é possível ver o subterrâneo sem antes encarar o que lhe suprime, o que lhe faz sombra, [...] a memória do Trampolim" (ARAÚJO, 2020, p.49).

A cidade atualmente possui o maior Índice de Desenvolvimento Humano do Estado, o IDH, do estado, com 0,766 (IBGE, 2022), e comporta áreas com grande crescimento territorial e imobiliário, como o bairro de Nova Parnamirim, COOPHAB e Cidade Verde (figura 1), próximos ao bairro de Ponta Negra, reduto dos turistas que visitam Natal, cidade bem próxima. Se a especulação relativa a imóveis atingiu a porção mais próxima da capital potiguar nos últimos anos, a região central da região parnamirinense próxima aos conjuntos habitacionais militares Augusto Severo, Bartolomeu de Gusmão e Santos Dumont, teve ao longo das últimas décadas a rede de serviços e comércio ampliadas, tornando-se reconhecido pólo econômico próximo à instalações militares. Segundo o pesquisador José Rolfan Tavares (2022), A relação entre urbanidade no centro da cidade e os conjuntos citados "garante um alto padrão de

qualidade dos bens públicos, razão pela qual supostamente nos bairros com vilas militares as coisas funcionam melhor", emergindo por parte da população um sentimento de confiabilidade pelos bairros mais próximo à base. Além disso, observou-se por um longo tempo que parte da população que morava na região utilizava as ruas de algumas dessas vilas, para ter acesso às dependências da estação de trem da cidade que ligava a região aos mais diversos locais da grande Natal-RN. Este expediente se fez presente por mais de 40 anos, quando o conjunto Santos Dumont foi murado e teve seu acesso restrito aos militares e suas famílias. Atravessar as avenidas com nomes de ex-militares, das mais diferentes patentes e graduações virou uma rotina da população de Parnamirim durante seus afazeres por anos e perdura até os tempos atuais.

Em um trabalho interessante de contagem e análise da quantidade de logradouros vinculados a ex-militares desde a gênese da cidade na década de 1940, Chaves (2020, p.38) achou cerca de 590 ruas com as mais variadas denominações que estão intimamente ligadas a caserna na cidade, a citar: 184 com nomes de "Tenentes"; 92 com nomes de "Capitães"; 77 com nomes de "Brigadeiros"; 61 vinculadas a "Sargentos"; 42 homenageando "Aspirantes"; 32 com nomes de "Suboficiais"; 26 com a denominação "Piloto"; 24 nomeadas como "Comandante"; 17 tendo fazendo alusão a "Cabos"; 13 ligadas a "Almirantes"; mesmo número para aquelas ruas com o início se chamando "Expedicionário"; 6 para aquelas avenidas que homenageia "Oficial" de forma genérica e por fim, 3 com a denominação "Major".

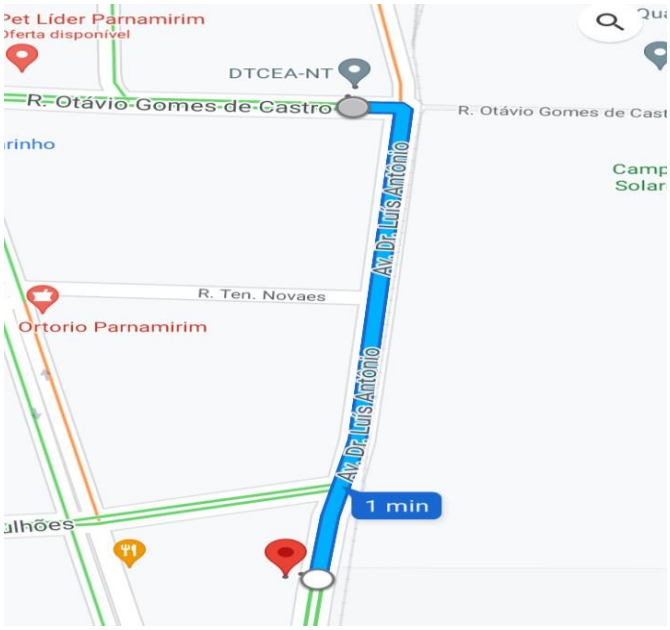
Figura 1 – A expansão geográfica de Parnamirim-RN



Fonte: Site da prefeitura de Parnamirim. Acesso: 20.03.23

É neste centro da cidade, região bastante influente, bem próxima a zona comercial, que o Falcão Cursos se encontra. A instituição fundada ao longo do período pandêmico, tem sua sede física em uma das principais avenidas de acesso ao centro comercial de Parnamirim-RN, margeando o lado oeste da Base Aérea de Natal. A escola preparatória atualmente possui cerca de 200 m², possuindo 4 salas de aula climatizadas, todas com equipamentos como notebooks e projetores, setor de secretaria, sala dos professores, cantina para o público e copa. Sua grande proximidade com as instalações militares e comerciais, atrelado ao seu objetivo principal, faz com que o Falcão seja uma das empresas do perímetro mais requisitadas quando o assunto é a preparação para processos seletivos militares na cidade. O início das atividades do Falcão coincide com o crescimento do número de instituições que preparam alunos para a carreira militar em todo o Brasil após 2019. O repórter Rafael Neves descreve que o otimismo em torno da expansão desse negócio baseou-se em grande parte nas falas do presidente Jair Bolsonaro de que a rede de ensino militar no país seria ampliada durante seu mandato. (NEVES, 2018).

Figura 2 - Proximidade entre o Falcão Cursos e unidades militares



Fonte: *Google Maps*. Acesso: 26.06.2023

O senso comum criado em torno da estabilidade financeira dessa área, atrai muitos meninos e meninas a seguirem essa potencial segurança. Não enfrentar o desemprego como outras 9,4 milhões de pessoas que representam uma taxa de 8,8% (IBGE, 2023) no país, é certamente sempre uma opção analisada por aprendentes e responsáveis, criando assim uma forte demanda. O repórter Ítalo Nogueira em reportagem a Folha de São Paulo, examinou o

crescente consumo por esses concursos nos últimos anos e verificou que este fenômeno está também atrelado proporcionalmente as elevadas taxas de desemprego.

> As inscrições para a EsPCEx (Escola de Preparação dos Cadetes do Exército) e para a ESA (Escola de Sargento das Armas) deram um salto significativo em 2016, quando o percentual de pessoas desocupadas ultrapassou a barreira dos 10%, segundo dados do IBGE —a taxa terminou 2020 em 14,2%. O ano de 2016 coincide com a permissão para que mulheres concorram nessas provas. Contudo, mesmo excluindo as inscrições femininas, é possível verificar um forte aumento. Na EsPCEx, o número de inscritos em 2015 foi de 17.633 jovens. No ano seguinte, chegou a 29.771 —sendo 22.064 homens. O número de inscritos ultrapassou 40 mil em 2017, patamar que se manteve até o ano passado. Na ESA, as inscrições voltaram ao patamar que tinham no início do século. Em 2001, foram 113 mil homens concorrendo para as 1.480 vagas. O número caiu para 37.055 em 2006 e voltou a subir em 2019, quando alcançou 118 mil interessados — 85 mil para o concurso exclusivo masculino. (NOGUEIRA, 2021)

O Rio Grande do Norte possui o quarto maior índice de desocupação do país (G1, 2023) e Parnamirim-RN dentro deste quadro apresenta apenas 17,82% de taxa de população ocupada, alcançando a insatisfatória 19º posição em um ranking deste parâmetro com 167 municípios do estado (IBGE, 2023). É presumível que os estimados 59 mil jovens (IBGE, 2023) entre 15 a 29 anos de Parnamirim que representam 23% da população da região, sendo a maior faixa da pirâmide etária da cidade façam parte também dos números elencados por Nogueira (2021) acima. Além da influência nacionalista que o município carrega, os quartéis se tornaram opções viáveis empregatícias para esse grupo que possui idade de ingresso nas Forças Armadas. Além do processo seletivo voluntário para a condição de Praça, Graduado ou Oficial das Forças, a opção por concursos públicos nesta conjuntura se apresentam como uma via comum, principalmente nesta fase de vida onde as incertezas profissionais costumam envolver meninos e meninas, atrelada a uma cidade amplamente aberta a preceitos militares. Consequentemente, observa-se o surgimento borbulhante de empresas que trabalham com a preparação desses alunos da faixa etária citada para esta carreira, unindo conteúdos do ensino médio a cursos de extensão. Neste prisma existe quase uma dezena de empresas que articulam estas atividades na cidade e o Falcão Cursos está incluído nesta abordagem com o preparatório para a Escola de Sargento das Armas, a ESA, para a Escola Preparatória de Cadetes do Ar, para a EPCAR, para a Escola de Especialistas de Aeronáutica, EEAr, e para a prova de Serviço Voluntário da Marinha.

Além do ambiente militarizado em diversos aspectos e da forte presença da classe média urbana, a população evangélica e católica da cidade vem aumentando significativamente.

Utilizando novamente números da plataforma "Cidades@", sistema agregador de informações do IBGE sobre os estados e municípios do Brasil, os que se autodenominavam protestantes ultrapassavam a casa das 48 mil pessoas (IBGE, 2010)[3], logo, um a cada quatro parnamirinenses, em média, tem como religião a evangélica. Uma média maior por exemplo que a capital do estado, Natal-RN, a maior cidade, que possuía aproximadamente um evangélico a cada cinco pessoas. Enquanto isso, os autodenominados católicos somam cerca de 120 mil pessoas (IBGE, 2010)[4] na cidade, o que demonstra o potencial religioso da região quando observamos que a cada 2 parnamirinense em média, 1 ou é evangélico ou é católico segundo as pesquisas do instituto. É interessante analisar

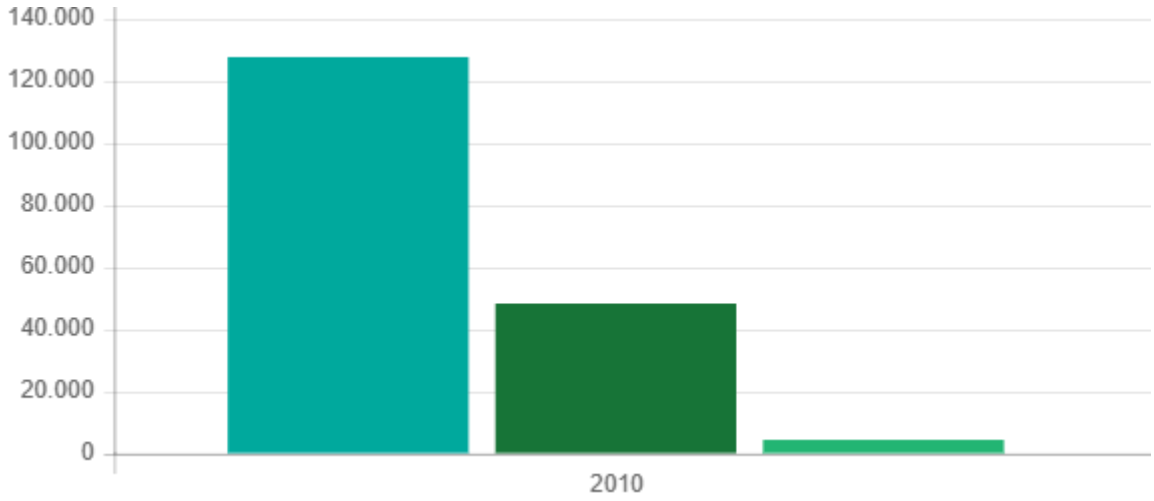
> o papel de socialização que as igrejas evangélicas têm em Parnamirim, pois sendo uma cidade com tão poucas opções acessíveis de cultura, esporte e lazer, muitas vezes as/os munícipes têm na sua comunidade religiosa a única oportunidade de construir vínculos para além das atividades laborais e familiares. (TAVARES, 2022, p.1)

Neste recorte, a radicalização de alguns grupos religiosos na cidade pode ser exemplificada através de alguns fatos. O exemplo mais famoso foi publicado pelo portal "Saiba Mais", onde um líder de uma igreja neopentecostal de Parnamirim-RN em áudio captado por *Whatsapp* pelo site em 10 de outubro de 2022, mostrou seu descontentamento com o resultado das eleições presidenciais do mesmo ano, deixando no ar a hipótese de fraude do resultado da disputa por conta do uso da urna eletrônica. Além do mais, o religioso afirmou em frase que o fiel que votou em um candidato específico no pleito presidencial seria cobrado por Deus. (SANTOS, 2022). O uso das igrejas como palanque político, não se limitou a cidade parnamirinense em tempos atuais, fatos como o analisado acima foram observados em vários pontos do país, em um contexto onde se destacada, como indica o pesquisador Thiago Henrique Marques de Medeiros,

> a expressiva articulação entre um conservadorismo moral de base religiosa cristã (importante para angariar apoio entre setores evangélicos e católicos) e um patriotismo importante para a viabilização eleitoral de um programa econômico neoliberal, materializados em seu princial lema: "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos" (MEDEIROS, 2021, p.24)

Figura 3 – A fé e Parnamirim-RN: Os evangélicos (verde folha) e os católicos (azul piscina)

[3] A referência está como 2010, pois ainda não houve atualização do censo 2022 do IBGE no que diz respeito ao número de protestantes na cidade de Parnamirim-RN. Aguardando os novos números para atualizações.
[4] A referência está como 2010, pois ainda não houve atualização do censo 2022 do IBGE no que diz respeito ao número de católicos na cidade de Parnamirim-RN. Aguardando os novos números para atualizações



Fonte: Site do IBGE. Acesso: 20.03.2023

Concentramos a análise em torno da caserna, da classe média e do crescimento do fundamentalismo religioso em Parnamirim nas últimas linhas, pois observou-se a interligação de parcelas desses grupos citados à pautas conservadoras tanto na ordem política, quanto na área dos costumes sociais nos últimos anos. Por exemplo, será em torno de parcelas desses três grupos que o bolsonarismo, vertente radicalizada da direita, terá majoritário apoio. Deste fato, o que podemos inferir é que a cidade se tornou um grande espelho daquilo que vimos no país nos últimos anos graças às suas peculiaridades sociais. E a avaliação em torno desses atores partiu após as ações destes refletirem diretamente no meu fazer docente no último ano, principalmente com a proximidade que o "chão da escola" possui com a cultura militar, e a circunvizinhança que a instituição possui principalmente com a classe média-urbana parnamirinense em termos geográficos, gerando óbvias consequências.

Foram em redes sociais como *Youtube*, *Instagram*, *Facebook*, *Twitter*, *Whatsapp e Telegram* que a pauta dos costumes que caracteriza bem a relação entre militares, religiosos e a classe média foi impulsionada e popularizada, por exemplo. As nuances desses discursos nesse aspecto foram espalhadas justamente pelo seu caráter relacional de massa das redes, sendo, segundo as professoras Bárbara Coelho Neves e Jussara Borges (2020, p.11), "um espaço on-line onde pessoas interagem, expõem suas ideias e partilham de interesses em comum". Dos grupos que conseguiram compilar a essência dessa construção nas mídias, a Brasil Paralelo, no *Youtube*, certamente é uma das mais influentes. Estendendo as discussões em torno dos costumes para a análise de fatos da história do Brasil, a empresa buscou por algum tempo através da construção de uma narrativa de um passado ideal, uma apologia ao mito determinante de um tempo pretérito que conserva bons valores e boas condutas cristalizadas,

omitindo nas discussões em suas obras as inúmeras conquistas sociais progressivas que ocorreram no país em tempos mais atuais. Neste quadro, "estas imagens idealizadas de um passado lendário projetadas em uma utopia para o futuro são matérias-primas de propagandas ideológicas que causam impactos poderosos na imaginação política das pessoas", como afirma o professor e youtuber André Azevedo da Fonseca (2016)

Isso fica mais evidente em obras como "Brasil - A última cruzada" (BRASIL PARALELO, 2017) e "1964 - O Brasil entre armas e livros" (BRASIL PARALELO, 2019), alvo de maiores apontamentos no próximo capítulo. A produtora surge em um recorte onde

> a mídia social foi adotada para vários propósitos políticos [...] Além disso, as tecnologias de mídia aumentam o volume de notícias, permitindo o marketing de nicho em uma escala sem precedentes, muitas vezes apresentando leitores e espectadores ideologicamente bifurcados com universos de discurso inteiramente diferentes, o que tem alimentado polarização política. (NEVES; BORGES, 2020, p.12)

A opção por um projeto social mais conservador por parte da população que desembocou em autoritarismos fisi-digitais inúmeras vezes, reverberou consequências desse movimento oriundo das redes. As últimas eleições municipais e nacionais (2018, 2020 e 2022, respectivamente), a grande organização no *Whatsapp* e *Telegram* em torno do bloqueio bolsonarista na BR-101 em 01 de Novembro de 2023[5], no sentido Parnamirim-Natal, e as mobilizações nas frentes de alguns quartéis da região por conta do resultado do pleito presidencial de 2022, são amostragens claras desse flerte de uma parte da população parnamirinense que em diversas vezes desaguaram em ações que buscavam resgatar em certos momentos um passado autoritário, ou que de certa maneira eram simulacros de difíceis tempos pretéritos. Isso fica claro na fala da jornalista Clediane Alves para o "Portal Saiba" mais ao noticiar que

> grupos de golpistas bolsonaristas – inconformados com o resultado das urnas das eleições 2022 – têm feito atos em favor da interdição militar e golpe político no Rio Grande do Norte, a exemplo do que ocorre no Sudeste e Sul do País. A BR 101, em Parnamirim, na Grande Natal, amanheceu nesta terça-feira (1) interditada nos dois sentidos [...] os golpistas bolsonaristas chegaram a arremessar pneus contra os policiais, mas esses reagiram e liberaram uma das vias. [...] Na noite de segunda-feira (31), [...] Golpistas Bolsonaristas chegaram e parar o trânsito na Hermes da Fonseca – em frente ao Comando de Exército em Natal – gritando "Agora é na bala". Sem força e apoio dos motoristas, os golpistas foram dispersados. (ALVES, 2022)

[5] Deste fato surgiu uma cena hilária que bem representou essas manifestações. Um vídeo de um ciclista simulando um atropelamento em plena BR-101 em meio ao protesto criou uma alegoria ou uma síntese do que foram esses eventos em Parnamirim-RN. Esse arquivo viralizou no *Whatsapp* e no *Youtube* totalizando cerca de 250 mil views no canal do Metrópoles na plataforma de vídeos.

A votação em massa de representantes que abertamente relativizam as crueldades de regimes de exceção como a Ditadura Civil-Militar de 1964 nas redes sociais, potencializaram no imaginário de algumas alas da cidade um discurso mais radical, reforçado pela velocidade das mídias e seu poder "viral". E esse tipo de narrativa encontra em Parnamirim uma espécie de "zona de conforto" com sua construção enraizada no triunfalismo bélico, ou seja, no mito do "Trampolim da Vitória", no fanatismo religioso e nas concepções da crescente classe média. O professor Robson Sávio Reis Souza, coordenador do Núcleo de Estudos Sociopolíticos da PUC Minas, em artigo intitulado "Extrema direita: religião, militarismo e neoliberalismo" afirma que

> a religião é o principal elemento de constituição dessa base social da extrema-direita global. Mas, são o militarismo e o ultraliberalismo que caracterizam o domínio do poder estatal (da extrema-direita) em níveis nacionais, com intentos globais [...] Essa aliança une o conservadorismo religioso, o poder político ancorado no militarismo (no caso esse governo militarizado - que se vangloria na defesa de moralismos à la Olavo de Carvalho) e no poder econômico alicerçado no ultraliberalismo (à la Paulo Guedes e figuras esdrúxulas, do tipo o Véio das megalojas de produtos variados, Wizzard e outros negociantes que, segundo dizem, para alcançarem o sucesso individual e privado vendem até a mãe). (SOUZA, 2021)

Observando a fala de Souza (2021), logo podemos entender os motivos que também levaram a instalação na área limítrofe entre Natal e Parnamirim, na BR-101, da megaloja de departamentos Havan em 2022. O sucesso inicial na cidade da empresa de Luciano Hang, apoiador do bolsonarismo e figura atuante na internet, retrata a influência e alcance desse tipo de discurso na região, tendo agora mais uma base de apoio próximo a zona sul de Parnamirim-RN, área mais rica na fisiologia da cidade.

Figura 4 - Luciano Hang discursando no limite entre Natal-RN e Parnamirim-RN



Fonte: Jornal Tribuna do Norte. Acesso: 15.11.2023

Inevitavelmente, esses comportamentos e discursos adentram a sala de aula. Refletir sobre o Golpe de 1964 já é um fator difícil com os (as) alunos (as), pelas inúmeras narrativas que o tema gestou nos últimos anos. As inúmeras memórias sobre o tema, que fará em 2024 apenas 60 anos, ou seja, uma história sensível recente, também dificultam a missão docente. E para completar temos o crescimento do fenômeno que a Professora Dra. Sônia Maria de Meneses Silva chama de "apropriação conservadora do passado" (SILVA, 2019, p.19), ou seja, o surgimento de narrativas de cunho político-ideológico daqueles sujeitos que visam desqualificar o lugar disciplinar da história em prol de um projeto falsificador do passado.

Além desses fatos, o exercício de análise crítica de um tema sensível para futuros militares, em uma instituição cujo propósito é a velocidade em torno dos assuntos, sedimenta barreiras que parecem intransponíveis, como vimos. Com os emergentes negacionismos nas mídias e seu poder de penetração na vida desses aprendentes na única cidade que elegeu Jair Bolsonaro no Rio Grande do Norte, os caminhos contrários às narrativas históricas construídas por produtoras como o Brasil Paralelo ou por atores políticos que conduziram a máquina pública por anos e defendem o Golpe de 1964 parecem obscurecer ainda mais uma proposta de discussão. Com isso, sutilmente, as falas de alguns discentes soam mais desmedidas dentro dos poucos espaços disponíveis de discussão nos encontros em sala. Neste sentido, a historiadora Maria de Freitas Giovanette (2023) em artigo intitulado "O ensino de história da ditadura militar brasileira em disputa: do negacionismo as saídas possíveis", avalia a importância do trabalho que fizemos ao localizarmos o chão da escola não somente no sentido geográfico na comunidade. Analisar toda conjuntura social e política que orbita a sala de aula é primordial para futuras intervenções metodológicas, pois

> é possível apontar [...] que a escola não está descolada da sociedade civil. Os debates realizados fora dos seus portões influenciam a interação dos alunos com as aulas e a forma como o conhecimento histórico é construído. Sendo assim, as guerras de memória e a insurgência de novas narrativas sobre a história da Ditadura Militar interagem com o ensino da mesma [...] Nesse sentido, conhecer o contexto em que nossas aulas estão inseridas e as narrativas presentes em sala é fundamental para a construção de um ensino de história que almeja formar "um pensamento autônomo, crítico e criativo" (GIOVANETTE, 2023, p.228)

Assim, após adentrarmos ao difícil contexto vivido atualmente em Parnamirim-RN, fruto do indissociável aumento do espectro radicalizado na cidade, seguiremos as observações realizadas por Giovanette (2023) e seguiremos para um próximo passo. Vamos buscar analisar

no próximo capítulo “as narrativas presentes em sala” sobre a Ditadura Civil-Militar de 1964, dentro de um recorte de discussão sobre as origens do negacionismo, suas consequências para o Ensino de História e suas particularidades com relação ao revisionismo histórico. Buscar nesta fase, refletir sobre esse processo nas mídias começará a abrir caminhos para debatermos ao final desta obra métodos de contenção para esses discursos. Como ponto de partida, conheceremos um pouco mais sobre aqueles que fazem a “cabeça” do grande público na internet nesta esfera de debate e querem abertamente que, você, “pare de acreditar nas mentiras do seu professor de história” (BRASIL PARALELO, 2017), ilação fundamental para o negacionismo histórico.

2. “PARE DE ACREDITAR NAS MENTIRAS DO SEU PROFESSOR DE HISTÓRIA”: DISCUSSÕES SOBRE O CRESCENTE NEGACIONISMO HISTÓRICO EM TORNO DA DITADURA CIVIL-MILITAR NO CIBERESPAÇO.

Iniciaremos esta seção apontando para uma expressão que ficou bastante conhecida no mundo digital e que virou um marco literal da cruzada realizada pela produtora Brasil Paralelo e outros grupos radicalizados à direita do espectro político brasileiro contra o ensino de história no país. O “Pare de acreditar nas mentiras do seu professor de história” (BRASIL PARALELO, 2017) foi uma frase utilizada em uma propaganda do curso “Brasil - A última cruzada” (BRASIL PARALELO, 2017), no *Facebook*, para promover conteúdo sobre história do Brasil em uma clara tentativa da empresa em enaltecer a sua empreitada que é “revisitar” alguns marcos históricos do país nas mídias sociais, sob o argumento de estar recontando a história do Brasil sem o viés ideológico que professores “esquerdistas” proferem em sala. Para além da propaganda, essa frase sintetiza um lema que evidencia uma tentativa de esvaziamento por parte desses grupos, da qualidade do professor de história em ser um ente ativo na construção deste conhecimento.

Inclusive, na arte gráfica da publicidade (figura 5) a produtora sinaliza um perfil monarquista de alguns capítulos da série, ao mencionar no desenho personalidades desse período em torno do que comentamos, em algumas linhas acima, ser uma apologia ao passado ideal, ou mito da era de ouro, onde “a noção geral é aquela que estimula uma nostalgia dos “bons e velhos tempos” do passado, que contrastam com os costumes corrompidos do presente” (FONSECA, 2016), uma característica das obras da Brasil Paralelo sobre o passado brasileiro, como pode-se observar abaixo.

Figura 5 - Brasil Paralelo e a “última cruzada” contra o Ensino de História



Fonte: Página do Brasil Paralelo no *Facebook*. Acesso: 20.03.2023

A empresa surge como uma grande expressão do movimento reacionário ainda na década passada. Sua fundação remete a um período turbulento maior no país, que contou com as manifestações de junho de 2013, a espetacularização da Operação Lava-Jato e o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, fatos em uma linha do tempo que serviram de preâmbulo para a chegada do radicalismo ao poder do país em 2018. Esta questão é observada por Nicolazzi (2023):

> A empresa Brasil Paralelo iniciou suas atividades em 2016, no auge das manifestações populares que tomaram as ruas durante o processo de deposição da presidenta Dilma Rousseff. Foi naquele contexto, quando movimentos de extrema-direita ganhavam ressonância no país, que três jovens rapazes de Porto Alegre, cidade localizada no sul do Brasil, iniciaram um empreendimento de produção e divulgação de conteúdos políticos a partir de plataformas digitais. Pensada inicialmente como uma curadoria de palestras, depois convertida em produtora de audiovisual, logo se tornou um dos principais e mais eficientes veículos de disseminação do ideário político que serviu de sustentação ideológica para a ascensão e consolidação do bolsonarismo.

A historiadora Mayara Aparecida Machado Aparecida Balestro dos Santos neste sentido contribui analisando que a produtora

> tem se tornado um aparelho politico-ideológico e educativo "porta-voz" de setores conservadores e de extrema direita no sentido de dar legitimidade "histórica" ao seu projeto político-institucional. Tendo como "principal referência" Olavo de Carvalho e composto por um conjunto de sujeitos e entidades representativas desta nova direita no interior de relações ampliadas do Estado – o Instituto Millenium, Instituto de Estudos Empresariais, Fórum da Liberdade, Instituto Liberal, Instituto Borborema e o Instituto Von Mises Brasil. O Brasil Paralelo apresenta em sua plataforma uma variedade de materiais voltados à produção e disseminação de conteúdos sobre o que

> entendem ser a "verdadeira" história do país e como ela deve ser apresentada, por parte de grupos da chamada "nova direita" ou extrema-direita. (SANTOS, 2021, p.16)

Na esteira do crescimento desse fenômeno citada por Santos (2021) e Nicolazzi (2023) e sob a órbita do pensamento do escritor, filósofo, ensaísta e astrônomo Olavo de Carvalho, a produtora e outros veículos digitais que compõem as mídias digitais reacionárias popularizaram o conceito de "guerra cultural", importante característica quando pensamos nas ações (ou reações) desses grupos na internet. Através de uma crítica generalizante e preguiçosa em torno do conceito de "hegemonia" do escritor italiano Antonio Gramsci, esses setores avaliaram que a esquerda revolucionária com o processo do tempo abandonou as armas e as contendas violentas, para então articular "numa delicada orquestração de influências sutis, penetrante como a programação neurolinguística e mais perigosa, a longo prazo, do que toda a artilharia do Exército Vermelho" os rumos de uma nova revolução, a cultural, como afirma Carvalho (2014, p.56), autor que terá seu pensamento melhor examinado posteriormente nesta obra.

Os pesquisadores(as) Hévilla Wanderley Fernandes e Lucas Tadeu Borges Vianna (2022, p.11) indicam que apesar da leitura desses núcleos da extrema-direita não se sustentarem por imputar microscópicas noções aos conceitos e as categorias de Gramsci escritas no livro Cadernos do Cárcere, ainda assim esses setores lançaram mão de uma campanha contra o intelectualismo, reforçada por um *modus operandi* que contou com as mídias sociais, políticos e pessoas influentes para conter intelectuais que

> cumpririam um papel de destaque para a consecução da "revolução cultural gramsciana", pois sua atuação informal e sutil penetraria fundo nas consciências e deixaria "nelas as marcas de novos sentimentos, de novas reações, de novas atitudes morais que, no momento propício, se integrarão harmoniosamente na hegemonia comunista.

Logo, dentro deste recorte, na arena de discussões intelectuais principalmente no âmbito histórico, veremos esses setores ultraconservadores preocupados em confrontar aquilo que é um produto da "hegemonia comunista" encabeçada por professores ou historiadores "esquerdistas", ou seja, como consequência teremos um ataque declarado aos posicionamentos historiográficos oficiais, pautados em métodos e procedimentos comprovadamente sérios. Nesta conjuntura teremos o crescimento das frágeis narrativas "paralelas" propostas por esses setores. O professor Pedro Zarotti em artigo "O revisionismo ideológico nas escolas: apontamentos a partir de uma pesquisa exploratória com professores de história da educação básica", ao refletir sobre esses fatos, conclui que como consequência da profusão de análises

pretensiosamente calcadas em uma reconstrução irresponsável da história, surgem uma série de narrativas enganosas em nosso cotidiano,

> a título de exemplo, pode-se citar a inversão do espectro político do nazismo feita pelo autointitulado filósofo Olavo de Carvalho (2017); a abordagem que coloca a escravidão em uma escala menos grave feita pelo jornalista Leandro Narloch (2009); o novo arranjo para o Regime Militar Brasileiro (1964-1985) criado pela empresa produtora de conteúdo digital Brasil Paralelo (BP) (2019); e as constantes acusações feitas pelo Movimento Escola Sem Partido (ESP) de doutrinação partidário-ideológica por parte dos professores em atuação. (ZAROTTI, 2023, p.294)

Ironicamente, quando observamos a larga ocupação de espaços da extrema-direita principalmente na *web* em tons virulentos e histéricos muito em virtude da condição que esses grupos possuem de sustentar altas taxas de promoção de suas obras, constatamos que o uso deturpado do conceito de "hegemonia" de Gramsci tão condenado por esses mesmos atores ultraconservadores, no final das contas é o que norteia o tom dos atos desses grupos e serve de munição para esses setores manterem sua musculatura. O contra-ataque desta coligação de páginas, produtoras, influencers ou políticos nada mais é que uma tentativa de ter também a "hegemonia" de narrativas, isso é claro no âmbito adulterado do conceito gramsciano usado por esses mesmos setores, valendo-se da intensificação de suas diretrizes político-ideológicas em diversas vias de escoamento do debate público, como a internet e livros. Medeiros (2021) colabora com esta afirmação, ao observar a criação de uma rede editorial que visa justamente preencher os espaços no debate público. O pesquisador afirma que a construção desta coligação de grupos ultraconservadores surgiu a partir do debate em torno de

> um campo importante e sempre destacado por essa nova direita que consiste na universidade. No imaginário da nova direita, nessas instituições existem um monopólio de autores, teses e ideias da esquerda, o que por si só funciona como uma barreira para entrada de outras correntes e outros pensadores (BELANZA, 2017). Por isso [...] um ataque forte contra os pensadores e também as universidades federais. Afinal, não existe pensamento político sem teorias de suporte, sem porta-vozes, sem literatura, sem instruções e sem mecanismos de reprodução da sua visão de mundo. Com isso, este movimento atua de maneira intensa em investimentos para criação de institutos, sites, blogs conservadores e liberais, formação de uma rede editorial na produção de textos, atuação junto à juventude, visando, em conjunto, se fortalecer na arena acadêmica e liberal. (MEDEIROS, 2021, p.24)

Logicamente, essa procura por ocupação de espaços, principalmente no âmbito digital, causou transtornos no sentido do fazer histórico, como vimos. O pesquisador Diego Martins Dória Paulo (2020) ao refletir sobre o papel de liderança das produções da Brasil Paralelo neste recorte de crescimento da extrema-direita nas mídias, critica o modo como as obras da empresa tentam reconstruir a história do Brasil apelando para erros grotescos e invocando os instintos

> mais primitivos do público que tenta alcançar [...] um turbilhão de mensagens publicitárias convocava os “patriotas” a apoiarem a iniciativa em sua cruzada contra a educação brasileira. Considerá-la como produtora de mitos evidencia não apenas os mecanismos de sua atuação, mas também a função que ela cumpre no arco maior de forças que são coligidas no pacto bolsonarista-olavista. (PAULO, 2020, p. 103)

Os flertes contra a ordem constitucional, como a que ocorreu no dia 08 de janeiro de 2023 em Brasília e as inúmeras manifestações desde 2013, calcadas na infame interpretação do art. 142 da Constituição Federal, que supostamente prevê a possibilidade de uma “Intervenção Militar” (BRASIL, 1988), refletiram práticas insufladas por essa conjuntura de forças ultraconservadoras nas mídias, que desembocaram em diversos extremismos. A relação que esses fatos atuais possuem com elementos insuflados por páginas, canais ou empresas como a Brasil Paralelo baseados na tentativa de rearranjar fatos históricos e criar mitologias sobre passados traumáticos é inegável.

Figura 6 - Membros do último governo assistindo ao documentário da produtora



Fonte: Site da Revista Exame. Acesso: 21.01.2024

A rasa releitura da história baseada em convicções próprias desse espectro político, muitas vezes mais baseadas em comentários embebidos por noções ideológicas próprias do que

por um olhar crítico perante o fato histórico, trouxeram um acesso livre a um tipo de narrativa que minimiza os efeitos, por exemplo, da Ditadura Civil-Militar de 1964. Esta ação política feita por esses setores no presente, tendo como importante foco a "releitura" do passado, caracteriza a ideia de "usos políticos do passado", conceito muito debatido por Nicolazzi (2021). Este elemento é primordial para se entender os motivos da incursão da extrema-direita nas discussões históricas, já que

> os passados são também objetos de poder. O elogio do Estado escravista construído no Brasil do século XIX e a defesa do modelo autoritário estabelecido pela ditadura iniciada em 1964 são dois exemplos contemporâneos que mostram que o interesse principal não reside nos dilemas vivenciados no passado, mas sim nos impasses criados no presente (NICOLAZZI, 2021)

Nicolazzi complementa que para tal fenômeno se popularizar, importantes vetores que estruturam esses discursos são mobilizados para alcançar o sentimento do público, a citar: o apelo ao discurso nacionalista e ao fervor patriótico. Porém o elemento estrutural mais sensível deste tipo de discurso passa por outra característica:

> Meu objeto de análise são algumas das produções de conteúdo audiovisual realizadas pela produtora Brasil Paralelo [...] O foco principal desta discussão situa-se na tentativa de compreender as modalidades de funcionamento do negacionismo histórico no Brasil contemporâneo a partir daquilo que chamo aqui de *usos afetivos do passado*. (NICOLAZZI, 2023)

Como observamos na fala acima de Nicolazzi (2023) com a popularização desses discursos na sociedade brasileira e posteriores estudos à esteira desses fatos, alguns conceitos como o de negacionismo histórico ganharam o foco de pesquisadores, pois é em torno deste fenômeno que as narrativas sobre o passado de setores reacionários brasileiros acabam por residir. E concordamos com este autor. Porém, atrelado a esse campo de pesquisa outros termos como revisão histórica e revisionismo histórico também surgiram em correntes de investigação acadêmicas, apontando um efeito colateral atual em torno deste tema específico, causando dificuldades a profissionais da área no tocante a diferenciar esses conceitos, por suas proximidades teóricas, visto que suas concepções, não raro, são apresentadas como sinônimos, o que consideramos nesta dissertação um fator prejudicial para discussões neste âmbito em virtude das possíveis confusões conceituais. Assim, consideramos nas próximas linhas dar maior espaço para essa discussão. Aprofundar as diferenças conceituais entre negacionismo histórico e revisionismo histórico é vital no atual estágio desta pesquisa para otimizarmos as caracterizações que esses discursos que influenciam minha sala de aula possuem, para posteriormente combatê-los.

2.1 POR QUE NEGACIONISMO HISTÓRICO E NÃO REVISIONISMO HISTÓRICO?

Os enganosos discursos do setor ultraconservador, capitaneados pela Brasil Paralelo, por influencers e páginas na *world wide web* passaram aos poucos a vagar pelo senso comum e conhecimento prévio sobre história que algumas parcelas estudantis da educação básica possuem. Essa questão tem se configurado como uma situação problemática que desafia professores e professoras de História no exercício de seu ofício (ZAROTTI, 2023, p.294). Este fato tornou-se também uma problemática inerente aos meus encontros com os alunos do Falcão Cursos, como já adiantamos. As narrativas que minimizam o golpe de 1964, por exemplo, perpetradas por setores conservadores passaram a rivalizar, em níveis de interesse dos aprendentes, com a historiografia. Assim, objetivamente, a percepção nebulosa que esses discentes possuem sobre temas históricos sensíveis tem ligação direta com narrativas que flertam com o negacionismo histórico na internet. Nesta conjuntura, o professor Dilton Maynard (2011, p.73) criticou o atraso da intelectualidade em observar este contexto:

> Nesta concepção da rede como ambiente privilegiado às manifestações políticas, também os grupos de extrema direita identificaram as brechas para se fortalecerem e encontraram um meio de comunicação seguro, atrativo e econômico. Este crescimento chamou a atenção de parte da imprensa mundial, de alguns políticos e intelectuais tardiamente.

A crítica de Maynard (2011) em especial aos intelectuais, nos sugere mais um julgamento pertinente a ser analisado. Quando nos debruçamos em trabalhos acadêmicos deste campo de pesquisa, observamos que em muitos textos não se existe um consenso sobre como classificar o que se constrói em termos históricos em torno das mídias reacionárias. É revisionismo histórico ou é negacionismo histórico? Ou são os dois conceitos ao mesmo tempo?

Esta dissertação neste espaço optou em investigar mais sobre esse fenômeno ligado às falsificações históricas e a seus discursos. Inicialmente, observamos a necessidade de refletir sobre algumas confusões conceituais quando comparamos principalmente o que é negacionismo histórico e o que é o revisionismo histórico, fruto de um debate necessário sobre essa atual conjuntura de crescimento do pensamento radical à direita, pois embora esses conceitos sejam termos que aludem a coisas distintas, não raramente são confundidos em estudos sobre diferentes temáticas e conjunturas, como afirmam as professoras Janaína Cordeiro e Denise Rollemberg (2021). Entender estas posições é fundamental para avaliarmos, inclusive, as pretensões semânticas em torno desses conceitos que grupos radicalizados querem criar em torno de suas narrativas históricas, justamente para ter suas leituras difundidas na arena de discussões intelectuais fisi-digitais.

Para iniciarmos as discussões conceituais adotaremos a ideia de revisionismo das já citadas Rollemberg e Cordeiro (2021) encontrada no importante artigo "Revisionismo e Negacionismo: Controvérsias", lançando uma luz necessária à nebulosa contenda:

> a ideia de revisionismo refere-se a iniciativas de revisar interpretações de fatos e processos passados [...] um ponto nos parece cristalino: o revisionismo é esclarecedor e indispensável, na produção do conhecimento histórico, o revisionismo é da natureza do trabalho científico [...] por meio do qual temáticas e interpretações são constantemente revisitadas em função de arquivos, documentação, abordagens, distanciamento no tempo etc. Integra, assim, o processo de produção do conhecimento. Por meio das revisões, o conhecimento atualiza-se e se desenvolve. (ROLLEMBERG; CORDEIRO, 2021, p. 58-78)

A Brasil Paralelo, por exemplo, tenta adotar em seu discurso a retórica da revisão histórica para chancelar suas obras no meio intelectual. Não raro em seu site frases como "o título de revisionista não deve jamais causar espanto" (BRASIL PARALELO, 2022) surgem quando a produtora é acusada de revisionismo histórico pela academia. Os correligionários da produtora, a própria empresa e seus fundadores defendem-se afirmando que:

> essa crítica de revisionistas é uma não crítica. Toda corrente historiográfica revisa o que outras correntes definiram como verdade histórica. Por isso é uma crítica boba, porque a história está sempre em revisão. Só que a Brasil Paralelo e outros que hoje atuam no Brasil tentando resgatar nosso passado naquilo que ele teve de formalidade superior, o que esses grupos fazem é uma revisão saudável e necessária. É a revisão dos escombros em que nos atiraram. (BRASIL PARALELO, 2022)

Vimos no trabalho seminal de Rollemberg e Cordeiro (2021) que o revisionismo através de revisão histórica, é uma ferramenta natural da pesquisa histórica, longe de atributos depreciativos. Porém, diferentemente do que a Brasil Paralelo prega, suas produções estão longe do conceito das duas professoras. A empresa não utiliza diversos mecanismos teórico-metodológicos que caracterizam e legitimam este tipo de revisão como um processo imprescindível do fazer histórico. O comumente uso irrestrito de comentários de inúmeras personalidades com apenas um viés político-ideológico, a irrisória consulta a historiadores, além do raso trabalho com fontes históricas que possam trazer nova munição científica às discussões propostas, dão o tom das superficiais produções da empresa que erguem proeminentes silenciamentos históricos em suas obras, caso especial para "1964 – Brasil entre armas e livros" (BRASIL PARALELO, 2019). O pesquisador Arthur Lima de Ávila (2021), complementa a análise ao se referir sobre as obras da empresa, ressaltando que o *modus operandi* dos seus documentários baseia-se em larga escala nas

> memórias individuais dos acontecimentos, sem matizações ou ponderações de quaisquer tipos, como, por exemplo, a apresentação de recordações contrárias,

> outras interpretações historiográficas ou provas documentais capazes de sustentar a (suposta) explicação causal - o apagamento simbólico das vítimas na obra repete a sua eliminação física num paralelismo revelador. O resultado, observa o cineasta Eduardo Escorel (2019), é "uma mixórdia resultante da junção de um conjunto heterogêneo de recursos de linguagem gastos, a serviço da tentativa de demonstrar uma tese enunciada no final do vídeo.

Trazendo luz a esse debate, recorreremos à seminal obra "Introdução à História" de Marc Bloch (1976). No que se refere ao trabalho do historiador e das suas produções, quem considera que a ele cabe apenas andar na superfície dos testemunhos e dos fenômenos, sem a responsabilidade de os examinar em todas as vertentes, claramente erra em julgar o seu ofício. Na retaguarda do conhecimento histórico está uma pluralidade de técnicas de investigação e de investimento multidisciplinar, com o claro auxílio das fontes em um método inquisitivo, atento, hesitante, suspeito e contestatário. Ou seja, requisitos mínimos do fazer histórico que a produtora certamente não realiza, e que parece esvaziar ao fazer campanhas contrárias com "recorrentes ataques contra historiadores e profissionais da educação, bem como contra as instituições formais de ensino e pesquisa, como escolas e universidades" (NICOLAZZI, 2023) para propagar seus intentos. Assim, na concepção deste trabalho,

1º) cede aos desejos desses setores radicalizados, como vimos, quem acusa a produtora digital de ser revisionista em virtude da importância do processo do revisionismo, como vimos, ao ser uma prática imprescindível do fazer histórico, coisa que a produtora certamente não faz, apesar de autointitular-se.

2º) Erra também a própria empresa ao se defender publicamente autointitulando-se revisionista ou defendendo o seu revisionismo histórico, pois certamente não o faz em suas obras, em virtude dos inúmeros silenciamentos e omissões observados, a partir do prisma de que narrativas construídas a partir de opiniões ideológicas podem se equiparar ao exame das fontes históricas.

Tomemos como exemplo novamente "Brasil - A última cruzada" (BRASIL PARALELO, 2017). Ali encontra-se uma ideia monárquica, europeia, concentrada na exaltação dos grandes homens, sob um superficial pretexto de revisão da história do Brasil, condenando a historiografia oficial pois esta estaria estreitamente ligada a uma hegemonia marxista. Porém, erros graves de apagamento histórico são cometidos ao longo da série. Flagrantemente a obra omite as ações de outros atores sociais dentro da complexa trajetória social do país, desembocando sim em negação histórica e não em uma revisão. Um desacerto grave, que fragiliza a obra, já que o revisionismo proposto pela produtora carece de "iniciativas de revisar interpretações de fatos e processos passados" (ROLLEMBERG; CORDEIRO, 2021, p.61) ao

dissimular justamente diversos desses fatos e processos históricos na obra. Neste quadro, o jornalista Pedro Dória, do canal MEIO, no *Youtube*, reflete sobre esse movimento de apagamento histórico em torno de alguns produtos da empresa:

> Porque que a turma do Brasil Paralelo fala em "apagar" a tradição? O que é essa nova identidade nacional da qual eles reclamam? É uma identidade onde a família bragança não está no centro, e sim, é por isso que o foco da leitura histórica mudou. [...] A história do Brasil não é a história da família Bragança, pois houve a Conjuração Mineira, a Revolta dos Alfaiates, houve a Confederação do Equador. [...] essa máquina que trabalha para construir uma história paralela do Brasil ela não nega sua intenção, não é incrível que terminem um vídeo, dizendo "olha aqui uma história pode ser editada!" (DÓRIA, 2023, 6 min 35 seg)

Veremos que erros semelhantes também vão ocorrer em documentários que virão a ser analisados posteriormente, como "1964 - Brasil entre armas e livros" (BRASIL PARALELO, 2017). A pesquisadora Rosenilde Alves de Lima (2021) ao analisar o silêncio histórico dessas produções afirma que

> na história, o silenciamento deve ser interpretado como uma escolha política. Nesse sentido, a escolha pelo silenciamento por parte do Brasil Paralelo está deliberadamente comprometida com a negação de direitos a diversos extratos sociais que vêm ocupando novos espaços e conquistando uma série de demandas políticas na vida pública nacional, inclusive, elaborando suas próprias narrativas históricas. (LIMA, 2021, p. 92)

Traverso (2007) iluminando este debate, também salienta os termos defendidos por esta dissertação. O conceito deste autor em torno da ideia de revisionismo é similar ao de Rollemberg e Cordeiro (2021), ou seja, consideramos o revisionismo historiográfico aquele que é preocupado com critérios teórico-metodológicos e que trata da possibilidade de inovações em uma área de estudos ou atualizações referentes a novas abordagens ou fontes. Porém, a banalização do termo revisionismo através do seu emprego como um uso político do passado (NICOLAZZI, 2021), ficou conceitualmente mais associada a uma visão pejorativa e isso ganhou eco na academia. Daí a percepção das variedades semânticas que esta ideia alcançou ao longo do tempo. A título de exemplo, respeitosamente, citaremos algumas:

Segundo os historiadores Ícaro Batista Silva e José Gledison Costa Pinheiro (2019, p. 05) "ao ultrapassar as barreiras ético-política do fazer histórico, as visões revisionistas da história assumem uma conotação negativa, apresentando o seu objetivo político subjacente à um "dever de verdade'' frente ao passado estudado". Nesta mesma linha, o professor Demian Melo (2014, p.19) na obra "A miséria da historiografia: uma crítica ao revisionismo contemporâneo" analisa este movimento através do conceito de "revisionismo apologético" pois "em contexto hermenêuticos recentes, o termo revisionismo apareceu como forma de

crítica a certas abordagens, principalmente em razão de suas tendências apologéticas (e/ou reacionárias)". A título de exemplo, outra nomenclatura encontrada para essa discussão é a do "revisionismo ideológico" defendida por Zarotti (2023) ao incorporar o conceito trazido por Marcos Napolitano e Mary Anne Junqueira (2021) debatido na obra "Negacionismos e Revisionismos: o conhecimento histórico sob ameaça", sendo uma abordagem com motivações exclusivamente voltadas para a luta política, diferenciando-se de movimentos de revisão e crítica intrínsecos à dinâmica da disciplina histórica. (NAPOLITANO, 2023). Veremos também, uma outra grande quantidade de trabalhos acadêmicos que tratam este fenômeno como negacionista e revisionista ao mesmo tempo, tratando estes dois conceitos como sinônimos.

Sabemos que ainda existe uma fronteira sensível entre o que é negacionismo e o que é revisionismo. A amostragem que fizemos observando os conceitos de "revisionismo ideológico", "revisionismo ético" ou puramente "revisionismo histórico" para aquilo que na verdade está alinhado a algumas práticas negacionistas é um exemplo. Entretanto, concordamos com Carolina Silveira Bauer (2022), quando a pesquisadora mostra certa preocupação com conceitos utilizados no campo da história como desinformação ou revisionismo, pois de uma certa forma eles são termos neutralizadores do impacto que temos que conferir quando uma realidade está sendo negada. Dando uma proporção de gravidade maior à análise. Portanto, neste trabalho não vinculamos esse tipo de prática ao revisionismo histórico, e sim ao negacionismo. Segundo Bauer (2022, 7 min 32 seg), este último fenômeno tem como base

> o uso da negação como estratégia de regimes ditatoriais, genocidas e terroristas de esquecer e silenciar sobre suas práticas ou ainda de grupos políticos, incluindo certos intelectuais e historiadores profissionais para legitimar certa leitura do passado passado [...] o negacionismo histórico não envolve somente a negação pura e simples de um fato, mas envolve atos deliberados de: conspiração, distorção, falseamento, manipulação, mentira, mitificação, omissão e imprecisão. Além disso, essa forma de negacionismo pode ser usada como um mecanismo de defesa psicológico para aliviar a ansiedade gerada por uma realidade difícil.

Ávila (2019) contribui afirmando que os negacionismos

> apagam, silenciam e ocultam a facticidade dos passados que geraram nossos presentes, mas também porque impõem sentidos únicos e autoritários para a história e a vida – o pior dos mundos. [...] Não é surpresa que negacionistas de todos os tipos transformem suas empreitadas intelectuais em verdadeiras cruzadas políticas, quase apocalípticas, porque, ao fim e ao cabo, é disso que se trata: de expulsar do horizonte político e intelectual quaisquer contestações, sempre associadas a conspirações e doutrinações diversas, às suas narrativas

Já dentro do âmbito da discussão sobre negacionismo e revisionismo, Rollemberg e Cordeiro (2021, p. 61-77) conceituam o negacionismo sendo

> funesto e obscurantista, a própria negação da História [...] O apego ao termo revisionismo também se explica pelo fato de os negacionistas se dizerem revisionistas, para dourar o status de sua argumentação, alegando que ofereciam uma revisão [...] assumir, portanto, que termos como revisionismo e negacionismo possam ser utilizados como sinônimos não deixa de ser uma forma de ceder às ambições de cientificidade e demanda por respaldo acadêmico de notórios negacionistas

Assim, alinhada as falas acima, esta dissertação considerará, portanto, a importante distinção dos dois conceitos, adotando o negacionismo histórico como uma característica preponderante da narrativa de histórias sensíveis de grupos de ultradireita no país na *web*, a exemplo da Brasil Paralelo com sua análise sobre a Ditadura Civil-Militar de 1964. Tomaremos este partido inclusive para evitarmos maiores confusões conceituais com as variadas vertentes já elencadas nesta dissertação de revisionismo que podemos encontrar na academia. Nesta lógica, Nicolazzi (2023) afirma:

> considerar as produções de história da Brasil Paralelo como produtos que fazem parte do *modus operandi* do negacionismo contemporâneo não significa supor que aquilo do que se trata é simplesmente da negação de fatos históricos. Embora haja ali distorções e falseamentos flagrantes, a situação é um tanto mais complexa, na medida em que se trata de negar, inclusive, a própria legitimidade do conhecimento histórico cientificamente conduzido, bem como de seus praticantes, como discurso autorizado sobre a realidade. Como salientado acima, os recorrentes ataques aos professores, pesquisadores e às instituições formais de ensino e pesquisa têm por objetivo justamente fundamentar este trabalho de negação.

A título de exemplo e para fins de definição, adotaremos também as mesmas observações feitas por Moraes (2014) ao analisar o negacionismo histórico a partir da obra seminal do pesquisador egípcio Henry Rousso (1987), que foi um dos principais intelectuais, na década de 1970 e 1980, a trazer o termo negacionismo em substituição ao conceito de revisionismo histórico através do universo de características que trouxemos nas linhas acima. Inclusive, rememorar a obra de Rousso (1987) nos influencia a debater de maneira mais extensa o conceito de negacionismo a partir da ótica de sua construção histórica como conceito. Inclusive, Nicolazzi (2023) faz uma consideração importante, no que se refere os silenciamentos praticados pela empresa em termos de operação e de camadas de negação alcançados. Apesar da maioria dos trabalhos negacionistas do passado também utilizarem um verniz revisionista, o atual fenômeno realizado pela produtora "é distinto daquele com o qual (e contra o qual) diversos historiadores tiveram que lidar a partir da década de 1970".

A fala de Fernando Nicolazzi é um convite para que observemos o comportamento do negacionismo histórico ao longo do tempo e que consideremos as diferenças entre este fenômeno no passado e na atualidade. Este trabalho de remontagem nos trará importantes pistas

de suas mudanças em termos de atores e ações que desaguaram no atual fenômeno que investigamos. Por isso, iluminar eventos que precederam os atuais discursos negacionistas é tão importante, visto que neste movimento teremos pistas de rupturas ou permanências que hoje ajudam a caracterizar tais falas. Para isso faremos o estudo de dois casos específicos e apresentaremos alguns apontamentos sobre outros fatos importantes.

2.2 DO "CASO FAURISSON" ATÉ A BRASIL PARALELO: PERMANÊNCIAS E RUPTURAS

Em termos de contextualização, a discussão mais profunda em torno do negacionismo histórico é relativamente atual, inicia-se principalmente nas décadas de 1970 e 1980, geralmente atrelada a temas históricos sensíveis, apesar da presença de pequenos ecos mais simples ao longo de tempos mais distantes como frisa Nicolazzi (2016) ao citar, por exemplo, as alegações de Tucídides que via em Heródoto um historiador muito mais preocupado em satisfazer o público em suas atividades do que propriamente alguém preocupado em contar verdades, por exemplo. Porém, serão em torno de temáticas mais atuais como a do holocausto judeu na Segunda Guerra Mundial que o pensamento em torno do negacionismo será melhor analisado e combatido por alguns autores e amplamente explorado por negacionistas que se autointitulavam revisionistas na segunda metade do século XX. A título de exemplo, citaremos alguns casos.

O historiador Pierre Vidal-Naquet (1988) exemplificou estes fatos ao escrever a obra "Assassinos da Memória", onde discutiu e autopsiou diversos elementos até então recentes que retratavam as falsificações de grupos que pretendiam negar a existência do holocausto. O historiador observou que pressupostos teóricos-metodológicos no seio da narrativa negacionista passavam longe de um rigor metodológico e da seriedade acadêmica, caracterizando elementos foliculários, utilizando mentiras para sombrear evidências claras. Se hoje, a autoria de negacionismos históricos digitais é muito mais difusa, tamanha a rede estabelecida por parte da extrema-direita perante o tema na *world wide web*, no recorte do século XX, o irradiar de ideias nesse sentido estava muito mais atrelada a mentes nas mais diversas universidades da Europa. Apesar do pequeno distanciamento do tempo em relação ao grande conflito mundial, alguns intelectuais no intuito de apresentar "verdades ocultas" sobre a guerra, usavam visões político-ideológicas para elaborar diversas negações históricas, principalmente no ocidente europeu. Rousso (2016) no artigo "As raízes da negação do holocausto na França" afirma que

> Se houve acadêmicos acusados em outros países por fatos semelhantes, a França inquestionavelmente supera o questionamento direto da Universidade como tal: a maioria dos episódios listados acima diz respeito a ela, [...] acadêmicos que usaram seu título para propagar teses negacionistas. (ROUSSO, 2016, p. 14)

Um exemplo importante a ser analisado dentro desta conjuntura francesa é o "caso Faurisson". Sob o verniz da "revisão histórica" para alavancar suas teses negacionistas, Robert Faurisson, professor de literatura da Universidade de Lyon, na França, nos anos 1970, defendeu artigos neste âmbito, sendo o mais conhecido publicado no Jornal *Le Monde* negando a existência das câmaras de gás no extermínio judeu entre 1939 e 1945 (ROUSSO, 2016), o *"Le Problème des chambres à gaz, ou la rumeur d'Auschwitz"*[6]. Faurisson negou a brutalidade dessas armas nazistas durante o holocausto anos a fio, mesmo com suas afirmações não possuindo alguma evidência científica. As atenuantes históricas serão condições intrínsecas até hoje do negacionismo histórico. Até o artigo do *Le Monde*, as discussões sobre temas sensíveis geralmente ficavam confinadas apenas a círculos acadêmicos, sendo a França, um território proeminente para essas ideias no período. Porém o "caso Faurisson" gera um marco importante de publicidade para esse tipo de "cripto-história", ou seja, uma história ligada às conspirações (ROUSSO, 2016). Durante esse mesmo período, após esse caso, inúmeras pessoas ligadas ao professor ou que possuíam alguma afinidade ideológica se viram contempladas tamanha a repercussão dada ao artigo, causando mobilização através de um uso afetivo do passado (NICOLAZZI, 2023). Através desse exemplo, inclusive, observaremos grandes similitudes com as movimentações que o filósofo Olavo de Carvalho fazia no Brasil até antes da sua morte em 2022.

A mobilização crescente em torno de Carvalho, que também não possuía titulações pela academia em história como Faurisson, após anos de publicações e contribuição editorial ajudou a delinear o arquétipo da "cripto-história" à brasileira, expandindo seu legado. Dedutivamente, a pesquisa feita por Rousso (2016) nos liga aos dois episódios, em virtude dos atores orbitarem suas argumentações em torno do uso da história para impor preceitos político-ideológicos, por também terem aberturas em veículos midiáticos e criarem seguidores:

> Se a extrema-direita francesa se mostrou sensível às ideias desenvolvidas por Robert Faurisson nos anos 1970, não foi por serem novas ou originais em substância – desde 1945, os argumentos pouco mudaram –, mas porque desenvolveram uma argumentação pseudocientífica, diferente dos textos mais "políticos" de Bardèche ou Rassinier. Oferecia-se, assim, a oportunidade de retirar essas teses da semi-clandestinidade em que evoluíam e implantá-las em

[6] Em tradução: "O Problema das câmaras de gás, ou o rumor de Auschwitz" (*Le Monde*, 1978)

> outra escala: a ilusão de que pode haver uma base científica para a ideologia (ROUSSO, 2016, p. 14)

Identificar algumas dessas raízes do negacionismo histórico e a relação com a sua amplificação atual é de vital importância, pois o que observamos é a maximização desses termos nas mídias digitais principalmente nos últimos 20 anos. Se na década de 1970, no "caso Faurisson" um jornal de grande circulação europeu serviu de fio condutor para uma visão panfletária da história, hoje serão as inúmeras veredas internéticas que vão acelerar e popularizar essas narrativas em outro patamar de alcance. O processo algorítmico da *world wide web* inclusive marcará um processo diferente nesse diálogo negacionista. Se na década de 1970 observamos essas ideias mais diluídas na ainda confinada interação entre acadêmicos e seus pares, serão as mídias digitais nos tempos atuais que permitirão que qualquer internauta com as mais diferentes intenções produza e divulgue negacionismos, sendo o debate sobre autoria, inclusive, um elemento chave. Os pesquisadores Karina Oliveira Brito e Osvaldo (2021), analisam que:

> Em seu conjunto de ensaios, Naquet (1988), apesar de fazer referência ao negacionismo do Holocausto, anuncia o que parece ser uma característica do negacionismo próprio da alt-history, o uso de estudos pseudocientíficos e pseudocríticos como forma de dar credibilidade à falsidade. Nessa tentativa de dar credibilidade ao movimento negacionista, houve até a intenção de sequestro do conceito de revisionismo como elemento legitimador (TRAVERSO, 2012). No entanto, podemos dizer que há uma novidade no negacionismo difundido pela alt-right por meio da alt-history, a velocidade de sua propagação em decorrência da cultura digital. (BRITO; JÚNIOR, 2021 p. 241)

Foi justamente em torno dos estudos pseudocientíficos indicados acima por Brito e Júnior (2021), por exemplo, que o autor inglês negacionista David Irving teve sua fama catapultada antes da era digital. Na década de 1990, o escritor travou um conhecido processo judicial contra a autora Deborah Lipstadt, visto que a pesquisadora ao examinar as fontes da obra de Irving, *Hitler's War*[7] (1977, 1991), no livro *Dening the Holocaust: The Growing Assault on Truth and Memory*[8] (1993), observou diversas incongruências entre a versão do ano de 1977 e 1991. Deturpações e especulações na relação daquilo que os documentos à época do holocausto traziam e a narrativa construída por Irving. David em *Hitlers's War* (1991) nega a existência de campos de concentração e insinua que Hitler "não sabia da solução final, e quando soube tentou evitá-la; nenhuma pessoa foi executada nos campos de extermínio nazistas e, por fim, o que conhecemos como Holocausto não aconteceu", como rememora o pesquisador

[7] Em tradução: "A Guerra de Hitler"

[8] Em tradução: "Negando o Holocausto - O Crescente Ataque à Verdade e à Memória"

Wallace Guilherme Soares de Brito (2021) no artigo “Historiografia e Negação do Holocausto: o caso Lipstadt vs. Irving”. As mudanças de narrativa entre as duas versões do livro de Irving têm como explicação a recepção do Relatório Leuchter pelo autor em sua obra. Este relatório pseudocientífico tinha como objetivo minimizar o poder destrutivo das câmaras de gás através do exame da presença do Zyklon B pelo americano Fred A. Leuchter, sujeito que não possuía capacidade para tal movimento. Este experimento inclusive também foi chancelado por Robert Faurisson, anteriormente analisado neste trabalho.

Ao ser intitulado de negacionista, com razão, na obra de Lipstadt (1993), Irving acionou a autora judicialmente, porém perdeu a ação. É bem claro que a vontade pessoal de Irving, “por suas próprias razões ideológicas” (THE GUARDIAN, 2000), em negar a história através das deturpações de fontes, insere nesse cálculo do negacionismo duas razões: a político-ideológica, além da esfera lucrativa.

Irving apesar de se deparar com uma dívida judicial de 3 milhões de libras e o desprezo da área acadêmica ao perder o processo, vendeu ao longo da carreira milhares de cópias dos seus mais de 30 livros, a ponto de tornar *Hitler´s War* (1977, 1991) um *Best Seller*. Viajou o mundo divulgando palestras, nas quais proferia o antissemitismo e mesmo após a perda da batalha judicial com Lipstadt, manteve milhões de defensores ativos. Peculiaridades que sobrevivem até hoje, com a produção e divulgação de obras que cobram silenciamentos ou apagamentos históricos. O jornalista Ivan Lessa caracterizou, no ano 2000, esse aspecto em reportagem ao site da *British Broadcasting Corporation*, a BBC, ao afirmar que no período, David

> respondeu como pôde às perguntas agressivas que já se tornam de praxe [...] o site dele na Net, de ontem para hoje, sofreu (se é esse o verbo) mais de 4 mil hits e ele passou a noite lendo mensagens eletrônicas demonstrando solidariedade e espanto diante do revés sofrido (LESSA, 2000)

Citamos o “caso Faurisson” e o “caso Irving vs Lipstadt”, pois o que se observa é que o processo que envolve o negacionismo histórico é de ampla evolução. Se antes o grande tema que envolvia esse movimento circundava o Holocausto, em uma outra conjuntura da extrema-direita no século passado, com o passar dos anos pôde-se observar uma diversificação de narrativas, de correntes políticas e modos de alcance fisi-digitais.

> Ainda que o negacionismo histórico não seja uma novidade, ele deixou de estar circunscrito a grupelhos extremistas, sobretudo de negadores da *Shoah*, e tornou-se presença recorrente no debate público. Da romantização do colonialismo à minimização da escravidão no Ocidente, passando pela reabilitação de regimes autoritários diversos, pouco foi intocado por essas operações de normalização do negacionismo, inclusive no Brasil. (ÁVILA, 2021)

Para fins de exemplo, omite quem avalia também o processo do negacionismo histórico como produto apenas de extremismos à direita pelo mundo, apesar dessa corrente política exercer para si o seu majoritário uso. Apesar de não ser uma característica inerente ao Brasil, vale citar, por exemplo, que o pólo diametralmente oposto à ultradireita no cenário político-ideológico, a extrema-esquerda, tem sim também suas contribuições para o crescimento desse processo nos últimos anos pelo mundo. A extrema-direita no país monopoliza esse tipo de narrativa histórica falsificadora por sua tenaz ortodoxia principalmente nas redes digitais, mas isso não eximiu grupos com inclinações contrárias a utilizar falseamentos com o intuito de normalizar processos. Neste quadro,

> se o negacionismo e a trivialização – ou banalização – do crime estão ligados ao surgimento ou ressurgimento das direitas radicais – plurais, lembremos – não lhes são exclusivas. A diversidade das formas de negação da história, algumas delas aqui abordadas, também dizem respeito a uma extrema esquerda que instrumentaliza a polêmica em seu combate aos EUA e ao Estado de Israel. (ROLLEMBERG; CORDEIRO, p. 92-93, 2021)

Complementando a ideia de Rollemberg e Cordeiro, temos o caso que introduzimos logo no início da dissertação que é o da Venezuela. Seu presidente Nicolás Maduro sempre que possível nega diversas questões no que tange os direitos humanos em seu país. Suas declarações recheadas de eufemismos quanto ao difícil processo econômico e político no país que já dura mais de uma década e que gerou um forte êxodo da população venezuelana em direção aos seus vizinhos regionais, dá mostras das diferentes faces político-ideológicas que o negacionismo histórico pode ter pelo mundo. Logo, dedutivamente, podemos entender que o crescimento do fenômeno negacionista ao longo dos anos está também intimamente ligado a situações de instabilidade política, social ou econômica que costumam fortalecer correntes que emolduram negações através de elementos conspiratórios e persecutórios na arena de discussões para se achar culpados ou inverter ônus de causas, como indica a historiadora Lillia Schwarcz quando entrevistada em artigo do "O Globo" pela jornalista Janaína Figueiredo (2020) sobre as atitudes de Maduro na Venezuela.

Nesta lógica, no que se refere o caso brasileiro, quando observamos a turbulenta questão nacional, pautada na instabilidade política, social e econômica, que massificou o extremismo à direita a partir de 2013, um ecossistema negacionista altamente sustentável é perceptível. A metáfora biológica é adequada, pois ao observarmos a cadeia de eventos em torno deste fenômeno, teremos com inúmeras páginas ou sites que contribuem com essa conjuntura, caso da Brasil Paralelo, uma alimentação necessária para a popularização de diversos atores que fazem parte do topo deste processo, tornando este ciclo uma hermética atividade que elevou ao

poder um político que enfatizou negacionismos históricos, como Jair Bolsonaro, e deu fama a um ensaísta que inverteu por anos, propositadamente em suas aulas na internet, o espectro político do processo nazifascista, como Olavo de Carvalho. E a correspondência mútua também é verdadeira, já que esses atores e seus seguidores apoiaram produções nessa esfera político-ideológica na internet, fechando um circuito.

Figura 7 - A relação entre o "olavismo" e as produções da Brasil Paralelo



Fonte: Portal Agência Pública . Acesso: 21.01.2024

A presença desta relação propaga e acentua efeitos colaterais na sociedade. E o crescimento exponencial de alguns números no presente tempo ajudam a evidenciar isso. A professora drª. Sônia Meneses, referência na pesquisa sobre o tema negacionismo no Brasil, analisa dentro de um recorte histórico que a primeira menção sobre este fenômeno é de 1993, no Jornal Folha de São Paulo. Ademais, a professora durante a sua pesquisa observou que do ano citado até 2019, cerca de 72 matérias sobre negacionismo foram realizadas em jornais de grande circulação do país, majoritariamente sobre assuntos que não se referiam ao Brasil, por exemplo, sobre o holocausto judeu. Contudo, somente em 2020, 98 matérias foram realizadas sobre outros tipos de negacionismo já presentes no país, indicando uma epidemia falsificadora (MENESES, 2021) promovida principalmente por essa relação entre grupos da extrema-direita

nacional e o negacionismo. Nesse sentido, tornou-se cada vez mais prosaico ouvir declarações extremamente duvidosas nas humanidades, a citar:

> "Isso tem a ver com o que eu digo que fascismo e nazismo são fenômenos de esquerda." (EXAME, 2019) ou "O português nem pisava na África. Foram os próprios negros que entregavam os escravos" (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018); e ainda 'Vamos colocar a coisa da seguinte forma: em primeiro lugar eu discordo do termo "ditadura" para o período dos presidentes militares' (EXAME, 2019). (ZAROTTI, 2023 p.294)

Inserido neste quadro epidêmico, encontra-se a polêmica produção "1964: O Brasil entre armas e livros" da Brasil Paralelo (BRASIL PARALELO, 2017), no *Youtube* e *Streaming* da produtora audiovisual. Segundo a pesquisadora Tatiana Silva Poggi (2020), um dos pontos de argumento do filme apoia-se em um suposto amparo generalizado da sociedade à ditadura em contraponto a uma latente ditadura comunista a ser imposta no país, porém

> não considerando as estratificações sociais, interesses de classe e legitimando o discurso de que era necessário proteger o país de uma suposta ameaça comunista. Não considera as estratificações sociais, os grupos de poder e ainda aqueles que se beneficiaram daquele regime. Também não critica o discurso que se apoia em uma doutrina de segurança nacional em vista de ameaça comunista (POGGI, 2020).

Complementando a análise de Poggi (2020), Ávila (2021) aponta que

> pela ótica da película, temos uma inversão: a democracia seria, em realidade, uma ditadura mascarada, controlada por comunistas, e a ditadura seria uma democracia, porque teria "libertado" o país de seus inimigos e controlado a "ameaça vermelha". De uma quartelada antidemocrática, o golpe de 1964 passa a ser um acontecimento redentor (a repetição do linguajar dos golpistas é, vê-se, recorrente no filme) e providencial. Quem se opôs à derrubada de João Goulart é reduzido à categoria (fetiche para os neoautoritários) de "corrupto". O documentário figura o período entre 1964 e 1968 como um episódio razoavelmente democrático, com especial atenção (e carinho!) à eleição indireta de Castelo Branco. Apesar de ter sido possível somente pela derrocada ilegal de Jango, ela é transformada em um episódio de congraçamento democrático e de "renascimento" do país (ÁVILA, 2021)

Nas falas acima de Poggi (2020) e Ávila (2021), percebemos um ponto importante de intersecção com o exame de Nicolazzi (2023) sobre a operação das obras da Brasil Paralelo. Diferentemente do negacionismo que vimos no início dessa seção apontado em décadas passadas por figuras como Robert Faurisson e David Irving, que negavam abertamente fatos históricos incontestáveis, a nova onda negacionista amplia este fenômeno recepcionando a "conspiração, distorção, falseamento, manipulação, mentira, mitificação, omissão e imprecisão" (BAUER, 2022), inserindo-se

> a partir de algumas sutilezas técnicas que não fazem de seus discursos uma simples mentira ou negação factual do passado. O procedimento é um tanto mais complexo. Como já sugeriu Arthur Lima de Avila, "suas operações

> devem, nesse momento, dar-se no nível da representação que *falseia* a história sem, porém, negar os acontecimentos aos quais se refere". Em termos de seu *modus operandi*, trata-se, portanto, de um negacionismo histórico distinto daquele com o qual (e contra o qual) diversos historiadores tiveram que lidar a partir da década de 1970 (NICOLAZZI, 2023).

O exame de possíveis permanências e sutis diferenças em torno da expressão negacionista ao longo do tempo foi importante pois fez com que analisemos como essa nova camada da negação avaliada por Nicolazzi (2023), em especial sobre o último período ditatorial no país, popularizou-se de maneira peculiar se comparada a outras experiências de natureza negacionista em momentos pretéritos pelo mundo. A necessidade de rememorar exemplos como "Faurisson" e "Irving vs Lipstadt" revelou certas permanências em torno de uma "carapaça" de legitimidade ao observamos o verniz "revisionista" que os movimentos negacionistas tiveram ao longo do tempo, mesmo que a forma como seu conteúdo vem sendo disseminado sobretudo tenha sido alvo de mutações desde a década de 1970, ao observarmos novos métodos, atores político-ideológicos e vias de circulação.

Entretanto, vale citarmos mais alguns fatores que contribuíram para o crescimento exponencial deste fenômeno, principalmente no debate público digital, que merecem a nossa atenção. Pontuamos mais algumas características, abaixo.

2.3 SOBRE A EXPANSÃO DO NEGACIONISMO HISTÓRICO-DIGITAL NA ATUALIDADE: ALGUNS OUTROS PONTOS

Evidentemente, quando nos referimos ao crescimento do negacionismo histórico-digital no país, devemos pontuar o papel das redes de compartilhamento para esse difícil quadro. As movimentações em torno dessas modalidades de comunicação social, por exemplo, adicionaram ainda mais combustível na incendiária questão sobre os usos do passado. A popularização desse tipo de narrativa desconstrutivista da história brasileira gerou degradantes feridas no que tange o debate público sobre história, em virtude da poderosa eloquência como esses discursos penetraram nas velozes mídias. Para se ter um exemplo, só em 2018, uma teia com cerca de 1 milhão de grupos de *Whatsapp* foi criada por setores com clara intenção de espalhar desinformação (MENESES, 2021), falseando assuntos diversos, desde que estivessem alinhados à conduta político-ideológica desses grupo. Este fato inclusive é bem retratado em algumas histórias na série da *Globoplay* "Extremistas.br" (GLOBO, 2022). Uma grande expressão desse recorte dos compartilhamentos, por exemplo, é o uso dos memes. Estas montagens que utilizam textos e ilustrações de maneira coligada, na maioria das vezes,

ampliaram o potencial de compartilhamento de ferramentas como *Whatsapp* e *Telegram.* Geralmente, este movimento mostra a capacidade que esse tipo de discurso possui em obter formas mais despojadas, expressando rapidamente junto a sua efetividade, alguns tons de ironia em um formato de rápida visualização e entendimento. Segundo os pesquisadores Afonso Albuquerque e Rodrigo Quinan, o sucesso dos memes se justifica por facilitarem o apagamento dos

> traços de autoria e liderança por detrás dos produtos da cultura digital e, portanto, dão a eles um caráter "radicalmente democrático" e "espontâneo". Não menos importante, a sua "ambiguidade humorística" é particularmente relevante para a agenda da extrema-direita. Muito antes dos agentes progressistas, ela fez da "brincadeira política" [...] o seu modus operandi. O humor é um dos principais recursos que permite o double talking operar (Albuquerque; Quinan, 2021, p.18).

No que se refere ao uso deste artigo digital no âmbito do negacionismo na área das humanidades, um meme sobre o último período ditatorial ficou muito famoso e está representado pela figura 8, idealizado por "grupos a favor do deputado federal Jair Bolsonaro (PSC-RJ) no *WhatsApp* e nas redes sociais para ironizar a forma como a ditadura é apresentada na supersérie "Os Dias Eram Assim", que a Globo estreou no dia 17 de abril" (FOLHA DE SÃO PAULO, 2017), este exemplo memético ironiza a perseguição feita durante a Ditadura a personagens que reconhecidamente foram censurados, exilados ou torturados, no claro intuito de falsear o fato. Ato muito similar a outras manobras da extrema-direita que analisamos ao longo desta dissertação.

Figura 8 - Memes sobre a Ditadura viram brincadeiras na mão de negacionistas



Fonte: Site da Folha de São Paulo. Acesso: 12.11.2023

A popularização dessas formas de falsificação na internet, surgem para cumprir bem a um propósito, o de

> ajudar na materialização de uma conjuntura de deslegitimação, às vezes indireta, do conhecimento científico, de ataques às universidades e de promoção de um "populismo obscurantista" (Grüner, 2002, p. 60) que iguala disparates a interpretações fundamentadas. Não tem sido diferente com as Humanidades, com a historiografia em particular. (ÁVILA, 2021)

Nesta mesma esteira de degradação, surgem os infundados ataques a esta ciência histórica e aos seus docentes, promovidos pela direita radical, onde nitidamente busca-se enfraquecer o obstáculo que o conhecimento científico produz a esses setores. A título de exemplo, a implementação da Lei 13.415/2017, o Novo Ensino Médio, marcando um sucateamento dos componentes curriculares de disciplinas como a História (BRASIL, 2017) é um claro exemplo dessa conjuntura atual que é marcada pela luta em torno do domínio da construção histórica e protagonismo da ultradireita, abrindo fendas irreparáveis ao ensino, aproveitadas por quem já vimos quer que, você, "pare de acreditar em seu professor de história" (BRASIL PARALELO, 2022). Não é surpreendente, que este tipo de reforma que oculta o papel de importância da disciplina remonte a um tratamento parecido dado a História a partir de 1964, com o golpe militar. As professoras da Pontífice Universidade Católica, a PUC, Gabriela Ribeiro de Campos e Maria de Lourdes Gisi observam que esta similaridade entre as reformas tem como influência alguns aspectos que ligam os dois períodos, o ditatorial e o atual, e

> muitas de suas ideologias são uma espécie de retomada daquilo que vivemos entre as décadas de 60 e 80. Os tempos são outros, muitas coisas mudaram, mas muitas raízes se aprofundaram e ganharam força, como visto anteriormente. Assim sendo, elas voltam à tona em governos socialmente conservadores, mas com condutas econômicas fortemente neoliberais. Isso faz com que valores conservadores adormecidos voltem com vigor no seio da sociedade, assim como a lógica mais capitalista possível. Nesse contexto, assim como ao longo de toda a história, a educação configura como um campo extremamente estratégico e é moldada para o alcance dos objetivos traçados. (CAMPOS; GISI, 2019, p.365)

Para além da crise disciplinar perpetrada pelos setores citados, o contexto viral desses discursos "paralelos" que vimos em memes, documentários e perfis na internet tem no efeito "bola de neve" neste ambiente virtual um caráter primordial na relação de sucesso entre negacionismos e a extrema-direita, evidenciando mais um traço do caráter tripartite de ação: O esvaziamento orquestrado do conhecimento científico; a produção de conteúdo negacionista e por fim, a forte organização de uma via de escoamento desses produtos nas mídias.

Com discursos que disputam palmo à palmo, em termos de referência, a preferência do público, em um quadro de ataque à disciplina, vemos, por exemplo, alunos(as) acostumados a entrar em seus *smartphones* ou computadores expostos a "uma verdadeira *mélange* de profissões, contando com "príncipes herdeiros", especuladores financeiros, jornalistas conservadores, diplomatas, *youtubers* de direita, influenciadores digitais, (poucos) historiadores profissionais e ideólogos do bolsonarismo" (ÁVILA, 2023) produzindo conteúdo sobre os mais diversos assuntos, como a Ditadura Civil-Militar de 1964, "devotados à "missão" de mudar a história do Brasil" (ÁVILA, 2023). Observando esta questão, as historiadoras Alessandra Gasparoto e Caroline Silveira Bauer (2021, p.441), na obra "Ensino de História e suas práticas" afirmam que

> é inegável que, nos últimos anos, tenha havido algumas modificações nessas narrativas apologéticas e negacionistas devido a fenômenos interligados entre si, como a web 2.0, as fake news e a pós-verdade, que fizeram com que essas versões tivessem uma difusão e um impacto sem precedentes devido à amplitude e à velocidade do alcance.

Além da aceleração da desinformação e a consequente viralização de um conteúdo no atual cenário digital, outro elemento que serviu de otimização para táticas de negação são os algoritmos digitais de algumas plataformas que possuem "a habilidade de se adaptar ao contexto para o qual foi programado, aprendendo com as interações do usuário e refinando resultados exibidos pelos motores de busca, desenvolvendo um certo tipo de inteligência e independência" (MILL; AQUINO; LIMA. 2021, p.01). Esses mecanismos que no seu início pretendiam se mostrar como uma espécie de curadoria a partir do gosto do internauta, apresentando informações a partir do perfil de busca de quem navega, transformou alguns processos nas mídias digitais e corroborou para o aumento das "bolhas" na internet. Este conceito, segundo o Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI), "propõe que os usuários de Internet sejam expostos a conteúdos que estimulam uma progressiva confirmação de suas convicções e crenças". Um dos efeitos associados ao filtro bolha é o aumento da polarização política" (CGI, 2019, p. 15). Através das "bolhas", a valorização em torno de uma autoafirmação que orbita em predileções sem a chance de observar o contraditório nas mídias, trouxe oportunidade única a um espectro político que justamente busca a obliteração do diferente. Pois,

> temos canais de extrema direita e divulgadores de desinformação que cresceram consideravelmente no youtube [..]. O impulsionamento do sistema algoritmo da plataforma foram determinantes para o crescimento desses canais, como revela a pesquisa realizada pelo Intercept e pelo Manual do Usuário (AMIEL; DINIZ, 2020).

Os espaços criados por algoritmos do *Youtube* e pela "bola de neve" desinformativa formada em canais como *Whatsapp* e *Telegram*, por exemplo, além de fortalecer autoafirmações de internautas mais inclinados a espectros ideológicos radicalizados, cooptou usuários que são menos atentos a verificações. A espetacularização do conteúdo trouxe identidade, porém pouca qualidade a essas produções, além de uma nova perspectiva em torno do que se vincula na internet, buscando muitas vezes na ingenuidade ou na alienação de parte dos consumidores, um alvo. Um internauta menos atento pode cair nas armadilhas de *thumbs* chamativas, em *click baits* sorrateiros ou ter contato com produções que passam por processos de edição e montagem de vídeos ou *posts*, criados para chamar a atenção do (a) usuário. Esse cenário claramente "favorece a manipulação ideológica das ações em rede por aqueles que participam do processo comunicacional sem compreender a lógica de seu funcionamento", afirma a professora da UFMG, Geane Alzamora (2023).

Assim, neste aspecto, esta marcha da desinformação permitiu a Maynard (2011, p.109) algumas reflexões:

> A ocupação do ciberespaço por grupos de extrema-direita progrediu a passos largos graças a desatenção e ao próprio ineditismo das redes telemáticas. Na rapidez dos cliques dos mouses, os neofascistas deixam poucos rastros e seguem em busca dos melhores jovens do mundo. Políticos, Juristas, Intelectuais e diferentes ativistas foram pegos de surpresa, as páginas de intolerância chegaram para ficar? Talvez. O certo mesmo é que ninguém mais está rindo

Olavo de Carvalho foi um dos maiores beneficiários dessa lógica de funcionamento, disseminando suas obras e pensamentos através da propulsão de informação que as mídias proporcionam através das "bolhas de neve" e processo algorítmico das mídias. Personagem que alavancou inúmeros seguidores com seus vídeos e *posts* no *Youtube, Facebook* e *Twitter,* o filósofo acenou para o grande público com um conteúdo que flertava entre o reacionarismo e o conservadorismo político-ideológico. A análise em torno da popularização e replicação de sua obra por seus seguidores é mais uma forma de avaliar a atual transformação do pensamento básico muitas vezes não muito claro do ideário político à direita no Brasil.

Apesar dos limites não muito cristalinos entre as suas inúmeras concepções e seus grandes excessos na internet, a obra do ideólogo não pode ser sintetizada em apenas simples *lives* regadas a muito cigarro e escatologia como pode-se sugerir, já que esta foi uma faceta do final da vida de Carvalho, alavancando uma imagem histriônica aos olhos do grande público. Sua obra transcende a internet, porém teve nesse espaço de divulgação a sua popularização.

Segundo o escritor e pesquisador Jorge Chaloub, Olavo possuía muitas vezes uma relação ambígua, porém muito

> particular [...] com o conservadorismo. Ao mesmo tempo que cultiva ideias mais afinadas com o reacionarismo, distantes das versões mais correntes do ideário conservador moderno e brasileiro, Carvalho é fortemente influenciado pelo conservadorismo norte-americano e construiu sua obra em meio ao convívio com intelectuais como Antonio Paim e Paulo Mercadante, lideranças de perfil semelhante no Brasil. Olavo de Carvalho surge, portanto, como um caminho para refletir sobre os limites e características do conservadorismo, do reacionarismo e da própria ultradireita brasileira. (CHALOUB, p. 78, 2022)

Este lado reacionário do "guru" da direita, espetacularizou o retorno do "perigo" comunista ao fazer paralelos com 1964, e negou elementos da pandemia de Covid-19. Na internet, alguns núcleos mais autoritários acolheram premissas dessa faceta mais dura de Olavo. O falseamento de alguns efeitos da Ditadura Civil-Militar foi um objeto de defesa desses grupos, já que Carvalho sistematicamente normalizava publicamente alguns fatos sobre o período ainda na década de 1990. Na visão do autor

> se houve na história da América Latina um episódio *sui generis*, foi a Revolução de Março (ou, se quiserem, o golpe de abril) de 1964. Numa década em que guerrilhas e atentados espoucavam por toda parte, seqüestros e bombas eram parte do cotidiano e a ascensão do comunismo parecia irresistível, o maior esquema revolucionário já montado pela esquerda neste continente foi desmantelado da noite para o dia e sem qualquer derramamento de sangue. [...] no entanto, a historiografia oficial – repetida *ad nauseam* pelos livros didáticos, pela TV e pelos jornais – consagrou uma visão invertida e caricatural dos acontecimentos, enfatizando até à demência os feitos singulares de violência e omitindo sistematicamente os números comparativos que mostrariam – sem abrandar, é claro, a sua feiúra moral – a sua perfeita inocuidade histórica. (CARVALHO, 1999)

Diversas campanhas na *web*, durante a metade final da década passada, tratavam o autor como um garoto propaganda dos anseios da ultradireita, podemos citar a famigerada *hashtag* "Olavo tem razão", que ultrapassou as fronteiras das mídias digitais e ganhou as ruas em diversas manifestações antidemocráticas pós-2013. Não é incrível que esses posicionamentos político-ideológicos alinhados ao pensamento do escritor tenham sido amplificados, Chaloub (p. 91, 2022) atribui, entre muitas causas desse fenômeno, ao crescimento dos cursos on-line do autor que para atrair mais alunos(as)

> prometia um rápido acesso a todo esse vasto continente desconhecido do pensamento. O caminho era tentador para muitos, que com isso podiam se distinguir do seu entorno e acessar uma teoria que explicava, por chaves conspiracionistas, os mais diversos aspectos da realidade. Em tempos de vertiginoso aumento da quantidade de informação e de grande especialização, o autor oferecia uma explicação geral, que articulava a suposta miséria da realidade brasileira a uma grande narrativa que pretendia expor não apenas as

> verdades ocultas da geopolítica mundial, mas os descaminhos do próprio projeto moderno.

Para além dos alunos(as) citados por Chaloub (2022), empresas do ramo audiovisual com grande exposição, como a Brasil Paralelo, tornaram-se tentáculos desse pensamento olavista, impulsionando ainda mais a figura do escritor ao grande público. Inclusive, Olavo fez participações em algumas dessas produções. Por exemplo, em um conteúdo no canal da empresa, no que se refere a Ditadura Civil-Militar, Carvalho (2017) afirma, entre outras questões, que os intelectuais de esquerda dominavam as principais publicações brasileiras durante o período ditatorial. O autor em seu comentário não traz à tona nenhuma fonte histórica sobre esse assunto, ou ilumina nenhuma obra sobre esse período, aliás, seria de se estranhar caso isso ocorresse, pois o esvaziamento da historiografia sobre o tema, como vimos, é ponto fundamental do seu pensamento. Olavo afirmou em "1964 - Brasil entre Armas e Livros" (BRASIL PARALELO, 2017) que

> "eles" dominaram tudo, tudo, não havia um publicação de direita, nada. Zero. Falavam que havia editoriais de direita. Por exemplo, cheguei a ler editorial do O Globo que era frequentemente a favor do governo e contra a esquerda, mas só o editorial, um "espacinho" que era dado pelo dono do jornal. "Aqui você pode escrever o que você quiser". O resto mandamos nós.

Além do *Youtube* e de outras redes sociais, a criação de mais um suporte de interlocução da teia olavista, os *Streamings*, alavancou perante a grande audiência da internet esse tipo de narrativa, por exemplo, que nega o uso da censura pelo aparelho de estado durante a Ditadura, fazendo dessas produções um caminho rentável para o falseamento histórico, como analisa o professor, historiador e *youtuber* Ian Neves (2022). A Brasil Paralelo mostrou-se atenta ao atrelar o seu modo de distribuição de documentários, ao que se faz hoje em dia em obras cinematográficas, conseguindo aglutinar uma grande quantidade de seguidores, ao mesmo tempo que capitaliza suas atividades. Inclusive, o seu espaço offline foi ampliado durante o último governo a partir da veiculação de produções da produtora em canais a cabo como a "TV Escola" sob o pretexto do "maior resgate histórico" já produzido no país. (ESTADO DE SÃO PAULO, 2019), aumentando sua área de influência.

Ao observarmos a penetração dessas produções atualmente, evidentemente percebemos o nível de avanço que esses grupos alcançaram nos últimos tempos em termos de logística, parceiros e produção. Atrelada a propaganda, a aura espetacularizante em torno dessas obras é um fator comum para chamar atenção do internauta. As chamadas conspiracionistas dão o entendimento que o espectador deixará de ver ou ouvir algo urgente caso não participe da

experiência em vídeo, pois caso contrário continuará sendo enganado por quem não quer contar a "verdade" que se baseia em uma perspectiva singular dessas produções. Por exemplo, quando ouvimos Olavo de Carvalho, afirmar no *teaser* de "1964 - O Brasil entre armas e livros" (BRASIL PARALELO, 2017) que a obra é "a primeira tentativa de averiguar aquilo que se passou em 1964 pelos arquivos do bloco comunista e o que revela é aquilo que sempre soube" (CARVALHO, 2017), entendemos a montagem de um sentido de ineditismo perante a obra e celebração de um pensamento confidencialmente intrigante de Olavo, chamando ainda mais atenção do público. Este *fear mongering*, ou mesmo, o *moral panic* são expedientes notórios desta retórica de quem se apoia em *fake news* ou negacionismos em tempos de pós-verdade. Despertar o alarmismo em troca de apoio a retóricas moralmente questionáveis é um pretexto muito utilizado por essas obras. Essas produções são analisadas pelo Professor Dr. Haroldo Carvalho (2022), o pesquisador afirma que a

> evidência, a crítica teórica e empírica, o debate embasado em produção é somente um detalhe para aqueles que veem na história recente um campo favorável à confusão, daí a banalização do fake, a paridade do negacionismo com a história científica, e ainda pior, a ficção tomada como verdade (CARVALHO, 2022, p. 4).

Este estudo em torno de histórias difíceis, após a consolidação do que vimos ser uma poderosa anatomia negacionista nas mídias, deve gerar em todos nós, agentes da construção conhecimento histórico, uma preocupação na dimensão desses temas pois "para além da sensibilização que a sua abordagem potencializa, as reflexões que oportunizam, justamente por sua complexidade, são fundamentais para a construção do conhecimento histórico" (GASPAROTO; BAUER, 2021, p.443). São nos contornos desse temas como a Ditadura Civil-Militar que o embate de narrativas nas mídias ocorre, e é necessário que professores(as) e pesquisadores(as) utilizem as potenciais discussões decorrentes desses assuntos para buscarem uma posição de vanguarda nessa difícil disputa. A pequena musculatura formada por docentes nas redes digitais refletindo sobre histórias difíceis em comparação a uma corpulenta mídia extremista com inúmeros recursos garante a cristalização de falácias que levam a abordagem do professor(a) a ser "tratada como uma opinião (que pode contrastar com a opinião do/a estudante ou de seus familiares); também são comuns as acusações de que o/a professor/a ou o livro didático não apresentam os "dois lados" dessa história." (GASPAROTO; BAUER, 2021, p.444)

Não podemos esquecer que o terreno para esses infundados ataques digitais foi arado antes mesmo da popularização de algumas mídias, onde a reivindicação desses dois lados da história indicados por Gasparoto e Bauer (2021) surgiu a partir da grande vendagem de *Best*

Sellers “politicamente incorretos” produzidos geralmente por jornalistas contendo sínteses “imparciais” sobre a história do Brasil, principalmente sobre parte do período colonial e imperial brasileiro. Perante ao senso comum, esse fato já dava algumas amostras que o pesquisador ou docente da área aos poucos perderia a centralidade em torno da discussão sobre história aos olhos do grande público. Esta questão ainda que preambular nesta relação entre construção histórica e negacionismo à brasileira, evidentemente tem o seu nexo de causalidade com o que vemos hoje em virtude das similaridades que estas obras literárias possuiriam no futuro com "documentários produzidos por empresas com um viés político-ideológico explícito, ainda que reivindique uma neutralidade e objetividade” (GASPAROTO; BAUER, 2021, p.441).

Entretanto, um impeditivo claro para uma reação da academia perante a esse quadro continua sendo o seu próprio enclausuramento. As discussões e produções de trabalhos acadêmicos girando apenas em torno de um único círculo, de maneira endógena, atreladas a uma hiperespecialização e com raras comunicações entre a academia e o público externo garantiu que professores(as), pesquisadores(as) e profissionais do conhecimento histórico continuassem a minguar em comparação a essa onda de ataques e falácias teórico-metodológicas da mídia negacionista. Segundo o professor dr. em história Luiz Fernando Cerri, a comunicação com outros públicos deve ser fator preponderante na construção do conhecimento histórico, a sua equiparação com a didática da história deve ser parte essencial do trabalho do historiador. A necessidade de explicar, convencer e divulgar trabalhos são práticas desta comunicação e isso é um núcleo central do método histórico. Daí a crítica à academia fechada em si, gerando pouco diálogo com um mundo “exterior” ávido por uma História Pública, até porque se existe público para mídia negacionista, existe uma demanda por assuntos históricos. A falta desta prática ao longo dos tempos, gerou poucos efeitos sociais e abriu portas para a conversa direta entre a audiência e as mídias extremistas. (CERRI, 2014). É inegável que estragos já estão sendo feitos, como exemplificamos aqui neste tópico. Por esse motivo, urge que esses profissionais adentrem cada vez mais ao meio digital em

> uma sociedade permeada por modalidades sofisticadas de distorções e manipulações ideológicas de informações. A sociedade da desinformação não é democrática nem se baseia no livre exercício da cidadania. Daí a importância do letramento digital e da regulamentação das plataformas para que a democracia não seja impactada pela lógica mercadológica dos algoritmos das redes sociais (ALZAMORA, 2023)

Caso isso não ocorra, a cruzada moral continuará a ser uma bandeira levantada pela crescente narrativa ardil reacionária. O mito introduzido neste levante negacionista em torno da

Ditadura tensiona aspectos relativos à memória, justamente em um recorte histórico marcado por um moralismo arbitrário, que foi amparado por inúmeros consentimentos e silenciamentos impostos à época. Porém, ao mesmo tempo que algumas mídias digitais falseiam elementos desse período, por outro lado, observamos também o crescimento de importantes demandas sociais relativas ao direito de memória, onde as representações de apelo popular do passado são cada vez mais postas em foco neste debate. Logo, esses fatores obrigam historiadores e pesquisadores a reavaliarem sua relação com o público em geral nas mídias, já que

> se quisermos *combater efetivamente* os negacionismos, devemos não só alargar nosso leque de aliados e possibilidades de representação do passado, sem obsessões com limites normativos disciplinares, como também defender um pluralismo inapelável que busque "expandir nossa imaginação política" (Laclau, 2000, p. 212), diante do ódio à democracia e da governamentalidade suicidária. (ÁVILA, 2021)

Lecionar em 2023, após a guinada extremista na política e nas mídias, mostra-se um terreno pantanoso. Certamente, aqueles que gostam e possuem condições de acessar a internet corriqueiramente nos tempos atuais - logo uma grande quantidade de alunos(as) e familiares - depararam-se com esse modus operandi elencado por canais, páginas, produtoras e memes que dificultam em larga escala o exercício docente em sala. Debater os ecos que os discursos negacionistas possuem nas falas de alunos(as), subsidiados pelas potentes plataformas digitais mostra-se importante trabalho em virtude desta problemática se fazer presente também no Falcão Cursos. Porém, iniciar esta análise, como fizemos, sem examinar o que envolve o negacionismo histórico seria um erro. Vimos a necessidade de debater critérios mais técnicos sobre as características do negacionismo histórico neste item da obra e suas aparições no mundo fisi-digital, para lançarmos luz no que se refere o Falcão, já que o negacionismo "um caso extremo de politização de uma narrativa sobre um tempo passado, e que por ser extremo ajuda a pensar as fronteiras próprias da disciplina, seu fazer específico e os critérios de validade do conhecimento produzido pelo historiador" (MORAES, 2008).

Portanto, após refletirmos brevemente sobre algumas lógicas da negação nas redes, onde observamos alguns de seus representantes, como a Brasil Paralelo e Olavo de Carvalho, e verificamos o uso contínuo de histórias difíceis como a Ditadura Civil-Militar neste quadro, pretendemos agora analisar como esses discursos se apresentaram no Falcão Cursos e em Parnamirim-RN nos últimos meses, motivando portanto preocupações a este docente que geraram a construção deste capítulo.

2.4 O "CHÃO DA ESCOLA" IMERSO NA CULTURA DO NEGACIONISMO HISTÓRICO DIGITAL

Durante o biênio 2022/2023, ao examinar a difícil realidade sociopolítica presente em Parnamirim-RN e consequentemente observar algumas falas de discentes que flertavam com negacionismos históricos sobre a Ditadura Civil-Militar, este docente tentou buscar alguns meios de diagnósticos para essas questões no Falcão Cursos. Para isso, os alunos(as) do terceiro ano do Ensino Médio na instituição, que fazem o curso preparatório para a prova da Escola de Sargento das Armas, deveriam responder uma breve sondagem inicial dividida em duas fases: um simples questionário em uma folha de papel[9] e outra pergunta no *Google Forms*[10], entre os meses de agosto e setembro de 2023.

No primeiro questionário diagnóstico buscamos imergir dentro do dia a dia dos aprendentes, além de traçar algumas relações que esses discentes possuíam basicamente com as mídias digitais e com as Fake News dentro do seu recorte de estudo. Nesta fase, eles puderam responder 12 questões. 17 discentes voluntários responderam as 12 questões. Pudemos observar alguns enquadramentos interessantes. Por exemplo, os alunos(as) ao responderem "em seus estudos, fora de sala de aula, com qual frequência você utiliza as mídias digitais?", 76% deles responderam "Frequentemente", ou seja, a maioria esmagadora da turma. Outra questão interessante reside nos meios como esses aluno(as) consomem essas mídias, ao responderem "Qual aparelho digital, você, mais utiliza no dia a dia para conseguir se manter informado?", 90% dos discentes responderam "Celular". Já quando perguntados sobre uma situação hipotética onde "ao receber um link de uma notícia em uma ferramenta como o Whatsapp, você, procura checar a veracidade da notícia com qual frequência?", as respostas já foram mais diversas, apenas 35% relataram checar frequentemente, 6% razoavelmente, 12% poucas vezes e 6% nunca, gerando um número bem abaixo da crítica quanto ao comportamento desses alunos junto as *Fake News*. Por fim, outro resultado bem enfático que gerou inclusive a segunda fase da abordagem foi a grande aparição de respostas no que diz respeito ao *Youtube e Instagram*, quando os alunos(as) foram perguntados sobre "qual redes sociais, você, mais utiliza para se manter "antenado" nas discussões dos temas atuais e históricos?", as duas plataformas polarizaram as escolhas, com leve vantagem para o *Youtube*.

[9] Cópia da abordagem na seção de apêndices

[10] Cópia da abordagem na seção de apêndices.

Passada a primeira fase de diagnósticos, buscando aprofundar como a história apresenta-se nesse quadro digital, iniciamos um mapeamento junto a esses alunos(as) em torno das suas predileções em plataformas digitais, que os ajudassem no estudo desta disciplina. Formulamos então uma pergunta via Google Forms: "Quais os principais canais, páginas ou sites que tratam sobre História nas mídias digitais que ajudam vocês, alunos(as), nos estudos da disciplina fora do contexto de sala de aula?", os discentes poderiam escolher mais de um conteúdo dentro de várias redes como *Youtube*, *Instagram*, *Twitter*, *Facebook, Whatsapp, Telegram*, por exemplo, de maneira livre. Nesta fase, observamos 23 respostas que vão pautar a partir de agora, a linha de análise desta dissertação.

Justifica-se, primeiramente, estas formas de abordagens netnográficas utilizadas, pois a escolha por esse método se baseia em um trabalho "de pesquisa, baseado na observação participante e no trabalho de campo online, que utiliza as diferentes formas de comunicação mediada por computador como fonte de dados para a compreensão e a representação etnográfica dos fenômenos culturais e comunais" (MEDEIROS, 2021, p.21) nas mídias digitais. Com o crescimento da internet e consequentemente da mídias digitais, a netnografia vem sendo utilizada de maneira sistemática para criação de análises em torno da relação entre os fatores humano e digital e influencia vários trabalhos acadêmicos pelo país. Exemplo do excelente trabalho de dissertação do Professor Me. Ronaldo Éverton Araújo Vieira Furtado (2020), no programa de Mestrado em Ensino de História, o Profhistória. Neste trabalho observamos um elemento fundamental, um ponto de intersecção, pois ao percebermos objetivos comuns entre ambas as dissertações, onde a criação de diagnósticos sobre as relações que os alunos(as) possuíam com ciberespaço eram necessários, resolvemos espelhar nesta dissertação sua importante solução para encontrar algumas causas para essa problemática. A utilização de abordagens iniciais, como conversas e questionários mostram-se metodologias exitosas e fundamentais para o decorrer da pesquisa científica. O objetivo desta abordagem "não é exaurir o tema ou fazer um levantamento total dos alunos da escola, mas, ao analisar como se dá a interação da informação sobre a História na internet e da sala de aula, nortear a escolha do nosso produto" (FURTADO, 2020, p.33).

A primeira informação importante proveniente dessa segunda atividade a ser analisada foi a ocorrência de uma mesma mídia de escolha pelos estudantes, o *Youtube*. Em todas as 23 respostas, majoritariamente, a plataforma de vídeos apareceu com a escolha de algum canal, vencendo inclusive o *Instagram*, plataforma bastante citada na primeira fase dos acontecimentos. Esta turma do Falcão com alunos(as) entre 18 e 20 anos está inserida dentro

de uma lógica de consumo entre o público e a plataforma que cresce desde 2006, ano de lançamento do site da empresa no Brasil, onde o *Youtube*

> tem feito muito sucesso e vem se tornando uma plataforma cada vez mais popular, levando o país ao segundo lugar mundialmente em horas assistidas. O total de acessos mensais na plataforma chega a 1,5 bilhão de pessoas, e 95% da população brasileira, que possui redes sociais, utiliza a plataforma, totalizando 98 milhões. Os dados são do Youtube Insights 2017, e eles nos mostram que a plataforma possui uma relevância e influência muito grande sobre consumo de conteúdo atualmente. (ROSA, 2016, p.16)

Ainda assim, a relação do *Youtube* com a educação segundo a professora dra. em história Anita Lucchesi (2013) pode gerar pontos controversos. Conceitos como verificabilidade, imaterialidade e fragilidade das fontes históricas podem se tornar uma questão perigosa para quem consome conteúdo dentro da plataforma. Porém, vantagens ainda existem e estão atreladas a capacidade de armazenamento, acessibilidade, flexibilidade, diversidade, manipulabilidade e hipertextualidade que a plataforma pode introduzir na vida acadêmica dos discentes (LUCCHESI, 2013). Esses fatores também são debatidos pelo também Professor Dr. em história Jurandir Malerba (2017) ao discutir o papel das mídias digitais na História Pública. A potencial relação entre o *Youtube* e a construção do conhecimento histórico pode servir como fio condutor para a produção de uma história ao alcance de todos, porém desafios novos ainda são perceptíveis, por exemplo:

> As plataformas digitais subverteram as bases da produção e circulação das narrativas sobre o passado [...] Por exemplo, a internet expandiu vertiginosamente a audiência; mas, mais que isso, a internet ampliou – a ponto de questionar – o conceito de autoria" (MALERBA, 2017, p. 142)

Dentro desta realidade dual crescente no *Youtube*, as preocupações em torno do que se consumia na plataforma pelos alunos do Falcão aumentaram ao constatarmos o extrato das respostas. Na abordagem, o canal líder de audiência junto aos discentes foi o "Nostalgia", do *youtuber*, apresentador e designer gráfico Felipe Castanhari, que apesar de utilizar algumas fontes em seu trabalho, aposta mais na espetacularização do conteúdo e em sínteses factuais para falar sobre história.

Outro canal muito citado, ficando na segunda colocação do ranking, foi a produtora audiovisual Brasil Paralelo. Por se tratar de alunos(a) com interesse por uma carreira mais conservadora e ainda em formação (a turma possui uma média de idade de 19,07 anos), tornam-se um potencial público da produtora reacionária por suas discussões e obras já popularizadas, como "1964 - Brasil entre armas e livros" (BRASIL PARALELO, 2017). Ao ocupar o ciberespaço através de estratégias de marketing no *Youtube* procurando cada vez mais

arrebanhar e diversificar seu público, utilizando o *Google Adwords* para maximizar investimentos em anúncios e foco em usuários que não alcançariam organicamente, a Brasil Paralelo torna-se uma fonte costumeira para esses meninos e meninas nas mídias digitais, conforme explicita por exemplo o perfil @brparalerdos no *Twitter*. As propagandas da Brasil Paralelo no *Youtube* inclusive alcançam canais de todos os espectros políticos na plataforma, inclusive os de esquerda.

Terceiro mais votado, o canal "Buenas Ideias" do jornalista Eduardo Bueno no *Youtube*, obteve citações por suas sínteses históricas bastante populares na plataforma. Bueno é uma referência de uma onda de jornalistas sem formação acadêmica na área de História, que fazem sucesso escrevendo sobre o passado do Brasil em seus *Best Sellers*.

O quarto mais citado na abordagem foi o influencer conservador Nando Moura, que com mais de 3 milhões de inscritos em seu canal no *Youtube* que leva o seu próprio nome, fala usualmente sobre assuntos gerais, porém quando trata de discussões históricas, recai em erros grosseiros. Por um tempo insistiu na máxima que o movimento Nazista na Alemanha na década de 1930 e 1940 era de esquerda, quando a esmagadora maioria da historiografia condena esta versão. Quando o assunto é a Ditadura Civil-Militar, o canal emula discussões similares a outras produções que sob o enganador véu do revisionismo, na verdade falseiam elementos sobre o período. Nando Moura usa como uma de suas fontes de pesquisa em alguns vídeos o livro "1964. O Elo perdido. O Brasil nos Arquivos do Serviço Secreto Comunista" (2017) que possui prefácio de Olavo de Carvalho, similar referência do documentário "1964: Brasil entre armas e livros" (BRASIL PARALELO, 2017). Vídeos como "A verdade sobre a Ditadura Militar Brasileira" (MOURA, 2017) e "Canal Nostalgia e a Ditadura" (MOURA, 2016) possuem somados cerca de 1 milhão e 700 mil views, por exemplo, em seu canal, discutindo assuntos sobre o período ditatorial.

Outros canais ligados ao espectro da direita conservadora ou direita radicalizada na mesma plataforma também foram lembrados, contudo com pouca expressão na abordagem. Casos do grupo de comunicação "Jovem Pan" que durante os últimos anos surgiu como uma espécie de *Fox News* à brasileira ao montar a "Jovem Pan News" na internet e na televisão, possuindo programas como "Pânico", unindo humor a uma narrativa politizadora, tornando-se uma atraente porta de entrada para discussões político-ideológicas para um perfil mais jovem de pessoa. "Os Pingos nos Is", outro campeão de audiência da emissora, alavancou ao longo dos últimos anos através dos seus debatedores uma série de proselitismos negacionistas principalmente sobre a Covid-19. A Jovem Pan em seu canal de Youtube também retransmite

material da Brasil Paralelo como podemos observar abaixo (figura 9), fortalecendo seus laços com a produtora audiovisual de mesma arena ideológica digital.

Figura 9 - Transmissão de um documentário da Brasil Paralelo na Jovem Pan News



Fonte: Canal do *Youtube* da Jovem Pan News. Acesso: 08.08.2023

Outros mencionados foram os canais “Se liga nessa história”, “Parabólica”, “Tudo é história” e “Vogalizando a história”, esses ligados a profissionais da área de história, fazendo produções no *Youtube* de maneira respeitosa e qualificada. Inclusive, o canal “Tudo é história”, possui similaridade com o trabalho deste docente quanto ao seu objetivo, visto que a maior parte de suas aulas visam orientar jovens que pretendem fazer seleções no âmbito militar, abordando em geral temas da história do Brasil sob o comando do professor Hilário Xavier no Youtube. Apesar dos poucos inscritos na plataforma, são 1,09 mil, o canal é uma boa fonte para a prova de História de vestibulares de ensino médio da caserna, como a ESA, ESPCEX e a Academia do Barro Branco da Polícia Militar de São Paulo, abordando temáticas desses editais, sendo assim uma escolha plausível dos discentes do Falcão dentro de um âmbito digital e de preparação. Vale citar, que mesmo tendo como carro-chefe fatos pretéritos nacionais, o canal também aborda temas de História Geral.

Já tanto o canal “Parabólica” como o canal “Se liga nessa história” possuem uma abordagem um pouco diferente se comparados ao já citado “Tudo é História”. Aqueles possuem um claro direcionamento para vestibulares civis, como o Exame Nacional do Ensino Médio, o

ENEM. Além de uma abordagem que privilegia discussões mais aprofundadas sobre História do Brasil e História Geral com os professores Pedro Rennó ("Parabólica") e Walter Solla ("Se liga nessa história"), ambos os canais apostam em conteúdos de outras vertentes das ciências humanas, como Filosofia e Sociologia. O sucesso de ambos, mostra um caminho possível, para nós, professores de história, dentro do âmbito digital e da história pública, os aproximadamente 980 mil inscritos do "Parabólica" e 1,6 milhões do "Se liga nessa História" são apenas uma consequência de um processo de ensino pautado na reflexão dos fatos pretéritos que estão intimamente ligados a um presente que ainda ecoa um tempo passado.

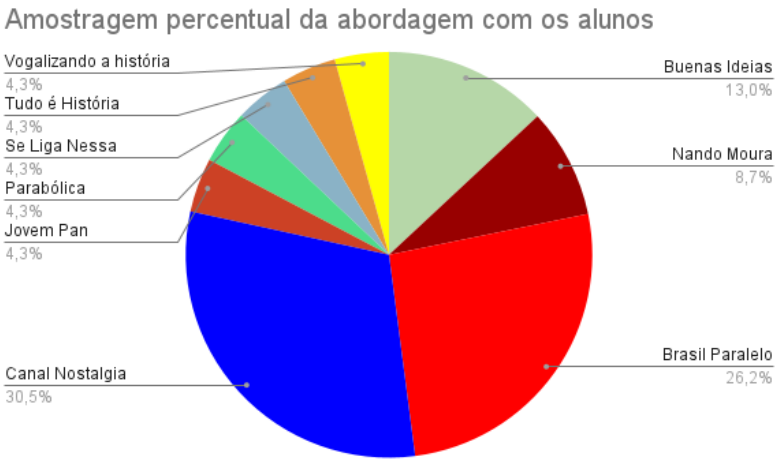
Além disso, os dois canais apostam também em *Vlogs*, *Shorts* (vídeos curtos de 1 min) e até dramaturgia, caso mais específico do "Se liga nessa história". O sucesso deste último, permitiu a formação de uma plataforma de ensino fora do Youtube, e a mudança de nome do canal nos últimos anos para "Se Liga - Enem e Vestibulares", mostra a atual potência e abrangência do seu conteúdo.

Por fim, temos o canal "Vogalizando a História" do professor de história Vitor Vogel e do diretor e editor Marco Viricimo. Dos quatro canais escolhidos pelos alunos(as) e analisados por este professor aqui nesta dissertação, de longe, este é o mais rico em fontes. Enquanto Vogel analisa os temas com bastante eloquência, percebemos saltar em tela diversas fontes imagéticas e vídeos que por vezes ilustram os temas analisados. O "Vogalizando a História" também possui em média vídeos mais longos que os outros canais de professores de história, analisados aqui nesta obra, trazendo conteúdos mais aprofundados e reflexões mais analíticas sobre temáticas. Por exemplo, existe um vídeo nesta página sobre 1ª Guerra Mundial que possui mais de 1 hora, com análises interessantes em cima de fatos e fontes históricas do conflito. Este canal também aposta em conteúdos sobre cultura pop (cinema, games e esportes) sempre fazendo ganchos com a história, caso por exemplo do vídeo sobre a Rádio Fluminense FM, basilar para a cultura carioca e para o Rock Brasil nos anos 1980. Atualmente, o "Vogalizando a História" esta a um degrau abaixo do "Se liga nessa história" e "Parabólica" em termos de audiência no Youtube, possuindo cerca de 380 mil inscritos, porém sua formação é mais recente, sendo iniciada durante o ano de 2019, segundo os próprios criadores da página.

Pudemos observar nesta abordagem, que apesar da baixa votação destas páginas que são formadas por professores de história, sua aparição em meio a canais mais radicais sustenta o fato de que é possível ter um destaque positivo nas mídias mesmo em um recorte de *Fake News* e negacionismos, trabalhando de forma séria e criativa, independentemente da quantidade de seguidores (uma fita métrica, hoje em dia, da qualidade de uma produção ou conteúdo, infelizmente, como vimos). Dialogando com aquilo que os jovens querem ver ou ouvir - casos

da cultura pop ou da dramaturgia utilizada por esses canais - além de canalizar um verossímil caminho para as demandas e anseios dessa idade, como as provas, seleções, vestibulares ou concursos de carreiras civis ou militares.

Tabela 1- Amostragem percentual da abordagem com os alunos



Fonte: Próprio autor

Apesar desse amplo universo de canais citados, e das ótimas produções históricas desses últimos 4 canais avaliados, o "Tudo é História"; "Se Liga nessa História"; "Parabólica" e "Vogalizando a História", podemos afirmar que as escolhas mais impactantes, em termos de números de votos e preocupações deste professor, são as que abertamente procuram negar elementos do passado ou até mesmo do presente, casos da Brasil Paralelo, do *influencer* Nando Moura e da Jovem Pan. E são em torno desses casos que procuramos analisar possíveis saídas. No caso do espaço escolar aqui analisado, parte da turma ou se identificava ou lembrava de alguma maneira dessas produções, confirmando uma pequena (mas que diz muito) amostragem de sucesso desse espectro mais radical no *Youtube*. Concordamos com Zarotti (2023) quando o pesquisador afirma que alguns fatores são primordiais para entendermos este fenômeno que claramente incide sobre parte do inconsciente coletivo da turma do Falcão e que assola as fala sobre história de outros discentes no país: A polarização política ideológica no Brasil, presente há pelo menos 10 anos no país; a atual estruturação da internet e das redes sociais em uma anatomia de bolhas, com pouquíssimo espaço para a pluralidade; além da chegada da direita mais radical ao poder são fatores preponderantes. Além disso, no que diz respeito a questão de letramento digital, ao longo das abordagens no último ano, e em conversas com os alunos(as), percebemos que diversos componentes da turma possuíam claras dificuldades em relação a esta

prática que qualifica a incursão na *web*. Como essa metodologia foi pouco implementada anteriormente, seja na rede pública ou privada em Parnamirim-RN antes de suas chegadas ao Falcão, o contato sem critério no âmbito digital aos assuntos históricos foi viabilizado com tenacidade.

Assim, algumas afirmações menos ponderadas em sala surgiram. A título de exemplo, em Setembro de 2022, em uma aula sobre Ditadura Civil-Militar, uma fala marcante chamou a atenção. Alguns alunos(as) levantaram uma narrativa de que a decisão pela via antidemocrática implementada por militares e civis à época foi fundamental. Visto que os mesmos assistiram em um vídeo no *Youtube* que cartas do serviço secreto da Tchecoslováquia observavam o Brasil como um "bom terreno" para a implementação de um "regime ditatorial comunista" sob o comando de João Goulart. Ao pesquisar mais sobre o tema e já sabedor das predileções de alguns alunos(as) mediante às abordagens realizadas anteriormente, encontramos uma linha de argumento utilizada pelos aprendentes muito similar a premissa constituída no documentário "1964 - O Brasil entre armas e livros" (BRASIL PARALELO, 2019). O professor de história Jorge Luiz Maia de Freitas, discente do programa de mestrado em ensino de história, o Profhistória, salienta que as poucas provas documentais que tentam sustentar este perigoso enredo "salvacionista" no documentário, refletida nas falas dos alunos(as), são frágeis e que não vão além do

> livro 1964 – O Elo Perdido (KRAENSKI; PETRILÁK, 2017). Nesta obra, os autores se debruçam sobre documentos do serviço secreto da Tchecoslováquia comunista, a StB6 . Segundo a narrativa do filme 1964 – O Brasil Entre Armas e Livros, esses documentos "provariam" a infiltração comunista estrangeira no país, irmanada ao governo João Goulart, atestando que um golpe comunista estava em vias de acontecer. ' (FREITAS, 2021, p.3)

Ávila (2021) complementa:

> Em "1964, o Brasil entre Armas e Livros", o sentido histórico atribuído à derrubada de João Goulart é, não surpreendentemente, o de "salvação" da nação das garras do bolchevismo insidioso representado pelo presidente e por seus aliados - sentido que se comprova por uma profusão de testemunhos individuais tediosamente perfilados na tela. Parte expressiva das entrevistas usadas na produção centra-se em torno de depoimentos de sujeitos que "corroboram" essa tese

É interessante mencionar que a presença deste tipo de argumento não é exclusiva apenas a esta turma do Falcão. Pelo contrário, é um fenômeno crescente como pode-se supor à medida que essas produções de cunho político-ideológico ganham voz. Ao lançarmos luzes novamente ao trabalho de Zarotti (2023) conseguimos observar bem esta questão. O autor ouviu em sua dissertação 85 professores de todo o país, sendo a maioria do Nordeste (36%), sendo que 66

docentes também disseram ter presenciado alguma manifestação de falseamento no espaço escolar, sendo que a maior parte dessas falas partiram de alunos. Os temas mais comentados, de acordo com o seu levantamento, foram a ditadura militar brasileira (41 citações), nazifascismo (15), escravidão (7), racismo (4), religiões de matriz africana (4), e indígenas (4). Caso este mestrando participasse da pesquisa, contribuiria através do seu relato com as lideranças do Nordeste e da Ditadura Militar Brasileira, respectivamente.

Entende-se que o *Youtube*, meio de divulgação dessas produções, virou um espaço para disputa de narrativas históricas, isso é inegável. O próprio comportamento discente no Falcão Cursos a partir do uso da plataforma e em torno do período ditatorial, mostra a complexidade da relação entre o negacionismo; história pública e mídias digitais. Entretanto, é interessante observar que o exame em torno da negação em sala de aula também pode ter alguns de seus crescentes fatores em torno de variáveis atreladas à questão curricular e ao caráter subjetivo dos alunos(as), é o que conta Zarotti (2023). Em seu trabalho, o professor evidencia que os casos de revisionismo ideológico - nomenclatura utilizada por este autor ao que concebemos como negacionismo histórico aqui nesta pesquisa[11] - ocorrem principalmente nas turmas do último ano do ensino fundamental (9º), e nos três anos do ensino médio, principalmente no terceiro, porção onde se localiza os alunos do Falcão. Para o pesquisador, isso pode ser explicado justamente pela questão etária dos alunos, um período da vida onde surgem maiores contestações e pelos temas históricos que são previstos para serem tratados nessas turmas no âmbito da História do Brasil.

> Ali pelos 13, 14 anos, os alunos começam a assumir uma postura mais questionadora, de embate com o professor. Isso vai se tornando mais comum, principalmente a partir do oitavo ano e o começo do nono ano. Como se eles criassem mais coragem de testar os limites dos professores. Então o revisionismo meio que dá uma certa munição para esses alunos entrarem em conflito com os professores (ZAROTTI, 2023)

À medida que essas ocorrências aumentam, outros intelectuais mostram também as suas preocupações, é o caso de Cerri em entrevista a Saddi (2014), onde o historiador faz um apontamento sobre as crescentes potencialidades negativas oriundas da apologia à Ditadura Civil-Militar em sala de aula. As diversas influências dentro e fora da *web* apontadas neste trabalho em Parnamirim-RN e no Falcão, à contramão de um discurso científico cria um verdadeiro problema em encontros com discentes, conforme comenta o professor:

> Em todos os outros países que pesquisamos, percebe-se uma rejeição clara à experiência ditatorial por parte dos jovens. No caso brasileiro, embora a posição dos professores de história seja nitidamente contrária às

[11] Conferir a discussão trazida por esta dissertação entre Negacionismo e Revisionismo Histórico no item 2.

> afirmativas que defendem a ditadura, entre os alunos há uma parte importante de indiferentes, um grupo levemente majoritário que se posiciona favoravelmente à ditadura, e outro grupo levemente minoritário que confronta nitidamente os argumentos favoráveis à experiência do regime militar brasileiro. Esse é um dos resultados que, embora mereçam mais estudos e detalhamento, traz um indicativo importante de mudanças que temos que pensar no campo do ensino de história no nosso país (CERRI, 2014, p.385).

Outro efeito colateral imposto por essas mídias negacionistas, para além do fato de influenciarem parte do pensamento da turma, tem haver com a proliferação de conteúdo desse teor no ambiente fisi-digital de Parnamirim-RN e da grande Natal-RN. Este ambiente é amplamente rico em termos de variedade de grupos e páginas na internet que reivindicam uma visão reacionária sobre o golpe de 1964, fruto do crescimento da extrema-direita na região desde 2013 como vimos no primeiro capítulo. Observar de modo empírico o ambiente midiático dessa localidade mostra a organização dessa teia editorial. O exame de alguns casos de mídias locais mostram o "sucesso" da cartilha de grupos bolsonaristas e olavistas entre as bordas parnamirinense e escancaram o diálogo que grupos da grande Natal possuem por exemplo, com o conteúdo que a Brasil Paralelo e a Jovem Pan fazem. E como vimos anteriormente, a relação que os alunos(as) e a escola possuem com parte da comunidade não os fazem estar desligados dessa realidade.

Através do mesmo método netnográfico (MEDEIROS, 2021) que influenciou a abordagem com os alunos do Falcão nesta dissertação, escolhemos nesta obra 6 exemplos a partir da observação de plataformas de grande acesso - *Youtube*, *Facebook*, *Twitter*, *Whatsapp*, *Telegram* e *Instagram* – de como se manifestam alguns grupos negacionistas da região e como funcionam suas operações nas redes digitais. Veremos que o leque de atuação é variado, desde canais de grande porte até páginas na internet com números menos expressivos. Porém as impressões são importantes. Interessante ressaltar que veremos na prática alguns conteúdos discutidos no capítulo desta dissertação representado por memes, vídeos e postagens, além dos discursos utilizados como *modus operandi* de grandes expressões que contribuem para impulsionamento de manifestações cotidianas preocupantes na comunidade que representarão a face da ultradireita na região.

Citamos o grupo Jovem Pan em âmbito nacional, como expoente da causa negacionista em diversos sentidos, inclusive nas pautas históricas. E quando nos deparamos, por exemplo, com os números da audiência da sucursal da empresa na região metropolitana (incluindo Parnamirim) nos meios digitais, percebemos o seu evidente diálogo com a população.

Utilizaremos como recorte, as eleições de 2022, período de grande atuação da empresa em diversas plataformas como a televisão, rádio e internet. Pois,

> com uma transmissão "em cima do voto" e acompanhando todos os detalhes das eleições do segundo turno, a Jovem Pan News Natal bateu recordes e se consolidou ainda mais como fonte segura e de credibilidade para ouvintes não só do Rio Grande do Norte, mas de todo o Brasil. A audiência foi disparada a maior entre as rádios de Natal, com 1,2 milhão de visualizações só no canal no Youtube, a maior audiência do Rádio Potiguar registrada na plataforma em uma única transmissão. Na Panflix, a audiência da Pan News Natal foi a primeira no Nordeste e a terceira no Brasil. A audiência foi 4x maior em relação ao primeiro turno das eleições (TRIBUNA DO NORTE, 2022).

Além, dos meios jornalísticos teremos uma ampla inserção de grupos e instituições do âmbito digital da região, como o "Força Democrática-RN", que propagam através das suas redes sociais, preceitos reacionários e organizam a "nova direita" no estado e em seus municípios através de posts, memes e atos públicos. Parnamirim-RN e Natal-RN concentram um grande contingente de manifestações pelo seu diálogo atual com alas da direita extremista e demais conservadores. Medeiros (2021) cita outros exemplos:

> No Rio Grande do Norte, grupos de movimentos sociais de direita atuaram tanto na organização de mobilizações de rua quanto na disseminação de conteúdo de direita. O primeiro desses grupos foi o EPL (Estudantes Pela Liberdade), que, já em 2012, atuava trazendo palestrantes para Natal. Após 2014, outros grupos começam a surgir, como a Força Democrática e o Endireita Natal. A partir de 2016, se tem a atuação mais forte do Grupo Radar (...) responsável por trazer o candidato Jair Messias Bolsonaro pela primeira vez a Natal (MEDEIROS, 2021, p.48).

Juntos, esses grupos citados por Medeiros (2021) somam cerca de 100 mil inscritos em diferentes plataformas como *Facebook, Instagram, Twitter* ou em sites próprios, também concentrando suas atividades em torno de elementos da história. Abaixo (figura 10), temos um exemplo de exaltação de um desses grupos, no *Facebook*, sobre o dia 31 de março de 1964, data da conflagração do golpe. Na postagem este dia é considerado um período redentor em nossa história e seus líderes são homenageados:

Figura 10 - Na página oficial do Radar-RN no *Facebook* a comemoração da Ditadura



Fonte: Facebook do RadarRN. Acesso em: 02.02.2023

A utilização dos memes como vimos anteriormente nesta dissertação também é considerado um *modus operandi* importante para a expansão deste tipo de discurso na região, onde o falso humor é utilizado em detrimento da verdade histórica. Na figura 11, de maneira irônica observamos nesta postagem de um outro grupo reacionário a negação da historiografia que através do exame de fatos e fontes criou um arcabouço de detalhes e informações acerca do 31 de março de 1964. Além disso, um usuário da página na mesma produção ironiza nos comentários levantando outra questão reincidente em grupos radicais, "Já carregou: O Nazismo é de direita ou de esquerda?"

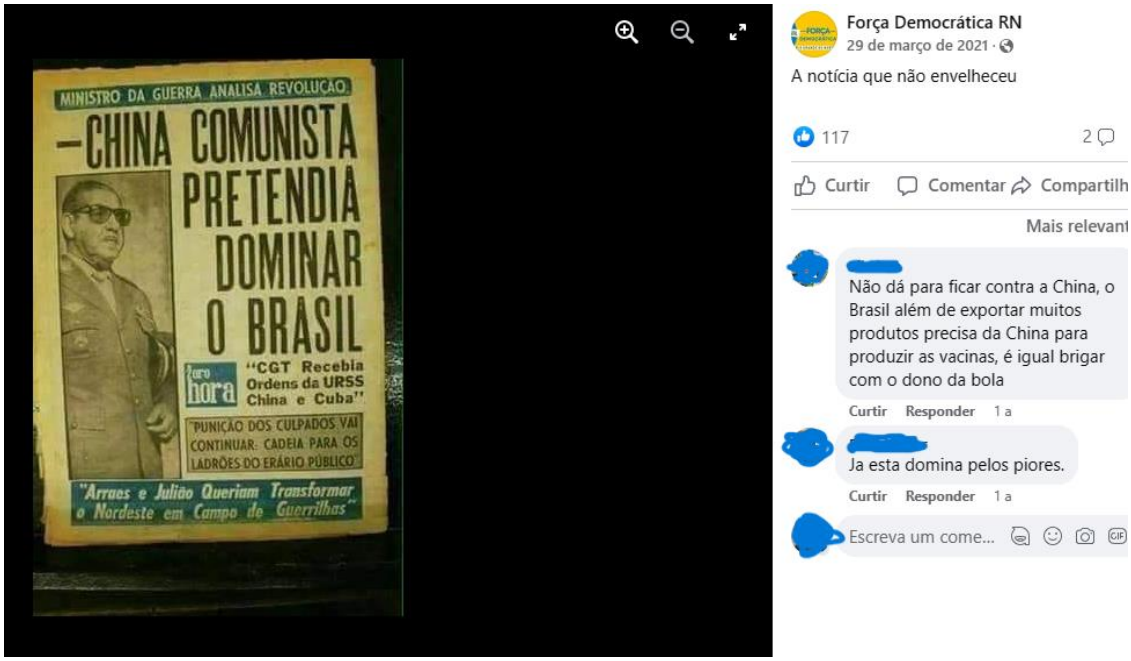
Figura 11 – Memes e negacionismo histórico no *Facebook* do Força Democrática RN



Fonte: Facebook do Força Democrática RN. Acesso: 02.02.2023

O uso de fontes históricas sem a devida contextualização é outro elemento também encontrado nessas páginas quando assuntos históricos vêm à tona, conforme vemos abaixo (figura 12). Observamos uma manchete do Jornal "Zero Hora" de Porto Alegre no *post* da página do *Facebook* da Força Democrática. A finalidade aqui é justificar o Golpe de 1964 baseado em manchetes da imprensa gaúcha da época, quando se sabe que este mesmo veículo nasceu ocupando o espaço do Diário "Última Hora" fechado no período por apoiar o governo constitucional de João Goulart, por exemplo. (WEISSHEIMER, 2012) A justificativa de fatos históricos a partir de elementos não contextualizados como vimos neste capítulo tem como objetivo desvirtuar a história.

Figura 12 – Uso inadequado das fontes no *Facebook* do Força Democrática RN



Fonte: Facebook do Força Democrática RN. Acesso: 02.02.2023

Influencers e políticos na cidade também terão a sua contribuição nas redes sociais como ficou evidenciado no contexto das eleições de 2022. A utilização de *flyers* em redes como o *Telegram* e *Whatsapp* serviu como mobilização para unir grupos desse espectro político. A propaganda e o negacionismo em torno de elementos históricos, como apontados acima, serviram de pretexto para esse tipo de conteúdo, como se observa abaixo (figura 13) em um cartaz digital de mobilização nas redes de grupos que abertamente exaltam o ano de 1964. O

termo “Ku Klux Klan”, que faz alusão ao grupo supremacista branco norte-americano, fica implícito aqui nesta propaganda sob o falso pretexto do humor e do eufemismo semântico.

Um trocadilho com relação ao prato típico da região nordeste “Cuscuz” foi utilizado para identificar este núcleo em Parnamirim-RN com propostas reacionárias. Em poucos dias de circulação no *Twitter*, o *flyer* ganhou cerca de 3 mil compartilhamentos e 41 mil curtidas (ESTADÃO, 2022). A minimização de termos atrelados ao supremacismo branco por grupos pró-ditadura sem a devida responsabilização, abre precedentes para diversos outros atos antidemocráticos no ambiente fisi-digital no dia a dia.

Figura 13 – Uso de trocadilhos por grupos radicalizados em Parnamirim.



Fonte: *Twitter* do Judeus pela Democracia (@jpdooficial1). Acesso: 02.02.2023

Até o *Instagram* da própria prefeitura da cidade (figura 14) foi palco de apologia política ao longo dos últimos anos a favor de candidatos e grupos que defendem pautas radicais. Isso ficou cada vez mais evidente com a chegada das eleições gerais de 2022, onde a presença desses atores foi evidenciada em visitas públicas na cidade e em propaganda política feita nas mídias oficiais da região. Não podemos dissociar a chegada da direita radical ao poder do país no período entre 2018 e 2022 com o aumento do negacionismo histórico como vimos com Meneses (2020), pois foram esses atores que trouxeram “um certo verniz de credibilidade para o movimento porque quando você vê uma pessoa chefe do executivo difundindo uma fala [...] isso meio que legitima o movimento” (ZAROTTI, 2023). A propaganda certamente acentua este quadro.

Figura 14 – Uso de palanque político no *Instagram* por intermédio de mídias oficiais de Parnamirim-RN em período eleitoral



Fonte: *Instagram* da Prefeitura de Parnamirim-RN. Acesso: 02.02.2023

Esses exemplos observados em redes sociais de Parnamirim-RN e da grande Natal-RN colaboram para que a região continue flertando com os negacionismos contemporâneos. Nesse avanço por espaços, interpretações subjetivas da história por parte de grupos desse espectro são realizadas com a intenção de ratificar seus valores no presente. Com os autoritarismos atuais da extrema-direita brasileira, surge a exaltação e idealização apologética de temas sensíveis. A clara exposição dos alunos do Falcão Cursos a esse ambiente, por viverem em uma cidade com certa dose de diálogo com o extremismo e seu *modus operandi* digital criam problemáticas no que tange o ensino de história na unidade escolar em questão. A velocidade como as informações nas mídias chegam aos alunos(as), criam consequências difíceis de serem contidas.

Entretanto, estáticos a esse quadro não podemos ficar. A proposição de uma análise em torno da Ditadura Civil-Militar de 1964 e o aumento dos discursos negacionistas sobre este tema histórico no ciberespaço nos últimos anos foi um passo inicial para que fosse possível, no próximo capítulo, criar uma reflexão sobre a importância de métodos inovadores, como o letramento histórico-digital, dentro da atual realidade digital dos alunos do Falcão. Enquanto historiadores e profissionais da construção do conhecimento histórico, precisamos encarar a realidade de uma imensa demanda social por uma história no mundo atual e propor respostas, tendo em vista que tal demanda não é por uma história-conhecimento mas por narrativas sobre o passado de caráter popular que possam ser verossímeis (MALERBA, 2017).

Já que as incontroláveis mídias com suas diferentes narrativas obrigam o profissional da história a saber lidar com um emaranhado de informações a níveis instantâneos como vimos

em inúmeros exemplos neste trabalho, esse tipo de choque acaba por gerar discussões de como o(a) professor(a), elemento fundamental desse alicerce, na dimensão do ensino, deve se comportar perante a problemáticas oriundas desse período. Logo

> a questão que se coloca é: será que nós, historiadores treinados para pesquisar, escrever e ensinar história perdemos controle, credibilidade e autoridade sobre essas novas práticas? Quais são o papel e as responsabilidades dos historiadores acadêmicos hoje? (MALERBA, 2017, p. 3).

O professor mestre em ensino de história Acácio Leandro Manoel Simões utiliza alguns dos pontos levantados por Malerba (2017) para debater essas questões em sua obra. Junto com Simões (2019) entendemos que a melhor maneira de análise e contenção de danos com relação as falsificações históricas em sala de aula passa pela mediação de fontes digitais e alavancagem do letramento histórico-digital através de métodos ativos, como um contraponto ao ensino tradicional pouco reflexivo que cria naturais lacunas em termos de construção de conhecimento.

> Acredita-se que o objetivo central do ensino escolar em geral e de história, em específico, deva concentrar-se mais na capacitação de estudantes para a seleção, leitura e validação de fontes nesse emaranhado informativo, do que apenas na apresentação de conteúdos de forma excessivamente mnemônica, e, por vezes, distantes sobremaneira da realidade espaço temporal dos discentes (SIMÕES, p.7, 2019).

Desta maneira, analisar as perspectivas positivas dos métodos ativos e do letramento histórico-digital dialogando com as falas de professores como Bacich (2018); Moran (2018); Spinosa (2021); Silva (2020), Torcato (2022) e Barca (2004, 2001) entre outros intelectuais, criando um verdadeiro cruzamento entre os temas, serão objetivos do nosso próximo capítulo. Fomentar o debate em torno da interpretação das fontes históricas através do protagonismo discente junto às tecnologias digitais, terá um papel central a partir de agora no debate. A alavancagem da criticidade discente e o desenvolvimento de habilidades para a investigação histórica mais organizada são princípios basilares nestas abordagens e este conceito está difundido na Base Nacional Comum Curricular, a BNCC, por exemplo:

> Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BNCC, 2017).

Portanto, a eventual contenção de discursos equivocados sobre a ditadura no Falcão Cursos, em um ambiente enviesado politicamente como é Parnamirim, como mostramos, obrigatoriamente passa por essas discussões que vamos compor no próximo capítulo.

Conhecida a problemática, buscar neste momento reflexões sobre métodos no âmbito do ensino de história que façam o jogo virar contra o negacionismo digital e que fomentem um fazer histórico que gere principalmente empatia e verdade são fundamentais.

3. O LETRAMENTO HISTÓRICO-DIGITAL E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO EMANCIPADOR: UM OLHAR NECESSÁRIO EM TEMPOS OBSCUROS

Ao analisarmos todas as informações discutidas no segundo capítulo, observamos a importância que a construção do conhecimento histórico através do ensino de história deve ter na vida de qualquer cidadão, lançar luz em um período de obscuridade é extremamente necessário. A discussão e o exame de fatos pretéritos municiados por fontes dignas de confiança e métodos estimulantes no meio fisi-digital evitam que escombros de tempos difíceis continuem a entulhar o caminho para um verdadeiro e empático olhar para questões sensíveis, por exemplo. O esforço de diversos setores da sociedade é necessário para a transposição dessas problemáticas.

A pesquisa nesta dissertação tem como objetivo principal discutir abertamente, o impacto negativo que o negacionismo em torno da Ditadura Civil-Militar de 1964 ainda possui em nossa sociedade, porém, lançando mão de uma lupa. Ampliamos a visão em torno do tema, onde o foco de amostragem é a instituição privada de ensino Falcão Cursos, em Parnamirim-RN. Essa investida que esta obra e autor pretendem fazer foi também subsidiada por inúmeras discussões em sala de aula com professores no programa de mestrado em ensino de história, o Profhistória, uma estrutura com discentes de diversas regiões do país com objetivos parecidos, senão iguais, buscando mudanças sociais pela educação. Porém, o começo dessa pesquisa, talvez, só foi possível após uma roda de conversas propostas por um professor, que inquietou este autor, ao longo do curso.

Em uma das importantes discussões no programa, o Professor Dr. Haroldo Loguercio de Carvalho apresentou o caso da Argentina e o peculiar olhar que a população desta nação possuía sobre a sua Ditadura Civil-Militar de 1976-1983 (um dos diversos golpes militares realizados no país platino no século XX, porém certamente o mais sangrento) evocando em todos na sala um sentido de dedução instantânea. Ficou claro durante as discussões que diferentemente do caso brasileiro, a sociedade do país vizinho propôs analisar profundamente em diversas esferas todos os acontecimentos dos seus 6 anos de regime de exceção, que inclusive levaram os argentinos a uma guerra sem precedentes contra a Inglaterra, potência militar, em plena América do Sul em 1982. A Argentina resolveu enfrentar seus problemas desde 1984 à base de debate e senso de justiça, destinando até hoje um olhar histórico diferente do caso brasileiro em torno da Ditadura, "diretamente relacionada à chamada cultura *del Nunca Más*!" (CARVALHO, 2021, p. 3).

> É nesta perspectiva de reação política que a trajetória argentina se distingue da brasileira e produz, ao longo deste tempo, impactos sobre a memória social coletiva que irá pautar a prática docente no ensino de história recente de modo autônomo em relação ao conhecimento acadêmico. (CARVALHO, 2021, p.09)

Para fins de exemplo, o mesmo caso também é muito bem ilustrado no filme do cineasta argentino Santiago Mitre, "Argentina, 1985", de 2023, onde a demonstração da "justiça de transição" em torno da ditadura argentina fica bem evidenciada.

Se a experiência dos nossos vizinhos possui êxito até hoje, mesmo com alguns fantasmas do pensamento reacionário ainda rondando a arena de discussões politico-ideológicas, caso por exemplo do presidente Javier Milei, o episódio brasileiro não poderá ser tratado da mesma maneira. Nossa transição conciliadora na segunda metade da década de 1980 marcada por acordos políticos que visavam esquecer um passado sensível, tendo como ponto central, muitas vezes a negação da verdade (CARVALHO, 2021), pode ser tratada como um marco, uma espécie de salvo conduto para o que vemos hoje, por exemplo, com a proliferação de narrativas falsificadoras que ganham terreno nas mídias digitais e redes sociais na *web* sobre o assunto.

Programas de pesquisa acadêmicos sobre história mostram-se importantes nesta seara, pois com seus trabalhos e investigação, denunciam tais práticas e contribuem com a mudança deste quadro, mesmo que tardiamente se compararmos ao episódio da Argentina. No caso do Profhistória, alguns trabalhos desabrocharam recentemente discutindo objetos de pesquisa semelhantes a esta dissertação, sinal da clara epidemia que vivenciamos a cerca da penetração de discursos negacionistas na fala de jovens alunos(as) em sala de aulas de todo o país. E mais do que isso, além dos apontamentos em torno das problemáticas, esses trabalhos trataram de evocar inúmeros debates e métodos que pudessem ajustar um ensino crítico à realidade desses discentes, promovendo uma aprendizagem significativa no âmbito pedagógico. Algo extremamente necessário como vimos no primeiro capítulo, no recorte parnamirinense e na sala de aula em destaque nesta pesquisa. Por isso a necessidade ao longo desses dois anos, de diversas leituras em torno dessas obras.

Conhecer esta variedade de falas, métodos e discursos propostos não só pelo Profhistória, mas por diversos outros trabalhos, e a real possibilidade de encararmos de frente a onda negacionista em torno de temas sensíveis, vide o caso argentino, moldou claramente a face desta obra. O contato com obras e intelectuais como Danilo Alves Silva e Vanessa Spinosa, por exemplo, que discutem amplamente os fundamentos do letramento histórico-digital em sala de aula, como uma resposta ao ensino pouco provocador, utilizando diversas ferramentas

digitais como forma de se alcançar uma aprendizagem significativa, municiou este mestrando em termos de práticas de ensino e apresentou possibilidades de enfrentamento às negações históricas oriundas da internet quando o tema é Ditadura Civil-Militar de 1964. Este tipo de letramento dá certamente subsídios para o combate de narrativas falsificadoras justamente no maior *habitat* desses discursos, o próprio meio digital. E o principal, gera um conjunto de trabalhos em conjunto a potenciais vetores dessas falas, os aprendentes. O trabalho com meninos e meninas ainda em formação intelectual é fundamental, ainda mais em uma cidade onde parcela da população, como vimos, está aberta ao fenômeno da negação.

Assim, a contribuição para o desenvolvimento de habilidades ouvintes, escritoras e leitoras fundamentais para a construção de uma narrativa histórica crítica e fidedigna aliada a meios significativos perante os alunos(a) no ciberespaço criam maneiras de extrapolar claramente os muros impostos pelas anabolizadas mídias na *web* que ainda fazem apologia à ditaduras ou outros regimes de exceção. A expansão do "chão da escola" para fora dos limites da sala de aula, permitida pela intercessão entre fontes histórico-digitais e redes sociais, por exemplo, fornece elementos enriquecedores no processo da aprendizagem (SILVA, 2021).

Em uma instituição, como o Falcão, que abarca um método de ensino que prima pela velocidade e quantidade de conteúdo em espaço de tempo reduzido, o alargamento das fronteiras da sala de aula através de métodos ativos que serão discutido aqui podem sufocar os eufemismos propositais em torno do Golpe de 1964 provocados por reacionários e extremistas nas redes que, como vimos, encontram eco em sala de aula. Essas atividades pautadas na lógica do letramento histórico-digital dão a oportunidade de levar para outros espaços, como a residência desses alunos(as), discussões para além da memória que muitas pessoas próximas a esses jovens podem ter sobre o período e que usualmente formam um primeiro contato desorganizado entre aprendentes e o tema. A Professora Dra. Isabel Barca, da Universidade do Minho, corrobora com esta fala, justamente ao avaliar que esses aprendentes muitas vezes

> têm já um conjunto de ideias relacionadas com a História, quando chegam à escola. O meio familiar, a comunidade local, os media,especialmente a tv, constituem fontes importantes para o conhecimento histórico dos jovens, que a escola não deve ignorar nem menosprezar. É a partir da detecção destas ideias - que se manifestam ao nível do senso comum, e de forma muitas vezes fragmentada e desorganizada - que o professor poderá contribuir para as modificar e tornar mais elaborada. (BARCA, 2001, p.15)

Com esse espírito de enfrentamento demonstrado até aqui, ansiamos plantar uma semente dentro de cada aluno(a) no Falcão Cursos através dos amplos caminhos que o letramento histórico-digital nos levam. Discutir o Golpe de 1964 e não a "Revolução de 1964"

em um ambiente como o Falcão que possui sua visão voltada às escolas militares, pode parecer difícil, porém, mostra um projeto desde já preocupado com relação às questões também intrínsecas a esses futuros militares, onde o legalismo e a constitucionalidade das Forças Armadas são inegociáveis. A expansão da cultura do *"del Nunca más!"* pode sim extrapolar as fronteiras platinas e chegar em solo brasileiro mesmo que de maneira tardia, desde que seja tratada de maneira séria, longe de bravatas costumeiras na internet. E o ensino de história pode sim atuar neste esforço conjunto. Assim, escolhemos o letramento histórico-digital e a mediação que as mídias digitais podem ter com as fontes históricas como uma maneira de atingirmos este objetivo.

Portanto, neste terceiro capítulo, pretendemos abarcar uma discussão mais ampliada do que é o letramento histórico-digital, nosso bálsamo contra a inserção de discursos extremistas em sala de aula. Analisaremos os principais conceitos discutidos por diversos pesquisadores e professores que defendem o uso do letramento histórico-digital no "chão da escola" para a maximização da criticidade e emancipação discente em um período obscuro como os atuais. Além disso, analisaremos como as questões voltadas ao letramento histórico-digital são abordadas em outras dissertações do programa nacional de ensino de história, o Profhistória, maior amostragem possível em termos de trabalhos sobre didática da história no país, além de outras obras acadêmicas.

Por fim, apresentaremos nosso produto, uma sequência didática em torno do Golpe de 1964. Esta prática será acompanhada por uma cartilha digital que possui como remetente professores(as) do ensino básico, caso estes queiram introduzir em sua prática docente algum objeto de aprendizagem desta sequência após leitura da dissertação. Esta cartilha também apresenta discussões sobre o negacionismo histórico no passado e no presente. Também ao longo deste último item, apresentaremos através de relatos, descrições e fotos como esta sequência foi realizada no Falcão e quais consequências foram geradas aos aprendentes após o contato com este método.

3.1. AFINAL, O QUE É O LETRAMENTO HISTÓRICO-DIGITAL?

Iniciaremos este item discutindo falas de alguns historiadores reconhecidamente importantes no que diz respeito à análise sobre o letramento histórico-digital em sala de aula. As necessidades de ruptura impostas pelos problemas aqui discutidos, incidindo consequentemente sobre o ensino de história e o "chão da escola", fizeram com que diversos pensadores traçassem linhas de raciocínio sobre a temática ao longo do tempo. Aliada a essas

questões, não podemos esquecer que os desafios impostos pelas mídias digitais também impuseram reflexões sobre a sala de aula, já que a internet promoveu uma verdadeira revolução em termos de inovação tecnológica digital, gerando novas formas de comunicação e interação na sociedade contemporânea, com afirma o filósofo francês Pierre Lévy (1999). Como consequência, novos conceitos surgiram. Se antes da revolução digital, no âmbito do ensino já se observava questões voltadas ao letramento, com a chegada dessas mídias, um novo tipo de letramento, o digital, surgiu através do desenvolvimento desta cibercultura. Este letramento se baseia em

> um conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço, como sendo um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores (LÉVY, 1999, p. 17).

Esta verdadeira encruzilhada composta pelo sentido histórico e digital, caracterizou o letramento histórico-digital como um procedimento teórico-metodológico muito diferente em comparação a qualquer outro tipo de letramento. O professor me. Danilo Alves da Silva, um dos precursores no tema, em sua dissertação de mestrado, que anos depois viraria um livro, "Letramento Histórico-Digital: Ensino de História e Tecnologias Digitais" sintetiza este pensamento ao definir este processo em

> três etapas: investigação histórica (procedimentos de pesquisa), desenvolvimento da competência tecnológica-digital (apropriação de saberes tecnológicos e digitais aplicados à pesquisa histórica) e competência narrativa (constituição histórica de sentido expresso em diferentes linguagens). (SILVA, 2019, p.64).

O professor Marlon Luís Corrêa, pesquisador que realizou trabalho neste campo de discussões ajuda a complementar a fala de Silva (2019) afirmando que

> o letramento histórico-digital por meio da produção de narrativas históricas digitais é uma forma singela de dizer que devemos valorizar aquelas características sociais, culturais e técnicas que fazem parte do mundo dessa nova geração de jovens que vivem a cultura digital de modo intenso. Também é um modo do ensino de História ocupar novos espaços, demarcar territórios nas culturas digitais e criar ferramentas para compreendermos as transformações que ocorrem por meio das TDIC. (CORRÊA, 2021, p.16)

Juntar todos esses ingredientes na medida certa, talvez seja o maior desafio para o uso do letramento histórico-digital. Pois segundo Cerri (2014, p.44), "a formação histórica depende apenas em parte da escola",

> logo, não se deve desconsiderar a influência dos meios de comunicação [...]ou da internet na formação das suas consciências históricas ao pensar a prática docente. Esses aspectos influenciam a forma como esses indivíduos produzem

> sentido para o que aprendem no ensino escolar de história. (GIOVANETTE, 2023, p.219)

Como um exemplo de método ativo, deve ser sempre enfatizado em estratégias que possam inserir nos processos de ensino e aprendizagem o aprendente como centro do processo, estimulando o pensamento afirmativo, reflexivo e crítico deste discente (BACICH; MORAN, 2018) como apontam os Professores Dr. José Moran e a Dra. Lilian Bacich na obra "Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática". Logo, impor as esferas digitais sem que isso faça um sentido histórico aos alunos(as) não é desejável neste método. A adaptação do âmbito digital ao conhecimento histórico e não o contrário, como vimos com Silva (2019) no tópico anterior, é a métrica a ser alcançada para que este método tenha sucesso e o processo de letramento histórico consequentemente tenha êxito, já que

> que a preocupação não está na instrução dos jovens para o uso das tecnologias digitais, mas no letramento histórico-digital dos estudantes, de forma crítica, possibilitando a eles o desenvolvimento de habilidades digitais para manusearem fontes históricas e desenvolverem consciências históricas que auxiliem na orientação temporal, fazendo sentido na vida prática e na ampliação de suas perspectivas de futuro. (SILVA, 2019, p. 59)

As possibilidades que o mundo digital nos fornece em termos de procedimentos e curadoria com fontes são enormes e o auxílio que as mídias possibilitam para construção do conhecimento histórico idem. Assim como temos a preocupação em não priorizar apenas o digital em detrimento do fator histórico neste método, visto que o alcance de uma orientação temporal que gere uma consciência histórica nos alunos(as) é um dos principais objetivos a serem alcançados, o profissional que trabalhar com termos como letramento histórico-digital também não pode deixar de lado preocupações em torno da otimização e habilidades de certas ferramentas digitais para o método funcionar. E aí temos mais uma questão a debater.

Com o surgimento e solidificação da internet no Brasil ao longo da década de 1990 e 2000, diversas áreas profissionais tiveram que adequar suas finalidades aos meios digitais. As facilidades propostas por diversas dessas ferramentas otimizaram o meio laboral de modo sem precedente, alterando de maneira drástica a relação do trabalho com o indivíduo. Porém, quando tentamos observar tais questões no meio educacional, vemos algumas permanências problemáticas. Por anos, por exemplo, a formação de licenciatura em história relegou às mídias digitais a um papel secundário na relação entre professor, conteúdo e aluno(a). A falta de componentes no ensino superior ou cursos de formação continuada para docentes que pudessem fomentar o contato de professores(as) com tecnologias digitais da informação e comunicação, as TDICS, nas décadas posteriores gerou muitos profissionais orientados a seguir um caminho

mais convencional, ou tradicionalista, em termos de exposição de conteúdo à sala de aula, mesmo com as sólidas bases da *world wide web* sedimentadas em solo brasileiro.

Apesar dos avanços em termos de legislação nos últimos anos e dos esforços de inúmeros professores e intelectuais da área levantando bandeiras em torno das metodologias ativas, a árdua luta por uma preparação docente mais qualificada e próxima à ferramentas digitais desde a base profissional deve ser constante visando também aprendizagens significativas dos aprendentes, já que como afirmam os escritores Nelson de Lucca Preto e Maria Helena Silveira Bonilla na obra "Inclusão digital: Polêmica Contemporânea"

> o uso pleno das TIC compõe os direitos humanos, a cidadania e a dinâmica de geração de "novos direitos", faz parte das condições contemporâneas de auto-organização, colaboração e dos processos horizontais que estruturam as bases para a constituição de uma nova organização social. Essa tarefa social requer abordagens políticas transformadoras, articuladas e focadas em suas múltiplas dimensões. Pode-se admitir que a garantia e efetivação dos direitos humanos e as transformações sociais a elas associadas se encontram (BONILLA; PRETO, 2011, p.43)

Os estudiosos Lucicleide Araújo de Souza Alves, Leda Gonçalves de Freitas e Benedito Rodrigues dos Santos, complementam esta análise, indicando esta necessidade de melhoria na formação

> pelo fato de a maioria dos professores ser considerada "imigrantes digitais", ou seja, por não terem sido formados para atuarem nessa cultura digital, contexto do qual os estudantes já não conseguem se imaginar fora. Os professores, ou "imigrantes digitais", lidam cotidianamente, nas salas de aula, com alunos que já não mais estão restritos ao acesso aos bens culturais selecionados apenas pelo professor (ALVES; FREITAS; SANTOS, 2017)

Um importante exemplo deste dilema também foi observado na pesquisa da professora dr.ª Maria Cláudia Cardoso Ferreira do departamento de Geografia e História da Universidade Federal do Piauí, "Professores de história em uma experiência de formação inicial à distância: os significados e os limites da profissionalização". Neste artigo, a autora relata uma "experiência de formação a distância (Pró-licenciatura) destinada a professores leigos que atuavam como professores de história no Nordeste brasileiro" (FERREIRA, 2014, p.99), nesta atividade, a professora constatou que

> Em muitas ocasiões foram os filhos dessas professoras, alguns deles também na universidade, que começaram a auxiliá-las no uso da internet, ensinando-as a usar o correio eletrônico, a fazer download das tarefas e textos, a postar mensagens etc. Por meio dessa experiência de curso de licenciatura em história temos uma ideia de como se encontra a realidade de trabalho e de desenvolvimento profissional dos professores no país. Constatou-se que essa política de formação em serviço atingiu um conjunto de professores, ou melhor, professoras, com uma longa, porém precária trajetória de trabalho por conta de uma formação inexistente ou inadequada às atividades intelectuais e

> laborativas que desempenhavam, algumas havia décadas (FERREIRA, 2014, p.120)

Como comentamos, a tentativa de mudança deste paradigma é um foco de trabalho e pesquisa de inúmeros intelectuais. A luta em torno da aplicação de metodologias ativas, como o letramento histórico-digital, são bandeiras levantadas, por exemplo, pela professora pós-doutora em história, Vanessa Spinosa, e pelo professor dr. Carlos Eduardo Martins Torcato da UFRN e UERN, respectivamente. Com os docentes, este mestrando foi encorajado a discutir com outros colegas de mestrado a inserção das TDICS no ensino de história e colocar em prática diversos métodos inovadores em sala no componente ofertado pelo Profhistória, "Tecnologias da Informação e Comunicação e Ensino de História" em 2023. A oportunidade oferecida através desses professores, corrobora com a discussão anterior, já que todos aqueles que fizeram parte da turma saíram profissionais diferentes de algum modo. Este tipo de atividade alinhada ao que afirmam Gavin Dudeney, Nicky Hockly e Mark Pegrum (2016), municia a ampliação de conhecimento do profissional que se pré-dispõe a trabalhar com este tipo de proposta de letramento.

O embate travado por essa dupla de professores contra o ensino tradicional no exemplo acima é um fator influenciador e que pode ser tratado como um modelo de inovação ou ruptura com o *modus operandi* atual de ensino de história. Apesar da formação profissional discente oriunda do ensino à distância on-line por 4 anos, este mestrando nunca havia tido um contato tão profundo com metodologias tão diversas dentro das mídias digitais neste período, impulsionando o argumento que mesmo se estando em contato com algumas ferramentas digitais, nem sempre um professor de história estará totalmente habilitado ou familiarizado a utilizá-las como ponto fundamental para o letramento histórico, necessitando assim de amparo e orientações contínuas. Assim, este acompanhamento nos municiou a propor modelos de aulas mais significativos e desafiadores mesmo em um terreno complicado como foi enunciado no capítulo anterior em Parnamirim. Dentro deste debate, Spinosa (2021, p.3) ao analisar o trabalho de Silva (2021) ressalta que

> a importância do letramento digital, em diversos níveis, é algo vital para entender o que é educação no século XXI. A falta de habilidade em lidar com novos aplicativos, com as possibilidades que os softwares oferecem, a movimentação dos algoritmos em busca do consumidor cidadão, a moeda virtual bitcoin, enfim, um novo universo, literalmente, se abre para todos nós. É preciso que a sociedade da informação, como denominou Castells (2013), entenda minimamente essa dinâmica. Uma alfabetização digital é, sim, necessária para que outros letramentos ocorram, e os letramentos, digital e histórico podem e devem ocorrer juntos nesse processo.

Torcato (2022) segue a mesma linha de raciocínio, ilustrando que o cruzamento entre a didática da história e as ferramentas digitais deve servir de incentivo inclusive ao combate às falsificações históricas que ocorrem neste mesmo terreno tecnológico. O historiador além de propor um esforço dos educadores em torno do tema, observa que este diálogo com as TDICS

> deve ser mais no sentido de integrar tais recursos na prática didática, pois elas são parte integrante da vida em sociedade. Com a ascensão do universo digital, a autoridade do historiador ficou "eclipsada por uma multiplicidade de discursos que, até então, tinham ocupado um papel muito marginal no campo de disputas pelo passado", resultando em um contexto de difusão do negacionismo e do anticientificismo, não raro com apoio de personalidades públicas. (TORCATO, 2022, p.95)

Outro fator a ser observado quanto a implementação de um método tão importante para as aulas de história como é o letramento histórico-digital são os instrumentos tecnológicos a serem utilizados. De encontro a uma parte considerável de unidades de ensino pelo Brasil, o Falcão Cursos disponibiliza ferramentas de apoio, ajudando no exercício do letramento digital dentro das salas de aula disponíveis na empresa, podemos observar isso abaixo (figura 15). Além disso, a expansão possível do "chão da escola" para outros locais, físicos ou não, mediante o uso de *smartphones*, *tablets* ou *notebooks* dos alunos da instituição também é uma realidade. Em breves conversas, todos os alunos afirmaram possuir algum eletrônico que possibilite este tipo de exercício que virá a ser proposto.

Figura 15 - Uso de ferramentas digitais na instituição nas aula de história



Fonte: Foto realizada pelo autor

Contudo, infelizmente sabemos que nem toda realidade docente é essa, a oferta de ferramentas digitais que gerem um trabalho com as TDICS em escolas, certamente é maior em instituições de ensino do âmbito privado e não raro abarcam um público socialmente com maiores condições financeiras, caso do Falcão. À luz deste debate Bonilla e Preto (2011, p.31) afirmam que

> as principais constatações dos defensores da existência da exclusão digital relaciona-se com as dificuldades de acesso às TIC pelas parcelas da sociedade que já estão situadas à margem das possibilidades de acesso aos demais bens de consumo. (BONILLA; PRETO, 2011, p.31)

Porém, ressaltamos que isso não necessariamente precisa ser um impeditivo para que outros professores em situações mais delicadas de trabalho realizem este tipo de trabalho com o letramento histórico-digital, pois como afirma Torcato (2022), as tecnologias de informação e comunicação já são parte integrante da vida social. O letramento histórico proposto junto às mídias digitais amplia, por exemplo, a funcionalidade de simples ferramentas como *Whatsapp*, *Telegram e Google Maps*, por exemplo, corriqueiras no uso social. Nas hipóteses mais delicadas esses simples aplicativos podem servir de apoio a construção do conhecimento histórico. Além do mais, será em torno da mediação docente, através do senso crítico, que teremos o principal elemento nesta percepção, haja vista que é o profissional de história que observa e cria a profundidade necessária do saber, desenvolvendo a criticidade do aluno junto ao uso das ferramentas tecnológicas de aprendizagem (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016), sendo portanto o digital um meio para conclusão do objetivo. De acordo Cerri (2011, p.44), "a formação histórica depende apenas em parte da escola", logo, não se deve desconsiderar a influência dos meios de comunicação, da família, do círculo de fé ou da internet na formação das suas consciências históricas ao pensar a prática docente. Esses aspectos influenciam a forma como esses indivíduos produzem sentido para o que aprendem no ensino escolar de história. A título de exemplo, isso pôde ser observado no já citado componente "Tecnologias da Informação e Comunicação e Ensino de História" da UERN/UFRN, onde vários docentes, de variadas regiões do país, puderam organizar trabalhos incríveis com ou sem escassez de ferramentas digitais em seus projetos.

Observada a possibilidade de atuarmos com a dinâmica do letramento histórico-digital no Falcão Cursos, analisaremos agora outras falas e trabalhos que corroboram com a discussão mais importante desta pesquisa, o combate aos discursos que visam as falsificações do passado através do letramento, o histórico, nas mídias digitais. O mesmo ciberespaço que dificulta as

aulas de história na instituição parnamirinense deve servir de apoio para o produto que desejamos apresentar. Ou seja, dos discursos apologéticos de alunos(as) observados nos últimos meses em torno da Ditadura Civil-Militar de 1964, subsidiados pelo negacionismo vigorante nas mídias - um problema - poderemos através da investigação histórica enxergar um outro propósito para esse mesmo terreno tecnológico de modo significativo - uma solução - através do letramento histórico-digital nos encontros da disciplina. Gilliard da Silva Prado, professor dr. em História, corrobora com esse desejo ao afirmar que

> em um contexto marcado pelos complexos fenômenos das fake news e da pós-verdade, é função social do historiador atuar na esfera pública das mídias digitais para combater as tentativas de falseamento da realidade e o negacionismo histórico. Essa atuação deve ser orientada no sentido de contribuir para a compreensão dos referidos fenômenos e para o desenvolvimento de uma consciência histórica pela sociedade, bem como de demonstrar que fatos e opiniões não são equivalentes (PRADO, 2021, p.27)

3.2 O LETRAMENTO HISTÓRICO-DIGITAL E SEU DIÁLOGO COM ALGUNS TRABALHOS ACADÊMICOS

Na esteira da fala de Prado (2021), Silva (2019) utilizou o letramento histórico-digital nos encontros com os seus alunos para analisar o que se reproduz sobre a Ditadura Civil-Militar de 1964 na internet e qual comportamento que a sua turma teria perante essas falsificações, por exemplo. A partir disso, montou com seus alunos(as) através do *moodle* uma plataforma colaborativa para se discutir temas voltados à Ditadura, usando as mídias como meio para interpretação de inúmeras fontes históricas que pudesse gerar habilidades leitoras e escritas nos discentes. Assim como nesta dissertação, Danilo Silva examina o contato que seus alunos(as) possuem com documentos digitais sobre a temática para a partir disso, avaliar como

> os estudantes puderam pensar, como eles têm acessado e tratado documentos disponíveis na internet, por exemplo, notícias, memes, imagens, fotografias, anúncio de produtos, além de construírem um pensamento crítico sobre como ler uma informação em plataformas digitais, sites, redes digitais [...] Por exemplo, ao assistir o vídeo sobre os depoimentos de militantes da Ditadura Civil-Militar no Brasil, problematizamos questões técnicas e metodológicas, tais como ordem de fala e tema entre os depoentes, recursos tecnológicos e custos para gravação e divulgação, interesses pela disseminação do vídeo, canais que o veicularam, diferentes usos e apropriações do vídeo, inclusive na sala de aula como fonte histórica. (SILVA, 2019, p.79)

Outro belo trabalho digno de menção, foi feito em conjunto pelo professor dr. em história, Arnaldo Martin Szlachta Júnior e a professora Ana Camilo Tarquino da Gama, intitulado "Patrimônio Histórico e Humanidades Digitais: o uso do *mymaps* no Ensino de História sobre a ditadura civil-militar no Recife". Neste trabalho, após uma sequência didática

investigativa, um mapa com “alguns espaços e locais na cidade relacionados ao período ditatorial, através da ferramenta *MyMaps* e pelo recurso do *Street View*” (SZLACHTA JÚNIOR; GAMA, 2022; p.16) foi criado por discentes. Os professores descreveram algumas atividades da seguinte maneira:

> Na primeira etapa do trabalho, antes do início da atividade de criação dos mapas virtuais, procuramos discutir com os alunos suas concepções prévias sobre o conceito de patrimônio[...] Ao mesmo tempo, buscou-se situar as memórias da ditadura dentro desse campo de disputas [...] No segundo momento, foram realizadas as atividades de pesquisa histórica e levantamento dos locais ligados à memória da ditadura na cidade. Foi feito um trabalho colaborativo através de um conjunto diverso de fontes históricas, entre livros, sites, mapas, jornais, reportagens, documentários, filmes etc. [...] Buscamos também explicitar junto aos alunos os caminhos a serem percorridos no trabalho com as fontes históricas, estabelecendo ferramentas que os auxiliassem nos procedimentos de pesquisa e investigação. No decorrer da atividade, houve a possibilidade de localizar, identificar e visitar alguns espaços e locais na cidade relacionados ao período ditatorial, através da ferramenta *MyMaps* e pelo recurso do *Street View* [...] O terceiro momento do trabalho, foi dedicado para a elaboração dos textos sobre os diversos locais pesquisados para posteriormente serem adicionados ao mapa digital. Assim, após os alunos selecionarem, e pesquisarem seus locais escolhidos, foi iniciada a atividade individual de construção dos textos, acrescentando referências de imagens, notícias, documentários, livros, jornais etc [...]Após o trabalho de pesquisa, realizamos a atividade de construção do mapa virtual “Mapas da Memória: A Ditadura Civil-Militar no Recife”. Através do aplicativo *MyMaps* (SZLACHTA JÚNIOR; GAMA, 2022, p. 13-18)

Observa-se claramente no breve fragmento acima, algumas características nas atividades que remetem a pesquisa de Szlachta Júnior e Gama (2022) a uma tentativa de letramento histórico, aliado ao digital. Logo na primeira abordagem busca-se uma prévia do conhecimento dos alunos(as) sobre temas relativos à ditadura e patrimônio. Na sequência, em torno de um método investigativo através da leitura de fontes históricas e uso de diversos recursos digitais, como o *Street View* e *My Maps*, buscou-se ganhar maior corpo teórico e prático sobre o tema. Por fim, a união das atividades escritas feitas por cada aluno, resultou na construção de uma mapa virtual da turma. Portanto, vemos metodicamente um trabalho fundamentalmente histórico através do fomento em torno de habilidades leitoras e escritas mediadas por mídias. Isso é um exemplo de letramento sobre a Ditadura Civil-Militar no âmbito do ciberespaço, possibilitando assim “a construção de novas narrativas sobre o período, podendo se transformar em possibilidades de ações ligadas à memória, justiça e a reparação” (SZLACHTA JÚNIOR; GAMA, 2022, p. 12), características que também desejamos lidar com o produto a ser difundido no Falcão.

Outro interessante trabalho acadêmico a fazer uso da plataforma digital *mymaps*, foi o da graduada em história Anita Natividade Carneiro sob orientação da professora drª em história

Caroline Silveira Bauer, pela Universidade do Rio Grande do Sul, sob o nome de "Caminhos da ditadura em Porto Alegre: Ensino de História através da tecnologia digital". De acordo com Carneiro (2018), seu trabalho está pautado em três eixos norteadores, história digital, história pública e a Ditadura Civil-Militar, sendo tensionados no campo do ensino de história. A construção deste produto digital leva em consideração o trabalho de relembrar processos que as pessoas gostariam de ter esquecidos, parafraseando Peter Burke (2000). Além disso, a construção do mapa "Caminhos da Ditadura em Porto Alegre" realizado nesta obra é capaz de criar uma narrativa que não esta posta para os/as estudantes nos livros didáticos. A compreensão que se alcança através da ferramenta é a de colocar o discente (e seu cotidiano) como objeto focal de estudo, aproximando-os dos lugares que transitam no seu dia-a-dia de modo ativo como centro do discurso, ou seja, aqui temos um sujeito histórico que gera conteúdo digital e é impactado por ele, transcendendo tradicionalismos em termos de método. Segundo a autora,

> Primeiramente, é preciso elucidar que a problemática que orientou a concepção e o desenvolvimento do mapa digital, para além da aproximação da temática da ditadura dos habitantes e transeuntes de Porto Alegre, foi de apresentar aos/as educandos/as e aos/as educadores/as novas práticas de ensino de história. O desenvolvimento dessa problemática ligada ao mapa em si suscitou a elaboração de uma pesquisa que visasse potencializar reflexões no âmbito acadêmico sobre os campos do ensino de história da ditadura civil-militar brasileira, da história digital e da história pública, e sua inter-relação. (CARNEIRO, 2018, p. 15)

Outra discussão no sentido do cruzamento entre letramento histórico-digital e Ditadura Civil-Militar é trazida por Mayra Ferreira Barreto da Universidade Federal de Sergipe, no artigo "A redemocratização e a abertura política através do Jornal Gazeta de Sergipe (1979-1980): O periódico digital como mídia para estudo da história do Brasil". Nesta obra, Barreto (2023) discute a função do meio digital para o ensino de história em torno de um tema sensível, trazendo uma abordagem local. Mayra apresenta a possibilidade, como fonte histórica, do uso de jornais de época que se encontram em sites de veículos da imprensa para análises sobre o período. Neste experimento, que poderia ser explorado e melhorado por qualquer professor de história, em qualquer escola do país, a autora observou o potencial investigativo que esses artigos digitais possuem para o ensino de história, gerando questões em torno da habilidade que os docentes poderiam incorporar no que diz respeito à leitura e escrita sobre o período e alavancagem de uma consciência histórica. No caso citado, a autora observou que um jornal muito famoso no estado de Sergipe possuía inclinações de apoio ao golpe através dos vestígios digitais encontrados na web. No âmbito do ensino, segundo Barreto,

> a utilização de mídias digitais no período da redemocratização política do regime autoritário de 1964 a 1985 é um avanço importante no ensino de

> História. Por muito tempo arquivos, deste período, foram negados, assim como a falta de interesse de setores políticos que causaram o desconhecimento de boa parte da sociedade brasileira [...] A pesquisa conseguiu atingir os objetivos propostos, na medida em que discutiu em diferentes perspectivas as questões relacionadas ao uso de fontes jornalísticas sergipanas como recurso didático no ensino de História [...] O trabalho também contribuiu para ampliar o debate sobre o ensino de História no contexto da era digital e para uma formação de sujeitos que aprendam a pensar historicamente, apropriando-se de tecnologias digitais e para a formação crítica do aluno a respeito de práticas autoritárias, para que sempre atuem em defesa aos direitos humanos e da democracia acima de quaisquer circunstâncias. (BARRETO, 2023, p. 28-29)

Para além da inspiração, esses trabalhos acima geraram à esta pesquisa um outro desdobramento. Ao intensificarmos mais as pesquisas sobre os multiletramentos (letramento; letramento digital; letramento histórico e letramento histórico-digital), observamos uma quantidade razoável de dissertações que abordam esses métodos de ensino no banco de textos do Programa Nacional de Mestrado Profissional em Ensino de História, o Profhistória. Esta modalidade de pós-graduação ao abordar diversas problemáticas no âmbito da construção do conhecimento histórico, serve como um parâmetro nacional para diversas questões no ensino, logo a pesquisa sobre letramento histórico-digital nesta amostragem importante se faz necessária. Para além da teoria aqui discutida, entender como se dá a prática de professores ao redor do país com as TDICS é uma maneira importante de ampliarmos nossa visão sobre essas ferramentas. Assim, faço um convite ao leitor, a fazer um breve exame dessas obras nas próximas linhas junto a este mestrando, buscando observar quais são os comportamentos destas obras em torno das mídias digitais e possíveis aproximações de dissertações com o tema chave deste texto, a Ditadura Civil-Militar de 1964 no âmbito digital, ao longo de quase 10 anos de programa.

3.3. SOBRE O LETRAMENTO HISTÓRICO-DIGITAL NO PROFHISTÓRIA

O programa nacional de mestrado profissional em ensino de história, o Profhistória, ao longo dos últimos 10 anos se estabeleceu como principal fonte de pesquisa quanto aos assuntos que orbitam o cenário de ensino da disciplina. Desde 2014, com o estabelecimento das primeiras turmas de docentes do programa, 897 obras foram elaboradas com o intuito de debater problemáticas importantes sobre o tema. Nenhum outro programa de pós-graduação fez tanto pelo segmento quanto o Profhistória. Logo, torna-se um movimento natural buscar dentro deste compilado de dissertações alguns padrões para embasar pesquisas semelhantes ou entender

fenômenos. No nosso caso, queremos examinar como se dá o direcionamento em torno das pesquisas sobre letramento no programa. Para isso, articulamos duas situações.

Primeiramente, esta busca foi influenciada por uma outra obra do Profhistória, a dissertação "Por uma educação dos sentidos para dar significado ao ensino de história: uma proposta a partir da educação patrimonial", idealizada pela profª. me. Letícia Lopes Saldanha, este texto traz uma abordagem semelhante ao tentar estabelecer um estudo global sobre educação patrimonial a partir do que se faz no Profhistória. Dessa pesquisa, Saldanha (2020) comenta que estabeleceu critérios qualitativos para montagem do seu produto final em sua escola em Mecejana-CE a partir do exame do que se fazia em todo o Brasil, observando o que poderia dar certo dentro de sua realidade.

> Uma vez selecionadas as dissertações, passei a refletir sobre os produtos coligidos por esses trabalhos, pois o Mestrado Profissional em História exige uma dimensão propositiva a ser utilizada em sala de aula, ou seja, um retorno palpável a "realidade do dia a dia" do ensino básico. Em função disso, entendo que o produto dessas pesquisas constitui um diferencial tão significativo em relação ao mestrado acadêmico que é por meio dele que irei analisar os estudos em questão (SALDANHA, 2020, p.53)

Além da dissertação de Letícia Lopes Saldanha, outro recurso importante de análise e pesquisa foi o próprio site do Profhistória, na seção "pesquisa". Nesta ferramenta, temos acesso a todo banco de obras do programa, tendo auxílio de um buscador, onde através de palavras chaves podemos explorar as 897 obras do site. Nesta primeira abordagem através dos números e exemplos do Profhistória e "na impossibilidade de recorrer à totalidade dos textos, selecionei aqueles cujas temáticas se relacionassem às seguintes palavras-chave" (SALDANHA, 2020, p. 53): "letramento"; "letramento-digital"; "letramento histórico" e "letramento histórico-digital".

Foi observado uma totalidade de 20 obras, ao adicionarmos a palavra "letramento". Buscando um filtro maior, ao inserirmos os outros 03 termos, "letramento-digital"; "letramento histórico" e "letramento histórico-digital", todas as obras que apareciam apenas em "letramento" reincidiram. Conforme vemos abaixo (tabela 01), as 20 obras que representam o universo dos multiletramentos e que estão em ordem crescente em termos de temporalidade, representam apenas cerca de 2% da totalidade de obras do Profhistória em seu site. A pequena representação destes termos na pesquisa apontam para uma urgência por pesquisas orientadas em conceitos como estes, apesar da grande incidência das mídias digitais em nossas vidas e na dos nossos alunos.

Um fator interessante a ser apontado na tabela com as obras selecionadas, foi a frequência da produção em torno de sequências didáticas quando o assunto são esses

multiletramentos, onde as habilidades em termos de investigação, escrita, leitura e produção ou recursos tinham como foco os meios digitais. Ao todo 15 das 20 obras encontradas na seção "pesquisa" do Profhistória abordaram esta questão didática, representando 75% dos produtos abaixo (tabela 01). O letramento histórico-digital aborda algumas etapas sequenciais em torno dos alunos(as), como vimos na obra de Silva (2019), por isso a representatividade da sequência didática pode ser de grande importância para o alcance dos objetivos desse método.

Por fim, vale a pena apontarmos para a influência dos trabalhos da UFRN nos apontamentos em torno do letramento histórico-digital, com ⅓ dos textos realizados partindo do território do Rio Grande do Norte. Esta influência pode estar ligada ao seminal trabalho realizado por Silva (2019), em virtude da importância da sua obra para o Profhistória na região, e pelo trabalho de orientação da professora Vanessa Spinosa em alguns desses textos selecionados na tabela.

Tabela 01 - Os multiletramentos do Profhistória

PESQUISA SOBRE LETRAMENTO; LETRAMENTO DIGITAL; LETRAMENTO HISTÓRICO E LETRAMENTO HISTÓRICO-DIGITAL NO PROFHISTÓRIA (2014 - 2022)				
AUTOR	**ANO**	**UNIVERSIDADE**	**OBRA**	**PRODUTO**
CLAUDIA FERNANDES DE AZEVEDO	2016	UERJ	Interação verbal com fontes: letramento(s) no ensino de História	SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM MÍDIAS DIGITAIS
HUMBERTO SERRABANCA CAMPOS E SILVA	2016	UFRJ	Mortimer Adler e o ensino de História: educação liberal, letramento e didática	SEQUÊNCIA DIDÁTICA SEM MÍDIAS DIGITAIS
RAFAEL BASTOS ALVES PRIVATTI	2016	PUC/RJ	Que História é essa? Letramento em História e em Língua Portuguesa nos anos iniciais da escolarização	SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM MÍDIAS DIGITAIS
CAMILLA OLIVEIRA MATTOS	2016	UFRRJ	Sinais do tempo: Construção de Significados de tempo histórico para alunos surdos em uma perspectiva de letramento histórico em Libras	SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM MÍDIAS DIGITAIS
MAURICIO DOS SANTOS FERREIRA	2017	UFRRJ	Séries televisivas, regimes de sentido e ensino de história: Parâmetros críticos para a construção de séries televisivas históricas não-documentais	PROJETO DIDÁTICO SEM MÍDIAS DIGITAIS
JOÃO MISAEL DA SILVA BROSSA	2018	UNIFESP	A escola encontra o passado no cinema: "Luz, Câmera... Educação!"	PROJETO DIDÁTICO SEM MÍDIAS DIGITAIS

PESQUISA SOBRE LETRAMENTO; LETRAMENTO DIGITAL; LETRAMENTO HISTÓRICO E LETRAMENTO HISTÓRICO-DIGITAL NO PROFHISTÓRIA (2014 - 2022)				
AUTOR	**ANO**	**UNIVERSIDADE**	**OBRA**	**PRODUTO**
PAULO EDUARDO DE MATTOS STIPP	2019	UNICAMP	A história muda:o uso de imagens no ensino de história para surdos	SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM MÍDIAS DIGITAIS
LUCÉLIA SILVA DE SALLES FRANÇA	2019	UFPE	Ensino de História e letramento na EJA : costurando o conceito de trabalho com estudantes-operários do pólo das confecções do Agreste	SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM MÍDIAS DIGITAIS
THIAGO SALDANHA LACERDA	2019	PUC/RJ	Leitura, Escrita e Letramento no ensino de História. A formação de alunos autores, escritores e contadores de História	SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM MÍDIAS DIGITAIS
DANILO ALVES SILVA	2019	UFRN	Letramento histórico-digital: ensino de História e tecnologias digitais	SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM MÍDIAS DIGITAIS
BÁRBARA ZACHER VITÓRIA	2019	UFSC	Sobre memes e mimimi : Letramento histórico e midiático no contexto do conservadorismo e intolerância nas redes sociais	SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM MÍDIAS DIGITAIS
BRUNO RIBEIRO MARQUES	2020	UFRN	A Jornada do Herói: uma proposta audiovisual e interdisciplinar para o ensino de historia na educação profissional	PRODUÇÃO DIDÁTICA COM MÍDIAS DIGITAIS
DANILO NOGUEIRA DE MEDEIROS	2020	UFRN	Construindo narrativas no ciberespaço: uma proposta de letramento histórico e digital para estudantes do Ensino Fundamental nos Anos Finais	AULAS OFICINAS COM MÍDIAS DIGITAIS
ANDRÉ VINICIUS BEZERRA MAGALHÃES	2020	UFRN	Hoje não vai ter aula: EducAÇÃO Histórica e Aprendizagem ColaborATIVA a partir da experiência com a ONHB	DISCIPLINA ELETIVA COM MÍDIAS DIGITAIS
FRANCISCO ADONIRAN BRAGA RAMOS	2020	UFRN	Um Diálogo entre Professores: o saber histórico e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental	ENCONTRO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES SEM MÍDIAS DIGITAIS
ALESSANDRO OLIVEIRA DE SOUZA ARAÚJO	2021	UFRN	Direitos humanos e diversidade cultural: Letramento digital e a aprendizagem histórica por meio do remix no ensino médio	PRODUÇÃO DIDÁTICA COM MÍDIAS DIGITAIS

PESQUISA SOBRE LETRAMENTO; LETRAMENTO DIGITAL; LETRAMENTO HISTÓRICO E LETRAMENTO HISTÓRICO-DIGITAL NO PROFHISTÓRIA (2014 - 2022)				
AUTOR	**ANO**	**UNIVERSIDADE**	**OBRA**	**PRODUTO**
MARLON LUÍS CORREA	2021	UFRGS	Ensino de história e letramentos históricos-digitais: a voz dos estudantes nas culturas digitais	PRODUÇÃO DIDÁTICA COM MÍDIAS DIGITAIS
FABIA JANAINA MARCIEL DA SILVA	2021	URCA	Eu me abraço à clepsidra, pois o tempo foi e ainda é: consciência histórica e narrativas de estudantes e docentes do ensino médio das escolas estaduais de exu-pe	PRODUÇÃO DIDÁTICA COM MÍDIAS DIGITAIS
EZEQUIEL RIBEIRO LOPES	2021	URCA	"Literacia sertaneja: ensino da história do sertão nordestino e literatura no combate aos preconceitos"	PRODUÇÃO DIDÁTICA SEM MÍDIAS DIGITAIS
SERGIO FELIPE MORAES DA SILVA	2021	UFRJ	Jogo de perguntas e respostas no Ensino de História: da permanente problematização ao desenvolvimento da leitura e da escrita	CARTILHA DIGITAL

Fonte: Elaborado pelo autor

Uma situação a ser apontada a priori ao longo da análise da tabela é a falta de um maior número de trabalhos que unam temas sensíveis, como a Ditadura Militar de 1964, ao exame do negacionismo nas mídias digitais que desvirtuam constantemente essas histórias. Podemos identificar esta conjuntura apenas nos textos de Silva (2019) e Vitória (2019) neste compilado, onde a preocupação em torno de um letramento histórico-digital como recurso teórico-metodológico para conter discursos falsificadores oriundos das redes digitais em suas escola se fez presente ao longo das dissertações

Na tentativa de identificar mais trabalhos que possam debater mais sobre habilidades escritoras, leitoras e digitais dos alunos em volta do combate a negacionismos, resolvemos colocar no buscador da página do Profhistória agora o termo “Ditadura”, termo constante em torno do fenômeno do negacionismo. Ao todo, 39 trabalhos foram elencados nesta seção de pesquisa. Observou-se números melhores na interação entre o meio digital e este tema escolhido por alguns mestrandos. Porém, em alguns textos para além da discussão teórica, identificamos a presença de sites, guias digitais, cartilhas ou roteiros construídos sem a presença fundamental dos alunos(as) destes professores como protagonistas do processo, sendo algo posto para eles

apenas como um direcionamento sobre o tema no produto final. Apesar de ótimos trabalhos, ficaremos apegados na análise daqueles que enxergaram a construção do conhecimento histórico baseada na produção em conjunto de docentes e discentes no âmbito digital como vertente máxima para o bloqueio de narrativas falsas sobre a ditadura. Analisaremos três trabalhos neste momento:

O primeiro deles, um ótimo texto que vale o apontamento e uma breve análise aqui nesta seção, é o da até então mestranda Danielle Aparecida Barbosa Sella Buss, sob o título de "Mas eu vi no face: Ensino de História, juventude e memes" de 2020. Neste trabalho, Buss (2020) partiu de comentários em sala de aula de seus docentes da disciplina de História e o uso de memes por estes para focar na análise do uso das redes sociais pela(s) juventude(s) atual. Na tentativa de fomentar uma literacia histórica em seus encontros e debater conceitos como ditadura e democracia, a autora decidiu criar algumas atividades para estabelecer a relação que esses jovens possuíam entre o passado e o presente. Ao final, como produção final, um trabalho realizado com memes foi confeccionado em conjunto entre a professora e os estudantes de ensino médio da sua escola. Em um site foram coligidas diversas análises "meméticas" feitas por discentes que servem de inspiração e ferramenta a aprendentes e outros professores que também almejam trabalhar com conteúdo digital e combate à apologias sobre ditadura civil-militar brasileira na internet. Podemos identificar as aspirações de Sella (2020, p.126) abaixo:

> Após a aplicação e análise do questionário mencionado no item anterior, decidimos por em prática nossa proposta de trabalho baseada no letramento histórico, por meio de memes, com a turma da 3ª série. Isto se deve ao fato da turma estar próxima, de acordo com o currículo escolar, de estudar o conteúdo —ditadura civil-militar brasileira. Além disso, os jovens estudantes da turma indicaram alto grau de acesso e permanência nas redes sociais e comentários considerados problemáticos em relação aos conceitos indagados pelo questionário.

Outro trabalho encontrado nas buscas e que reitera a importância da análise memética nessa particular relação entre o falso humor e o discurso revisionista, é o da profª me. Cilmara Ledo de Araújo, intitulado "O meme como fonte para a abordagem histórica em sala de aula sobre a Ditadura Empresarial-Militar no Brasil". Nesta obra mais uma sequência didática é apresentada. Como já discutimos neste texto, o poder viral dos memes em redes de compartilhamento como *Whatsapp* e *Telegram*, bem como a sua difícil identificação em termos de autoria, dificulta o combate aos negacionismos digitais. Porém, se bem articulado o meme pode virar uma chave de acesso à criticidade e é isso que Araújo (2022) entende ao afirmar nesta dissertação do programa que o

> letramento histórico e midiático é fundamental para problematizar todas as informações que são canalizadas, e que têm servido para legitimar essas visões

> conservadoras e intolerantes. Nesse sentido, o meme é apresentado como um documento rico que permite várias analogias com base em suas narrativas e no contexto no qual está inserido (ARAÚJO, 2022, p. 42-43).

Osvaldo Santos Falcão, outro discente do Profhistória, também mediante a uma sequência didática resolveu através de palestras, abordagens com os alunos e uso contínuo de fontes históricas no meio digital, fazer uma espécie de produto audiovisual no *Youtube* com a ajuda dos discentes para desmistificar questões voltadas aos direitos humanos, assunto tão atacado por militantes conservadores e extremistas, desde o final da Ditadura Civil-Militar, e reafirmadas com o crescimento político da ultradireita no país nos últimos anos. A auto-avaliação feita pelos próprios alunos acerca dos avanços realizados referente ao tema e a avaliação comparativa feita por este professor tomando como referência o antes e depois das atividades realizadas pelos aprendentes, dão um tom menos tradicional ao produto. Falcão (2019) reitera que

> a elaboração da produção audiovisual, não foi construída de maneira isolada. Primeiramente, procuramos conhecer melhor parte do universo dos alunos, suas visões de mundo, interpretações sobre as várias violações dos direitos humanos atualmente e a própria compreensão sobre a temática. Na pesquisa realizada, foi utilizado o modelo multimétodo (com características exploratórias) do tipo survey, com o emprego das ferramentas do Google formulário para aplicá-la. Construímos um estudo inicial, objetivando sondar as percepções que os alunos possuíam sobre este tema, tanto nos seus bairros como na escola [...] Em seguida, a partir dos resultados da pesquisa realizada, decidimos pela construção de uma produção audiovisual, que estabelecesse uma relação entre as visões pré-concebidas dos alunos a respeito dos direitos humanos e suas violações com a palestra do professor doutor em história, da UFPB, Paulo Giovani Antonino Nunes [...] Apesar do nosso produto ser a produção audiovisual, o conjunto (aplicação da pesquisa survey previamente como diagnóstico e posteriormente para apreender a fixação da temática) pode ser amplamente usado por professores de história que queiram abordar o tema, o trabalho direto com as violações dos direitos humanos ocorridas durante o período da ditadura militar como forma de contribuir para a construção de uma escola tolerante e de respeito aos direitos humanos (FALCÃO, 2019, p. 52-53)

Em suma, analisamos nesta seção o que se tem no Profhistória a respeito de letramento, letramento histórico, letramento digital e letramento histórico-digital neste universo de dissertações. Observamos também o que se faz principalmente em termos de produção didática sobre letramento histórico-digital quando o assunto é a Ditadura Civil-Militar. Reiteramos que este tipo de exame mostra-se importante em nossa missão no Falcão Cursos, visto que o Profhistória é hoje o programa de pós-graduação com as maiores amostragens neste tipo de pesquisa. Assim como este mestrando, outros autores(as) possuem problemáticas similares, podendo nessas obras existirem influências importantes para os objetivos desta dissertação. Por

isso, elencamos alguns textos que pudessem contribuir para um contexto de reflexão sobre o que se fala e se produz tanto na internet, quanto nas escolas em torno do passado sensível que é a Ditadura Civil-Militar e que pudessem abrir portas para a nossa produção didática permeada pelas mídias digitais, como veremos a seguir.

3.4 LIDANDO COM O NEGACIONISMO HISTÓRICO-DIGITAL EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Após refletirmos sobre diversas questões que orbitam o "chão da escola" em estudo nesta dissertação, como o crescimento dos discursos negacionistas em torno do que foi a Ditadura Civil-Militar vindo dos alunos, tendo como "pano de fundo" as predileções de alguns discentes com relação à canais ou páginas na *web* que fomentam este tipo de narrativa histórica, decidimos ampliar neste item a discussão em torno da importância do letramento histórico-digital para a contenção desse tipo de movimento em sala de aula através, agora, da prática. A formulação de uma produção didática[12] que gere habilidades escritoras, ouvintes e leitoras em torno do que foi a Ditadura Civil-Militar nos alunos(as), além da construção de uma cartilha digital que possa apoiar docentes, que no futuro queiram trabalhar com as questões trazidas por esta produção didática junto aos seus aprendentes, são agora o cerne da questão.

Ao analisarmos, no capítulo anterior, o conceito do letramento histórico-digital e suas articulações em trabalhos acadêmicos, tivemos um contato interessante com as potencialidades que esta metodologia pode ter junto a esses jovens que estão profundamente conectados às plataformas digitais. Ademais, observar caminhos possíveis dentro das próprias redes que garantam subsídios cognitivos a alunos(as), problematizando os já virais discursos falsificadores no que diz respeito ao Golpe de 1964 na *web*, demonstra ser uma importante saída dentro desta luta, no mesmo *habitat* digital que este tipo de narrativa da negação reside.

Diante disso, utilizaremos em um primeiro momento, uma sequência didática que possibilite fomentar aquilo que Silva (2019) sinalizou como fundamental no letramento histórico-digital: a investigação histórica (procedimentos de pesquisa) atrelada ao desenvolvimento da competência tecnológica-digital (apropriação de saberes tecnológicos e digitais aplicados à pesquisa histórica) e a uma competência narrativa (constituição histórica de sentido expresso em diferentes linguagens). Como analisamos neste capítulo, as sequências didáticas são caminhos latentes para quem deseja trabalhar com este tipo de letramento. É natural que utilizemos esta abordagem pedagógica quando tratamos sobre este tipo de

[12] Sequência didática na seção de apêndices da obra

letramento em virtude das inúmeras competências e habilidades que desejamos mediar com os alunos(as), trabalhando com objetivos de maneira sequenciada para uma melhor produção dos discentes. A produção sequenciada também buscou alguns pontos de contato com a clássica estrutura de aula-oficina de Isabel Barca que abrange, em síntese, uma

> 1. Recolha inicial de dados sobre as ideias prévias dos alunos acerca de um conceito substantivo, selecionado dentro de uma determinada unidade em estudo. 2. Análise das ideias prévias dos alunos segundo um modelo (simplificado) de progressão conceptual: categorização das ideias de alunos desde ideias incoerentes e alternativas até às relativamente válidas. 3. Desenho, planeamento e implementação de uma unidade temática tendo em conta um refinamento progressivo das ideias históricas dos alunos previamente diagnosticadas. 4. Recolha de dados sobre as ideias dos alunos a posteriori, aplicando o mesmo instrumento do momento inicial. 5. Aplicação de um instrumento de metacognição aos alunos para monitorizar o processo de ensino e aprendizagem (BARCA, 2012, p. 47).

Além disso, esta sequência didática concentra sua existência em um espaço de construção coletiva do conhecimento, de análise da realidade, de confronto e troca de experiências. A atividade, a participação, a socialização da palavra, a vivência de situações concretas através de sociodramas, análise de acontecimentos, a leitura e a discussão de textos, e o trabalho com distintas expressões da cultura popular, são elementos fundamentais na dinâmica das oficinas pedagógicas, dialogando assim com o pensamento da pesquisadora Vera Candau (1995). São as oficinas, portanto, unidades produtivas de conhecimento a partir de uma realidade concreta, para serem transferidas a essa realidade a fim de transformá-la.

Nesta dissertação, como mais um subsídio para a proposta, apresentaremos também uma cartilha digital que possa acompanhar esta sequência didática, facilitando assim o exame de docentes de todo o Brasil, que ao ter contato com este trabalho e optarem por incorporar ou adaptar em suas aulas este produto histórico-pedagógico, terão uma ferramenta de fácil acesso que vai debater termos como o Negacionismo, Ditadura Civil-Militar e Letramento Histórico-Digital de maneira simplificada e sistematizada, para além apenas da sequência didática. A construção da cartilha digital proporciona, como afirma o professor Marcio Manoel de Carvalho Costa, um acesso

> não somente no espaço escolar [...] O intuito é que ele possa servir como um guia de orientação tanto para professores quanto para alunos, resguardando, assim, seus respectivos propósitos e objetivos de uso. Mas acima de tudo, ele é destinado a todo(a)s que estejam interessado(a)s e curioso(a)s em adentrar nessa jornada de estudo (COSTA, 2023, p. 93).

No que tange à sequência didática, foi a partir das falas iniciais oriundas dos alunos(as), que criamos uma espécie de trilha pedagógica sobre o tema Ditadura Civil-Militar junto às mídias digitais. Colocando em evidência a criação desses discentes e a mediação deste

professor, adequamos a produção também à algumas peculiaridades inerentes ao Falcão Cursos. Por isso trouxemos à tona um formato realista de sequência didática, com atividades concentradas em cinco encontros, além de momentos assíncronos aos discentes do Falcão durante o quarto bimestre de 2023, entre os dias 05 de setembro e 03 de outubro, na turma de preparação para ESA, com 18 alunos de 3º ano do ensino médio. [13]

O nosso objetivo geral para esta produção didática foi o de promover discussões junto a esses jovens sobre o significado da Ditadura Civil-Militar de 1964 e suas consequências para o país, a partir da análise e da interpretação de fontes histórico-digitais, construindo narrativas orais ou escritas nesse âmbito através do incentivo em torno da investigação histórica, da promoção de habilidades digitais e da própria produção histórica dos discentes, servindo de alternativa àquilo que está sendo falseado na internet sobre o tema.

Ao longo do desenvolvimento desta base, tivemos um primeiro momento de sensibilização, onde este docente apresentou uma breve explanação sobre o tema atentando também nesta fase para as impressões iniciais dos alunos(as) na esteira das explicações, em virtude das inúmeras polêmicas geradas por este tema e pelas narrativas destes aprendentes que em determinados momentos flertaram com o negacionismo histórico. Daí, a necessidade inicial de entendermos de maneira breve o que foi este acontecimento no âmbito do fato histórico e diagnosticarmos dúvidas dos aprendentes, para depois sim criarmos julgamentos.

No final deste primeiro encontro, como forma de ajudá-los a se prepararem para provas da categoria, apresentamos, através da montagem de trios de alunos (que estariam juntos até o final das atividades), a ideia inicial de confecção de um material digital coletivo sobre Ditadura Civil-Militar a ser compilado na fase final desta sequência. Os aprendentes poderiam escolher, através de votação, entre a montagem de um slide colaborativo ou elaboração de mapa mental digital a ser entregue e apresentado ao final dos cinco encontros. A turma elegeu o slide colaborativo. Na sequência, através da técnica de *brainstorming* utilizada junto a turma, os alunos(as) elaboraram ideias para nomear este material e, por fim, intitularam o trabalho de "A Ditadura Civil-Militar em 5 atos", fazendo alusão as 5 fases que geralmente o tema é subdividido.

Na sequência, no segundo encontro com os (as) alunos(as), elaboramos uma atividade de aula oficina onde apresentamos aos discentes a ferramenta gratuita *Google Slides*, a partir da escolha anterior desses aprendentes pelo Slide Colaborativo. A escolha por esta atividade

[13] Em caso de consultas, o leitor poderá dirigir-se à seção de apêndices, local onde a sequência didática está anexada na íntegra.

pedagógica teve como intuito elevar a capacitação desses discentes em torno do ambiente digital onde deveriam criar seu trabalho final. Utilizamos cerca de 40 minutos deste encontro como base para essa aula-oficina, em virtude da importância desta fase para a sequência didática. As salas do Falcão possuem apenas um projetor por cômodo, logo nesta etapa utilizamos o smartphone de um aprendente por trio para mobilizar informações captadas pelos alunos sobre a aula de apresentação anterior. Cada trio pôde colocar suas considerações sobre as discussões do último encontro em um slide em branco previamente disponibilizado por este professor, ao passo que a turma observava na projeção no quadro branco as atualizações feitas por cada trio de alunos, exemplificando de maneira simples o uso da ferramenta. Abrimos também este momento para que os alunos(as) tirassem dúvidas sobre a plataforma. Conforme explica a pesquisadora Xisda Magna Rafaski dos Santos, este aplicativo pode ser utilizado online ou offline e

> permite o usuário acessar, criar, editar e colaborar suas apresentações no seu computador, smartphone ou tablet de qualquer lugar e a qualquer tempo, pois seu armazenamento está na nuvem e não no equipamento. Ele permite colocar vários recursos como: vídeo integrado, animações, imagens e fontes de texto diversas. Além disso, é gratuito, possibilita, salvamento automático (quando online), trabalho colaborativo simultâneo (com um ou mais colegas), pesquisa Google integrada, entre outras vantagens. (SANTOS, 2023).

Nos últimos 10 minutos do segundo encontro apresentamos a música "*No escape from hell*" do grupo de Death/Thrash Metal brasileiro *Torture Squad*. Esta produção audiovisual utiliza como temática a Ditadura Civil-Militar, e narra brevemente o processo de sequestro do poder pelo grupo golpista em 1964. Na letra[14] observamos uma análise em torno de causas para o golpe, apontamentos para atores históricos do período e consequências do movimento. Além disso, o clipe utiliza fontes históricas de época como áudios coletados por parlamentares durante o momento do golpe de estado e imagens que se referem à questão sociopolítica do período. A obra está em língua inglesa, porém durante as atividades trouxemos a tradução da obra com o objetivo de facilitar as discussões sobre a temática.

Iniciando o terceiro encontro, utilizamos como recurso de análise uma capa *fake* de um jornal "digitalizado" de época construído pelo docente, o diário "O Negacionista". Mediante à observação, cada trio de alunos(as) por 40 minutos pôde confrontar discursos negacionistas propositadamente incluídos na narrativa do jornal sobre o tema. Nesta parte, teremos três grandes referências para a construção desta capa de jornal. O primeiro é o artigo escrito por Leonardo Rodrigues (2019), "1964: O Brasil entre Armas e Livros: O que o filme que ameniza

[14] Observar a tradução da música na cartilha digital que acompanha esta dissertação

a ditadura tenta mudar", em que o autor aponta erros grosseiros das narrativas do documentário da Brasil Paralelo sobre a Ditadura. Em "O Negacionista", os alunos puderam observar 7 trechos ao longo do texto com tons de negacionismo histórico com relação ao tema. Portanto, a missão dos aprendentes foi achar esses desacertos, em uma espécie de "jogo de 7 erros", munidos pelas discussões anteriores. Vale frisar que, infelizmente, durante a análise da capa de "O Negacionista" pela turma, tivemos que imprimir o texto em virtude do projetor do Falcão ter impossibilitado a visibilidade integral deste arquivo digital.

Figura 16 - Alunos em trio analisando a Capa de "O Negacionista"



Fonte: O próprio autor.

A construção de "O Negacionista" remonta às peculiares diagramações de capas de jornais e diários que comemoraram a "Revolução" (termo também a ser desconstruído nesta fase da sequência) no dia 01 de abril de 1964. E aqui temos a nossa segunda e terceira grandes fontes para a construção do diário fictício, tomamos como base algumas memórias e imagens trazidas no livro "História da Gente Brasileira, Volume 4, República - Testemunhos (1951-2000)" organizado pela professora Mary Del Priore[15] e a análise do artigo "19 capas de jornais e revistas: Em 1964, a imprensa disse sim ao golpe" realizado pelo jornalista Mario Magalhães em seu blog no Uol[16]. Vale relembrar, como vimos em tópicos acima, principalmente em Barreto (2023), que o uso dos jornais de época servem como um importante parâmetro para

[15] Todos esses elementos podem ser encontrados na seção de apêndices com as devidas referências.
[16] Todos esses elementos podem ser encontrados na seção de apêndices com as devidas referências.

investigação histórica de um período, onde as fontes ajudam a construir o conhecimento em torno de uma era e a orientar o sujeito histórico. Porém, para isso ocorrer, o trabalho de contextualização de fontes também deve acontecer como parte vinculante à investigação histórica. Tal exercício pode evitar literalidades rigorosas em torno de discursos de época, que servem de justificativa não contextualizada para narrativas negacionistas em um período marcado pelas disputas de memória. Como o exemplo no fragmento abaixo (figura 17), no jornal "O Globo", que foi defensor aberto da imposição da Ditadura desde seu início.

Figura 17 - Exemplo de manchete do período


FUGIU GOULART E A DEMOCRACIA ESTÁ SENDO RESTABELECIDA

EMPOSSADO MAZZILLI NA PRESIDÊNCIA

TEXTO NA 6.ª PÁGINA

O GLOBO

Ressurge a Democracia!

CASTELO BRANCO ADVERTIRA OS COMANDOS:

As Fôrças Armadas São Para Defender a Lei, Não a Baderna

A VIOLÊNCIA CONTRA "O GLOBO"

A ASSEMBLÉIA DE PERNAMBUCO VOTOU O "IMPEACHMENT" DE ARRAES

"A Decisão da Pátria"

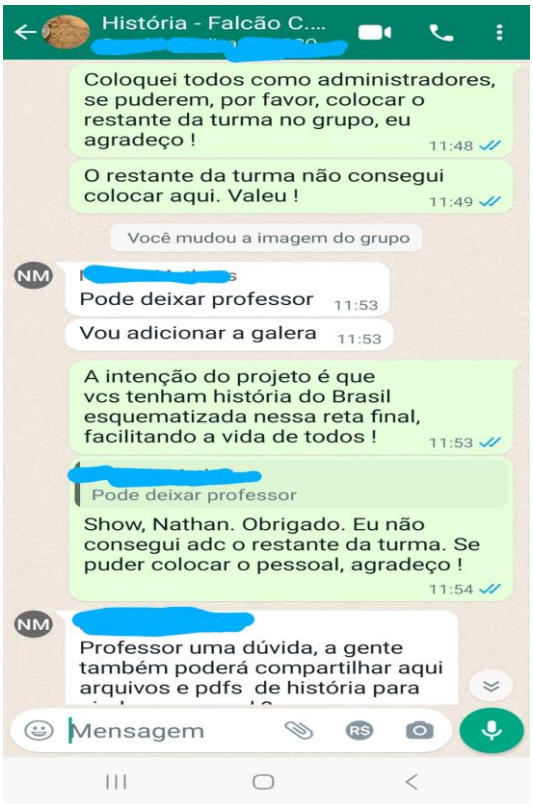
Fonte: Blog do Mário Magalhães do UOL. Acesso: 14 ago. 2023

Nos últimos 10 minutos deste terceiro encontro, dividimos os subtemas que gostaríamos que cada trio apresentassem no quinto encontro (último encontro) via *Google Slides*. Como o nome desse produto colaborativo foi definido como "A Ditadura Civil-Militar em 5 atos", decidimos dividir 5 subtemas entre os 18 alunos, ou 5 trios, a saber: I. O governo Castelo Branco e o início da Ditadura; II. O governo Costa e Silva e o AI-5; III. O governo Médici e o

ufanismo dos tempos de chumbo; IV. O governo Geisel e a abertura gradual; V. O governo Figueiredo e o final da Ditadura.

Como forma de facilitar as discussões em torno desses subtemas, logo após este terceiro encontro, este professor confeccionou um grupo de *Whatsapp* para compartilhamento de arquivos digitais tanto por ele quanto pelos alunos. Este docente focou no compartilhamento de arquivos históricos sobre os subtemas que eram originários do *Youtube* (principal fonte de consulta de assuntos históricos dos(as) alunos(as), como já discutimos na dissertação) apresentando um outro lado da plataforma que era pouco conhecido por alguns alunos(as). Cada trio também pôde trazer sua colaboração neste grupo desde que junto à postagem, os alunos(as) justificassem o motivo deste compartilhamento e contextualizassem seu conteúdo na sequência. Tanto os discentes como o professor poderiam expor seus arquivos a qualquer hora do dia até o encontro final. Este canal, como observaremos na seção "Resultados e Percepções" serviu como um grande meio para os alunos(as) tirarem dúvidas e exporem comentários acerca das atividades.

Figura 18 - Interação com os alunos durante a construção do grupo de *Whatsapp*



Fonte: Printscreen realizado pelo autor

Durante os 50 minutos do quarto encontro, realizamos uma atividade de discussão sobre o papel da atividade militar na sociedade, um objetivo a ser alcançado por esses jovens, através da apuração de relatos dos fardados que se negaram a apoiar o golpe de março de 1964. Para isso, no primeiro momento deste quarto encontro foi apresentado aos trios via projetor a reportagem da BBC, "A história dos 6,5 mil membros das Forças Armadas perseguidos pela ditadura" da jornalista Leticía Mori.

Refletir sobre a legalidade e o respeito à constituição poderia parecer uma missão trivial em outros tempos, porém essas problematizações e discussões após diversos atos e manifestações, como os atentados de 8 de janeiro de 2023 e os inúmeros pedidos de intervenção militar desde 2013, tornaram-se fundamentais para a defesa da democracia brasileira, além de serem escombros dos consequentes negacionismos históricos referentes a esse tema pretérito.

Diferentemente do que se pensa, a Ditadura Civil-Militar também está interligada às histórias daqueles fardados que desejaram manter a legalidade e o respeito à constituição. Porém, de algum modo, eles foram silenciados. Entre essas histórias, temos a do Brigadeiro Rui Moreira Lima, conforme ressaltou Mori (2023)

> em 1964, o brigadeiro foi deposto do comando da Base Aérea de Santa Cruz, no Rio de Janeiro, por ser considerado um democrata e ter abertamente se oposto ao golpe militar – que, em 31 de março daquele ano depôs o presidente João Goulart e estabeleceu um regime autoritário que durou até 1985. Moreira Lima foi preso, aposentado compulsoriamente e teve a família perseguida. [...] O caso de Moreira Lima não foi o único: em mais de duas décadas de ditadura no Brasil, o regime perseguiu, prendeu e torturou 6.591 militares. Os dados foram compilados pela Comissão Nacional da Verdade (CNV), instituída pelo governo brasileiro em 2011 para investigar violações de direitos humanos cometidas entre 1946 e 1988 por agentes públicos e outras pessoas a serviço do Estado (MORI, 2023).

Na sequência, os aprendentes puderam comparar os relatos dessas vítimas com outra fonte digital que aborda o último governo com amplo histórico de caserna trazendo à baila uma visão "libertadora" do período, quando o que se viu foram mais de 6.000 militares sofrendo perseguições neste momento, como vimos acima, por exemplo. Em "Bolsonaro comemora golpe militar de 1964: "Dia da Liberdade"" do Jornal Metrópoles, o jornalista Otávio Augusto relata que:

> Bolsonaro pediu que o dia fosse celebrado em quartéis e, com isso, provocou reações em diversos setores da sociedade. Com a medida, inédita desde a redemocratização, o titular do Planalto orientou os quartéis a comemorarem a data "histórica" e ressaltou a participação das Forças Armadas durante o golpe. (AUGUSTO, 2020)

Os aprendentes neste momento puderam observar e discutir as diferenças em torno de cada matéria. A reflexão em torno das percepções diferentes que um tema histórico pode ter em um determinado grupo foram pontos focais a serem trabalhados nesta discussão em sala de aula. A retórica "libertadora" soterrou com o tempo um outro lado da Ditadura Civil-Militar dentro dos próprios quartéis, como se observa na reportagem. E conforme explica a presidente da Comissão Nacional da Anistia, Eneá de Stutz e Almeida, o esquecimento ou fingimento de que nada aconteceu nas décadas de 1960 e 70 no Brasil, acaba por armar uma bomba-relógio, e esse artefato explodiu nos últimos tempos. Essa postura com relação ao processo ditatorial significou um esquecimento recalque ou um comportamento de que nada ocorreu, gerando violência. (ALMEIDA, 2023). Essa relação conflituosa entre o que de fato aconteceu e as narrativas propostas por vieses ideológicos é sem sombra de dúvida a maior expressão do negacionismo histórico. E o caráter antagônico das duas reportagens analisadas pelos(as) alunos(as) escancara tal relação, evidenciando a importância do debate realizado em um espaço que é permeado por jovens meninos e meninas que podem aderir futuramente à causa militar.

Por fim, após momento assíncrono para confecção dos slides colaborativos, os discentes no último encontro da sequência, ainda divididos em trios, desenvolveram seus subtemas através de um pequeno seminário. Enquanto um grupo de três discentes apresentava suas contribuições junto ao artefato coparticipativo, os aprendentes restantes e este professor avaliavam cada manifestação dos grupos. Ou seja, todos os trios apresentaram suas produções em até 40 minutos. Cada apresentação das produções em torno do material digital não pôde exceder 8 minutos. Ao final da aula, um representante de cada trio fez uma consideração de uma outra apresentação. Esse estímulo além de manter o foco de cada equipe em todas as apresentações, trará ao debate críticas construtivas, já que alguns quesitos deverão ser justificados pelos agrupamentos quando este representante tiver a fala. Por fim, no fechamento, foram realizadas observações deste professor sobre todas as atividades da sequência didática.

Em suma, através das discussões propostas para a sequência, imergimos na Ditadura Civil-Militar, com a atenção e delicadeza que o tema prevê, ao passo que tentamos colaborar para o letramento histórico-digital da turma, munindo estes(as) aprendentes contra narrativas negacionistas. Fomentar "questões problematizadoras que constituam um desafio cognitivo adequado aos alunos e não apenas um simples percorrer de conteúdos sem significado pelos jovens" (BARCA, 2004, p. 134), foi um objetivo deste produto. Tentamos alavancar através da criticidade uma outra lógica semântica em torno do Golpe de 1964 pois conforme sondagem inicial, alguns alunos(as) possuíam diversos problemas em historicizar a Ditadura Civil-Militar

por conta de um evidente flerte com negacionismos em ambientes digitais. Entretanto, será que conseguimos atingi-los conforme gostaríamos?

3.5 RESULTADOS E PERCEPÇÕES

Certamente, o maior desafio para a conclusão desta produção didática foi o tempo. Tentamos adequar, de certo modo, a sequência didática à estratégia de ensino da instituição estudada e otimizá-la dentro da carga horária de quatro tempos semanais com a turma citada nesta ação. Logo, algumas adaptações em termos de tempo se fizeram necessárias ao longo do período. Em alguns momentos ultrapassamos um pouco os 50 minutos definidos na sequência para abarcar atividades, em outras tivemos que gerenciar situações não programadas. Fator que chamou atenção foram os percalços que muitas vezes fugiam ao alcance deste professor e do Falcão Cursos, como a ausência de alunos em algumas aulas, por exemplo. Seja por estarem enfermos ou por questões climáticas que afligiam a cidade de Parnamirim-RN durante alguns encontros no período de aplicação da sequência.

Entretanto, em um cômputo geral analisamos que as atividades foram realizadas de maneira satisfatória. Percebemos, de uma maneira geral, que os aprendentes ficaram animados com a proposta pedagógica que trouxemos. Até mesmo aqueles que possuíam alguma dificuldade na disciplina ou que internalizavam certas percepções iniciais diferentes daquilo que a historiografia prevê sobre a Ditadura, sentiam-se dispostos a interagir nos debates ou a fazer alguma tarefa em virtude da prática inovadora que propomos dentro da instituição. Isso será melhor observado ao longo desta seção com a disponibilização de alguns relatos desses alunos(as) retirados do grupo de *Whatsapp* que fizemos e em conversas *inbox* pelo mesmo aplicativo ou pelo *Telegram* (abrimos essa exceção para que os discentes ficassem mais à vontade, podendo criticar alguma questão mal resolvida no trabalho, por exemplo), onde incentivamos o *feedback* sobre as atividades.

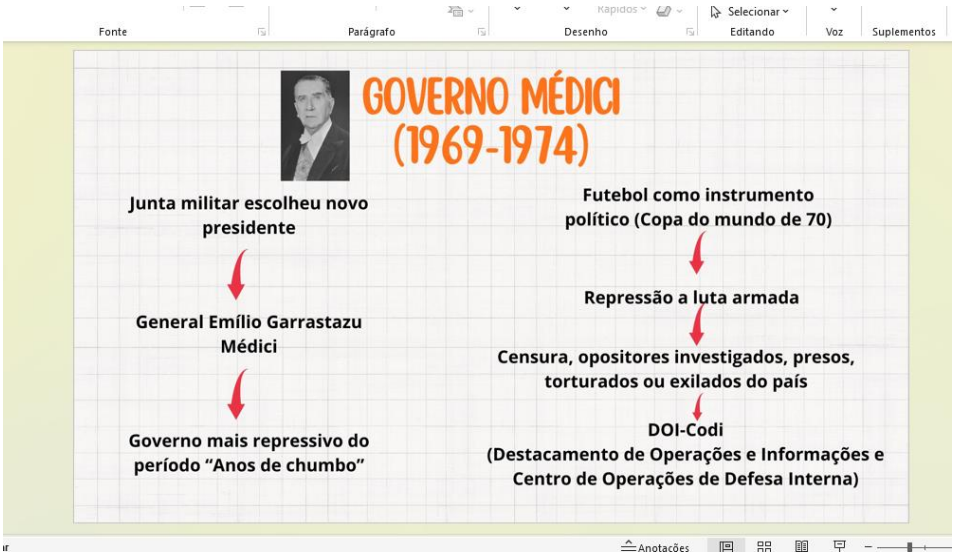
Tomamos esta atitude, pois o foco principal dessa sequência foram os discentes, então além da avaliação comparativa que todo professor deve ter ao aplicar alguma proposta como essa percebendo evoluções desses aprendentes, nada melhor que termos alguma resposta desses jovens, para posteriores melhorias na aplicação futura da sequência, em outras turmas. Ao longo dessas falas, observamos que a maioria dos apontamentos sinalizavam uma mesma questão: o quanto a atividade foi diferente em comparação a outras aulas de história que esses discentes tiveram a possibilidade de participar, por exemplo. O fato de discutirmos demandas que envolviam o militarismo, uma questão valiosa a esses alunos(as), seja em trios ou em grupo,

despertou certo ânimo nesses discentes acostumados a aulas mais tradicionais nesse ambiente de ensino. Esta questão foi evidenciada no depoimento da aluna Natália em momento assíncrono de autoavaliação, via *Telegram*, no dia 05 de outubro de 2023, por exemplo, apresentada neste espaço de maneira literal:

> A aula ministrada pelo professor Gabriel sobre a ditadura militar nos proporcionou uma aprendizagem divertida e bastante dinâmica, com um material diferenciado do dia a dia, assim, conseguimos discutir e trocar conhecimentos já que a sala foi dividida em grupos. Eu particularmente gostei muito da forma como a aula foi realizada, com as informações trocadas e do material escolhido, me ajudou muito a fixar e aprender mais sobre o assunto dado. (NATÁLIA, turma esa, 2023)

Contudo, diferentemente do que se possa pensar, no que se refere a primeira atividade, onde buscamos trabalhar conceitos iniciais sobre o tema histórico em uma aula produzida no *Canva* e apresentada via *Microsoft Powerpoint*, observamos inicialmente um certo ar de "mais do mesmo" por parte dos discentes. Apesar de explicarmos a esses(as) alunos(as) que essa seria uma questão preambular da sequência. Muitos fizeram conexões com as apresentações que corriqueiramente assistiam em outras disciplinas. Entretanto, a necessidade inicial de fazermos um diagnóstico mesmo que de maneira simples examinando as impressões desses alunos sobre o Golpe de 1964 era fundamental para o andamento das posteriores atividades. Nesta etapa, a primeira impressão que observamos da sala foi uma maioria de alunos(as) abertos(as) à escuta, porém quando foi proposto um momento para breves discussões, o fato de alguns discentes estarem mais atentos à alguns efeitos da Ditadura Civil-Militar do que à situações que orbitavam em torno das causas do golpe de estado, chamou bastante a atenção. A título de exemplo, uma minoria de discentes timidamente propagava uma retórica "salvacionista" do 31 de março de 1964, já outros confundiram em algumas falas o presidente João Goulart ao longo das discussões sobre sua deposição com ex-presidentes afastados ou mortos em período próximo, com Jânio Quadros e Getúlio Vargas respectivamente, além de uma outra parcela da sala ter ficado mais comedida nesse primeiro momento.

Figura 19 - Material de apoio para aula diagnóstico



Fonte: O autor

Na sequência, o ar de "mais do mesmo" foi substituído pela curiosidade quando estes alunos(as) souberam que teriam que escolher um produto digital para produção própria, além de nomeá-lo. A morna discussão inicial deu lugar a um *brainstorming* interessante sobre a alcunha a ser dada ao material digital, que teve como escolha um *slide* colaborativo. Alguns(mas) alunos(as) observaram que esta ferramenta digital (o slide) foi mais usual durante a vida escolar deles, sopesando que a maioria havia apenas trabalhado com o *Microsoft Powerpoint*, o que por si só já seria um desafio, pois a aplicação prevista na sequência era no *Google Slides*. Por fim, intitularam o trabalho de "A Ditadura Civil-Militar em 5 atos", influenciados pelas fases imputadas ao tema histórico e discutidas na aula de diagnóstico.

No segundo encontro com os(as) alunos(as), elaboramos uma atividade de aula oficina onde apresentamos aos discentes a ferramenta gratuita *Google Slides*, a partir da escolha anterior desses aprendentes pelo *Slide* Colaborativo. Esta atividade foi bastante interessante pois os discentes tiveram contato com uma ferramenta pouco usual em suas vidas estudantis, apesar de muitos já terem ouvido falar sobre o aplicativo. O que foi observado é que pelo senso comum da turma, o *Microsoft Powerpoint* possuía uma certa prioridade em trabalhos escolares anteriores desses jovens. Logo, foi gratificante observar o empenho da turma, que estava dividida em trios, em captar através da mediação deste professor, um resgate de informações sobre a aula anterior e condensá-las em um breve slide onde todos poderiam ter acesso às informações atualizadas na projeção ao vivo. Ao passo que esses alunos(as) poderiam tirar dúvidas sobre a sua funcionalidade e revisar pontos que vimos sobre a Ditadura Civil-Militar na aula passada.

Na sequência, já nos momentos finais do encontro, apresentamos a música "*No escape from hell*" da banda brasileira *Torture Squad*. Essa atividade foi uma das mais interessantes da sequência, por alguns motivos. Apesar da linguagem musical do gênero *Heavy Metal* não ser a mais apreciada pelos(as) alunos(as), atestado por comentários na aula, esses(as) jovens puderam perceber através da letra da música traduzida, algumas potencialidades que esse tipo de obra possui ao abarcar com criticidade a temática do golpe. A música serviu de fonte para aqueles(as) alunos(as) que porventura ainda carregavam dúvidas com relação às motivações do 31 de março de 1964, uma das preocupações desde o início da sequência. Os alunos(as) puderam acompanhar junto aos *riffs* frenéticos da música, uma letra traduzida que narra algumas causas e efeitos da Ditadura, gerando reflexões em torno do comportamento sociopolítico da época. Subtemas como corrupção, desigualdade social e seu impacto na política, além das intervenções americanas no cone sul durante a Guerra Fria também são mencionadas na narrativa da obra, criando uma boa análise de pretextos para o evento. O fato de trazermos um objeto que foge muito ao padrão das aulas de outras matérias do Falcão, elencando ao escopo do encontro uma obra que carrega consigo um estilo musical que foge muito ao padrão de predileção da turma, foi uma opção escolhida que pudesse atender às demandas pedagógicas com base na tentativa de chamar a atenção e elevar a curiosidade da turma em torno de um elemento novo. Entre batidas de cabeça (*headbanging*) do professor e as engraçadas palhetadas invisíveis (*air guitar*) de alguns(mas) alunos(as), os(as) aprendentes tiveram contato com um gênero musical que carrega forte viés contestatário e abraça temas históricos com frequência, além de receberem uma mensagem forte sobre o tema, ao observarem um clipe que mistura ritmos não tão comuns a fontes históricas importantes que complementam o sentido da letra, como por exemplo, a foto do jornalista Evandro Teixeira de um estudante no bairro da Cinelândia-RJ sendo espancado pela polícia em uma manifestação em 1968 e a gravação da reunião no congresso nacional onde o senador Auro de Moura Andrade declara vago o posto da presidência da república.

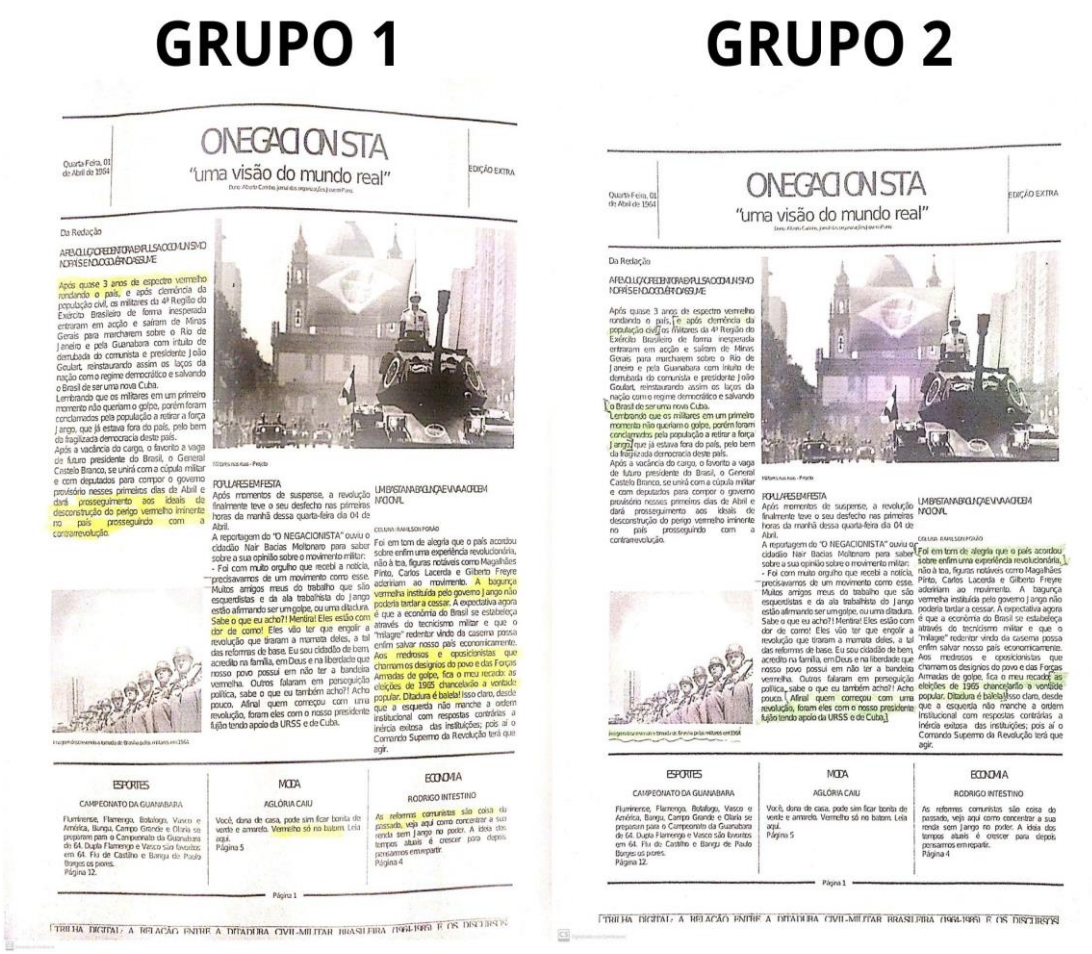
Este último fato chamou mais a atenção dos aprendentes, pois a maior parte deles acreditava que Goulart havia mesmo fugido do Brasil em um primeiro momento, já que não houve uma tentativa de insurreição a sua oposição armada. Na verdade, o que se sabe é que João Goulart estava em trânsito para o Rio Grande do Sul durante o áudio de Auro de Moura Andrade, sendo que juridicamente o que caracterizava uma vacância do cargo seria a presença do presidente em solo estrangeiro sem aviso prévio, coisa que não ocorreu.

Observou-se nesse momento um certo ar de surpresa de alguns alunos(as). Membros da turma perguntaram sobre o por que da viagem, e qual o motivo do presidente não ter enfrentado os golpistas em Brasília, por exemplo. Outros não sabiam desse acontecimento e acharam o

clipe interessante por coletar fontes históricas da época, ampliando o leque de informações sobre o tema. A maioria pôde perceber que para além das armas, tivemos um jogo político à época recheado por *fake news*, histerias e omissões por parte de uma classe política inclinada ao golpe. Fato que se mantém por quem ainda hoje defende esse fato histórico. Este fator será primordial para a construção da próxima atividade.

No terceiro encontro, os discentes puderam analisar o diário "O Negacionista", em uma espécie de jogo de 7 erros. O jornal satírico arrancou algumas risadas de alunos(as), principalmente pelas alcunhas dadas aos jornalistas desse periódico. Vale frisar que nessa atividade três aprendentes faltaram, então em vez de termos 5 trios, contamos apenas com 4, aumentando o espaço de tempo de análise do jornal por trio e posteriores debates.

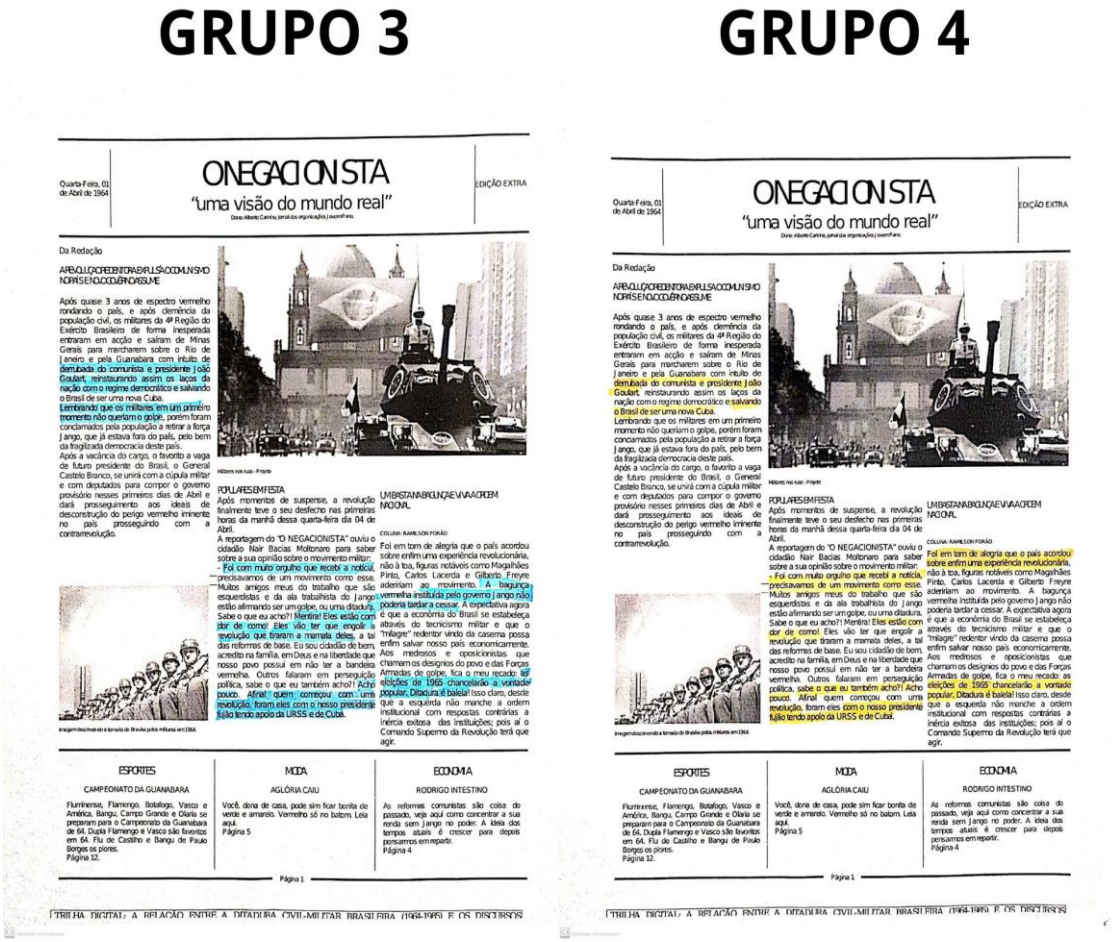
Figura 20 - Grupo 1 e 2: As diferentes percepções dos discentes com relação ao "O Negacionista"



Fonte: Próprio autor

Dois pontos foram perceptíveis nesta fase: A rapidez como cada grupo analisou as reportagens, não ultrapassando 10 minutos, e como cada resposta foi diferente da outra, gerando níveis de percepção diferentes sobre o mesmo jornal e sobre a mesma temática. Isso fica evidente ao analisarmos as ilustrações (figura 20 e 21), onde as cores marcam trechos diferentes do mesmo jornal, já que os alunos(as) puderam assinalar seus "7 erros" através de marca-textos diferentes. (como informamos em tópico anterior, o projetor neste dia não foi utilizado em virtude do jornal ter ficado em qualidade ruim na projeção em quadro branco).

Figura 21 - Grupo 3 e 4: As diferentes percepções dos discentes com relação ao "O Negacionista"



Fonte: Próprio autor

Ao final, mostramos os trechos que desejávamos que os(as) alunos(as) grifassem. Os erros nessa fase não importavam tanto, justamente pelo "O Negacionista" ser um jornal surrealista, tendo em seu texto afirmações absurdas. O que desejávamos era que os aprendentes pudessem, entre si, discutir elementos negacionistas no periódico muito similares a algumas

falas sobre Ditadura Civil-Militar evocadas por integrantes da própria sala tempos antes da sequência didática, por exemplo. Ao pedir algumas percepções da atividade, no *Whatsapp* e *Telegram*, obtivemos nessa fase as respostas mais contundentes dos alunos(as) em termos de quantidade, algumas serão reproduzidas de maneira literal abaixo, todas são do dia 05 de outubro de 2023. O relato do discente David sobre o jornal mostra que esta atividade foi importante pois desfez cristalizações históricas sobre o assunto:

> A aula foi excelente, além de nos ajudar a revisar para o concurso, quebrou as visões e opiniões que tinha sobre esse momento histórico tão polêmico e importante que o Brasil passou. Além de ter sido uma forma de revisão, explorou também o lado crítico e investigativo - na parte de saber se a informação procede ou se é fake news - que combate a propagação de notícias falsas, que é infelizmente um problema que vem ganhando força no país. (DAVID, turma esa, 2023)

Já o discente João Paulo ao postar seu comentário, concluiu:

> Achei que foi excelente a ideia e de grande proveito como uma forma de ensino, ajudou como uma imersão maior na matéria e deu para passar uma ideia aproximada do que seria na época em que o jornal foi lançado, as dificuldades que encontrei em relação a proposta "ache os erros" foi justamente o que me fez perceber o peso do assunto e como ele impactou na época de forma que mesmo após anos do ocorrido percebe-se a forma de abordagem a qual levou várias pessoas a apoiar o movimento sem saber que na verdade estavam sendo, de certa forma, manipuladas pelo governo. (JOÃO PAULO, turma esa, 2023)

O aluno Thiago afirmou:

> A atividade proposta pelo senhor foi muito boa pois mostrou na prática não apenas como funcionava as fake news na época da ditadura, mas também como funciona ainda hoje. Foi uma atividade totalmente diferente de qualquer outra que já fiz, porém a excelente experiência não ficou apenas nas atividades mas também na forma que foi apresentado o assunto. Uma didática que me fez entender vários assuntos facilmente mesmo sendo bastantes(sic) complicados.(THIAGO, turma esa, 2023)

Por fim, o aluno Matheus analisou da seguinte forma:

> Sabemos que a matéria é maçante e não é(sic) todos que conseguem acompanhar. Contudo, novas didáticas para assemelhar(sic) o conteúdo, ajuda a todos em geral e incentiva o aluno a buscar novas formas de adquirir o conteúdo. A aula que usamos o jornal fake foi de bastante ajuda (MATHEUS, turma esa, 2023)

Com os subtemas de pesquisa já divididos[17] e um grupo de *Whatsapp* formado para possibilitar um acervo de fontes históricas digitais disponibilizados tanto pelo professor como pelos alunos(as)[18], partimos para a quarta etapa da sequência didática onde disponibilizamos duas reportagens via projetor: "A história dos 6,5 mil membros das Forças Armadas perseguidos pela ditadura" da BBC e "Bolsonaro comemora golpe militar de 1964: ""Dia da Liberdade"" do Jornal Metrópoles. Nesta etapa, era desejável que todos os alunos pudessem estar na sala, porém, novamente 3 discentes faltaram. Assim, adaptamos esta atividade, e fizemos uma análise em conjunto com a turma sem subdivisões. A surpresa dos(as) alunos(as) foi notória quando expostos principalmente à reportagem da BBC. Nenhum discente imaginava que uma quantidade tão grande de militares havia sido perseguida nos tempos da ditadura, já que o senso comum sobre o tema é que a maioria, senão todos, apoiaram o golpe.

Alguns desses jovens ficaram sensibilizados com as histórias desses fardados que se mostraram leais ao governo instituído democraticamente à época. Os relatos da reportagem sobre o Brigadeiro Rui Moreira Lima, combatente na Segunda Guerra Mundial, afastado do seu cargo durante o Golpe de 1964 e perseguido por se opor ao novo regime, foi o caso mais discutido entre os discentes. A paradoxal atitude do ex-presidente Jair Bolsonaro reportada no outro texto gerou mais discussões entre os(as) alunos(as) em virtude do seu histórico militar, ao promover o "dia da liberdade" o político também estaria silenciando essas vítimas dos próprios quartéis. E essa dualidade visivelmente impactou a turma. Debater questões que possibilitem uma visão legalista da vida militar, opondo-se assertivamente a um infeliz viés golpista tão associado a uma parcela radical desta classe atualmente, é um papel pedagógico que concluímos com certa tranquilidade junto a esses jovens, em virtude do impacto que as reportagens geravam perante ao tema histórico.

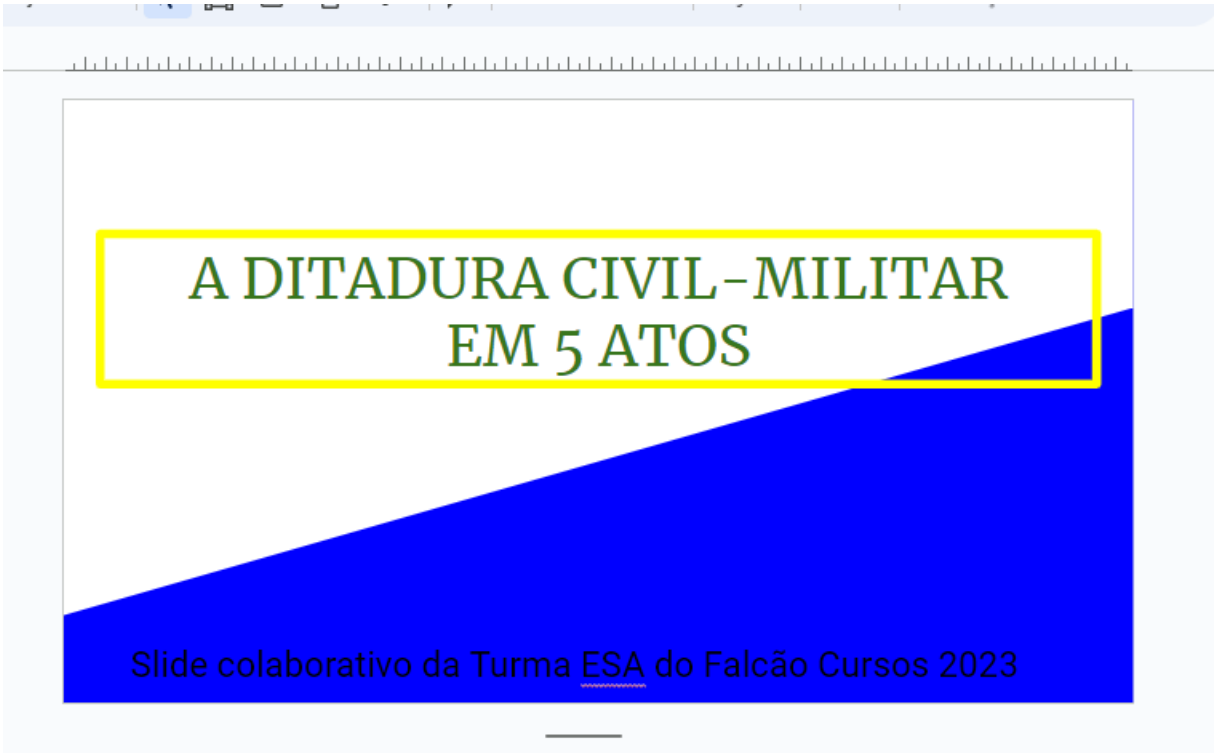
Por fim, no último encontro tivemos as apresentações dos subtemas através dos slides colaborativos. Aqui podemos afirmar que as contribuições dos discentes foram interessantes. Observar as produções de aprendentes que não faziam uso do *Google Slides* e possuíam algumas dificuldades em torno, principalmente, das causas do golpe de 1964 ainda no início da aplicação da sequência didática foi algo gratificante. Os alunos(as) mostraram-se atentos às contribuições, pois ao final fariam críticas ou elogios com relação a produção dos outros colegas, mostrando respeito ao trabalho dos seus pares. Os desdobramentos relativos a cada subtema - I. O governo Castelo Branco e o início da Ditadura; II. O governo Costa e Silva e o

[17] Observar página 115 onde constam as subdivisões temáticas sobre a Ditadura Civil-Militar que gostaríamos que os alunos(as) pudessem apresentar

[18] Observar página 116 onde constam algumas regras do grupo.

AI-5; III. O governo Médici e o ufanismo dos tempos de chumbo; IV. O governo Geisel e a abertura gradual; V. O governo Figueiredo e o final da Ditadura - foram desenvolvidos no tempo previsto e com a devido *feedback* deste professor. O tempo como fora mencionado anteriormente foi um grande problema ao longo das atividades, portanto, as apresentações de cada grupo não ultrapassaram 4 slides para que atendessem cada item e que os alunos(as) não estourassem a minutagem prevista para esta atividade final.

Figura 22 - Amostragem da Capa do Slide Colaborativo



Fonte: Slide feito por discentes do Falcão

A perceptível evolução dos aprendentes em torno de uma construção narrativa científica sobre a Ditadura Civil-Militar foi confirmada nesta fase final, onde pudemos perceber e materializar uma mudança de direção de falas e quebra de paradigmas com o material produzido. Os discursos anteriores dos discentes, catalogados neste item 3.5, apresentando uma autoavalição dos mesmos e da sequência, durante a atividade de "O NEGACIONISTA", já demonstravam amostragens de uma maior sensibilização sobre o tema. Com os slides observamos junto aos discentes um declínio das abordagens que flertavam com um discurso de negação ou normalização sobre alguns aspectos do tema histórico anteriormente observado.

O uso de mídias com narrativas que compactuam com um discurso científico ao longo da sequência, influenciou os alunos a trazerem em seus slides alguns documentos imagéticos e

vídeos que pudessem enriquecer o debate em torno dos subtemas escolhidos, referenciando os mesmos. Além disso, os notórios avanços em termos de escrita e sustentação oral sobre o tema nesta fase final, facilitaram um diagnóstico comparativo. Este método de avaliação em torno do comportamento discente perante a sequência foi iniciado antes mesmo da primeira atividade, quando observamos discursos discentes atrelados à negacionismos sobre a Ditadura, além de aplicarmos algumas abordagens para entendermos as movimentações desses alunos(as) nas mídias, entendendo essa relação com falseamentos históricos. Ao longo desta estratégia sequencial relatada na dissertação observamos uma mudança nesse padrão em atividades que abordaram elementos em torno da escuta, da leitura, da escrita e da pesquisa, que nos levou a crer que conseguimos avançar com estes discentes na melhoria da relação entre mídias digitais, Ditadura e seus discursos.

Desde o início desse experimento, a quantificação em termos de nota pouco nos afligiu, pois desejávamos através das atividades, mostrar a possibilidade de um discurso histórico atrelado a cientificidade, tendo as ferramentas digitais como um meio de alcançar esse objetivo. E conseguimos efetivar este intento na medida que observamos os alunos(as) do Falcão a se afastarem de uma lógica negacionista sobre o tema nas 4 semanas de aplicação da sequência didática, além disso, pelos resultados temos a clara confiança que esta atividade pôde mudar a ótica desses aprendentes sobre o tema para a vida toda. Mesmo assim, caso algum docente queira incorporar esta prática pedagógica em suas aulas sobre Ditadura Civil-Militar, apresentamos na cartilha digital uma sugestão de quantificação de nota, onde tanto professores, quanto alunos(as) poderão sugerir um parâmetro de avaliação a partir de um método já estabelecido. O leitor poderá ter acesso às produções discentes em https://photos.app.goo.gl/UWwU5nmyTwNYbucPA.

Em suma, a iniciativa desta sequência didática permitiu uma possibilidade de desnaturalização das mídias digitais negacionistas na vida desses(as) alunos(as). As suas próprias impressões catalogadas nesse item, além das assertivas atividades praticadas evidenciam tal afirmação e concretizam certo sucesso. Este incremento didático formado por etapas que privilegiavam métodos ativos amparados pelo letramento histórico-digital é uma amostra do poder que o âmbito digital tem, caso seja bem aplicado na educação. A proximidade que os jovens possuíam com essas ferramentas já mostrava o potencial vigor destas plataformas na vida desses discentes, somando-se ao tema discutido que possuía importância na vida desses alunos(as), só nos faltava um último elo em termos de qualificação e ampliação do poder crítico que esses meninos e meninas poderiam ter perante a temática ditatorial. Partindo dessas

percepções finais em torno do trabalho realizado, acreditamos que esta missão tenha sido materializada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação trouxe como eixo norteador 3 discussões importantes. Partindo inicialmente da problemática que tínhamos em torno do consumo de parte dos discentes por mídias digitais que traziam em seu bojo narrativo um aspecto negacionista quando discutíamos questões que envolviam a Ditadura Civil-Militar de 1964, buscamos investigar certos motivos para esse fenômeno e trazer soluções.

Primeiramente, analisamos no primeiro capítulo desta obra o que seriam os temas sensíveis, uma classificação que se enquadra ao Golpe de 1964, e como essa questão histórica em tempos atuais vem sendo examinada pela extrema-direita brasileira a partir da ótica do uso político do passado. Observamos que o esforço desse campo político em torno de um negacionismo sobre o tema, tem como objetivo atuais demandas políticas autoritárias. Na sequência, procuramos entender como o comportamento sociopolítico da cidade de Parnamirim-RN impactava no pensamento de alguns estudantes do Falcão Cursos que em discussões sobre o tema, lançavam mão de argumentos que normalizavam esta sublevação.

Constatamos que a própria extrema-direita ao longo dos anos na cidade ampliou sua força e seu diálogo com a população, sustentada por questões históricas da região ou mesmo pelo projeto digital que esse espectro político vem encabeçando no Brasil. A ciência histórica não ficaria de fora dessa demanda, por isso buscamos identificar possíveis atores para essas questões falseadoras.

Logo no início do segundo capítulo desta obra, identificamos e focamos na empresa audiovisual Brasil Paralelo. A partir do exame de estudiosos sobre seus documentários históricos no *Youtube*, enfatizamos a discussão em torno de sua obra que discute os tempos ditatoriais e de suas ações no âmbito digital que condenam o ofício de professores(as) na construção do conhecimento histórico. Na sequência, buscamos entender os motivos da empresa em utilizar um verniz revisionista em suas produções quando a característica de suas análises são embebidas por um uso político do passado que evidencia um particular aspecto negacionista que remete a possíveis comparações quando observamos casos de negação do passado em tempos mais antigos.

O *modus operandi* desta empresa, é apenas mais um dos fatores para o crescimento do negacionismo histórico, principalmente nas mídias sociais. A produtora audiovisual aproveita-se de uma nova engenharia internética, ao usar algoritmos e propaganda para impulsionar seu conteúdo nas redes, a utilização de outros mecanismos digitais pela extrema-direita também facilita tal operação negacionista. Porém não podemos deixar de apontar que as lacunas

perpetradas por atores políticos ou negligenciadas por setores do âmbito acadêmico em termos de produção e divulgação histórica também facilitaram esta dianteira em termos de popularidade das obras de um setor mais radical da sociedade, alargando o papel de silenciamentos e teorias da conspiração em telas de computadores ou smartphones. E isso influencia o senso comum da população.

Esta questão foi observada ao final do segundo capítulo, quando provamos matematicamente após abordagem com os alunos(as) do Falcão, o quanto algumas obras que flertavam com o ultradireita faziam parte das predileções desses discentes quando os mesmos estavam consumindo conteúdo histórico fora de sala de aula. Entre as escolhas estava a Brasil Paralelo. Cerca de 40%, ou seja, quase metade das escolhas na abordagem, foram de representantes da extrema-direita ou do neoconservadorismo.

Como uma forma de oposição para estas questões trazidas anteriormente nesta obra, no capítulo 03 resolvemos nos debruçar sobre o estudo do método do letramento histórico-digital. A importância dos dispositivos digitais na vida do brasileiro pode ser observada através de números, por exemplo. O PNAD 2021 indicou que entre 2019 e 2021, o celular foi o principal dispositivo de acesso à internet nas residências do país, sendo utilizado em 99,5% dos domicílios com acesso à grande rede. Na sequência desta pesquisa, surgem as *Smart Tvs*, como um dos principais dispositivos digitais para acesso à internet com 44,4% das casas pesquisadas possuindo esse item, vencendo, pela primeira vez, o computador que apresentou 42,2% de percentual nesta pesquisa (IBGE, 2022). Tais constatações nos fazem refletir sobre a urgência em discutirmos até que ponto o espaço escolar, sobretudo as aulas de História, podem ser modificadas e melhoradas com esses novos objetos digitais, ultrapassando as barreiras dos negacionismos históricos perpetrados nas próprias mídias. Foi a partir desse viés que observamos trabalhos em programas acadêmicos (como o Profhistória) que pudessem influenciar uma proposta pedagógica que abrangesse o letramento histórico-digital e contivesse o crescimento de discursos de discentes que pudessem normalizar o período ditatorial em sala de aula.

Ao apresentarmos uma sequência didática com um apelo digital à turma, criamos um modelo possível de desconstrução desta ótica falseadora das mídias ultradireitistas, a partir de ferramentas digitais usuais desses jovens. Ao passo que criamos capacidades de pesquisa, leitura e escrita em sala de aula. Pautamos uma estratégia de visão autônoma que pudesse romper com alienantes discursos de uma extrema-direita brasileira que possui repulsa a historiografia e que busca parear omissões a fatos consumados em mídias digitais.

A apresentação deste produto pedagógico, que também incluiu uma cartilha digital para amparar professores(as) da rede básica de ensino que desejam discutir essas mesmas questões em seu "chão da escola", ajudaram a subverter uma ideia cristalizada que alguns(mas) alunos(as) possuíam sobre o Golpe de 1964, mostrando o quanto as mídias digitais podem ser aliadas se pensadas de um modo teórico-metodológico amparado pela ciência. E estas questões só foram possíveis de serem sugeridas e debatidas a partir das inúmeras experiências, aprendizagens e pesquisas ao longo dos dois anos de programa de Mestrado Profissional de Ensino de História, o Profhistória.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Afonso; QUINAN, Rodrigo. EXTREMA-DIREITA, MÍDIAS DIGITAIS E ESTETIZAÇÃO DA POLÍTICA: o que deixamos de ver?. In: Anais do 30º encontro anual da Compós, 2021, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2021. Disponível em:https://proceedings.science/compos/compos-2021/trabalhos/extrema-direita-midias-digitais-e-estetizacao-da-politica-o-que-deixamos-de-ver?lang=pt-br. Acesso em: 29 jan. 2024.

ALVES, Lucicleide Araújo de Sousa; SANTOS, Benedito Rodrigues dos; FREITAS, Lêda Gonçalves de. Impacto das ações formativas no uso de tecnologias nas práticas docentes. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo , v. 19, n. 3, p. 316-334, dez. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872017000300014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 15 jul. 2023.

ALVES, Clediane. Pequenos grupos de golpistas bolsonaristas interditam BR 101 e gritam "vai ser na bala" em frente ao Exército no RN. **Saiba Mais: Agência de Reportagem**, Parnamirim, 01 nov. 2022. Disponível em: https://saibamais.jor.br/2022/11/pequenos-grupos-de-golpistas-bolsonaristas-interditam-br-101-e-gritam-vai-ser-na-bala-em-frente-ao-exercito-no-rn/. Acesso em: 29. jan. 2024.

ALZAMORA, Geane. Luta deve ser contínua, defendem especialistas da UFMG no 'Dia da democracia'. **Site da Universidade Federal de Minas Gerais**, Minas Gerais, 05 out. 2023. Disponível em :https://ufmg.br/comunicacao/noticias/no-dia-da-democracia-ufmg-defende-luta-continua-em-sua-defesa. Acesso em: 30 jan. 2024.

AMIEL, Tel; DINIZ, Janaína. **Manifesto sobre a vigilância na educação**. Unesco e Instituto Educa Digital. Iniciativa Educação Aberta. Disponível em: https://aberta.org.br/portfolio/manifesto-sobre-a-vigilancia-na-educacao/. Acesso em: 07 mai. 2023.

ARAÚJO, Gláucia Dias Costa de. **Debaixo da sombra do Trampolim da Vitória: história local, ensino e memória histórica em Parnamirim- RN.** Orientador: Roberto Airon Silva. 2020. Dissertação (Mestrado de Ensino de História) – Profhistória, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

ARAÚJO, Alessandro Oliveira de Souza. **Direitos humanos e diversidade cultural: Letramento digital e a aprendizagem histórica por meio do remix no ensino médio**. Orientador: Francisco das Chagas Fernandes Santiago Júnior. 2021. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - UFRN. Rio Grande do Norte, 2021.

ARAÚJO, Cilmara Ledo. **O meme como fonte para a abordagem histórica em sala de aula sobre a Ditadura Empresarial-Militar no Brasil.** Orientador: : Prof. Dr. Belarmino de Jesus Souza. 2022. Dissertação (Mestrado de Ensino de História) – Profhistória, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

ARGENTINA, 1985 (Original). Direção de Santiago Mitre. Roteiro: Santiago Mitre, Mariano Llinás, Martín Mauregui. Buenos Aires: Infinity Hill, **Amazon Studios**, Kanya Films, La Unión de Los Rios, 2022. (140 min.), son., color. Legendado.

AUGUSTO, Otavio. Bolsonaro comemora golpe militar de 1964: "Dia da liberdade". **Metrópoles**. Brasília, 31 mar. 2020. Disponível em: https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/bolsonaro-comemora-golpe-militar-de-1964-dia-da-liberdade. Acesso em: 17 jun. 2023.

AVILA, Arthur Lima de. Qual passado escolher? Uma discussão sobre o negacionismo histórico e o pluralismo historiográfico. **Revista Brasileira de História**, v. 41, n. 87, p. 161–184, ago. 2021.

AZEVEDO, Claudia Fernandes de. **Interação verbal com fontes: letramento(s) no ensino de História**. Orientadora: Prof.ª Dr.ª Helenice Aparecida Bastos Rocha. 2016. Dissertação (Mestrado em Ensino em História) – UERJ. Rio de Janeiro, 2016.

BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

BARCA, Isabel. Aula oficina: do projeto à avaliação. In: **Para uma educação de qualidade**: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED) / Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131-144.

BARCA, Isabel. Ideias chave para a educação histórica: uma busca de (inter)identidades - doi: 10.5216/hr.v17i1.21683. **História Revista**, Goiânia, v. 17, n. 1, 2012. DOI: 10.5216/hr.v17i1.21683. Disponível em: https://revistas.ufg.br/historia/article/view/21683. Acesso em: 31 jan. 2024.

_____. Educação histórica: uma nova área de investigação. Revista da Faculdade de Letras. Porto, III Série, vol. 2, pp. 13-21, 2001.

BARRETO, Mayra Ferreira. A redemocratização e a abertura política através do jornal "gazeta de sergipe" (1979-1980): O periódico digital como mídia para estudo da história do Brasil. **Revista Amor Mundi**, *4*(2), 17–31.

BATISTA, Ariel Cherxes. **Uma imersão no passado-presente: o revisionismo bolsonarista sobre a ditadura (2011-2019)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Espirito Santo, Vitória, 2020.

BAUER, Caroline Silveira. **Wikicon Brasil 2022**. 1 vídeo (22 min 13 seg). Publicado pelo canal Wiki Movimento Brasil, 01 set. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=os_xZHVIDk4. Acesso em: 15. fev. 2023

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008.

BLOCH, Marc. **Introdução à História**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1976.

BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson De Luca (orgs.). **Inclusão Digital**: polêmica contemporânea. Salvador: EDUFBA, 2011.

BRASIL, **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União.

Poder Executivo, Brasília, DF, 16 de fevereiro de 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm. Acesso em: 24 jul. 2022.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**, Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 24 jul. 2022.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Diretrizes e bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União. Poder Executivo, Brasília, DF, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 24 jul. 2022.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

_____. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm. Acesso em: 11 out 2023.

BRASIL Paralelo. **1964: o Brasil entre armas e livros**. 02. abr. 2019. 1 vídeo (2:07:19). Publicado pelo Canal Brasil Paralelo. Disponível em:https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg&t=6117s. Acesso em: 09 jul. 2022.

_____. **Capítulo 4 - Independência ou Morte, Brasil: A Última Cruzada**. 2017. 102 Historiæ, Rio Grande, v. 12, n. 2, p. 83-104, 2021. 1 vídeo (1h14m04s). Disponível em:< https://www.youtube.com/watch?v=YpjDmTdsJac&list=PL0tr_msPIlG4M4tD BRgYb3kh7ZmpL-3C2&index=4&ab_channel=BrasilParalelo>. Acesso em: 23 set. 2023.

_____. Para o Professor Sidney Silveira, o que a BP faz "É a revisão dos escombros em que nos atiraram". Entrevistado: Sidney Silveira. **Brasil Paralelo**, 31 ago. 2022. Disponível em: https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/revisao-dos-escombros. Acesso em: 29 de jan. 2024.

BRASIL PARA LERDOS. **Hoje vamos falar novamente sobre as estratégias de Marketing Digital da Brasil Paralelo**. 01 fev. 2022. Twitter: @brparalerdo. Disponível em: https://twitter.com/brparalerdo. Acesso em: 07 mai. 2023.

BRITO, Karina Oliveira; RODRIGUES JUNIOR, Osvaldo. A cruzada "alternativa" da Brasil Paralelo: a história como instrumento da guerra cultural. **Saeculum**, *[S. l.]*, v. 26, n. 45 (jul./dez.), p. 231–246, 2021. DOI: 10.22478/ufpb.2317-6725.2021v26n45.60386. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/60386. Acesso em: 29 jan. 2024.

BROSSA, João Misael da Silva. **A escola encontra o passado no cinema: "Luz, Câmera... Educação!**. Orientador: Denilson Botelho. 2018. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - UNIFESP. São Paulo, 2018.

BURKE, Peter. História como memória social. In: **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 67-89.

BUSS, Danielle Aparecida Barbosa Sella. **"Mas eu vi no Face":** Ensino de História, juventude e memes. Orientação: Profª Drª Márcia Elisa Teté Ramos. 2020. 162 f. Dissertação (Programa

de Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020.

CAMPOS, Gabriela Ribeiro de; GISI, Maria Lourdes. Possíveis explicações para a semelhança entre as reformas atuais e as propostas na época da ditadura civil-militar. **Revista Teias**, [S.l.], v. 20, n. 58, p. 345-368, set. 2019. ISSN 1982-0305. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/41270/30731>. Acesso em: 13 jul. 2023.

CANDAU, Vera Maria. **Oficinas pedagógicas de direitos humanos**. 2ª ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 1995.

CARNEIRO, Anita Natividade. **Caminhos da Ditadura em Porto Alegre: ensino de História através da tecnologia digital**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/182395. Acesso em: 20 jul. 2023.

CARVALHO, Haroldo Loguercio. A regeneração do passado recente como falsificação histórica: A Ditadura, A Tortura e o Falso Perdão. **ANPUH**, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em:https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628510177_ARQUIVO_641df3f32234128d7f2e6fa9f9eb9958.pdf. Acesso em: 29 set. 2022.

_____. A História no Brasil recente: os vaivéns da história e da memória em perspectiva comparada com a Argentina. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de, SOUZA, Juliana Teixeira. **O que se ensina e o que se aprende em História: a historiografia didática em debate**. Vol. 1. Belém: Ed. Cabana, 2021. No prelo.

CARVALHO, Cefas. Eleitorado conservador-religioso tende a se dividir entre quatro candidaturas. **Potiguar Notícias**, Parnamirim, 29 set. 2020. Disponível em: https://www.potiguarnoticias.com.br/noticias/46833/eleitorado-conservador-religioso-tende-a-se-dividir-entre-quatro-candidaturas. Acesso em: 29 set. 2022.

CARVALHO, José Murilo de. **Forças Armadas e Política no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CARVALHO, Olavo. **A Nova Era e a revolução cultural: Frijof Capra e Antonio Gramsci**. Campinas: Vide Editorial, 2014.

_____. A História Oficial de 1964. **O Globo**, 19 jan. 1999, p. 7.

CERRI, Luís Fernando. **Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2011.

CHALOUB, Jorge. Uma obra entre o reacionarismo e o conservadorismo: o pensamento de Olavo de Carvalho. **Dois Pontos**: Revista dos departamentos de filosofia da Universidade Federal do Paraná e da Universidade Federal de São Carlos, Curitiba, São Carlos, volume 19, número 2, p. 78-96, julho de 2022 DOI: 10.5380/dp.v19i2.87162. Disponível em:https://revistas.ufpr.br/doispontos/article/download/87162/49408. Acesso em: 29 set. 2023.

CHAVES, Danilo Ferreira. **Vilas Militares: Parnamirim, o ninho da Força Aérea Brasileira no Rio Grande do Norte**. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos Urbanos e Regionais) – UFRN. Rio Grande do Norte, 2020.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Ideologia e Educação.** São Paulo: Educ. Pesqui, 2016.

CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda**. Impacto urbano de uma base militar: a mobilização militar em Natal durante a 2a Grande Guerra**. Cooperativa Cultural e Universitária, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFRN, 1995.

COSTA, Marcio Manoel de Carvalho. **Pensar a história do Brasil através do Heavy Metal: Uma análise sobre o disco Canudos, da Banda Dorsal Atlântica**. Orientador: Francisco Fabiano de Freitas Mendes. 2023. Dissertação (Mestrado de Ensino de História) – Profhistória, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

COSTA, Maria Carolina Xavier da. **A relação entre as escolas radiofônicas e o movimento de educação de base na década de 1960**. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFRN, 2015.

CORRÊA, Marlon Luís. **Ensino de história e letramentos históricos-digitais: a voz dos estudantes nas culturas digitais.** Orientador: Arthur Lima de Ávila. 2021. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - UFRGS. Rio Grande do Sul, 2021.

CRUZ, Carla. Autoritarismo militar e fanatismo evangélico: pesquisador analisa vitória de Bolsonaro em Parnamirim. Entrevistado: José Rolfran Tavares. **Portal Saiba Mais**, Natal, 07 nov. 2021. Disponível em: https://saibamais.jor.br/2022/11/autoritarismo-militar-e-fanatismo-evangelico-pesquisador-analisa-vitoria-de-bolsonaro-em-parnamirim/ . Acesso em: 02 de fev. 2023.

"CUSCUZ Clan": Ironia de Bolsonaro e apoiadores após declaração de Lula gera nova polêmica nas redes. **ESTADO DE SÃO PAULO**, São Paulo, 16 set. 2022. Disponível em: https://www.estadao.com.br/politica/cuscuz-clan-ironia-de-bolsonaro-e-apoiadores-apos-declaracao-de-lula-gera-nova-polemica-nas-redes/ Acesso em: 02 fev. 2022.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias da Gente Brasileira | Volume 4 | República | Testemunhos (1951-2000)**. São Paulo: Editora Leya, 2019.

DÓRIA, Pedro. **O Brasil Paralelo e a falsificação da realidade**. Fala no programa Ponto de Partida. Rio de Janeiro, 24. abr. 2023. 1 vídeo (11:32). Publicado pelo Canal Meio no Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=77EJ9B2ZF8k. Acesso: 15. abr. 2023.

DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. **Letramentos digitais**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. 352 p.

ELEIÇÕES em Parnamirim-RN: Veja como foi a votação no 1º turno. **Portal G1**, Parnamirim, 02 out. 2022. Disponível em: https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2022/10/02/eleicoes-em-parnamirim-rn-veja-como-foi-a-votacao-no-1o-turno.ghtml. Acesso em: 05 out. 2022.

EUGÊNIO, Jonas Camargo; GIL, Carmem Zeli de Vargas. Ensino de história e temas sensíveis: Abordagens teórico-metodológicas. **Revista História Hoje**. Anpuh-Brasil. Vol. 7, n. 13 (jun. 2018), p. 139-159. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/188773. Acesso: 15. abr. 2023

FALCÃO, Osvaldo Santos. **Formação em Direitos Humanos no ensino de História: diálogos entre a escola e uma sociedade polarizada.** Orientação: Haroldo Loguercio Carvalho. 2019. 96f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História - Profhistoria) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

FERREIRA, Maurício dos Santos. **Séries televisivas, regimes de sentido e ensino de história: Parâmetros críticos para a construção de séries televisivas históricas não-documentais**. Orientador: Alexander Martins Vianna. 2017. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - UFRRJ. Rio de Janeiro, 2017.

FERREIRA, Maria Cláudia Cardoso. Professores de história em uma experiência de formação inicial à distância: os significados e os limites da profissionalização. **Revista História Hoje**, São Paulo, v.03, n.5, p.99-124, 2014. Disponível em <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/113. Acesso em: 17 jul. 2023.>. Acesso em 15 jul. 2023.

FIGUEIREDO, Janaína. **Discurso de Maduro na ONU mostrou que negacionismo vai além da pandemia**. Entrevistada: Lilia Schwarcz. **Folha de São Paulo**, Brasília, 2023. Disponivel em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/02/negacao-da-ditadura-armou-bomba-golpista-diz-nova-presidente-da-comissao-de-anistia.shtml. Acesso em: 03. ago. 2023.

FRANCÊS Robert Faurisson, que negava o holocausto, morre aos 89 anos. **Portal G1 [France Press]**, 22 out. 2018. Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/10/22/frances-robert-faurisson-que-negava-o-holocausto-morre-aos-89-anos.ghtml. Acesso em: 15 fev. 2024

FRANÇA, Lucélia Silva de Sales. **Ensino de História e letramento na EJA: costurando o conceito de trabalho com estudantes-operários do pólo das confecções do Agreste.** Orientador: Eleta de Carvalho Freire. 2019. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - UFPE. Recife, 2019.

FREITAS, Jorge Luiz Maia de. A narrativa revisionista da produtora Brasil Paralelo e suas implicações na aprendizagem histórica. **Ensino de história no tempo presente: Dilemas e perspectivas**. Grupo de Reflexão Docente – Mídias, Narrativas e Aprendizagens Históricas, Belém - PA, n. XVIII, p. 2-11, 2021. Disponível em: <https://www.perspectivas2021.abeh.org.br/resources/anais/10/epeh2021/1645372498_ARQUIVO_52a37e1c35b9f5e835f657b58b88a27c.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2023.

FONSECA, André Azevedo da. **O mito da era de ouro (Para entender o mito político - Parte 6 de 6)**. Historiador André Azevedo da Fonseca. Londrina-PR, 15 mar. 2015. 1 vídeo (8:06). Publicado pelo Canal Prof. André Azevedo da Fonseca no Youtube. Disponível em:https://www.youtube.com/watch?v=QTxp0RhNaGw. Acesso: 26. jan. 2024.

FURTADO, Ronaldo Everton Araújo Vieira. **Questionando a história, das mídias digitais à sala de aula: a investigação histórica para a autonomia crítica do estudante do ensino**

médio. 2015. Dissertação (Mestrado em Ensino em História) – UFRN. Rio Grande do Norte, 2015.

GABRIEL, João. A negação da ditadura armou bomba golpista, diz nova presidente da comissão de anistia. Entrevistada: Eneá de Stutz e Almeida. **Folha de São Paulo**, Brasília, 2023. Disponivel em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/02/negacao-da-ditadura-armou-bomba-golpista-diz-nova-presidente-da-comissao-de-anistia.shtml. Acesso em: 03. ago. 2023

GASPAROTTO, Alessandra; BAUER, Caroline Silveira. O ensino de História e os usos do passado: A ditadura civil-militar em sala de aula. *In*: ANDRADE, J. A. de; PEREIRA, N.M. (org.). **Ensino de História e suas práticas de pesquisa**. Porto Alegre: Oikos, 2021. P. 438-451.

GIL, Carmem Zeli de Vargas; MESQUITA; Ilka Miglio de. Ensino de história com questões sensíveis. **Pensar a educação em revista**. UFMG : Belo Horizonte, 2020. Vol. 6, n. 2 (jul./ago. 2020), 18 p. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/216334/001119218.pdf?sequence=1 . Acesso em: 24 abr. 2023.

GIOVANETTE, Maria de Freitas. O ensino de história da ditadura militar brasileira em disputa: Do negacionismo as saídas possíveis. **Revista Hydra: Revista Discente de História da UNIFESP**. [S. l.], v. 6, n. 12, 2023. DOI: 10.34024/hydra.2023.v6.14471. Disponível em: https://www.periodicos.unifesp.br/index.php/hydra/article/view/14471. Acesso em: 7 ago. 2023.

HOLDER, Caroline. Especial Natal 413 anos: "Trampolim da vitória" dos EUA na Segunda Guerra Mundial. **Portal G1**, Natal, 21 dez. 2012. Disponível em: https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2012/12/natal-trampolim-da-vitoria-dos-eua-durante-segunda-guerra-mundial.html#:~:text=G1%20-%20Especial%20Natal%20413%20anos%3A%20%27Trampolim%20da,da%20capital%20potiguar%20atraiu%20tropas%20americanas%20em%201942.. Acesso em: 02 fev. 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2021**. Disponível em:https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/2044-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios Acesso em: 17 jan. 2024.

IRVING, David. **Hitler's War**. New York: Viking Press, 1977.

IRVING: consigned to history as a racist liar. **The Guardian**, Londres, 12 abr. 2000. Disponível em: https://www.theguardian.com/books/2000/apr/12/uk.irving. Acesso em: 29 jan. 2024.

JOVEM Pan News Natal atinge audiência de 1,2 milhão no segundo turno. **Tribuna do Norte**, Natal, 01 nov. 2022. Disponível em:http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/jovem-pan-news-natal-atinge-audia-ncia-de-1-2-milha-o-no-2ao-turno/550489. Acesso em: 02 fev. 2022.

JUNIOR, Alexandre Guilherme da Cruz Alves; OLIVEIRA, Margarida Dias de; DOS SANTOS, Fábio Alves Alves; OLIVEIRA, Itamar Freitas. História do ensino de História: desafios para uma nova escrita de síntese. **Revista História Hoje**, *[S. l.]*, v. 10, n. 19, p. 294–312, 2021. DOI: 10.20949/rhhj.v10i19.606. Disponível em: https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/606. Acesso em: 10 jul. 2023.

LACERDA. Thiago Saldanha. **Leitura, Escrita e Letramento no ensino de História. A formação de alunos autores, escritores e contadores de História**. Orientadora: Maria Elisa Noronha de Sá. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - PUC/RJ. Rio de Janeiro, 2019.

LEMOS, André. Cibercultura. Alguns pontos para compreender nossa época. *In*: LEMOS, André; CUNHA, Paulo. (Orgs.). **Olhares sobre a Cibercultura.** Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 11-23.

LESSA, Ivan. **O caso David Irving**. BBC, Londres, 12 abr. 2000. Disponível em:https://www.bbc.com/portuguese/lessa/ivan00412.htm. Acesso: 29 jan. 2022.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Rosenilde Alves de. **Histórias públicas e ditadura militar: a verdade sedutora dos negacionistas como um problema para o ensino de história**. 2021. Orientação: Orientadora: Profa. Dra. Sônia Maria de Meneses Silva Dissertação (Mestrado em Mestrado Profissional em Ensino de História) - Universidade Regional do Cariri, 2021.

LIPSTADT, Deborah. **Denying the Holocaust: the Growing Assault on Truth and Memory**. London: Plume, 1994.

LOPES, Ezequiel Ribeiro. **Literacia sertaneja: ensino da história do sertão nordestino e literatura no combate aos preconceitos**. Orientador: Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez Reis. 2021. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - URCA. Crato, 2021.

LUCCHESI, Anita. História e historiografia digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: CONHECIMENTO HISTÓRICO E DIÁLOGO SOCIAL, XXVII, 2013, Natal. Anais eletrônicos. Natal: **ANPUH**, 2013. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548874925_2b1f92411cb733640b4eba3247c5ba43.pdf. Acesso em: 12 abr. 2018.

LUIZ, Isabella Ferreira. Negacionismo em rede: a negação da escravidão e da ditadura militar no Brasil ganhou a internet. **ANPUH**, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em:1611771709_ARQUIVO_ca993cfa6359a7f25845b1584f2b5bfb.pdf (anpuh.org). Acesso em: 29 set. 2022.

MAGALHÃES, André Vinicius Bezerra. **Hoje não vai ter aula: EducAÇÃO Histórica e Aprendizagem ColaborATIVA a partir da experiência com a ONHB**. Orientadora: Vanessa Spinosa. 2020. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - UFRN. Rio Grande do Norte, 2020.

MAGALHÃES, Mário. 19 capas de jornais e revistas: Em 1964 a imprensa disse sim ao golpe. **Blog do Mario Magalhães no UOL**, 2014. Disponivel em: https://blogdomariomagalhaes.blogosfera.uol.com.br/2014/03/31/19-capas-de-jornais-e-revistas-em-1964-a-imprensa-disse-sim-ao-golpe/. Acesso em: 03. mai. 2024

MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios do conhecimento histórico na era digital. **Revista Brasileira de História**, v.34, n.74, p. 135-154. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbh/a/LHTGChGvyDBCdzDk33k4WgM/?lang=pt. Acesso em: 29 de set de 2022.

MARQUES, Thaís Pio. O que são "usos políticos do passado", segundo este historiador. Entrevistado: Fernando Nicolazzi. **Café História,** Brasília, 30 jun. 2021. Disponível em: https://www.cafehistoria.com.br/o-que-sao-usos-politicos-do-passado/. Acesso em: 12 out. 2022.

MARQUES, Bruno Ribeiro. **A Jornada do Herói: uma proposta audiovisual e interdisciplinar para o ensino de história na educação profissional**. Orientador: Vanessa Spinosa. 2020. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - UFRN. Rio Grande do Norte, 2020.

MATTOS, Camila Oliveira. **Sinais do tempo: Construção de Significados de tempo histórico para alunos surdos em uma perspectiva de letramento histórico em Libras**. Orientadora: Patrícia Bastos de Azevedo. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - UFRRJ. Rio de Janeiro, 2016.

MAYNARD, Dilton. **Escritos sobre história e internet**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, dez. 2011.

MEDEIROS, Thiago Henrique Marques de. **Política, Imaginário e Internet**: **O uso do Facebook na campanha eleitoral do presidente Bolsonaro no Rio Grande do Norte em 2018.** Orientador: João Bosco Araújo da Costa. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

MEDEIROS, Danilo Nogueira de. **Construindo narrativas no ciberespaço: uma proposta de letramento histórico e digital para estudantes do Ensino Fundamental nos anos finais**. Orientadora: Vanessa Spinosa. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História - Profhistoria) - UFRN. Rio Grande do Norte, 2020.

MELO, Demian Bezerra de. Revisão e revisionismo na historiografia contemporânea. In MELO, Demian Bezerra de (Org.). **A miséria da historiografia**: Uma crítica ao revisionismo contemporâneo. Rio de Janeiro: Consequência, 2014. p. 17-49.

MENESES, Sônia. **II Encontro de Ensino e História.** [Conferência com] Prof. Drª Vanessa Spinosa e Prof. Dr. Arnaldo Martin Szlachta Junior. Ceará: Universidade Estadual do Vale do Acaraú, 2 de fev. 2021. 1 vídeo (1h 52 min 3 seg) [*Live*]. Publicado pelo canal Centro

Acadêmico De História - UVA. Disponível em: https://www.youtube.com/live/KM9hnj7JT6Y?feature=share. Acesso em: 8 fev. 2023.

MILL, Daniel; AQUINO, Ellen Larissa de Carvalho; LIMA, Lucas Peixoto de. A influência dos algoritmos inteligentes no processo de aprendizagem autônoma. **Revista EPTIC**, Vol. 22, nº 2, Brasil, mai. 2020. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/12044 . Acesso em: 04 de mai. 2023.

MORAES, José Damiro. "Leitura que recomendamos - o que todos devem ler": Impressos didáticos e ensino de história nas escolas anarquistas. **Cadernos de história da educação** - v.12, n.1 - jan./jun. 2013.

MORAES, Luís Edmundo. Negacionismo: a extrema-direita e a negação da política de extermínio nazista. In: SCHURSTER, Karl; LAPSKY, Igor; SILVA, Francisco Carlos Teixeira; SILVA, Giselda Brito. **Velhas e Novas Direitas: a atualidade de uma polêmica**. Recife: EDUPE, 2014.

_____. O Negacionismo e as disputas de memória: reflexões sobre intelectuais de extrema direita e a negação do holocausto. In:IDENTIDADES, 2008, Rio de Janeiro. **Anais do XIII Encontro de História ANPUH-Rio**. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em:http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212957377_ARQUIVO_Artigo - ANPUH - 2008.pdf. Acesso em: 30 abr. 2023.

MORAN, José. Modelos mais flexíveis na educação básica. **José Moran, Educação Transformadora**, São Paulo, 22 ago. 2021. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/?p=2019. Acesso em: 12 out. 2022.

MORI, Letícia. A história dos 6,5 mil membros das forças armadas perseguidos pela ditadura militar. **BBC BRASIL.** São Paulo, 18 dez. 2018. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46532955. Acesso em: 17 jun. 2023.

MOURA, Gilson. Escola de Parnamirim adota modelo cívico-militar. **Blog do GM**. Natal, 26 de outubro de 2021. Disponível em:_https://www.blogdogm.com.br/escola-de-parnamirim-adota-o-modelo-civico-militar/. Acesso em: 02 de fev. 2023.

MOURA, Nando. **A verdade sobre a ditadura brasileira**. São Paulo, 27 nov. 2017. 1 vídeo (09:07). Publicado pelo canal Nando Moura no Youtube. Disponível em:https://www.youtube.com/watch?v=mrnrgVTk9zA&t=113s. Acesso em: 13 de mar. 2023.

_____. **Canal Nostalgia e a Ditadura**. São Paulo, 30 mai. 2016. 1 vídeo (10:02). Publicado pelo canal Nando Moura no Youtube. Disponível em:https://www.youtube.com/watch?v=hMga8k50FRk&t=20s. Acesso em: 13 de mar. 2023.

NAPOLITANO, Marcos; JUNQUEIRA, Mary Anne. **Negacionismos e Revisionismos: o conhecimento histórico sob ameaça**. Síntese dos debates e posicionamentos surgidos no evento promovido pelo Departamento de História da FFLCH/USP – Universidade de São Paulo. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5207773/mod_folder/content/0/NAPOLITANO%2%20Marcos%3B%20JUNQUEIRA%2C%20Mary%20Anne.%20Como%20historiadores%20e

%20professores%20devem%20lidar%20com%20negacionismos%20e%20revisionismos.pdf?forcedownload=1. Acesso em: 18 set. 2023.

NAPOLITANO, Marcos. **Especial História e Covid-19 | Marcos Napolitano (USP)**. Historiador Marcos Napolitano. Rio de Janeiro, 17 abr. 2023. 1 vídeo (7:34). Publicado pelo Canal Casa de Oswaldo Cruz no Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=no1N3vH52bQ&t=8s. Acesso: 29. jan. 2024.

NEVES, Barbara Coelho; BORGES, Jussara. Por que as Fake News têm espaço nas mídias sociais? Uma discussão a luz do comportamento infocomunicacional. **Informação & Sociedade: Estudos**, *[S. l.]*, v. 30, n. 2, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1809-4783.2020v30n2.50410. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/50410. Acesso em: 7 ago. 2023.

NEVES, Ian. **A tática do Brasil Paralelo**. Historiador Ian Neves. São Paulo, 13 de mar. 2023. 1 vídeo (30:33). Publicado pelo canal História Pública. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=guCJg7lM4NU&t=1055s>. Acesso em: 13 de mar. 2023.

NICOLAZZI, Fernando. **São várias as origens do ódio contra escolas e contra professores e professoras** [...]. 14 abr. 2023. Twitter: @fnicølazzi. Disponível em: https:// https://twitter.com/fnic0lazzi. Acesso em: 07 mai. 2023.

_____. A Brasil Paralelo e o nacionalismo cristão (por Fernando Nicolazzi). **Site Sul21**, Porto Alegre, 09 out. 2022. Disponível em:https://sul21.com.br/opiniao/2022/10/a-brasil-paralelo-e-o-nacionalismo-cristao-por-fernando-nicolazzi/. Acesso em: 10 jul. 2022.

_____. Negacionismo e usos afetivos do passado no Brasil Contemporâneo. **Revista Passés Futurs**, França, 27 jul. 2023. Disponível em:https://www.politika.io/fr/article/negacionismo-e-usos-afetivos-do-passado-no-brasil-contemporaneo. Acesso em: 29 de jan. 2024.

_____. Os historiadores e seus públicos: regimes historiográficos, recepção da história e história pública. **Revista História Hoje**, *[S. l.]*, v. 8, n. 15, p. 203–222, 2019. DOI: 10.20949/rhhj.v8i15.525. Disponível em: https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/525. Acesso em: 29 jan. 2024.

NUNES, Fernando de Lima. Combatendo o revisionismo: ensino de história da ditadura civil-militar brasileira enquanto disputa de narrativas. **Revista História Hoje**, *10*(19), 30–52. Disponível em: https://doi.org/10.20949/rhhj.v10i19.733. Acesso: 20 abr. 2022.

OLIVEIRA, Regiane. Governo Bolsonaro prega “negacionismo histórico” sobre a ditadura. **El País**, São Paulo, 05 abr. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/05/politica/1554419295_939718.html. Acesso em: 24 de set. de 2022.

OLIVEIRA, Giovana Paiva; FERREIRA, Angela Lúcia; SIMONINI, Yuri. Uma Cidade Marcada por perdas e sonhos: A Natal da Segunda Guerra Mundial. **XII SHCU**. Porto Alegre, RS, 2012.

OLIVEIRA, Giovana Paiva; PONTUAL, Vírgínia. Natal e a II Guerra Mundial: Crônicas sobre a cidade. **ANPUH**, Londrina, 2005. Disponível em: https://www.anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206370_a56e36968e404faf2c66e0fd79a05b93.pdf Acesso em: 02 fev. 2023.

O que é a Brasil Paralelo?. **Brasil Paralelo**. Disponível em:https://www.brasilparalelo.com.br/o-que-e-a-brasil-paralelo. Acesso: 26 jan. 2024.
PARNAMIRIM, Prefeitura Municipal de Parnamirim. **História de Parnamirim**. Imprensa. Parnamirim, 2014. Disponível em: https://parnamirim.rn.gov.br/historiaParnamirim.jps . Acesso em: 02 fev. 2023.

PAULO, Diego Martins Dória. Os mitos da Brasil Paralelo - Uma face da extrema-direita brasileira (2016-2020). **REBELA**, Rio de Janeiro, v. 10, n.1, jan/abr 2020. Disponível em: https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/rebela/article/view/4180 . Acesso em: 29 set. 2022.

PEIXOTO, Carlos. **História de Parnamirim.** Volume II. Natal: Editora Z Comunicação, 2003.

PEREIRA, Aline. Negacionismo e revisionismo histórico servem ao projeto conservador e extrapolam muros da universidade . Entrevistada: Tatiana Poggi. **ADUFF SSIND,** Rio de Janeiro, 02 abr. 2020. Disponível em: http://www.aduff.org.br/site/index.php/notocias/noticias-recentes/item/4031-negacionismo-e-revisionismo-historico-servem-ao-projeto-conservador-e-extrapolam-muros-da-universidade Acesso em: 12 abr. 2023.

PETRILAK, Vladimir; KRAENSKI, Mauro Abranches. **1964. O elo perdido. O Brasil nos Arquivos do Serviço Secreto Comunista**. Editora Vide, 1ª edição, 2017.

PICOLI, Bruno Antônio; CHITOLINA, Vanessa; GUIMARÃES, Roberta. Revisionismo histórico e educação para a barbárie: a verdade da "Brasil Paralelo". **Revista UFG**, Goiânia, v. 20, n. 26, 2020. DOI: 10.5216/revufg.v20.64896. Disponível em: https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/64896. Acesso em: 13 jul. 2023.

PINHEIRO, José Gledison Rocha; SILVA, Ícaro Batista da. O ensino de história numa encruzilhada ideológica: entre o voluntarismo revisionista e o esforço do dever de verdade. **ANPUH**, Bahia, 2019. Disponível em: https://www.encontro2020.bahia.anpuh.org/resources/anais/19/anpuh-ba-eeh2020/1608592982_ARQUIVO_0bf86f1074b10dac7d3e03b49e871e69.pdf#:~:text=Ensino%20de%20Hist%C3%B3ria%20numa%20encruzilhada%20ideol%C3%B3gica%3A%20entre%20o,de%20dever%20de%20verdade%20%C3%8Dcaro%20Batista%20da%20Silvai . Acesso em: 02 fev. 2023.

PRADO, Giliard da Silva. Por uma história digital: o ofício de historiador na era da internet. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 34, 2011, set./dez. 2021.

PRIVATTI, Rafael Bastos Alves. **Que História é essa? Letramento em História e em Língua Portuguesa nos anos iniciais da escolarização.** Orientadora: Juçara da Silva Barbosa de Mello. 2016. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - UERJ. Rio de Janeiro, 2016.

RAMOS, Francisco Adoniran Braga. **Um Diálogo entre Professores: o saber histórico e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental**. Orientação: Margarida Dias. 2020. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - UFRN. Rio Grande do Norte, 2020.

RELATÓRIO, Internet, Desinformação e Democracia. **Portal CGI**, Brasil, jul. 2019. Disponível em: https://cgi.br/media/docs/publicacoes/4/20200327181716/relatorio_internet_desinformacao_e_democracia.pdf Acesso em: 02 fev. 2023.

ROLLEMBERG, Denise; MARTINS CORDEIRO, Janaína. Revisionismo e negacionismo: controvérsias. **História, histórias**, *[S. l.]*, v. 9, n. 17, 2021. DOI: 10.26512/rhh.v9i17.36429. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/36429. Acesso em: 29 jan. 2024.

ROSA, Andreia Silvana. **História em tempos de Youtube: Uma análise acerca da história difundida pelo canal nostalgia**. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado e Licenciatura em História) – UFSC. Santa Catarina, 2018.

ROUSSO, Henry. **Syndrome de Vichy. De 1944 à nos jours**. 2ème éd. Paris, Éditions du Seuil, 1990 (1a ed. 1987).

_____. Les racines du négationnisme en France. In: **Face au passé: essais sur la mémoire contemporaine**. Paris: Belin, 2016. pp. 165-192.

RUSEN, Jorn**.** Consciência Histórica como Tema da Didática da História. **MÉTIS** – história & cultura. Caxias do Sul, v. 19, n 38, p. 16-38, jul./dez. 2020.

SADDI, Rafael. Entrevista com o professor Dr. Luís Fernando Cerri (UEPG). **Revista Teoria da História**, v. 6, n. 12, p. 369–391, 2014. Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/33456.

SAFATALE, Vladimir. Protestos de 2013 foram o 11 de setembro da direita brasileira. **Folha de São Paulo.** São Paulo, 04 nov. 2018. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/11/protestos-de-2013-foram-o-11-de-setembro-da-direita-brasileira.shtml. Acesso: 08 ago. 2023.

SALDANHA, Letícia Lopes. **Por uma educação dos sentidos para dar significado ao ensino de história: uma proposta a partir da educação patrimonial**. Orientador: Margarida Dias. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – UFRN. Rio Grande do Norte, 2020.

SANTOS, Isabela. Líder da Assembleia de Deus de Parnamirim diz a fiéis que a eleição foi fraudada e que vai para o inferno o crente que votar em Lula. **Saiba Mais: Agência de Reportagem**, Parnamirim, 10 out. 2022. Disponível em: https://saibamais.jor.br/2022/10/lider-da-assembleia-de-deus-de-parnamirim-diz-a-fieis-que-eleicao-foi-fraudada-e-que-vai-para-o-inferno-o-crente-que-votar-em-lula/. Acesso em: 05 out. 2022.

SANTOS, Mayara Aparecida Machado Balestro dos. **Agenda conservadora, ultraliberalismo e "guerra cultural": "Brasil paralelo" e a hegemonia das direitas no Brasil contemporâneo (2016-2020)**. 2021. 147 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2021.

SANTOS, Xisda Magna Rafaski dos. Para além dos slides com o Google apresentações. **Educommais,** Rio Grande do Sul. Disponível em: http://educommais.educacao.rs.gov.br/roteiro-de-estudo/para-alem-dos-slides-com-o-google-apresentacoes-66058#:~:text=O%20Google%20Apresenta%C3%A7%C3%B5es%20%C3%A9%20um,nuvem%20e%20n%C3%A3o%20no%20equipamento. Acesso em: 31 jan. 2023.
SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Cognição histórica situada: que aprendizagem histórica é esta? In: _____. BARCA, I. (Org.). **Aprender história: perspectivas da educação histórica**. Ijuí: Editora Unijuí, 2009, p. 21-51.

SILVA, Humberto Serrabanca Costa e. **Mortimer Adler e o ensino de História: educação liberal, letramento e didática**. Orientador: Fernando Luiz Vale Castro. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - UFRJ. Rio de Janeiro, 2016.

SILVA, Danilo Alves da. **Letramento histórico-digital: ensino de História e tecnologias digitais**. Orientadora: Margarida Dias. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História - Profhistoria) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

SILVA, Danilo Alves da. Letramento histórico-digital: Ensino de História e Tecnologias Digitais. Rio de Janeiro: Autografia, 2020. 162p. Resenha de: SPINOSA, Vanessa. Alfabetização histórica. **Crítica Historiográfica**. Natal, v.2, n.3, jan./fev. 2021. Disponível em: https://www.criticahistoriografica.com.br/letramento-historico-digital-ensino-de-historia-e-tecnologias-digitais-danilo-alves-da-silva/.

SILVA, Fabia Janaina Marciel da. **Eu me abraço à clepsidra, pois o tempo foi e ainda é: consciência histórica e narrativas de estudantes e docentes do ensino médio das escolas estaduais de exu-pe**. Orientador: Rosilene Alves de Mello. 2021. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - URCA. Pernambuco, 2021.

SILVA, Sergio Felipe Moraes da. **Jogo de perguntas e respostas no Ensino de História: da permanente problematização ao desenvolvimento da leitura e da escrita**. Orientador: Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro. 2021. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - UFRJ. Rio de Janeiro, 2021.

SIMÕES, Acácio Leandro Manoel. **Ensino da História e a sociedade da informação: aprendizagem histórica por meio da análise de fontes em ambientes digitais**. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – UFRN. Rio Grande do Norte, 2019.

SOARES DE BRITO, Wallace Guilherme. Historiografia e Negação do Holocausto: o caso Lipstadt vs. Irving. **PRIMORDIUM** - Revista de Filosofia e Estudos Clássicos, Uberlândia, v. 5, n. 10, 2021. DOI: 10.14393/REPRIM-v5n10a2020-58373. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/primordium/article/view/58373. Acesso em: 29 jan. 2024.

SOBRE nós| O que é a Brasil Paralelo?. **Produtora Brasil Paralelo**. Disponível em: https://www.brasilparalelo.com.br/sobre. Acesso: 9 jan. 2023.

SOUZA, Robson Sávio Reis. Extrema Direita: Religião, militarismo e neoliberalismo. Artigo de Robson Sávio Reis de Souza. **Instituto Humanitas Unisinos.** Disponível

em:https://ihu.unisinos.br/categorias/611507-extrema-direita-religiao-militarismo-e-neoliberalismo-artigo-de-robson-savio-reis-souza. Acesso em: 14 jan. 2024.

SPINOSA, Vanessa. **Curso historiadores e o futuro da história - Encontro 1**. [Conferência com] Prof. Dr. Thiago Magela e Prof. Dr. Rodrigo dos Santos. Mato Grosso: Universidade Estadual do Mato Grosso, 11 abr. 2023. 1 video (1h 29 min 31 seg) [*Live*]. Publicado pelo canal Curso de Licenciatura em História - Unemat. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Fa4CrRg1te8&t=48s. Acesso em: 13 de mar. 2023.

STIPP, Paulo Eduardo de Mattos. **A história muda o uso de imagens no ensino de história para surdos**. Orientadora: Cristina Meneguello. 2019. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - UNICAMP. Campinas, 2019.

SVARTMANN, Eduardo Munhoz. Negociando a Dependência: Relações Militares Brasil-Estados Unidos no Início da Guerra Fria. **OPSIS.** Catalão. Vol. 14, nesp (2014), f. 160-184. 2014.

SZLACHTA JUNIOR, Arnaldo Martin; GAMA, Ana Camilo Tarquino da. PATRIMÔNIO HISTÓRICO E HUMANIDADES DIGITAIS:: o uso do mymaps no Ensino de História sobre a ditadura civil-militar no Recife. **Revista Espacialidades**, Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/article/view/28296. Acesso em: 17 jul. 2023.

TORCATO, Carlos Eduardo Martins . Práticas de Humanidades Digitais em ensino de História com o software Inkscape. **Prática da História** , v. SV, p. 89-115, 2022.

TRAVERSO, Enzo. **El pasado, instrucciones de uso. Historia, memória, política**. Madrid: Marcial Pons, 2007.

TV Escola dá espaço a produção revisionista. **Correio Braziliense,** Brasília, 10 dez. 2019. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/12/10/interna-brasil,812937/tv-escola-da-espaco-a-producao-revisionista.shtml. Acesso em: 12 out. 2022.

VIANA, Lucas Tadeu Borges; FERNANDES, Hevilla Wanderley. O sequestro de Gramsci por Olavo de Carvalho.. **In: Anais da XIII Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão do Centro de Humanidades-UFCG. Anais...Campina Grande(PB).** Universidade Federal de Campina Grande, 2022. Disponível em: https//www.even3.com.br/anais/sepechufcg/529617-O-SEQUESTRO-DE-GRAMSCI-POR-OLAVO-DE-CARVALHO. Acesso em: 26 jan. 2024.

VIEIRA, Letícia. **Classes experimentais secundárias de instituições públicas de ensino do estado de São Paulo: um estudo de formas de circulação e apropriação de práticas pedagógicas (1951-1962)**. Orientadora: Carmen Sylvia Vidigal Moraes. 2020. Tese (Programa de Doutorado em Educação), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os assassinos da memória: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo**. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1988.

VITÓRIA, Barbara Zacher. **Sobre memes e mimimi : Letramento histórico e midiático no contexto do conservadorismo e intolerância nas redes sociais**. Orientador: Alexandre Busko Valim. 2019. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - UFSC. Santa Catarina, 2019.

WEISSHEIMER, Marco Aurélio. Zero Hora, o Golpe e a Ditadura. **Observatório da Imprensa**, Porto Alegre, 03 abr. 2012. Disponível em: https://www.observatoriodaimprensa.com.br/interesse-publico/ed688-zero-hora-o-golpe-e-a-ditadura/. Acesso em: 02 fev. 2022.

ZAROTTI, Pedro. O revisionismo ideológico nas escolas: apontamentos a partir de uma pesquisa exploratória com professores de história da educação básica. **Revista História Hoje**, *[S. l.]*, v. 12, n. 26, 2023. DOI: 10.20949/rhhj.v12i26.1007. Disponível em: https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/1007. Acesso em: 26 jan. 2024.

APÊNDICES A - CÓPIA DE ABORDAGEM HISTÓRICO-DIGITAL

QUESTINÁRIO – PESQUISA CIENTÍFICA SOBRE A RELAÇÃO SOCIOEDUCACIONAL DOS ALUNOS E ALUNAS COM AS PROVAS MILITARES (PROFHISTÓRIA):

Boa tarde, pessoal! Tudo bem? Esse questionário é uma breve base que o professor Gabriel Alves gostaria de ter com vocês sobre alguns questionamentos socioeducacionais e digitais presentes no dia a dia dos alunos(as) do Falcão Cursos. Isso tudo em virtude do seu tema de pesquisa no seu Mestrado (UFRN). Não é necessário preencher nome, ou se identificar, aqui a ideia é termos um parâmetro científico sobre alguns questionamentos e um perfil da sala de aula. Agradeço a atenção e reforço a importância de responderem o questionário, para ajudar o professor nesta empreitada :D

1) Além dos estudos, você exerce alguma outra profissão (trabalho)?

a) SIM
X) NÃO

2) Concomitante as aulas, você exerce alguma outra atividade doméstica?

X) SIM
b) NÃO

3) Você possui familiares militares?

X) SIM
b) NÃO

4) Ao tentar ingressar em uma instituição militar, se fosse escolher apenas uma opção, o que mais chamaria a sua atenção?

a) A profissão
b) A remuneração
X) A estabilidade da carreira
d) Outros □

5) Quem o incentivou a escolher o ingresso a carreira militar?

a) Amigos
X) Família
c) Você, por conta própria
d) Propagandas nas mídias

6) Você prestará o ENEM ou algum outro vestibular para Universidades esse ano? Caso escolha a opção "NÃO" justifique em poucas palavras.

a) SIM
X) NÃO □ outras opções

7) Você possui conexão banda larga /fibra ótica/rádio com internet em casa?

a) SIM
b) NÃO

8) Qual aparelho digital você mais utiliza no dia a dia para conseguir se manter informado?

a) Tablet
b) Celular
c) Notebook
d) Computador
e) Televisão

9) Em seus estudos, fora de sala de aula, com qual frequência você utiliza as mídias digitais?

a) Frequentemente
b) Razoavelmente
c) Poucas vezes
d) Nunca

10) Qual dessas redes sociais você mais utiliza para se manter "antenado" nas discussões dos temas atuais e históricos?

a) Youtube
b) Facebook
c) Twitter
d) Whatsapp
e) Twich
f) Snapchat
g) Instagram

11) Hipoteticamente, ao receber um link de uma notícia em uma ferramenta como o Whatsapp, você procura checar a veracidade da notícia com qual frequência?

a) Frequentemente
b) Razoavelmente
c) Poucas Vezes
d) Nunca

12) Sobre o mesmo link e notícia, como você faz a leitura da matéria?

a) Leitura superficial, somente o título
b) Leitura parcial
c) Leitura integral
d) Não leio

APÊNDICES B - PRINT DE ABORDAGEM HISTÓRICO-DIGITAL



Legenda: Abordagem realizada em abril de 2023 com alunos(as) do Falcão Cursos

APÊNDICE C - SEQUÊNCIA DIDÁTICA

O produto prático deste projeto será a organização de uma sequência didática em que utilizaremos diversas mídias digitais como ferramentas pedagógicas, uma vez que, além da familiaridade que os discentes têm com alguns desses aplicativos, consequentemente podemos expandir para fora da sala de aula nossos objetivos. Isso nos possibilitou aprofundar os estudos sobre a questão da Ditadura Civil-Militar de 1964 partindo dessas ferramentas que estão facilmente à nossa disposição.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA
I. Plano de Aula: 5 aulas de 50 minutos
II. Dados de Identificação: Escola: Falcão Cursos Professor (a): Gabriel Alves do Carmo Dias Ramos. Série: Alunos(as) de 3º ano Turma: Única Período: 4º bimestre
III. Tema: **A DITADURA CIVIL-MILITAR EM PAUTA: OS USOS POLÍTICOS DO PASSADO QUE INTERFEREM A LEITURA HISTÓRICA NO PRESENTE.** Nesta sequência didática, o conceito substantivo a ser trabalhado é o da Ditadura Civil-Militar (1964-1985), tendo como recorte específico o debate em torno desse tema a partir do uso das mídias digitais, como forma de contenção de inúmeros negacionismos fisi-digitais que ocorrem nos tempos atuais. Percebemos a criação de inúmeras narrativas falseadoras sendo criadas sobre este fato histórico sensível, sendo encabeçadas pela extrema-direita brasileira. Logo, a observação e análise das ações dos atores envolvidos nesse recorte histórico, as causas e os efeitos históricos deste objeto, além das projeções culturais relativas ao tema escolhido, são de fundamental importância para construção de um conhecimento histórico afastado de discursos que busquem subverter a verdade e que consequentemente exaltem a bandeira da empatia com aqueles que sofreram perdas ou violências no período. Este é o principal objetivo deste produto didático. Mas como, chegaremos a esse propósito? O exame em torno do Golpe de 1964, sob à luz das mídias digitais, mostra-se uma escolha importante para o fomento da criticidade e protagonismo discente no âmbito do ensino de História, uma vez que demonstra ser um caminho natural e verossímil de trabalho ao constatarmos a fluidez dessas ferramentas na vida desses jovens. Ao observarmos a reverberação que alguns discursos dissimulados de algumas produções audiovisuais no *Youtube* possuem na fala de alguns jovens em sala, optamos em apoiar-se no mesmo *habitat*, ou seja, no âmbito digital, dessas falácias para demonstrar aos aprendentes um outro lado possível da construção histórica nas mídias. Além disso, a iniciativa permite a desnaturalização do uso dos recursos digitais apenas para fins de entretenimento. A expansão do "chão da escola" para fora dos limites da sala de aula, permitida pela mediação de fontes digitais, fornece elementos enriquecedores no processo da aprendizagem significativa, já que este incremento didático amparado por conceitos e métodos ativos como o letramento histórico-digital desenvolvido por Silva (2021) está focado no desenvolvimento de habilidades para a investigação histórica e posterior produção de narrativa discente no meio digital, possibilitando barreiras contra o negacionismo.

Por fim, esta aula tem como objetivo proporcionar uma visão abrangente da Ditadura Civil-Militar, utilizando o letramento histórico-digital para alcançar uma linguagem moderna e atraente para os alunos(as), facilitando o entendimento, engajamento e desenvolvimento de habilidades escritoras e leitoras sobre o conteúdo que são fundamentais para a construção de uma narrativa histórica crítica e fidedigna, extrapolando os muros impostos pela apologia à torturas ou outras formas de violência que discursos crescentes permeados de negações, pretendem impor com este tipo de tema histórico (POGGI, 2020).

IV. Objetivos:

Objetivo geral:

● Promover discussões sobre a Ditadura Civil-Militar de 1964 a partir da análise e da interpretação de fontes históricas digitais, construindo narrativas nesse âmbito através do fomento em torno dos processos de investigação histórica, habilidades digitais e produção histórica, servindo de alternativa àquilo que está sendo falseado na internet sobre o tema.

Objetivos específicos:

● Contextualizar e entender os processos que levaram políticos e militares à época a aplicarem o golpe de 1964.

● Compreender o significado da Ditadura Civil-Militar de 1964 para o atual momento que vivemos.

● Entender que este tema sensível está permeado de negacionismos históricos na internet.

● Pesquisar e coletar, na web, dados e informações sobre as políticas de exceção do período (como o AI-5), observando a naturalização do tema atualmente em diversos discursos.

● Analisar a partir dos outros objetivos específicos, o substancial conceito de legalidade para os militares.

● Elaborar pequenos textos para sistematizar a narrativa histórica sobre a temática.

● Fomentar habilidades junto aos alunos(as) que os incitem a construir um material colaborativo digital que sintetize as discussões sobre o tema e os ajudem em seus objetivos.

V. Conteúdo:

● A Ditadura Civil-Militar de 1964.
● As políticas de exceção do período.
● Este tema sensível e suas diversas narrativas.
● As falsificações em torno do tema.
● A legalidade militar.

VI. Desenvolvimento do tema: A temática será abordada a partir da perspectiva teórico-metodológica da Educação Histórica, com os seguintes procedimentos:

● **50 minutos [1 aula]: 1**. explicitação da proposta didática; **2.** levantamento das ideias prévias dos estudantes sobre a Ditadura Civil-Militar e em quais mídias digitais os alunos (as) já observaram narrativas sobre o tema (conhecimento/consumo); **3**. Contextualização sobre os acontecimentos e características da Ditadura Civil-Militar em uma breve explanação do professor situando os discentes na relação espaço/tempo. **4**. Divisão dos alunos(as) em trios para as demais atividades que darão andamento a sequência didática; **5**. Utilização da técnica *brainstorming* para a escolha do nome do material

colaborativo digital da turma sobre o tema: a) reunidos nos grupos de trabalho, os estudantes irão escolher e anotar em uma folha de caderno, uma opção a ser trabalhada como material digital a ser divulgado anteriormente pelo professor: entre um slide colaborativo ou um mapa mental digital, apresentando uma justificativa prévia; b) Em um segundo momento, reuniremos as escolhas de cada trio e a proposta de material mais votada será utilizada pela turma; c) por fim, cada trio apresentará sua sugestão de nome para este trabalho, e a turma fará votação.

- **50 minutos [1 aula]: 1**. Apresentação do que queremos com o slide colaborativo ou o mapa mental digital (a depender da escolha dos aprendentes). Exemplificação dessas mídias propostas através da demonstração do que é, das características e do uso do Google Slides online para slides colaborativos ou do app *Mindmeister* para mapas mentais através de uma aula oficina; **2**. exposição dos elementos de produção como: estabelecimento do formato de apresentação, edição e divulgação. **3**. Ao final da aula, apresentação do clipe "*No Escape from Hell*" com legenda, da banda brasileira *Torture Squad* do gênero Thrash/Death Metal. Esta obra conta com fontes visuais e orais do período, bem como sua letra aborda o tema. Utilizaremos esse recurso para fomentar maiores debates em sala sobre falsificações históricas.

- **50 minutos [1 aula]: 1**. Será apresentado aos trios um jornal digital construído anteriormente pelo professor, intitulado "O NEGACIONISTA" (apêndice C), onde os discentes poderão observar neste material de época, que faz referência aos grandes diários nacionais que comemoraram o 01 de abril de 1964, 7 falas (7 erros) contendo discursos que minimizam questões relativas ao golpe. Baseados no que ouviram no episódio História FM – 003 Revisionismos sobre Ditadura Militar, e nas discussões prévias em sala de aula, as equipes apontarão os 7 fragmentos e justificarão suas respostas em até 10 minutos. **2.** Distribuição por sorteio dos subtemas a serem trabalhados entre os trios para a produção digital colaborativa (slide ou mapa a serem votados pela turma anteriormente): I. O governo Castelo Branco e o início da Ditadura; II. O governo Costa e Silva e o AI-5; III. O governo Médici e o ufanismo dos tempos de chumbo; IV. O governo Geisel e a abertura gradual; V. O governo Figueiredo e o final da Ditadura **3. (momento virtual)** Realização de pesquisa na internet (fontes e bibliografia) sobre a temática proposta: em um grupo do *Whatsapp* idealizado pela turma e professor serão apontadas algumas fontes pelo docente, como obras audiovisuais no *Youtube* (principal fonte de consulta de assuntos históricos dos alunos(as), como vimos ao longo da dissertação), podcasts e reportagens digitais. Cada trio poderá trazer também sua colaboração ao longo da produção, desde que justifique e indique a fonte ao final do mapa mental digital ou slide colaborativo. Como sugestão, o professor poderá trazer à tona recursos audiovisuais como o vídeo no *Youtube* "Depoimentos de brasileiros torturados durante a ditadura militar".

- **50 minutos [1 aula]: 1.** Será apresentada via projetor, duas reportagens digitais em sala: a) Texto da BBC Brasil, "A história dos 6,5 mil membros das Forças Armadas perseguidos pela ditadura"; b) Reportagem do jornal Metrópoles, "Bolsonaro comemora golpe militar de 1964: "Dia da Liberdade"; **2.** Os trios terão até 10 minutos para discutir entre si os textos; b) Após o debate interno, cada trio deverá apresentar em até 7 minutos para a turma a sua reflexão em torno dos textos para posterior debate geral **3.** Indicação do vídeo do Youtube "Comissão Nacional da Verdade: Depoimento de Rui Moreira Lima".

- **Momento assíncrono [correspondente a 4 aulas]:** para produzir a narrativa histórica no material, os discentes confeccionarão, ou o slide colaborativo, ou o mapa mental digital colaborativo, a partir da votação inicial, em momento oportuno em ambiente digital

- **50 minutos [1 aula]: 1.** Apresentação das produções dos trios referentes às 5 temáticas sorteadas anteriormente, que vão compor o material digital, em até 8 minutos; **2.** Debate com a turma sobre os resultados.

VII. Recursos didáticos:

- projetor multimídia;
- notebooks;
- caixa de som portátil com conexão *bluetooth*;
- conexão com a internet;
- smartphones;
- quadro branco;
- marcador de quadro;
- apagador;
- folhas de caderno e canetas;
- aplicativo *Powerpoint*;
- aplicativo *Google Slides*
- aplicativo *Whatsapp*;
- aplicativo *Canva*
- site ou aplicativo *Mindmeister* (https://www.mindmeister.com/);

VIII. Material Pedagógico:

- Jornal digital satírico de autoria própria: O Negacionista.
- Vídeo no Youtube "Depoimentos de brasileiros torturados durante a ditadura militar;
- Reportagem digital: Texto da BBC Brasil, "A história dos 6,5 mil membros das Forças Armadas perseguidos pela ditadura";
- Reportagem do jornal Metrópoles, "Bolsonaro comemora golpe militar de 1964: "Dia da Liberdade";
- Vídeo do Youtube "Comissão Nacional da Verdade: Depoimento de Rui Moreira Lima".

Fontes histórico-escolares:

MORI, Letícia. A história dos 6,5 mil membros das forças armadas perseguidos pela ditadura militar. **BBC BRASIL.** São Paulo, 18 dez. 2018. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46532955. Acesso em: 17 jun. 2023.
AUGUSTO, Otavio. Bolsonaro comemora golpe militar de 1964: "Dia da liberdade". **Metrópoles**. Brasília, 31 mar. 2020. Disponível em: https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/bolsonaro-comemora-golpe-militar-de-1964-dia-da-liberdade. Acesso em: 17 jun. 2023
LIMA, Ruy Moreira. **Comissão Nacional da Verdade: Depoimento de Rui Moreira Lima**. Rio de Janeiro, 11 out. 2012. 1 vídeo (1h 40 min 32 seg). Publicado pelo Canal Comissão Nacional da Verdade. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FuY1K7_hIZA. Acesso em: 17 jun. 2023.

VIII. Sugestão de Avaliação:

I) No primeiro momento, o docente observará através do método comparativo (análise entre o período inicial e final das atividades), os avanços em termos de habilidades e conhecimento dos alunos(as) com relação aos objetivos propostos. Do levantamento de ideias prévias sobre a temática escolhida até a construção do produto em si, nesta primeira parte da avaliação, a observação de progressos dos grupos no que tange à construção de uma narrativa histórica sobre a Ditadura Civil-Militar iluminada através do uso de fontes históricas e construção de produções midiáticas, ao longo das atividades, será ponto focal nesta primeira metade da análise (50% da nota)

II) Na segunda metade da avaliação, os trios apresentarão suas produções em até 40 minutos. Cada apresentação das produções em torno do material digital não poderá exceder 8 minutos. Ao final da aula, um representante de cada trio fará uma consideração de uma outra apresentação. Esse estímulo além de manter o foco de cada equipe em todas as apresentações, trará ao debate críticas construtivas, já que alguns quesitos deverão ser pontuados e justificados pelos agrupamentos quando este representante tiver a fala.
Seguem abaixo os pré-requisitos para avaliação:

- Edição do trio nos slides colaborativos ou mapas mentais (5% da nota) – Nota dos alunos
- Conteúdo da narrativa (15% da nota) – Nota dos alunos
- Uso das fontes históricas para produção (5% da nota) – Nota dos alunos
- Uso das fontes históricas para produção (5% da nota) – Nota do professor

● Avaliação final do professor (20% da nota) - Comentários finais e análise do resultado.

IX. Bibliografia:

BARCA, Isabel. Aula oficina: do projeto à avaliação. In: **Para uma educação de qualidade**: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED) / Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131-144.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular:** educação é base. Brasília: MEC/SEB, 2018.

FARIAS, João Paulo de Oliveira; MENESES, Sônia. Metodologias ativas, ensino de história e o uso da mídia podcast: mobilizando saberes para além do espaço escolar. **Revista História Hoje**, São Paulo, v. 11, n. 23, p. 152-179, jul./dez. 2022. Disponível em: https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/921. Acesso em: 13 jun. 2023.

GERMINARI, Geyso Dongley.; URBAN, Ana Cláudia. Educação histórica e a contribuição para a formação de professores: experiências de pesquisa. **Roteiro**, [S. l.], v. 45, p. 1–22, 2020. Disponível em: https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/22375. Acesso em: 13 jun. 2023.

POGGI, Tatiana. Negacionismo e revisionismo histórico servem ao projeto conservador e extrapolam muros da universidade. [Entrevista cedida a] Aline Pereira. **ADUFF SSIND**, Rio de Janeiro, 02 abr. 2020. Disponível em: http://www.aduff.org.br/site/index.php/notocias/noticias-recentes/item/4031-negacionismo-e-revisionismo-historico-servem-ao-projeto-conservador-e-extrapolam-muros-da-universidade Acesso em: 12 abr. 2023.

SILVA, Danilo Alves da. Letramento histórico-digital e o ensino de história. In: FRONZA, Marcelo; RODRIGUES JUNIOR, Osvaldo (org.). **Ensino de História e Internet.** São Paulo: Paraná, 2021. p. 36-50.

Legenda: Sequência didática realizada pelo autor. A mesma se encontra na cartilha digital que virá em anexo a esta dissertação.

APÊNDICE D - CAPA DO JORNAL “O NEGACIONISTA”

Quarta-Feira, 01 de Abril de 1964

O NEGACIONISTA

“uma visão do mundo real”

Dono: Alberto Carinho, jornal das organizações Jovem Pano.

EDIÇÃO EXTRA

Da Redação

A REVOLUÇÃO REDENTORA EXPULSA O COMUNISMO NO PAÍS E NOVO GOVÊRNO ASSUME

1 Após quase 3 anos de espectro vermelho rondando o país, e após clemência da população civil, os militares da 4ª Região do Exército Brasileiro de forma inesperada entraram em acção e saíram de Minas Gerais para marcharem sobre o Rio de Janeiro e pela Guanabara com intuito de 2 derrubada do comunista e presidente João Goulart, reinstaurando assim os laços da nação com o regime democrático e salvando o Brasil de ser uma nova Cuba.

3 Lembrando que os militares em um primeiro momento não queriam o golpe, porém foram conclamados pela população a retirar a 4 força Jango, que já estava fora do país, pelo bem da fragilizada democracia deste país.

Após a vacância do cargo, o favorito a vaga de futuro presidente do Brasil, o General Castelo Branco, se unirá com a cúpula militar e com deputados para compor o governo provisório nesses primeiros dias de Abril e dará prosseguimento aos ideais de desconstrução do perigo vermelho iminente no país prosseguindo com a contrarrevolução.



Imagem descrevendo a tomada de Brasília pelos militares em 1964.

5



Militares nas ruas - Projeto

POPULARES EM FESTA

Após momentos de suspense, a revolução finalmente teve o seu desfecho nas primeiras horas da manhã dessa quarta-feira dia 04 de Abril.

A reportagem do “O NEGACIONISTA” ouviu o cidadão Nair Bacias Moltonaro para saber sobre a sua opinião sobre o movimento militar:

- Foi com muito orgulho que recebi a notícia, precisavamos de um movimento como esse. Muitos amigos meus do trabalho que são esquerdistas e da ala trabalhista do Jango estão afirmando ser um golpe, ou uma ditadura. Sabe o que eu acho?! Mentira! Eles estão com dor de corno! Eles vão ter que engolir a revolução que tiraram a mamata deles, a tal das reformas de base. Eu sou cidadão de bem, acredito na família, em Deus e na liberdade que nosso povo possui em não ter a bandeira vermelha. Outros falaram em perseguição política, sabe o que eu também acho?! Acho pouco. Afinal quem começou com uma revolução, foram eles com o nosso presidente fujão tendo apoio da URSS e de Cuba.

UM BASTA NA BAGUNÇA E VIVA A ORDEM NACIONAL

COLUNA: RAMILSON PORÃO

6 Foi em tom de alegria que o país acordou sobre enfim uma experiência revolucionária, não à toa, figuras notáveis como Magalhães Pinto, Carlos Lacerda e Gilberto Freyre adeririam ao movimento. A bagunça vermelha instituída pelo governo Jango não poderia tardar a cessar. A expectativa agora é que a econômia do Brasil se estabeleça através do tecnicismo militar e que o “milagre” redentor vindo da caserna possa enfim salvar nosso país economicamente. Aos medrosos e oposicionistas que chamam os designios do povo e das Forças Armadas de golpe, fica o meu recado: 7 as eleições de 1965 chancelarão a vontade popular. Ditadura é balela! Isso claro, desde que a esquerda não manche a ordem institucional com respostas contrárias a inércia exitosa das instituições; pois aí o Comando Supermo da Revolução terá que agir.

ESPORTES

CAMPEONATO DA GUANABARA

Fluminense, Flamengo, Botafogo, Vasco e América, Bangu, Campo Grande e Olaria se preparam para o Campeonato da Guanabara de 64. Dupla Flamengo e Vasco são favoritos em 64. Flu de Castilho e Bangu de Paulo Borges os piores.
Página 12.

MODA

AGLÓRIA CAIU

Você, dona de casa, pode sim ficar bonita de verde e amarelo. Vermelho só no batom. Leia aqui.
Página 5

ECONOMIA

RODRIGO INTESTINO

As reformas comunistas são coisa do passado, veja aqui como concentrar a sua renda sem Jango no poder. A ideia dos tempos atuais é crescer para depois pensarmos em repartir.
Página 4

Página 1

Capa do “O Negacionista”, produzido pelo autor e parte integrante da sequência didática. As 7 partes grifadas se referem a sugestões possíveis de *fake news* durante a aplicação da sequência didática. Trouxemos algumas fontes que embasam tal critério, segue abaixo.

Legenda: 1 - Trecho baseado em uma narrativa muito utilizada na obra "1964 - Brasil entre armas e livros", uma das bases contemporâneas de tentativa de construção, pelos ultraconservadores, de um senso comum que torna o governo de João Goulart uma espécie de "governo comunista".

2 - Trecho baseado naquilo que alguns jornais informaram sobre o golpe ao longo dos dias 31 de março e 01 de abril de 1964. Temos como exemplo, o "Diário de Notícias" do Rio de Janeiro que informou que o movimento era o fim do comunismo no Brasil e que João Goulart estava sendo caçado pela Marinha do Brasil. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1964).

3 - Esse trecho é uma *fake news* que vem ganhando força. O ponto inicial talvez seja o "Jornal Folha de São Paulo" em 2009, indicando que o que houve durante o período de 1964 a 1985 foi uma "ditabranda" (FOLHA DE SÃO PAULO, 2009). A falsa percepção que o início da ditadura tenha sido brando ou revolucionário, já que as grandes lideranças anti-democráticas civis do golpe foram grandes molas-mestras do movimento ou que houve uma grande comoção nacional anterior ao 31 de março de 64, cria um certo verniz para um movimento de caráter militar que já vinha sendo articulado desde 1954, durante a tentativa de derrubada de Getúlio Vargas.

4 -Trecho baseado naquilo que alguns jornais e políticos informaram sobre o golpe ao longo dos dias 31 de março e 01 de abril de 1964. Temos como exemplo, a fala do congressista Auro de Moura Andrade que declarou vaga a presidência da República, informando que Jango havia saído da sede do Governo, quando estava em viagem pelo país, não comunicando a sua renúncia. Outro jornal do período, "O DIA" informou em 03 de abril que Jango estava em retirada para o Paraguai (O DIA, 1964), quando o ex-presidente estava no Rio Grande do Sul desde 02 de abril. E somente dias depois pediu asilo ao Uruguai.

5 - Trecho baseado naquilo que jornais da época informaram. A primeira parte dessa fala diz respeito aquilo que vimos no trecho "4", já quando nos referimos a URSS e Cuba, podemos ver os diários do período alimentando uma aliança um tanto quanto desproporcional, o "DIÁRIO DA NOITE" informou no período que a nova ordem era uma "legalidade" e que os militantes do golpe iriam caçar os agentes de Moscou, Pekim (sic) e Havana (DIÁRIO DA NOITE, 1964)

6 - Inúmeros jornais do período trataram o golpe como "revolução" e esse trecho retrata isso. Exemplo: Capa da famosa revista "O Cruzeiro" que retrata o lado civil do golpe ao focar na figura do governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto e utilizar a manchete "Edição História da Revolução" (O CRUZEIRO, 1964). Segundo pesquisas do Ibope, meses antes do golpe, João Goulart possuía no período grande apoio popular, assim como as reformas de base também eram apoiadas pela população quando perguntada, outra percepção que nos leva a pensar em março de 1964 como um golpe de estado, é a quebra da legalidade política. Jango foi eleito em 1960 como vice-presidente e em 1963 passou a ser presidente via plebiscito, tendo a chancela popular para comandar o país 2 vezes em menos de 3 anos.

7 - Este trecho remonta os anseios da faceta civil do golpe, que desejava após a ruptura do estado democrático de direito eleições e bradava isso na imprensa a plenos pulmões, quando isso não era factível. Artífices civis do golpe como Carlos Lacerda foram escanteados logo após o golpe pelos militares, corroborando para a percepção que as eleições de 1965 realmente não faziam parte dos planos militares do período e que alguma espécie de mediação política estava descartada. Podemos ver este anseio dos golpistas civis na manchete de "O DIA" durante o 03 de abril de 1964, quando Carlos Lacerda propõe novas eleições em meio a um frisson autoritário. (O DIA, 1964)

GABRIEL ALVES DO CARMO DIAS RAMOS



NEGACIONISMO HISTÓRICO EM PAUTA:

UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO HISTÓRICO-DIGITAL A PARTIR DA DITADURA CIVIL-MILITAR

PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

Natal - RN
2024

Cartilha digital

NEGACIONISMO HISTÓRICO EM PAUTA:

UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO HISTÓRICO-DIGITAL A PARTIR DA DITADURA CIVIL-MILITAR

AUTOR:
GABRIEL ALVES DO CARMO DIAS RAMOS

ORIENTADORA:
VANESSA SPINOSA

DIAGRAMAÇÃO:
CARLA DUARTE

Natal - RN, 2024.

Produção didática apresentada como parte do requisito à obtenção de Título de Mestre em Ensino de História - Profhistória da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....4
O QUE É NEGACIONISMO HISTÓRICO?.....6
CASO FAURISSON.....7
JULGAMENTO IRVING VS LIPSTADT.....8
CASO BRASIL PARALELO E A DITADURA CIVIL-MILITAR 9
POR QUE NÃO REVISIONISMO HISTÓRICO?.....11
A PRÁTICA DO LETRAMENTO HISTÓRICO-DIGITAL PARA A CONTENÇÃO DE DISCURSOS FALSIFICADORES.....13
SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....14
REFERÊNCIAS.....24

PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

APRESENTAÇÃO

Prezado(a) Professor(a),

Esta cartilha digital é um produto que se originou à partir das discussões que geramos na dissertação "Negacionismo Histórico em Pauta: Uma proposta de letramento histórico-digital a partir da Ditadura Civil-Militar" pelo Profhistória-UFRN, na qual examinamos o atual fenômeno epidêmico que é o negacionismo histórico na conjuntura de debate sobre Ditadura Civil-Militar no país.

Neste desencadear de atividades a seguir, buscaremos algumas soluções didáticas e teóricas para contermos possíveis flertes de alunos(as) com negacionismos, representados por falas ou discursos que fazem apologia a fenômenos como a Ditadura Civil-Militar, por exemplo.

Somado a isso, este produto digital também tem como objetivo apresentar de maneira breve, algumas análises importantes sobre o comportamento do negacionismo histórico no campo da pesquisa histórica ao longo do tempo através de exemplos para que você, professor(a), tenha contato maior com este intruso fenômeno que está presente em discussões teórico-metodológicas na área há bastante tempo.

Assim, esta cartilha está dividida em quatro etapas:

Na primeira etapa, apresentaremos o conceito de negacionismo histórico através de falas de autores importantes que estudam o tema.

Já, na segunda, traremos o exame de três estudos de caso que envolvem o negacionismo histórico, analisando como a forma e conteúdo desse tipo de discurso sofreu mutações através do tempo e tornou-se popular. Citaremos o "Caso Faurisson", o "Julgamento Irving vs Lipstadt" e o "Caso Brasil Paralelo e a Ditadura Civil-Militar".

Nesta mesma etapa, como uma consequência dessas discussões observaremos diferenciações entre o que é negacionismo histórico e o que é revisionismo histórico, já que nos três casos o uso de um certo verniz de revisão histórica assimilado por seus autores impulsionará, na verdade, a prática do negacionismo.

Na terceira etapa, apresentaremos o

PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

conceito de letramento histórico-digital através do exame de falas de intelectuais que discutem o tema. Acreditamos que esta ferramenta teórico-metodológica seja uma chave para contenção de discursos negacionistas em sala de aula, em virtude da massificação desse fenômeno nas mídias digitais.

Por fim na quarta etapa, será apresentada uma sequência didática que foi direcionada a discentes que estão em preparação para provas militares em Parnamirim-RN. Alguns alunos(as) dessa sala possuíam dificuldades em analisar questões substanciais da Ditadura Civil-Militar e consumiam produções na internet cujo discurso era abertamente negacionista em torno do tema.

Neste produto digital além de todas essas discussões propostas, você, professor(a), terá nas próximas páginas acesso a uma curadoria de fontes históricas, textos/vídeos de intelectuais analisando os temas apresentados e materiais didáticos produzidos por este autor, como o Jornal "O Negacionista", através de QrCodes e links de fácil acesso ao longo desta produção, possibilitando uma dinâmica em torno da experiência de leitura da cartilha.

Desejamos colaborar para a intensificação do diálogo entre a sala de aula e o digital, logo este produto vem com o intuito de apoiar professores(as) que desejam trabalhar com o tema Ditadura Civil-Militar no ensino médio, longe dos percalços impostos por negacionismos, onde estes profissionais poderão usá-lo e adaptá-lo da melhor forma em sua realidade escolar.

Boa leitura!

O QUE É NEGACIONISMO HISTÓRICO?

Estudiosos sobre o tema definem o negacionismo histórico como:

> O uso da negação como estratégia de regimes ditatoriais, genocidas e terroristas de esquecer e silenciar sobre suas práticas ou ainda de grupos políticos, incluindo certos intelectuais e historiadores profissionais para legitimar certa leitura do passado [...] o negacionismo histórico não envolve somente a negação pura e simples de um fato, mas envolve atos deliberados de: conspiração, distorção, falseamento, manipulação, mentira, mitificação, omissão e imprecisão. Além disso, essa forma de negacionismo pode ser usada como um mecanismo de defesa psicológico para aliviar a ansiedade gerada por uma realidade difícil.



Prof.ª Dr.ª
Carolina Silveira Bauer

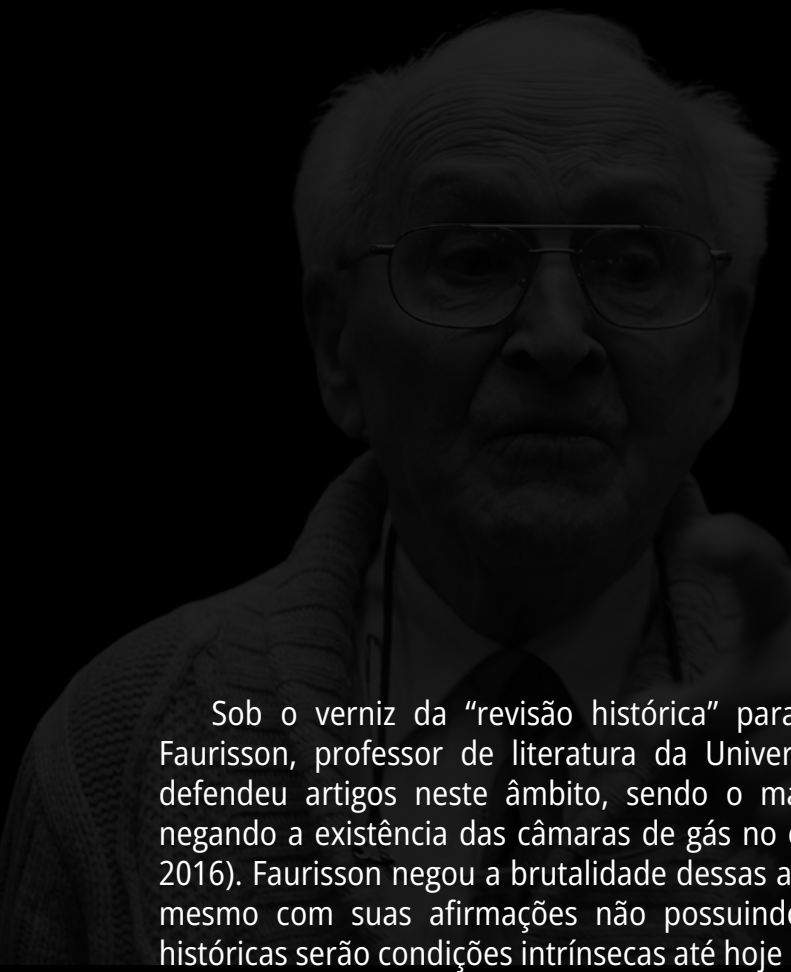


Prof. Dr.
Arthur Lima de Ávila

> Os negacionismos [...] apagam, silenciam e ocultam a facticidade dos passados que geraram nossos presentes, mas também porque impõem sentidos únicos e autoritários para a história e a vida – o pior dos mundos. [...] Não é surpresa que negacionistas de todos os tipos transformem suas empreitadas intelectuais em verdadeiras cruzadas políticas, quase apocalípticas, porque, ao fim e ao cabo, é disso que se trata: de expulsar do horizonte político e intelectual quaisquer contestações, sempre associadas a conspirações e doutrinações diversas, às suas narrativas.

VEJA MAIS SOBRE O TEMA NA PALESTRA DA PROF.ª DR.ª CAROLINA SILVEIRA BAUER NA WIKICON BRASIL 2022.

Abaixo seguem alguns casos que exemplificam a linguagem do negacionismo histórico ao longo do tempo.



CASO FAURISSON

Sob o verniz da "revisão histórica" para alavancar suas teses negacionistas, Robert Faurisson, professor de literatura da Universidade de Lyon, na França, nos anos 1970, defendeu artigos neste âmbito, sendo o mais conhecido publicado no Jornal *Le Monde* negando a existência das câmaras de gás no extermínio judeu entre 1939 e 1945 (ROUSSO, 2016). Faurisson negou a brutalidade dessas armas nazistas durante o holocausto anos a fio, mesmo com suas afirmações não possuindo alguma evidência científica. As atenuantes históricas serão condições intrínsecas até hoje do negacionismo histórico.

Até o artigo do *Le Monde*, as discussões sobre temas sensíveis geralmente ficavam confinadas apenas a círculos acadêmicos, sendo a França, um território proeminente para essas ideias no período. Porém o "caso Faurisson" gera um marco importante de publicidade para esse tipo de "cripto-história", ou seja, uma história ligada às conspirações (ROUSSO, 2016).

Durante esse mesmo período, após esse caso, inúmeras pessoas ligadas ao professor ou que possuíam alguma afinidade ideológica se viram contempladas tamanha a repercussão dada ao artigo, causando mobilização através de um uso afetivo do passado (NICOLAZZI, 2023).

CONHEÇA MAIS SOBRE A FIGURA DE ROBERT FAURISSON NO OBITUÁRIO PUBLICADO PELO PORTAL G1.

JULGAMENTO IRVING vs LIPSTADT



O autor inglês negacionista David Irving teve sua fama catapultada antes da era digital. Na década de 1990, o escritor travou um conhecido processo judicial contra a autora Deborah Lipstadt, visto que a pesquisadora ao examinar as fontes da obra de Irving, *Hitler's War* (1977, 1991), no livro *Dening the Holocaust: The Growing Assault on Truth and Memory* (1993), observou diversas incongruências entre a versão do ano de 1977 e 1991, como deturpações e especulações na relação daquilo que os documentos à época do holocausto traziam e a narrativa construída por Irving.

David em *Hitler's War* (1991) nega a existência de campos de concentração, e insinua que Hitler "não sabia da solução final, e quando soube tentou evitá-la; nenhuma pessoa foi executada nos campos de extermínio nazistas e, por fim, o que conhecemos como Holocausto não aconteceu", como rememora o pesquisador Wallace Guilherme Soares de Brito (2021) no artigo "Historiografia e Negação do Holocausto: o caso Lipstadt vs. Irving".

As mudanças de narrativa entre as duas versões do livro de Irving têm como explicação a recepção do Relatório Leuchter pelo autor em sua obra. Este relatório pseudocientífico tinha como objetivo minimizar o poder destrutivo das câmaras de gás através do exame da presença do Zyklon B pelo americano Fred A. Leuchter, sujeito que não possuía capacidade para tal movimento. Este experimento inclusive também foi chancelado por Robert Faurisson, analisado anteriormente neste trabalho.

Ao ser intitulado de negacionista, com razão, na obra de Lipstadt (1993), Irving acionou a autora judicialmente, porém perdeu a ação. É bem claro que a vontade pessoal de Irving, "por suas próprias razões ideológicas" (THE GUARDIAN, 2000), em negar a história através das deturpações de fontes, insere nesse cálculo do negacionismo duas razões: a político-ideológica, além da esfera lucrativa.

Irving apesar de se deparar com uma dívida judicial de 3 milhões de libras e o desprezo da área acadêmica ao perder o processo, vendeu ao longo da carreira milhares de cópias dos seus mais de 30 livros, a ponto de tornar *Hitler's War* (1977, 1991) um *Best Seller*. Viajou o mundo divulgando palestras, nas quais proferia o antissemitismo e mesmo após a perda da batalha judicial com Lipstadt, manteve milhões de defensores ativos. Peculiaridades que sobrevivem até hoje, com a produção e divulgação de obras que cobram silenciamentos ou apagamentos.

PARA SABER MAIS SOBRE ESSA HISTÓRIA VEJA O RELATO DE DEBORAH LIPSTADT EM CONFERÊNCIA NA *TEDX* SOBRE O CASO.



CASO BRASIL PARALELO E A DITADURA CIVIL-MILITAR

A produtora audiovisual Brasil Paralelo surge como uma grande expressão do movimento reacionário ainda na década passada. Sua fundação remete a um período turbulento do país, que contou com as manifestações de junho de 2013, a espetacularização da Operação Lava-Jato e o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, fatos em uma linha do tempo que serviram de preâmbulo para a chegada do radicalismo, expressado pela extrema-direita, ao poder do país em 2018.

Esta questão é observada por Nicolazzi (2023):

> Foi naquele contexto, quando movimentos de extrema-direita ganhavam ressonância no país, que três jovens rapazes de Porto Alegre, cidade localizada no sul do Brasil, iniciaram um empreendimento de produção e divulgação de conteúdos políticos a partir de plataformas digitais. Pensada inicialmente como uma curadoria de palestras, depois convertida em produtora de audiovisual, logo se tornou um dos principais e mais eficientes veículos de disseminação do ideário político que serviu de sustentação ideológica para a ascensão e consolidação do bolsonarismo.

No popular documentário da empresa "1964- Brasil entre armas e livros" (BRASIL PARALELO, 2019) observa-se uma linha argumentativa muito similar ao livro "1964 – O elo perdido" (KRAENSKI; PETRILAK, 2017), onde a película tenta se sustentar com documentos que provariam

> a infiltração comunista estrangeira no país, irmanada ao governo João Goulart, atestando que um golpe comunista estava em vias de acontecer. [...] Na verdade, o próprio livro, apesar do tom triunfalista que dá aos documentos, demonstra através dos próprios papéis que, sim, havia uma base ativa da StB no Brasil, mas ela era fraca e sem o alcance preterido. O próprio Goulart, o tempo todo colocado no documentário como alguém com ligações fortes com os comunistas e imbuído de explícitas intenções golpistas, é colocado, no livro, como alguém que não estava interessado numa quebra institucional (FREITAS, 2021, P.3).

Esta tese "salvacionista" é corroborada no filme com o perfilar de inúmeras personalidades de cosmovisão política-ideológica à direita, como Olavo de Carvalho, onde silenciamentos ou conspira-

VÍDEO DO CANAL "HISTORIAR-SE", NO YOUTUBE, COM O PROF. DR. FERNANDO NICOLAZZI SOBRE UMA ANÁLISE DAS PRODUÇÕES DO BRASIL PARALELO.

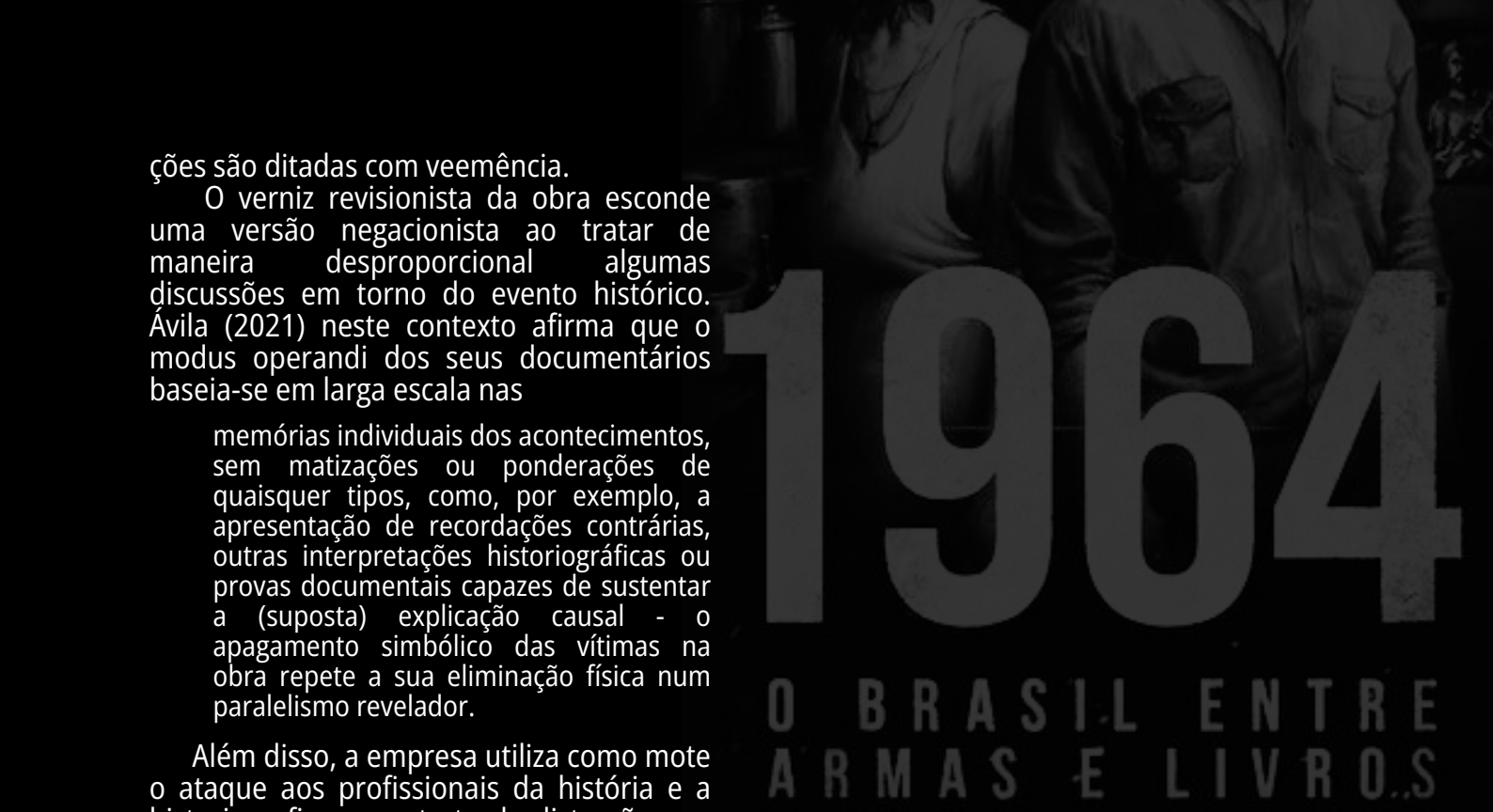
ções são ditadas com veemência.

O verniz revisionista da obra esconde uma versão negacionista ao tratar de maneira desproporcional algumas discussões em torno do evento histórico. Ávila (2021) neste contexto afirma que o modus operandi dos seus documentários baseia-se em larga escala nas

> memórias individuais dos acontecimentos, sem matizações ou ponderações de quaisquer tipos, como, por exemplo, a apresentação de recordações contrárias, outras interpretações historiográficas ou provas documentais capazes de sustentar a (suposta) explicação causal - o apagamento simbólico das vítimas na obra repete a sua eliminação física num paralelismo revelador.

Além disso, a empresa utiliza como mote o ataque aos profissionais da história e a historiografia, um extrato da distorção que se tornou o conceito de "hegemonia" evidenciado por Gramsci, este movimento encabeçado pelas "novas direitas" que ganharam musculatura através do poder político chancelando esse tipo discurso no espaço público (BAUER, 2023), escancara como afirma Nicolazzi (2023), uma nova camada do movimento negacionista, pois este fenômeno "é distinto daquele com o qual (e contra o qual) diversos historiadores tiveram que lidar a partir da década de 1970".

Neste recorte de propulsão dessas narrativas, temos nas mídias digitais, a partir das "bolas de neve" desinformativas, dos algoritmos e da rentável propaganda maciça, pontos de facilitação dessas informações falseadoras, em um momento onde a questão de autoridade, legitimação é dada através do número de compartilhamentos, curtidas, seguidores em uma localização que não necessariamente partilha profundamente de informações evidenciais de quem divulga cientificamente esses temas. Além disso, o período da pós-verdade privilegia a forma em detrimento do conteúdo, tendo como foco a mobilização de sentimentos. (BAUER, 2023). E quando falamos de escola, a tendência deste tipo de discurso monopolizar a fala de discentes pelo Brasil cresce de maneira espontânea, caso esta questão não seja trabalhada.



VÍDEO DO CANAL "HISTORIAR-SE", NO YOUTUBE, COM O PROF. DR. FERNANDO NICOLAZZI SOBRE UMA ANÁLISE DAS PRODUÇÕES DO BRASIL PARALELO. (PARTE 2)

POR QUE NÃO REVISIONISMO HISTÓRICO?

A Brasil Paralelo também tenta adotar em seu discurso a retórica da revisão histórica para chancelar suas obras no meio intelectual. A necessidade desta cartilha de revisitar anteriormente exemplos como "Faurisson" e "Irving vs Lipstadt" não foi em vão, pois em ambos os estudos de caso a questão do revisionismo histórico evidencia certas permanências na estética de diálogo que o negacionismo histórico quer ter com o grande público ao longo do tempo.

Não raro no site da Brasil Paralelo, frases como "o título de revisionista não deve jamais causar espanto" (BRASIL PARALELO, 2022) surgem quando a produtora é acusada de revisionismo histórico, por parte da academia. Correligionários da produtora, a própria empresa e seus fundadores defendem-se afirmando que:

> essa crítica de revisionistas é uma não crítica. Toda corrente historiográfica revisa o que outras correntes definiram como verdade histórica. Por isso é uma crítica boba, porque a história está sempre em revisão. Só que a Brasil Paralelo e outros que hoje atuam no Brasil tentando resgatar nosso passado naquilo que ele teve de formalidade superior, o que esses grupos fazem é uma revisão saudável e necessária. É a revisão dos escombros em que nos atiraram. (BRASIL PARALELO, 2022)

Discutimos ao longo da dissertação, através do trabalho de Rollemberg e Cordeiro (2021) que o revisionismo através de revisão histórica é uma ferramenta natural da pesquisa histórica, "por meio do qual temáticas e interpretações são constantemente revisitadas em função de arquivos, documentação, abordagens, distanciamento no tempo etc. Integra, assim, o processo de produção do conhecimento" (ROLLEMBERG; CORDEIRO, 2021, p.58-78).

Porém, diferentemente do que a Brasil Paralelo prega, o que a produtora faz está longe do conceito das duas professoras. A empresa não utiliza diversos mecanismos teórico-metodológicos que caracterizam e legitimam este tipo de revisão como um processo imprescindível do fazer histórico.

O comumente uso irrestrito de comentários de inúmeras personalidades com apenas um viés político-ideológico, a irrisória consulta a historiadores, além do raso trabalho com fontes históricas que possam trazer nova munição científica às discussões propostas, dão o tom das superficiais produções da empresa que erguem proeminentes silenciamentos históricos em suas obras, caso especial para "1964 – Brasil entre armas e livros".

Trazendo luz a esse debate, por exemplo, podemos recorrer a seminal obra "Introdução à História" de Marc Bloch (1976). No que se refere ao trabalho do historiador e das suas produções, quem considera que a ele cabe apenas andar na superfície dos testemunhos e dos fenômenos, sem a responsabilidade de os examinar em todas as vertentes, claramente erra em julgar o seu ofício. Na retaguarda do conhecimento histórico está uma pluralidade de técnicas de investigação e de investimento multidisciplinar, com o claro auxílio das fontes em um método inquisitivo, atento, hesitante, suspeito e contestatário. Ou seja, requisitos mínimos do fazer histórico que a produtora certamente não realiza, e que parece esvaziar ao utilizar como

modus operandi "recorrentes ataques contra historiadores e profissionais da educação, bem como contra as instituições formais de ensino e pesquisa, como escolas e universidades" (NICOLAZZI, 2023) para propagar seus intentos.

Sabemos que ainda existe uma fronteira sensível entre o que é negacionismo e o que é revisionismo. Inclusive, muitos acadêmicos tratam esse tipo de obra, principalmente no meio digital, como "revisionismo ideológico", "revisionismo ético" ou puramente "revisionismo histórico" para aquilo que na verdade está alinhado à algumas práticas negacionistas. Entretanto, concordamos com Bauer (2023), quando a pesquisadora mostra certa preocupação com termos utilizados no campo da história como desinformação ou revisionismo, pois de uma certa forma eles são termos neutralizadores do impacto que temos que conferir quando uma realidade está sendo negada. Assim, na concepção deste trabalho,

1º) Cede inconscientemente aos desejos desses setores radicalizados, como vimos, quem acusa a produtora digital de ser revisionista em virtude da importância do processo do revisionismo, uma prática imprescindível do fazer histórico, que a produtora não faz.

2º) Erra também a própria empresa ao se defender publicamente autointitulando-se revisionista pois não faz em nenhum momento revisionismo histórico, assim como não faziam David Irving e Robert Faurisson em seu casos.

PARA SABER MAIS SOBRE AS CONTROVÉRSIAS ENTRE NEGACIONISMO HISTÓRICO E REVISIONISMO, LEIA O ARTIGO DAS PROF.ª DENISE ROLLEMBERG E PROF.ª JANAINA MARTINS CORDEIRO.

A PRÁTICA DO LETRAMENTO HISTÓRICO-DIGITAL PARA A CONTENÇÃO DE DISCURSOS FALSIFICADORES

Como sugestão neste debate nossa sequência didática será pautada no método do letramento histórico-digital como meio de conter possíveis flertes de discentes em sala de aula com os negacionismos digitais.

Vejamos o que alguns estudiosos comentam sobre o tema.



Prof.ª Dr.ª Vanessa Spinosa

(...) a importância do letramento digital, em diversos níveis, é algo vital para entender o que é educação no século XXI. A falta de habilidade em lidar com novos aplicativos, com as possibilidades que os softwares oferecem, a movimentação dos algoritmos em busca do consumidor cidadão, a moeda virtual bitcoin, enfim, um novo universo, literalmente, se abre para todos nós. É preciso que a sociedade da informação, como denominou Castells (2013), entenda minimamente essa dinâmica. Uma alfabetização digital é, sim, necessária para que outros letramentos ocorram, e os letramentos, digital e histórico podem e devem ocorrer juntos nesse processo.



Prof. Me. Danilo Silva

(...) três etapas: investigação histórica (procedimentos de pesquisa), desenvolvimento da competência tecnológica-digital (apropriação de saberes tecnológicos e digitais aplicados à pesquisa histórica) e competência narrativa (constituição histórica de sentido expresso em diferentes linguagens).

VEJA MAIS SOBRE O ASSUNTO NA RESENHA CRÍTICA DA PROF.ª DR.ª VANESSA SPINOSA, DO LIVRO "LETRAMENTO HISTÓRICO-DIGITAL: ENSINO DE HISTÓRIA E TECNOLOGIAS DIGITAIS", DO PROF. ME. DANILO ALVES DA SILVA

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

O produto prático deste projeto será a organização de uma sequência didática em que utilizaremos diversas mídias digitais como ferramentas pedagógicas, uma vez que, além da familiaridade que os discentes têm com alguns desses aplicativos, consequentemente podemos expandir para fora da sala de aula nossos objetivos. Isso nos possibilitou aprofundar os estudos sobre a questão da Ditadura Civil-Militar de 1964 partindo dessas ferramentas que estão facilmente à nossa disposição.

1 Plano de aula:

5 aulas de 50 minutos

2 Dados de identificação:

Série: Alunos(as) de 3º ano
Turma: Única
Período: 4º bimestre

3 Tema: A DITADURA CIVIL-MILITAR EM PAUTA: OS USOS POLÍTICOS DO PASSADO QUE INTERFEREM A LEITURA HISTÓRICA NO PRESENTE

Nesta sequência didática, o conceito substantivo a ser trabalhado é o da Ditadura Civil-Militar (1964-1985), tendo como recorte específico o debate em torno desse tema a partir do uso das mídias digitais, como forma de contenção de inúmeros negacionismos fisi-digitais que ocorrem nos tempos atuais.

Percebemos a criação de inúmeras narrativas falseadoras sendo criadas sobre este fato histórico sensível, sendo encabeçadas pela extrema-direita brasileira. Logo, a observação e análise das ações dos atores envolvidos nesse recorte histórico, as causas e os efeitos históricos deste objeto, além das projeções culturais relativas ao tema escolhido, são de fundamental importância para construção de um conhecimento histórico afastado de discursos que busquem subverter a verdade e que consequentemente exaltem a bandeira da empatia com aqueles que sofreram perdas ou violências no período. Este é o principal objetivo deste produto didático. Mas como, chegaremos a esse propósito?

O exame em torno do Golpe de 1964, sob à luz das mídias digitais, mostra-se uma escolha importante para o fomento da criticidade e protagonismo discente no âmbito do ensino de História, uma vez que demonstra ser um caminho possível de trabalho ao constatarmos a fluidez dessas ferramentas na vida desses jovens. Ao observarmos a reverberação que alguns discursos dissimulados de algumas produções audiovisuais no *Youtube* possuem na fala de alguns jovens em sala, optamos em apoiar-se no mesmo habitat, ou seja, no âmbito digital,

dessas falácias para demonstrar aos aprendentes um outro lado possível da construção histórica nas mídias.

Além disso, a iniciativa permite a desnaturalização do uso dos recursos digitais apenas para fins de entretenimento. A expansão do "chão da escola" para fora dos limites da sala de aula, permitida pela mediação de fontes digitais, fornece elementos enriquecedores no processo da aprendizagem significativa, já que este incremento didático amparado por conceitos e métodos ativos como o letramento histórico-digital desenvolvido por Silva (2021) está focado no desenvolvimento de habilidades para a investigação histórica e posterior produção de narrativa discente no meio digital, possibilitando barreiras contra o negacionismo.

Por fim, esta aula tem como objetivo proporcionar uma visão abrangente da Ditadura Civil-Militar, utilizando o letramento histórico-digital para alcançar uma linguagem moderna e atraente para os alunos(as), facilitando o entendimento, engajamento e desenvolvimento de habilidades escritoras e leitoras sobre o conteúdo que são fundamentais para a construção de uma narrativa histórica crítica e fidedigna, extrapolando os muros impostos pela apologia à torturas ou outras formas de violência que discursos crescentes permeados de negações, pretendem impor com este tipo de tema histórico (POGGI, 2020).

4 Objetivos

Objetivo geral:

- Promover discussões sobre a Ditadura Civil-Militar de 1964 a partir da análise e da interpretação de fontes históricas digitais, construindo narrativas nesse âmbito através do fomento em torno dos processos de investigação histórica, habilidades digitais e produção histórica, servindo de alternativa àquilo que está sendo falseado na internet sobre o tema.

Objetivos específicos:

- Contextualizar e entender os processos que levaram políticos e militares à época a aplicarem o golpe de 1964;
- Compreender o significado da Ditadura Civil-Militar de 1964 para o atual momento que vivemos;
- Entender que este tema sensível está permeado de negacionismos históricos na internet;
- Pesquisar e coletar, na web, dados e informações sobre as políticas de exceção do período (como o AI-5), observando a naturalização do tema atualmente em diversos discursos;
- Analisar a partir dos outros objetivos específicos, o substancial conceito de legalidade para os militares;
- Elaborar pequenos textos para sistematizar a narrativa histórica sobre a temática; e
- Fomentar habilidades junto aos alunos(as) que os incitem a construir um material colaborativo digital que sintetize as discussões sobre o tema e os ajudem em seus objetivos.

5 Conteúdo

- A Ditadura Civil-Militar de 1964;
- As políticas de exceção do período;
- Este tema sensível e suas diversas narrativas;
- As falsificações em torno do tema; e
- A legalidade militar.

6 Desenvolvimento do tema: **A temática será abordada a partir da perspectiva teórico-metodológica da Educação Histórica, com os seguintes procedimentos**

- 50 minutos [1 aula]: 1. explicitação da proposta didática; 2. levantamento das ideias prévias dos estudantes sobre a Ditadura Civil-Militar e em quais mídias digitais os (as) alunos (as) já observaram narrativas sobre o tema (conhecimento/consumo); 3. Contextualização sobre os acontecimentos e características da Ditadura Civil-Militar em uma breve explanação do professor situando os discentes na relação espaço/tempo. 4. Divisão dos alunos(as) em trios para as demais atividades que darão andamento a sequência didática; 5. Utilização da técnica *brainstorming* para a escolha do nome do material colaborativo digital da turma sobre o tema: a) reunidos nos grupos de trabalho, os estudantes irão escolher e anotar em uma folha de caderno, uma opção a ser trabalhada como material digital a ser divulgado anteriormente pelo professor: entre um slide colaborativo ou um mapa mental digital, apresentando uma justificativa prévia; b) Em um segundo momento, reuniremos as escolhas de cada trio e a proposta de material mais votada será utilizada pela turma; c) por fim, cada trio apresentará sua sugestão de nome para este trabalho, e a turma fará votação;

- 50 minutos [1 aula]: 1. Apresentação do que queremos com o slide colaborativo ou o mapa mental digital (a depender da escolha dos aprendentes). Exemplificação dessas mídias propostas através da demonstração do que é, das características e do uso do *Google Slides online* para slides colaborativos ou do *app Mindmeister* para mapas mentais através de uma aula oficina; 2. exposição dos elementos de produção como: estabelecimento do formato de apresentação, edição e divulgação. 3. Ao, final da aula, apresentação do clipe *"No Escape from Hell"* (anexo 1) com legenda, da banda brasileira *Torture Squad* do gênero *Thrash/Death Metal*. Esta obra conta com fontes visuais e orais do período, bem como sua letra aborda o tema. Utilizaremos esse recurso para fomentar maiores debates em sala sobre falsificações históricas;

- 50 minutos [1 aula]: 1. Será apresentado aos trios um jornal digital construído anteriormente pelo professor, intitulado "O NEGACIONISTA" (anexo 2), onde os discentes poderão observar neste material de época, que faz referência aos grandes diários nacionais que comemoraram o 01 de abril de 1964, 7 falas (7 erros) contendo discursos que minimizam questões relativas ao golpe. Baseados nas discussões prévias em sala de aula, as equipes apontarão os 7 fragmentos e justificarão suas respostas em até 10 minutos. 2. Distribuição por sorteio dos subtemas a serem trabalhados entre os trios para a produção digital colaborativa (slide ou mapa a serem votados pela turma anteriormente): I. O governo Castelo Branco e o início da Ditadura; II. O governo Costa e Silva e o AI-5; III. O governo Médice e o ufanismo dos tempos de chumbo; IV. O governo Geisel e a abertura gradual; V. O governo

Figueiredo e o final da Ditadura 4. (momento virtual) Realização de pesquisa na internet (fontes e bibliografia) sobre a temática proposta: em um grupo do *Whatsapp* idealizado pela turma e professor serão apontadas algumas fontes pelo docente, como obras audiovisuais no *Youtube* (principal fonte de consulta de assuntos históricos dos(as) alunos(as), como discutimos na dissertação) e reportagens digitais. Cada trio poderá trazer também sua colaboração ao longo da produção, desde que justifique e indique a fonte ao final do mapa mental digital ou slide colaborativo. Como sugestão, o professor poderá trazer a tona recursos audiovisuais como o vídeo no *Youtube* "Depoimentos de brasileiros torturados durante a ditadura militar" (anexo 3);

- 50 minutos [1 aula]: 1. Será apresentada via projetor, duas reportagens digitais em sala: a) Texto da BBC Brasil, "A história dos 6,5 mil membros das Forças Armadas perseguidos pela ditadura" (anexo 4); b) Reportagem do jornal Metrópoles, "Bolsonaro comemora golpe militar de 1964: "Dia da Liberdade" (anexo 5); 2. Os trios terão até 10 minutos para discutir entre si os textos; Após o debate interno, cada trio deverá apresentar em até 7 minutos para a turma a sua reflexão em torno dos textos para posterior debate geral 3. Indicação do vídeo do *Youtube* "Comissão Nacional da Verdade: Depoimento de Rui Moreira Lima" (anexo 6);

- Momento assíncrono: para produzir a narrativa histórica no material, os discentes confeccionarão, ou o slide colaborativo, ou o mapa mental digital colaborativo, a partir da votação inicial, em momento oportuno em ambiente digital; e

- 50 minutos [1 aula]: 1. Apresentação das produções dos trios referentes as temáticas sorteadas anteriormente, que vão compor o material digital, em até 8 minutos; 2. Debate com a turma sobre os resultados.

7 Recursos didáticos

- projetor multimídia;
- *notebooks*;
- caixa de som portátil com conexão *bluetooth*;
- conexão com a internet;
- smartphones;
- quadro branco;
- marcador de quadro;
- apagador;
- folhas de caderno e canetas;
- aplicativo *Powerpoint;*
- aplicativo *Google Slides*;
- aplicativo *Whatsapp*;
- aplicativo Canva; e
- site ou aplicativo *Mindmeister* (https://www.mindmeister.com/).

8 Material pedagógico

- Jornal digital satírico de autoria própria: O Negacionista;
- Vídeo no Youtube “Depoimentos de brasileiros torturados durante a ditadura militar;
- Reportagem digital: Texto da BBC Brasil, “A história dos 6,5 mil membros das Forças Armadas perseguidos pela ditadura”;
- Reportagem do jornal Metrópoles, “Bolsonaro comemora golpe militar de 1964: “Dia da Liberdade”; e
- Vídeo do Youtube “Comissão Nacional da Verdade: Depoimento de Rui Moreira Lima”.

9 Avaliação

I) No primeiro momento, o docente observará através do método comparativo (análise entre o período inicial e final das atividades), os avanços em termos de habilidades e conhecimento dos(as) alunos(as) com relação aos objetivos propostos. Do levantamento de ideias prévias sobre a temática escolhida até a construção do produto em si, nesta primeira parte da avaliação, a observação de progressos dos grupos no que tange à construção de uma narrativa histórica sobre a Ditadura Civil-Militar iluminada através do uso de fontes históricas e construção de produções midiáticas, ao longo das atividades, será ponto focal nesta primeira metade da análise (50% da nota);

II) Na segunda metade da avaliação, os trios apresentarão suas produções em até 40 minutos. Cada apresentação das produções em torno do material digital não poderá exceder 8 minutos. Ao final da aula, um representante de cada trio fará uma consideração de uma outra apresentação. Esse estímulo além de manter o foco de cada equipe em todas as apresentações, trará ao debate críticas construtivas, já que alguns quesitos deverão ser pontuados e justificados pelos agrupamentos quando este representante tiver a fala.
Pré-requisitos para avaliação:

- Edição do trio nos slides colaborativos ou mapas mentais (5% da nota) – Nota dos alunos;
- Conteúdo da narrativa (15% da nota) – Nota dos alunos;
- Uso das fontes históricas para produção (5% da nota) – Nota dos alunos;
- Uso das fontes históricas para produção (5% da nota) – Nota do professor; e
- Avaliação final do professor (20% da nota) - Comentários finais e análise do resultado.

10 Bibliografia

BARCA, Isabel. Aula oficina: do projeto à avaliação. In: **Para uma educação de qualidade**: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED) / Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131-144.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é base. Brasília: MEC/SEB, 2018.

FARIAS, João Paulo de Oliveira; MENESES, Sônia. Metodologias ativas, ensino de história e o uso da mídia podcast: mobilizando saberes para além do espaço escolar. **Revista História Hoje**, São Paulo, v. 11, n. 23, p. 152-179, jul./dez. 2022. Disponível em: https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/921. Acesso em: 13 jun. 2023.

GERMINARI, Geyso Dongley.; URBAN, Ana Cláudia. Educação histórica e a contribuição para a formação de professores: experiências de pesquisa. **Roteiro**, [S. l.], v. 45, p. 1–22, 2020. Disponível em: https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/22375. Acesso em: 13 jun. 2023.

POGGI, Tatiana. Negacionismo e revisionismo histórico servem ao projeto conservador e extrapolam muros da universidade. [Entrevista cedida a] Aline Pereira. **ADUFF SSIND**, Rio de Janeiro, 02 abr. 2020. Disponível em: http://www.aduff.org.br/site/index.php/notocias/noticias-recentes/item/4031-negacionismo-e-revisionismo-historico-servem-ao-projeto-conservador-e-extrapolam-muros-da-universidade Acesso em: 12 abr. 2023.

SILVA, Danilo Alves da. Letramento histórico-digital e o ensino de história. In: FRONZA, Marcelo; RODRIGUES JUNIOR, Osvaldo (org.). **Ensino de História e Internet**. São Paulo: Paraná, 2021. p. 36-50.

MORI, Letícia. A história dos 6,5 mil membros das forças armadas perseguidos pela ditadura militar. **BBC BRASIL**. São Paulo, 18 dez. 2018. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46532955. Acesso em: 17 jun. 2023.

AUGUSTO, Otavio. Bolsonaro comemora golpe militar de 1964: "Dia da liberdade". **Metrópoles**. Brasília, 31 mar. 2020. Disponível em: https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/bolsonaro-comemora-golpe-militar-de-1964-dia-da-liberdade. Acesso em: 17 jun. 2023

LIMA, Ruy Moreira. **Comissão Nacional da Verdade**: Depoimento de Rui Moreira Lima. Rio de Janeiro, 11 out. 2012. 1 vídeo (1h 40 min 32 seg). Publicado pelo Canal Comissão Nacional da Verdade. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FuY1K7_hIZA. Acesso em: 17 jun. 2023.

11 Anexos

- Anexo 1: Clipe da música “No Espace From Hell” da banda Torture Squad.



Acesse ao clipe pelo QRCode ou pelo link: https://www.youtube.com/watch?v=m7pQjGhA7gs

No escape from hell

Military times
Arrived
A better era coming?
Nobody knows
Reassuring words
Pacify
April fool’s day...
A set of actions
From jango
Contenting some
Others not
Operation brother sam
For the national elite
And armed forces...
The time is now!
Further interests corrupting lives
Burning money buying who they want
Everything will be said and shown
The fucking media is up for sale
No escape from hell
No escape from hell
No escape from hell
No escape...
No escape from hell!
Power assaulted
State of terror
President away
Crackdown measures
A new constitution established
Mandates repealed
No one should dare
To cross this new path... no!
Laws breached
Institutional acts
The domination fuels
The power corrupts
Not even knowing
The course of the nation
But it doesn’t matter...
It doesn’t matter to... you!
“On the road to civil war”
The excuse to take control
Dark green now is the law
There’s no exit...
There’s no return...

No way!

No escape from hell
No escape from hell
No escape from hell
No way out...
No escape from hell
No escape from hell
No escape from hell

Sem escapar do inferno

Tempos militares
Chegaram
Uma melhor era chegou?
Ninguém sabe
Palavras tranquilizadoras
Pacificar
Dia da Mentira...
Um conjunto de ações
de Jango
Contentando alguns
Outros não
Operação irmão Sam
Para a elite nacional
E as Forças Armadas...
A hora é agora!
Outros interesses corrompendo vidas
Queimando dinheiro comprando
o que eles querem
Tudo será dito e mostrado
A mídia está a venda
Sem escapar do inferno
Sem escapar do inferno
Sem escapar do inferno
Sem escapar...
Sem escapar do inferno!
Poder agredido
Estado de terror
Presidente afastado
Uma nova Constituição se estabeleceu
Mandados revogados
Ninguém se atreve
Para atravessar esse caminho
novo...não!
Leis violadas
Atos institucionais
Combustível de dominação
O poder corrompe
Mesmo sem saber
o curso da Nação
Mas isso não importa
para você
“No caminho da Guerra Civil”
A desculpa para assumir
o controle
Verde escuro agora é a lei
Não há saída
Não há retorno

De jeito nenhum!

Sem escapar do inferno
Sem escapar do inferno
Sem escapar do inferno
Sem escapar...
Sem escapar do inferno
Sem escapar do inferno
Sem escapar do inferno

- Anexo 2: Jornal digital “O NEGACIONISTA”.

Quarta-Feira, 01 de Abril de 1964

O NEGACIONISTA

“uma visão do mundo real”

Doutor Alberto Farinho, veículo das organizações Globolo.

EDIÇÃO EXTRA

Da Redação

A REVOLUÇAO REDENTORA EXPULSA O COMUNISMO NO PAÍS E NOVO GOVÊRNO ASSUME

Após quase 3 anos de espectro vermelho rondando o país, e após clemência da população civil, os militares da 4ª Região do Exército Brasileiro de forma inesperada entraram em acção e saíram de Minas Gerais para marcharm sobre o Rio de Janeiro e pela Guanabara com intuito de derrubada do comunista e presidente João Goulart, reinstaurando assim os laços da nação com o regime democrático e salvando o Brasil de ser uma nova Cuba.

Lembrando que os militares em um primeiro momento não queriam o golpe, porém foram conclamados pela população a retirar a força Jango, que já estava fora do país, pelo bem da fragilizada democracia deste país.

Após a vacância do cargo, o favorito a vaga de futuro presidente do Brasil, o General Castelo Branco, se unirá com a cúpula militar e com deputados para compor o governo provisório nesses primeiros dias de Abril e dará prosseguimento aos ideais de desconstrução do perigo vermelho iminente no país prosseguindo com a contrarrevolução.



Imagem descrevendo a tomada de Brasília pelos militares em 1964.



Militares nas ruas - Projeto

POPULARES EM FESTA

Após momentos de suspense, a revolução finalmente teve o seu desfecho nas primeiras horas da manhã dessa quarta-feira dia 04 de Abril.

A reportagem do “O NEGACIONISTA” ouviu o cidadão Nair Bacias Moltonaro para saber sobre a sua opinião sobre o movimento militar:

- Foi com muito orgulho que recebi a notícia, precisavamos de um movimento como esse. —Muitos amigos meus do trabalho que são esquerdistas e da ala trabalhista do Jango estão afirmando ser um golpe, ou uma ditadura. Sabe o que eu acho?! Mentira! Eles estão com dor de corno! Eles vão ter que engolir a revolução que tiraram a mamata deles, a tal das reformas de base. Eu sou cidadão de bem, acredito na família, em Deus e na liberdade que nosso povo possui em não ter a bandeira vermelha. Outros falaram em perseguição política, sabe o que eu também acho?! Acho pouco. Afinal quem começou com uma revolução, foram eles com o nosso presidente fujão tendo apoio da URSS e de Cuba.

UM BASTA NA BAGUNÇA E VIVA A ORDEM NACIONAL

COLUNA: RAMILSON PORÃO

Foi em tom de alegria que o país acordou sobre enfim uma experiência revolucionária, não à toa, figuras notáveis como Magalhães Pinto, Carlos Lacerda e Gilberto Freyre adeririam ao movimento.

A bagunça vermelha instituída pelo governo Jango não poderia tardar a cessar.

A expectativa agora é que a economia do Brasil se estabeleça através do tecnicismo militar e que um “milagre” possa enfim salvar nosso país da inflação. Aos medrosos e oposicionistas, fica o meu recado, as futuras eleições e um partidos de oposição podem ser a chave para uma resposta democrática. Isso claro, desde que não manchem a ordem institucional com respostas armadas, pois aí o Comando Supermo da Revolução terá que agir.

ESPORTES

CAMPEONATO DA GUANABARA

Fluminense, Flamengo, Botafogo, Vasco e América, Bangu, Campo Grande e Olaria se preparam para o Campeonato da Guanabara de 64. Dupla Flamengo e Vasco são favoritos em 64. Flu e Bangu piores.

Página 12.

MODA

INGLÓRIA CAIU

Você, dona de casa, pode sim ficar bonita de verde e amarelo. Vermelho só no batom. Leia aqui.

Página 5

ECONOMIA

INFLACIONILSON DE OLIVEIRA

As reformas comunistas são coisa do passado, veja aqui como concentrar renda e aumentar a desigualdade social sem Jango no poder. A ideia dos tempos atuais é crescer e depois pensamos em repartir.

Página 4

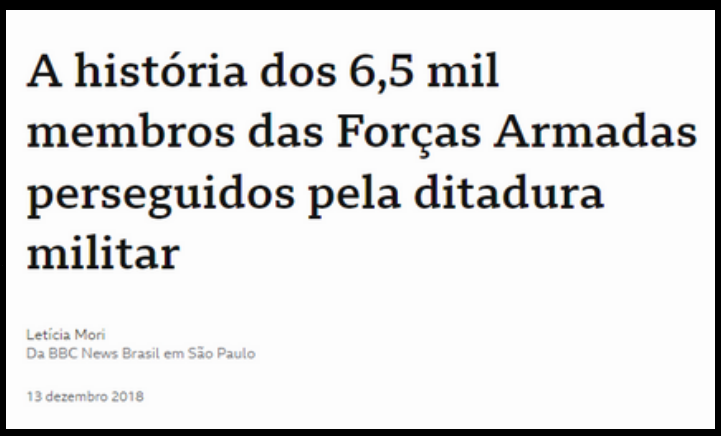
Acesse ao conteúdo do jornal pelo QRCode ou pelo link: https://photos.app.goo.gl/MtBuCU3bvKRKWGkM7

- Anexo 3: Vídeo no Youtube “Depoimentos de brasileiros torturados durante a ditadura militar”.



Acesse ao conteúdo do vídeo pelo QRCode ou pelo link: https://www.youtube.com/watch?v=L65EzUom7Xw

- Anexo 4: Texto da BBC Brasil “A história dos 6,5 mil membros das Forças Armadas perseguidos pela ditadura”.



A história dos 6,5 mil membros das Forças Armadas perseguidos pela ditadura militar

Letícia Mori
Da BBC News Brasil em São Paulo

13 dezembro 2018

Acesse ao texto pelo QRCode ou pelo link: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46532955

- Anexo 5: Reportagem do jornal Metrópoles, “Bolsonaro comemora golpe militar de 1964: “Dia da Liberdade”.


Política

Bolsonaro comemora golpe militar de 1964: “Dia da liberdade”

Nesta terça-feira, a investida militar contra a democracia completa 56 anos. Presidente celebrou a data na saída do Palácio da Alvorada

Otávio Augusto

Acesse a reportagem pelo QRCode ou pelo link: https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/bolsonaro-comemora-golpe-militar-de-1964-dia-da-liberdade

- Anexo 6: Vídeo do Youtube “Comissão Nacional da Verdade: Depoimento de Rui Moreira Lima”.



Acesse o conteúdo do vídeo pelo QRCode ou pelo link: https://youtu.be/FuY1K7_hIZA?si=R-MXSNt4UOzVQTGw

REFERÊNCIAS

AVILA, Arthur Lima de. Qual passado usar? A historiografia diante dos negacionismos (artigo). In: **Café História** – história feita com cliques. Disponível em: https://www.cafehistoria.com.br/negacionismo-historico-historiografia/. Publicado em: 29 abr. 2019. Acesso: 15 jan. 2024.

_____. Qual passado escolher? Uma discussão sobre o negacionismo histórico e o pluralismo historiográfico. **Revista Brasileira de História**, v. 41, n. 87, p. 161–184, ago. 2021.

BAUER, Caroline Silveira. **Wikicon Brasil 2022**. 1 vídeo (22 min 13 seg). Wikimedia contra a desinformação: Enfrentando o negacionismo histórico nas redes sociais virtuais, 01 set. 2022. Publicado pelo canal Wiki Movimento Brasil. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=os_xZHVIDk4. Acesso em: 15. fev. 2023.

BLOCH, Marc. **Introdução à História**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1976.

BRASIL Paralelo. **1964: o Brasil entre armas e livros**. 02. abr. 2019. 1 vídeo (2:07:19). Publicado pelo Canal Brasil Paralelo. Disponível em:https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg&t=6117s. Acesso em: 09 jul. 2022.

_____. Para o Professor Sidney Silveira, o que a BP faz "É a revisão dos escombros em que nos atiraram". Entrevistado: Sidney Silveira. **Brasil Paralelo**, 31 ago. 2022. Disponível em: https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/revisao-dos-escombros. Acesso em: 29 de jan. 2024.

FRANCÊS Robert Faurisson, que negava o holocausto, morre aos 89 anos. **Portal G1** [France Press], 22 out. 2018. Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/10/22/frances-robert-faurisson-que-negava-o-holocausto-morre-aos-89-anos.ghtml. Acesso em: 15 fev. 2024.

FREITAS, Jorge Luiz Maia de. A narrativa revisionista da produtora Brasil Paralelo e suas implicações na aprendizagem histórica. **Ensino de história no tempo presente: Dilemas e perspectivas**. Grupo de Reflexão Docente – Mídias, Narrativas e Aprendizagens Históricas, Belém - PA, n. XVIII, p. 2-11, 2021. Disponível em: <https://www.perspectivas2021.abeh.org.br/resources/anais/10/epeh2021/1645372498_ARQUIVO_52a37e1c35b9f5e835f657b58b88a27c.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2023.

IRVING, David. **Hitler's War**. New York: Viking Press, 1977.

IRVING: consigned to history as a racist liar. **The Guardian**, Londres, 12 abr. 2000. Disponível em: https://www.theguardian.com/books/2000/apr/12/uk.irving. Acesso em: 29 jan. 2024 .

LIPSTADT, Deborah. **Denying the Holocaust: the Growing Assault on Truth and Memory**. London: Plume, 1994.

_____. **Behind the lies of Holocaust denial**. 1 vídeo (15 min 31 seg). Publicado pelo canal TED, em 23 mai. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0ztdofPc8Rw. Acesso em: 25. fev. 2024.

NICOLAZZI, Fernando. Negacionismo e usos afetivos do passado no Brasil Contemporâneo. **Revista Passés Futurs**, França, 27 jul. 2023. Disponível em:https://www.politika.io/fr/article/negacionismo-e-usos-afetivos-do-passado-no-brasil-contemporaneo. Acesso em: 29 de jan. 2024.

_____. **A Brasil Paralelo produz história?**. 1 vídeo (21 min 09 seg). Publicado pelo canal Historiar-se, 23 de mar. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=R71LxS5FhD8. Acesso em: 15 fev. 2023.

_____. **A Brasil Paralelo produz história (Parte II)?** 1 vídeo (51 min 27 seg). Publicado pelo canal Historiar-se, 26 jun. 2022. Disppnível em: https://www.youtube.com/watch?v=RRKsNj1MT-4. Acesso em: 15 fev. 2023.

PETRILAK, Vladimir; KRAENSKI, Mauro Abranches. **1964. O elo perdido**. O Brasil nos Arquivos do Serviço Secreto Comunista. Editora Vide, 1ª edição, 2017.

ROLLEMBERG, Denise; MARTINS CORDEIRO, Janaína. Revisionismo e negacionismo: controvérsias. **História, histórias**, [S. l.], v. 9, n. 17, 2021. DOI: 10.26512/rhh.v9i17.36429. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/36429. Acesso em: 29 jan. 2024.

ROUSSO, Henry. Les racines du négationnisme en France. In: **Face au passé: essais sur la mémoire contemporaine**. Paris: Belin, 2016. pp. 165-192.

SILVA, Danilo Alves. Letramento histórico-digital: Ensino de História e Tecnologias Digitais. Rio de Janeiro: Autografia, 2020. 162p. Resenha de: SPINOSA, Vanessa. Alfabetização histórica. **Crítica Historiográfica**. Natal, v.2, n.3, jan./fev. 2021. Disponível em: https://www.criticahistoriografica.com.br/letramento-historico-digital-ensino-de-historia-e-tecnologias-digitais-danilo-alves-da-silva/. Acesso em: 16 fev. 2024.

SILVA, Danilo Alves da. **Letramento histórico-digital: ensino de História e tecnologias digitais**. Orientadora: Margarida Dias. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História - Profhistoria) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

SOARES DE BRITO, Wallace Guilherme. Historiografia e Negação do Holocausto: o caso Lipstadt vs. Irving. **PRIMORDIUM - Revista de Filosofia e Estudos Clássicos**, Uberlândia, v. 5, n. 10, 2021. DOI: 10.14393/REPRIM-v5n10a2020-58373. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/primordium/article/view/58373. Acesso em: 29 jan. 2024.